

7. Os inúmeros temas e motivos populares recorrentes nas letras de samba

Um exame diacrônico das letras de samba desde “Pelo telefone” um dos primeiros – mesmo que amaxixado – sambas gravados, por volta de 1917, até os dias de hoje demonstra que certos temas ou motivos aparecem e reaparecem sistematicamente, atravessando os diferentes períodos históricos.

Por “tema” ou “motivo” refiro-me aos assuntos e idéias principais ou dominantes recorrentes. São lugares, *topos*, aos quais os sambistas sempre retornam, intencionalmente ou não.

Não quero dizer com isso que os sambas estejam imunes a episódios datados historicamente. Há de certo inúmeros casos, como, por exemplo, a participação, do Brasil na Segunda Guerra Mundial; a campanha contra a “malandragem” feita no período Getúlio Vargas; o recenseamento realizado no Rio de Janeiro na década de 1930; as épocas de maior ostracismo do samba; a política da “Boa Vizinhança”; o discurso nacionalista – o chamado samba-exaltação – estimulado no período Vargas e depois; os anos JK; os temas conjunturais como “a lagosta é nossa” e outros; o futebol e as Copas do Mundo; a carestia; o desemprego; a inflação; personagens da vida pública; eventos políticos; a desigualdade social e, mais recentemente, as drogas, a corrupção política e a violência social, entre muitos outros.

O que pretendo dizer é que, além dos assuntos datados historicamente, há nas letras de samba alguns temas e motivos que predominam de forma insistente e que parecem ser, na verdade, em sua essência, independentes ou pouco influenciados pelas mudanças conjunturais e históricas.

Não me refiro a noções abstratas como temas universais, inconsciente coletivo, atemporalidade ou a-historicidade, embora, convenhamos, seja perfeitamente possível pensar em certas invariâncias humanas, afinal, basta lembrar a existência do fenômeno humano das “descobertas simultâneas”, como vimos, objetos, técnicas e instrumentos, inclusive a escrita, inventados e reinventados várias vezes por diferentes povos e culturas em diversos períodos históricos e lugares do mundo¹¹⁴³.

¹¹⁴³ Cf. LARAIA, Roque de Barros. op. cit., 2000.

Seria possível também falar, por exemplo, com Zumthor, nos “fantasmas atávicos que fundam a sociedade humana”¹¹⁴⁴.

Além disso, invariavelmente, todos os seres humanos vivem em sociedade, inventam linguagens, criam símbolos e, mais ainda, nascem, morrem, são sexuados, têm um corpo, sentem prazer e dor física, temem o caos, sonham, precisam de abrigo e comida e, em geral, de lutar pela sobrevivência¹¹⁴⁵. São elementos concretos que nos autorizam a pensar em certos pontos comuns entre todos os homens, independentemente de culturas e períodos históricos.

Mas não é preciso ir tão longe. Entre as razões para que o discurso do samba permaneça basicamente o mesmo ao longo do tempo está o fato, simples e óbvio de que seus criadores continuam, em pleno século XXI, marcados pela pobreza, pela vida comunitária afastada dos benefícios do Estado organizado e, ainda, pela influência da oralidade primária. Em outras palavras, a historicidade, a modernidade, o Estado burocrático e os chamados avanços tecnológicos parecem não ter produzido alterações relevantes no universo cotidiano dos sambistas e, conseqüentemente, no universo temático do samba.

É por ser contemporâneo e, ao mesmo tempo, por estar menos submetido aos ditames e à influência da cultura hegemônica e moderna – que fundamentalmente se dá através da cultura escrita, da escolarização e dos cânones universitários – que o estudo do discurso do samba apresenta grande interesse. Por representar um ponto de vista e um modelo de expressão alternativos, ele é eventualmente capaz de causar, de fato, “estranhamento” e “desautomatização”, procedimentos caros aos ditames oficiais.

Alguns temas recorrentes do samba já foram mencionados: 1) a valorização da família; 2) a pressuposição do modelo hierárquico como substrato da vida; 3) a valorização do contexto e seu subtema: 3.1) as escolas de samba; 4) a moral ingênua que implica nos seguintes subtemas: 4.1) solidariedade, 4.2) a primazia dos interesses do grupo (os interesses “da gente”, “da moçada” ou “do pessoal”), 4.3) a primazia dos interesses pessoais (o “puxar a brasa para minha sardinha”), 4.4) o tom agônico, 4.5) a malandragem e 4.6) a justiça feita

¹¹⁴⁴ ZUMTHOR, Paul. op. cit, 1993, p. 90.

¹¹⁴⁵ Muito embora “não existe natureza humana no sentido de um substrato biologicamente fixo, que determine a variabilidade das formações sócio-culturais. Há somente a natureza humana no sentido de constantes antropológicas (por exemplo, abertura para o mundo e plasticidade da estrutura dos instintos) que delimita e permite as formações sócio-culturais do homem. (...) As grandes variedades e inventividades humanas são produtos das formações sócio-culturais próprias do homem e não de uma natureza biologicamente fixa”. BERGER e LUCKMANN, op. cit, P.72/73.

com as próprias mãos; 5) o pressuposto da religiosidade e, ainda, 6) a valorização do imenso e heterodoxo acervo de conhecimento representado pelo senso comum.

Curiosamente, embora quase desapareçam ou tendam a constituir exceções no âmbito do discurso da música moderna brasileira, todos os temas referidos são, em diferentes graus, absolutamente atuais e compreensíveis e, mais que isso, fazem parte integrante da vida cotidiana de todas as pessoas, podendo gerar identificação entre os modernos, afinal continuam existindo, em plena modernidade, famílias, hierarquias pessoais, religiões, a utilização recorrente do senso comum, a solidariedade e procedimentos éticos heterodoxos ou transgressivos, ou seja, fora dos princípios oficiais, gerais, normativos e abstratos.

Vale a pena dar um exemplo: a noção ética abstrata preconiza o princípio de que “o importante é competir”. Ao contrário, o costume pragmático da moral “ingênua” prefere sempre “jogar para ganhar”. Neste âmbito, jogar apenas para competir não faria o menor sentido. “A troco de quê?”, perguntaria um adepto da moral popular. As duas posturas morais, convenhamos, podem ser consideradas perfeitamente aceitáveis e só podem ser avaliadas de forma particular e contextual, caso a caso.

Parece natural que um *modelo de consciência* que preconize o individualismo, a autonomia, a liberdade, a relatividade, o pensamento crítico, reflexivo, racional, objetivo, distanciado, lógico e abstrato (descontextualizado), o progresso evolutivo (a modernização) e o discurso original, inovador e experimental, não aceite com facilidade a noção de “tema”, quanto mais de “tema recorrente”, conceitos que pressupõem a préexistência de uma tradição e de interesses comuns compartilháveis e estabelecidos.

Entretanto temas como a “incomunicabilidade entre as pessoas” ou o “sentir-se diferente de todos” (o outsider) entre outros como o “seguir vivendo mesmo que a existência não tenha sentido” são recorrentes no discurso moderno.

Segundo Marshall Sahlins, aliás, é preciso lembrar, os povos modernos são os únicos que de forma evolucionista se julgam oriundos de “selvagens”. Todos os outros povos se acreditam descendentes de deuses¹¹⁴⁶. A religiosidade em si já indica, naturalmente, um tema préexistente.

São detalhes característicos diferenciadores e bastante significativos, tanto pela secularização quanto pelo pressuposto evidentemente evolucionista.

¹¹⁴⁶ SAHLINS, Marshall. op. cit., p. 58.

É preciso notar, ainda, como disse Louis Dumont, apud Marshall Sahlins, que “[n]a sociedade moderna... o Ser Humano é o homem ‘elementar’, indivisível, sob a forma de ser biológico, ao mesmo tempo em que sujeito pensante. Cada homem particular encarna, em um certo sentido, toda a Humanidade. É a medida de todas as coisas, em um sentido pleno e totalmente novo. O reino dos fins coincide com os fins legítimos de cada homem, e assim os valores se invertem. O que ainda se denomina “sociedade” é o meio, a vida de cada um é o fim. Ontologicamente, a sociedade não existe, não é mais que um dado irredutível ao qual se pede somente que não contrarie as exigências de liberdade e de igualdade. Naturalmente, o que foi dito acima é uma descrição de valores, uma visão da mente.... Uma sociedade tal como o individualismo a concebe nunca existiu em parte alguma pela razão já apresentada, ou seja, a de que o indivíduo vive de idéias sociais”¹¹⁴⁷ e, eu acrescentaria com Norbert Elias, imerso numa rede inexorável formada por relações eminentemente sociais e interpessoais.

Como demonstrou com bastante agudeza o antropólogo Marshall Sahlins a noção de “racionalidade” nada mais é do que uma construção social e simbólica e o que se considera “ciência do concreto”, nos termos de Claude Lévi-Strauss, algo como um pensamento intuitivo e não-objetivo, e eu acrescentaria com Ehrenzweig “não-diferenciado”, é algo absolutamente contemporâneo e impregna a sociedade auto-proclamada “civilizada” e “racional”.¹¹⁴⁸

Segundo David Olson, “... as pesquisas recentes sobre o raciocínio humano mostraram que a lógica proporciona, na melhor das hipóteses, uma descrição ideal do raciocínio, e não do que as pessoas realmente fazem quando pensam. Henle (1962) mostrou que até mesmo os adultos eruditos tendem a seguir as regras da lógica só na medida em que levam a conclusões com as quais eles estão de qualquer modo de acordo! Outros autores (Johnson-Laird, 1983; Kahneman e Tversky, 1982) mostraram também que, embora as pessoas tenham uma certa compreensão das regras lógicas, a mesma regra pode ser violada no contexto de um determinado problema, e não em outro. Ao que parece, as pessoas não têm uma regra geral para derivar inferências válidas”.¹¹⁴⁹

Não pretendo defender nenhum tipo de irracionalismo ou relativismo mas, sim, apenas demonstrar que o *modelo de consciência* hegemônico e erudito, atinente ao que em geral

¹¹⁴⁷ Idem, Ibidem, p.91

¹¹⁴⁸ C.f. SAHLINS, Marshall. op. cit, p. 195 e outras

¹¹⁴⁹ OLSON, op.cit., 1997, p.295

consideramos modernidade, que pressupõe uma série de valores com o quais estamos bastante familiarizados, corresponde a um padrão simbólico construído socialmente e não “o” único e natural padrão.

Em todo o caso, ao contrário de tudo isso, parece bastante previsível que a noção de “tema” seja aceita com naturalidade por um modelo que preconize a visão de mundo hierárquica, a pessoa relacional, a contextualização, a religiosidade, a valorização do senso comum e a predominância dos interesses e do *ethos* coletivos em detrimento dos interesses e do *ethos* individuais. Vimos isso com Eric Havelock e muitos outros.

Tavez seja possível dizer que enquanto o primeiro modelo tende a privilegiar a parte e a diferença, o segundo tende a valorizar o todo e a semelhança. Embora divergentes, os dois pontos de vista merecem atenção.

O segundo modelo, que associa ao popular, fartamente descrito ao longo deste estudo, apresenta vários outros temas recorrentes além dos já mencionados. Vamos a eles.

7.1 O tema lírico-amoroso

Entre todas, a temática do amor lírico talvez seja a mais presente e revisitada no âmbito da música popular, seja ela moderna ou tradicional.

Alguns diriam, talvez, que o tema é popular justamente por ser banal, piegas e repetitivo. Uma outra visão talvez pudesse adotar a idéia de Romildo Sant’Anna. Como vimos, o lugar-comum e a previsibilidade não depreciam necessariamente o conceito criativo da autoria: “O comum nunca foi feio, sendo certo que por ser bonito é que ficou comum”.

Ora, sabemos que a experiência amorosa, a paixão, o ciúme, os amores não correspondidos, os amores proibidos, o amor que não se revela, a morte do amor, a ambigüidade do amor, o amor que explora, o amor violento, o amor múltiplo, o amor pago, o falso amor., ou seja, o amor visto do ponto de vista da experiência vivida, concreta, prática e atualizada, mesmo que levemos em conta suas variadas concepções histórico-culturais, continua sendo assunto relevante na existência contemporânea da maioria absoluta das pessoas. Trata-se portanto de um tema “comum” que ficou “comum” devido ao seu grande interesse e mesmo complexidade, afinal, não é possível “controlar”, “prever” ou “sistematizar” as relações amorosas.

A banalidade e a complexidade andam juntas em muitos temas considerados “populares”.

Nada mais natural, em todo o caso, que o “amor” seja abordado recorrentemente.

Como disseram os pesquisadores Núbia Gomes e Edimilson Pereira, pensando no temário popular do universo rural mineiro, “[a] força incontida do amor é universal e a literatura nos apresenta pares amorosos que experimentaram estar-no-Outro em plenitude e vivenciaram a fragmentação conseqüente à perda”.¹¹⁵⁰

Lembra outro estudioso do popular, José de Souza Martins, que “[f]reqüentemente a sexualidade está ligada a atos violentos, como a defloração, o rapto e o violamento. Ela provoca inúmeras brigas, intrigas e ciúmes, isto é, ela é ocasião permanente de desordem...”¹¹⁵¹

O tema lírico-amoroso portanto pode ser associado ao caos, à falta de controle ou de interpretabilidade, fatores que, como vimos com Geertz e Langer, são insuportáveis para a grande maioria dos seres humanos. O tema tende a assumir outros contornos ou a ser abordado com certo distanciamento, por vezes reflexivo, na retórica culta ou moderna. Veremos isso logo adiante.

Selecionei algumas poucas letras de samba que abordam o tema amoroso. Busquei escolher textos por sua emotividade, simplicidade e originalidade. Note-se que tratam sempre de maneira cristalina e compartilhável, de forma direta e transitiva, situações humanas bastante complexas, por vezes, dolorosas. Algumas imagens e associações são relevantes, influentes e, a meu ver, fazem parte do imaginário cultural brasileiro no que diz respeito ao tema.

Começo com um samba de Paulinho da Viola abordando, em “Cadê a razão?”, a paixão avassaladora e sempre inesperada:

*De repente o sentimento
Procurando seu espaço
Realiza um movimento
E me faz em mil pedaços*

*De repente uma paixão aflora
E faz um estrago
E o desejo então se solta
E me deixa alucinado*

¹¹⁵⁰ GOMES, Núbia P.M. & PEREIRA, Edimilson P. op.cit., 1992, p.224

¹¹⁵¹ MARTINS, José de Souza (org.) *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo, Hucitec, 1983, p.196

*E o ciúme também chega e morde
Louco de vontade
Quase sempre ele se rasga
E deixa marcas no meu braço*

*Onde anda essa razão
Que há pouco estava do meu lado
Como pode um coração
Bater assim nesse compasso¹¹⁵²*

Outro samba de Paulinho da Viola, “Jurar com lágrimas”, refere-se ao amor insincero:

*Jurar com lágrimas que me ama
Não adianta nada
Eu não vou acreditar
É melhor nos separar*

*Não pode haver felicidade
Se não há sinceridade
Dentro do nosso lar
Se aquele amor não morreu
Não precisa me enganar
Que seu coração é meu¹¹⁵³*

Vejamos o samba “Acontece que eu sou baiano”, do grande compositor Dorival Caymmi, um singelo comentário sobre a imponderabilidade do amor:

*Acontece que eu sou baiano
Acontece que ela não é
Acontece que eu sou baiano
Acontece que ela não é*

*Mas tem um requebrado pro lado
Minha nossa senhora
Meu senhor São José
Tem um requebrado pro lado
Minha nossa senhora
Ninguém sabe o que é*

*Há tanta mulher no mundo
Só não casa quem não quer
Por que é que eu vim de longe
Pra gostar dessa mulher?*

¹¹⁵² PAULINHO DA VIOLA (*Paulinho da Viola*, EMI, Rio de Janeiro, 1996, gravado em 1968).

¹¹⁵³ PAULINHO DA VIOLA (*Paulinho da Viola*, Coleção Bis, Dois Cds, EMI, Rio de Janeiro, 2000, gravado em 1970).

*Por que é que eu vim de longe
Pra gostar dessa mulher?*

*Já plantei na minha porta
Um pezinho de guiné
Já chamei um pai-de-santo
Pra rezar essa mulher
Já chamei um pai-de-santo
Pra rezar essa mulher¹¹⁵⁴*

Outro clássico do samba é “A flor e o espinho”, de Nelson Cavaquinho e Geraldo de Brito, tratando do amor que acabou ou deixou de ser correspondido:

*Tire o seu sorriso do caminho
Que eu quero passar com a minha dor
Hoje pra você eu sou espinho
Espinho não machuca a flor
Eu só erreí quando juntei minh'alma à sua
O sol não pode viver perto da lua*

*É no espelho que eu vejo a minha mágoa
A minha dor e os meus olhos rasos d'água
Eu na sua vida
Já fui uma flor
Hoje sou espinho em seu amor¹¹⁵⁵*

“A fonte secou”, de Monsueto Menezes, Tufic Lauer e Marcléo, é outro grande samba abordando o amor não correspondido:

*Eu não sou água
Pra me tratares assim
Só na hora da sede
É que procuras por mim
A fonte secou
Quero dizer que entre nós
Tudo acabou*

*Teu egoísmo me libertou
Não debes mais me procurar
A fonte do meu amor secou
Mas os teus olhos nunca mais
Hão de secar¹¹⁵⁶*

¹¹⁵⁴ ANJOS DO INFERNO (*Os grandes sambas da história*, vol.17, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1944).

¹¹⁵⁵ NELSON CAVAQUINHO (*Nelson Cavaquinho*. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1973).

¹¹⁵⁶ RAUL MORENO (*Os grandes sambas da história*, vol.20, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1951).

De Cartola, vale a pena lembrar “Amor proibido”, abordando com clareza a culpa e a traição:

*Sabes que vou partir
Com os olhos rasos d'água
E o coração ferido
Quando lembrar de ti
Me lembrarei também desse amor proibido*

*Fácil demais fui presa
Servi de pasto em tua mesa
Mas fique certa que jamais terás o meu amor
Porque não tens pudor*

*Faço tudo pra evitar o mal
Sou pelo mal perseguido
Só me faltava era essa
Fui trair meu grande amigo
Mas vou limpar a mente
Sei que errei
Errei inocente¹¹⁵⁷*

Outro grande samba sobre o amor é “Atire a primeira pedra”, de Ataulfo Alves e Mário Lago

*Covarde sei que me podem chamar
Porque não calo no peito essa dor
Atire a primeira pedra, ai, ai, ai,
Aquele que não sofreu por amor*

*Eu sei que vão censurar o meu proceder
Eu sei, mulher que você mesma vai dizer
Que eu voltei pra me humilhar
É, mas não faz mal
Você pode até sorrir*

*Perdão foi feito pra gente pedir
Perdão foi feito pra gente pedir¹¹⁵⁸*

“Perdão foi feito pra gente pedir” é um exemplo esclarecedor do exercício da moral ingênua, pragmática e nada abstrata. Além disso, um grande verso do samba.

¹¹⁵⁷ PAULINHO DA VIOLA (*Paulinho da Viola*, EMI, Rio de Janeiro, 1996, gravado em 1968).

¹¹⁵⁸ LAGO, Mário. (*Mário Lago* Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, Sesc São Paulo, JBC 0709015, s/d, gravado em 1973).

O belo samba “Aos pés da santa cruz”, de Marino Pinto e Zé da Zilda, fala de um juramento falso

*Aos pés da santa cruz
Você se ajoelhou
E em nome de Jesus
Um grande amor você jurou*

*Jurou mas não cumpriu
Fingiu e me enganou
Pra mim você mentiu
Pra Deus você pecou*

*O coração tem razões
Que a própria razão desconhece
Faz promessas e juras
Depois esquece*

*Seguindo esse princípio
Você também prometeu
Chegou até a jurar
Um grande amor
Mas depois esqueceu¹¹⁵⁹*

O samba “E eu não fui convidado”, de Zé Luiz e Nei Lopes, aborda com humor e malícia o casamento de uma ex-amada:

*Eu não sou culpado, meu bem
Se o seu novo amor tem pavor do passado
Comprei camisa de seda
Terno de linho importado
Dei molho no bom cabelo
Fiz pisante invocado
Mas você se casou
E eu não fui convidado
Vou lhe dizer o que eu acho
Sem nenhum constrangimento
Quem tem teto muito baixo
Não se mete em casamento
Diga pro seu novo amor
Essa ele tem que saber
Eu quero 50% do investimento que eu fiz em você*

*Mas eu não sou culpado, meu bem
Se o seu novo amor tem pavor do passado*

¹¹⁵⁹ GILBERTO, João. (*The legendary João Gilberto World Pacific 1990- gravações de 1958 e 1961*).

*Comprei camisa de seda
Terno de linho importado
Dei molho no bom cabelo
Fiz pisante invocado
Mas você se casou
E eu não fui convidado
Vou lhe dizer um ditado
Do meu tempo de garoto
Quem tem cabra que segure
Porque o bicho tá solto
Diga pro seu novo amor
Que ele é um tremendo pastel
Eu quero um pedaço do bolo
Senão vai ter rolo essa lua-de-mel*

*Eu não sou culpado, meu bem
Se o seu novo amor tem pavor do passado
Comprei camisa de seda
Terno de linho importado
Dei molho no bom cabelo
Fiz pisante invocado
Mas você se casou
E eu não fui convidado
Vou lhe dizer outra coisa
Sem ter medo da resposta
Quem teme águas passadas
Não nada em rio de costas
Diga pro seu novo amor
Que eu não fui e não gostei
Ninguém vai cortar a fita
Da obra bonita que eu inaugurei¹¹⁶⁰*

“Eu quero essa mulher assim mesmo”, é outro samba de Monsueto Meneses e José Batista construído num tom transgressivo:

*Eu quero essa mulher assim mesmo,
Eu quero essa mulher assim mesmo
Eu quero essa mulher assim mesmo
Eu quero
Quero essa mulher assim mesmo*

*Quero essa mulher assim mesmo,
Mal falada
Quero essa mulher assim mesmo,
Embriagada
Quero essa mulher assim mesmo,
Esfarrapada*

¹¹⁶⁰ NEI LOPES (*Nei Lopes. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1999).

*Quero essa mulher assim mesmo,
Despenteada
Quero essa mulher assim mesmo*

*Quero essa mulher assim mesmo,
Abilolada
Quero essa mulher assim mesmo,
Assanhada
Quero essa mulher assim mesmo,
Sempre zangada
Quero essa mulher assim mesmo,
Esfomeada
Quero essa mulher assim mesmo¹¹⁶¹*

“Falso amor sincero”, de Nelson Sargento, aborda a situação complexa e banal do amor que vive de aparências:

*O nosso amor é tão bonito
Ela finge que me ama
E eu finjo que acredito
Por isso que eu vivo a dizer
Que o nosso amor...
O nosso falso amor é tão sincero
Isso me faz bem feliz
Ela faz tudo que eu quero
Eu faço tudo que ela diz
Aqueles que se amam de verdade
Invejam a nossa felicidade
Por isso eu vivo a dizer...¹¹⁶²*

De Assis Valente, o samba “Fez bobagem” trata de forma tragicômica do ciúme:

*Meu moreno fez bobagem
Maltratou meu pobre coração
Aproveitou a minha ausência
E botou mulher sambando
No meu barracão
Quando eu penso que outra mulher
Requebrou pra meu moreno ver
Nem dá jeito de cantar
Dá vontade de chorar
E de morrer*

*Deixou que ela passeasse
Na favela com meu penhoar
Minha sandália de veludo
Deu a ela para sapatear*

¹¹⁶¹ MONSUETO (*Monsueto*, Coleção Raizes do Samba, EMI, Rio de Janeiro, 2000, gravado em 1962).

¹¹⁶² NELSON SARGENTO (*Sonho de um sambista*, coleção Memória Eldorado, Gravadora Eldorado, Sony Music, s/data).

*Eu bem longe me acabando
Trabalhando pra viver
Por causa dele cantei rumba
E foxtrote para inglês ver.¹¹⁶³*

”Helena, Helena”, de Antonio Almeida e Constantino Silva, é um samba sobre a saudade e o abandono:

*Eu ontem cheguei em casa, Helena
Te procurei e não encontrei
Fiquei tristonho a chorar
Passei o resto da noite a chamar
Helena, Helena
Vem me consolar
Passei o resto da noite a chamar
Helena, Helena
Vem me consolar*

*Mesmo depois de cansado
Teu nome eu chamava baixinho
Helena dos meus encantos
Vem me fazer um carinho
E fiquei desesperado
Cadê Helena, meu bem?
O dia já vem raiando
E a minha Helena não vem¹¹⁶⁴*

Outro grande e triste samba, de Nelson Cavaquinho e A. Cardoso, é o clássico “Luz negra”:

*Sempre só
Eu vivo procurando alguém
Que sofra como eu também
E não consigo achar ninguém*

*Sempre só
E a vida vai seguindo assim
Não tenho quem tem dó de mim
Estou chegando ao fim*

*A luz negra de um destino cruel
Ilumina o teatro sem cor
Onde estou desempenhando o papel*

¹¹⁶³ ARACY DE ALMEIDA (*Os grandes sambas da história*, vol.5, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1942).

¹¹⁶⁴ ANJOS DO INFERNO (*Os grandes sambas da história*, vol.17, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1963).

*De palhaço do amor*¹¹⁶⁵

Mais um samba clássico de Monsueto, este em parceria com Ayrton Amorim, “Me deixa em paz” aborda de forma clara e direta o tema complexo do uso do amor como forma de poder sobre o outro:

*Se você não me queria
Não devia me procurar
Não devia me iludir
Nem deixar eu me apaixonar*

*Evitar a dor
É impossível
Evitar este amor
É muito mais
Você arruinou a minha vida
Me deixa em paz*¹¹⁶⁶

O alegre “Tin tim por tin tim”, de Haroldo Barbosa e Geraldo Jaques fala, paradoxalmente, do amor que acabou

*Você tem que dar
Tem que dar
O que prometeu meu bem*

*Mande o meu anel
Que de volta
Eu lhe mando o meu também*

*Mande a carta em que lhe disse
Que o amor não tem fim
Que eu lhe mando outra
Explicando tin tim por tin tim*

*Você tem que devolver
O que era meu, bem meu
Mande o meu retrato
E ponha outro em seu lugar*

*Morreu um rei
Salve o rei que vai chegar
Não sei sofrer*

¹¹⁶⁵ NELSON CAVAQUINHO (*Nelson Cavaquinho*. Rio de Janeiro, EMI Odeon, CD 5928982, 2003, gravado em 1973).

¹¹⁶⁶ LINDA BATISTA (*Os grandes sambas da história*, vol.4, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1951).

*Não sei chorar
Só sei me conformar*¹¹⁶⁷

O amor é visto como um santo remédio no bem-humorado “Obrigado doutor” de Antonio Nássara e Roberto Martins;

*Obrigado doutor
Minha vida eu devo ao senhor
Ao senhor por me haver receitado
Muito vinho, dinheiro e amor
Minha vida hoje em dia tem mais sabor
Obrigado, obrigado doutor*

*Ai, doutor
Penicilina não resolve o mal de amor
Nem vitamina dava jeito à minha dor
A medicina não me ajudou
Ai, doutor
Sua receita foi a minha salvação
Eu precisava alegrar meu coração
E felizmente o senhor acertou
Obrigado doutor*¹¹⁶⁸

No já visto “Oh, Seu Oscar”, de Wilson Batista e Ataulfo Alves a mulher amada parece ter optado pela vida livre e independente, pela “orgia”, em vez de ficar no lar e ter um amor estabelecido. O tema, tanto na voz masculina, presente por exemplo no clássico “Se você jurar”, como na feminina, foi muito freqüente e ainda ressurgiu hoje no samba como em “Não sou mais disso”¹¹⁶⁹, também já visto, e muitos outros.

*Ceguei cansado do trabalho
Logo a vizinha me falou
– Oh! Seu Oscar
Tá fazendo meia hora que sua mulher foi-se embora
Um bilhete deixou!
No bilhete assim dizia:
“Não posso mais, eu quero é viver na orgia” (2x)*

*Fiz tudo para ver seu bem-estar
Até no cais do porto eu fui parar
Martirizando o meu corpo noite e dia*

¹¹⁶⁷ GILBERTO, João (*Amoroso*, WEA, 1977).

¹¹⁶⁸ SILVIO CALDAS COM SEVERINO ARAÚJO E SUA ORQUESTRA TABAJARA (*Os grandes sambas da história*, vol.20, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1950).

¹¹⁶⁹ ZECA PAGODINHO (*Zeca Pagodinho*. Coleção Millennium, São Paulo, Polygram, 1998).

*Mas tudo em vão, ela é da orgia*¹¹⁷⁰

“O mundo é um moinho”, do grande Cartola, parece retratar os conselhos de um amante mais velho e experiente:

*Ainda é cedo, amor
Mal começaste a conhecer a vida
Já anuncias a hora da partida
Sem saber mesmo o rumo que irás tomar*

*Preste atenção, querida
Embora eu saiba que estás resolvida
Em cada esquina cai um pouco a tua vida
E em pouco tempo não serás mais o que és*

*Ouçá-me bem, amor
Preste atenção, o mundo é um moinho
Vai triturar teus sonhos tão mesquinhos
Vai reduzir as ilusões a pó*

*Preste atenção, querida
De cada amor tu herdarás só o cinismo
Quando notares estás à beira do abismo
Abismo que cavaste com teus pés*¹¹⁷¹

“Prá que mentir”, um samba-canção de Noel Rosa e Vadico, uma das últimas composições de Noel, é outro grande clássico de nossa poesia popular:

*Pra que mentir
Se tu ainda não tens esse dom de saber iludir?
Pra quê
Pra que mentir?
Se não há necessidade de me trair
Pra que mentir
Se tu ainda não tens a malícia de toda mulher?
Pra que mentir
Se eu sei que gostas de outro que te diz que não te quer*

*Pra que mentir tanto assim
Se tu sabes que eu já sei
Que tu não gostas de mim
Tu sabes que eu te quero
Apesar de ser traído*

¹¹⁷⁰ WILSON BATISTA (Wilson Batista. Acervo Funarte da Música Brasileira. Rio de Janeiro, Instituto Cultural Itaú, 1985).

¹¹⁷¹ BETH CARVALHO (*Os grandes sambas da história*, vol.5, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1977).

*Pelo teu ódio sincero
Ou por teu amor fingido*

*Pra que mentir
Se tu ainda não tens a malícia de toda mulher
Pra que mentir
Se eu sei que gostas de outro que te diz que não te quer¹¹⁷²*

Gostaria de lembrar agora um samba de Adoniran Barbosa e Hervê Cordovil, “Prova de carinho”, uma singela declaração de amor:

*Com a corda mi
Do meu cavaquinho
Fiz uma aliança pra ela
Prova de carinho
(refrão)
Quanta serenata
Eu tenho que perder
Pois meu cavaquinho
Já não pode mais gemer
Quanto sacrificio
Eu tive que fazer
Para dar a prova pra ela
Do meu bem querer¹¹⁷³*

“Tive sim” de Cartola, um samba clássico, reconstitui a fala de alguém contando à sua companheira um amor passado mas ainda relevante:

*Tive sim
Outro grande amor
Antes do teu
Tive sim
O que ela sonhava
Eram os meus sonhos
E assim
Íamos vivendo em paz*

*Nosso lar
Em nosso lar
Sempre houve alegria
Eu vivia tão contente
Como contente ao teu lado estou
Tive sim
Mas comparar com o teu amor
Seria o fim
Eu vou calar*

¹¹⁷² SILVIO CALDAS (*Os grandes sambas da história*, vol.7, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1938).

¹¹⁷³ BARBOSA, Adoniran (*Documento inédito*. Coleção memória Eldorado. São Paulo, Gravadora Eldorado, 278133, 1996).

*Pois não pretendo
Amor, te magoar*¹¹⁷⁴

“Vai, mas vai mesmo”, é um grande samba de Ataulfo Alves

*Vai
Vai mesmo
Eu não quero você mais
Nunca mais
Tenha santa paciência
Ponha a mão na consciência
Deixe-me viver em paz*

Vai ou não vai?

*Sai de vez do meu caminho
Dê a outro o seu carinho
Me abandone por favor
Ai, que dor!
Você machucou meu peito
Não tem mais o direito
De mandar no meu amor*¹¹⁷⁵

Concluo com o belo e clássico samba, “As rosas não falam”, de Cartola:

*Bate outra vez
Com esperanças o meu coração
Pois já vai terminando o verão enfim*

*Volto ao jardim
Com a certeza que devo chorar
Pois bem sei que não queres voltar para mim*

*Queixo-me às rosas, mas que bobagem
As rosas não falam
Simplesmente as rosas exalam
O perfume que roubam de ti*

*Devias vir
Para ver os meus olhos tristonhos
E, quem sabe, sonhavas meus sonhos
Enfim*¹¹⁷⁶

“Queixo-me às rosas, mas que bobagem/As rosas não falam/Simplesmente as rosas exalam/O perfume que roubam de ti” é um grande verso da nossa música popular.

¹¹⁷⁴ CYRO MONTEIRO (*Os grandes sambas da história*, vol.5, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1968).

¹¹⁷⁵ NORA NEY (*Os grandes sambas da história*, vol.15, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1958).

¹¹⁷⁶ CARTOLA (*Cartola*. Cartola, LP Marcus Pereira, 1974).

Note-se o diálogo implícito em quase todas as letras, o que pressupõe, portanto, a relação e a dialogia e, como substrato, a situação face-a-face.

Antes de terminar esta etapa quero primeiramente trazer dois sambas abordando o tema do ciúme. O primeiro é “Sem compromisso”, de Geraldo Pereira:

*Você só dança com ele e diz que é sem compromisso
É bom acabar com isso, não sou nenhum Pai-João
Quem trouxe você fui eu, não faça papel de louca
Pra não haver bate-boca dentro do salão*

*Quando toca um samba, eu lhe tiro prá dançar
Você me diz: – “ Não, eu agora tenho par”!
E sai dançando com ele, alegre e feliz
Quando pára o samba, bate palmas, pede bis¹¹⁷⁷.*

O segundo é o já mencionado “Nervos de aço”, de Lupicínio Rorigues:

*Você sabe o que é ter um amor, meu senhor?
Ter loucura por uma mulher?
E depois encontrar esse amor, meu senhor,
Nos braços de um outro qualquer*

*Você sabe o que é ter um amor, meu senhor?,
E por ele quase morrer?
E depois encontrá-lo em um braço
Que nem um pedaço do seu pode ser*

*Há pessoas com nervos de aço
Sem sangue nas veias e sem coração
Mas não sei se passando o que eu passo
Talvez não lhes venha qualquer reação
Eu não sei se o que eu trago no peito
É ciúme, despeito, amizade ou horror
Eu só sei é que quando eu a vejo
Me dá um desejo de morte e de dor.¹¹⁷⁸*

Nos dois casos, como na grande maioria das letras de samba abordando o ciúme, o tema é tratado de forma clara, direta, situada e pragmática, com linguagem e imagens absolutamente compartilháveis, acessíveis, de assimilação imediata, capazes de gerar identificação e que parecem ter sempre como pressuposto construtivo a relação face-a-face, ou seja, foram criadas para serem cantadas ao vivo. Além disso, abordam o tema de forma “transitiva direta”, ou seja, falam “a partir” ou “da” experiência concreta de um ciúme

¹¹⁷⁷ PEREIRA, Geraldo (*Geraldo Pereira*. Bebel Gilberto e Pedrinho Rodrigues. Acervo Funarte da Música Brasileira. Rio de Janeiro, Instituto Cultural Itaú, CD ATR 32026, 1983).

¹¹⁷⁸ RODRIGUES, Lupicínio (*Eu e o meu coração*. Vol. 1. Paraná, Revivendo, RVCD 101, s/d.).

particular e situado. Naturalmente, tudo pode ser passível de interpretação mas, sem dúvida, as duas letras não foram criadas visando a “interpretação”. Ao contrário, nelas *ato locucionário* e *força ilocucionária* apresentam-se de forma sobreposta e inseparável.

Vejamos agora “O ciúme”, bela canção pós-tropicalista de Caetano Veloso:

*Dorme o sol à flor do Chico, meio dia,
Tudo esbarra embriagado de seu lume
Dorme ponte, Pernambuco, Rio, Bahia
Só vigia um ponto negro: o meu ciúme*

*O ciúme lançou sua flecha preta
E se viu ferido justo na garganta
Quem nem alegre, nem triste, nem poeta
Entre Petrolina e Juazeiro canta*

*Velho Chico, vens de Minas
De onde o oculto do mistério se escondeu
Sei que o levas todo em ti
Não me ensinas
E eu sou só eu só eu só eu*

*Juazeiro não te lembras desta tarde
Petrolina, nem chegaste a perceber
Mas na voz que canta tudo ainda arde
Tudo é perda, tudo quer buscar, cadê?*

*Tanta gente canta
Tanta gente cala
Tantas almas esticadas no curtume
Sobre toda estrada, sobre toda sala
Paira monstruosa
A sombra do ciúme¹¹⁷⁹*

Em que pese a voz, num dado momento, referir-se ao “meu ciúme”, tudo na letra remete para uma especulação maior tratando do tema de maneira geral e distanciada. Mais do que de “um” determinado “ciúme”, a letra fala “do” ciúme. Mesmo o “eu” inicial na verdade logo se transfoma na “voz que canta” e ficamos sabendo que sobre tanta gente que canta e cala, sobre toda estrada e cada sala “paira monstruosa a sombra do ciúme”.

Algo bastante diferente da crueza direta de frases como “Você só dança com ele e diz que é sem compromisso/ É bom acabar com isso...” ou “Você sabe o que é ter um amor, meu

¹¹⁷⁹ VELOSO, Caetano.op.cit., p.242.

senhor/ E por ele quase morrer?/ Edepois encontrá-lo em um braço/ Que nem um pedaço do seu pode ser.”

Aliás, a palavra “ciúme” não é mencionada nos dois sambas, nem seria preciso.

Os dois textos citados são construídos de forma a descrever o ciúme como um evento, quase um ato, um sentimento determinado, situado, contextualizado e visualizável.

Ao contrário, se, em tese, levarmos em conta apenas o aspecto semântico e se a palavra “ciúme” for substituída por outra, por exemplo, “saudade”, “melancolia”, “tédio”, “depressão”, “tristeza”, “desilusão” ou “nostalgia”, o texto de Caetano Veloso continuaria fazendo sentido.

Os sambas de Geraldo Pereira e Lupicínio Rodrigues, por outro lado, dirigem-se a um determinado ouvinte, portanto sua premissa é a relação face-a-face ou uma platéia. Ambos pressupõem um diálogo implícito. No primeiro, um marido ou namorado ciumento dirige-se à companheira. Em certo momento o diálogo se explicita: “Quando toca um samba, eu lhe tiro prá dançar/ você me diz: – ‘Não, eu agora tenho par!’”. No segundo samba, como já vimos, a voz dirige-se a outra pessoa: “você sabe o que é ter um amor, meu senhor?” .

É preciso ser claro: a tendência presente em quase todas as letras de samba é a apresentação de um discurso dialógico, relacional, interativo e declarativo dirigido a alguém numa situação face-a-face, seja um interlocutor seja um “nós” (a “moçada”, a “malandragem”, o “pessoal”, a “gente”, a “turma”), seja uma platéia.

Ao contrário, certas características discursivas como o solilóquio e o tom apodíctico, assertivo, especulativo e normativo surgem claramente tanto em “O ciúme” como em diversas canções modernas, em particular, as tropicalistas.

É desimportante mencionar as eventuais citações ou intertextos literários presentes em “O ciúme” como, “quem nem alegre, nem triste, nem poeta”, pois estes podem, ou não, ser identificados sem prejuízo da fruição geral do texto. Mas é preciso ressaltar o discurso pouco coloquial e tortuoso, descontínuo e não-linear. Sem apresentar índices narrativos claros, o ouvinte vai acompanhando um texto relativamente imprevisível, quase fragmentado, com um sujeito revelado de forma indireta: “O ciúme lançou sua flecha preta/ E se viu ferido justo na garganta/ Quem nem alegre, nem triste, nem poeta/ Entre Petrolina e Juazeiro canta” , texto que, apesar das menções a lugares concretos, é de difícil ou impossível visualização: “Dorme

o sol à flor do Chico, meio dia/ Tudo esbarra embriagado de seu lume/ Dorme ponte,
Pernambuco, Rio, Bahia/ Só vigia um ponto negro: o meu ciúme”.

Não pretendo me alongar nem fazer uma análise exaustiva dos textos em pauta.

Quis apontar algumas características e tendências significativas dos tres discursos e dizer ainda que, a meu ver, enquanto os textos de “Sem compromisso” e “Nervos de aço” foram criados principalmente para serem ouvidos, cantados e compartilhados de imediato por uma platéia, o texto de “O ciúme” por sua maior complexidade, sua descontinuidade, suas citações e imagens, seu tom especulativo e apodíctico que explica ou prescreve, foi criado principalmente tendo em vista a leitura, o que pressupõe reflexão, análise, releituras, consultas bibliográficas e interpretação.

Algumas imagens de “O ciúme”, com força e originalidade, como a associação entre ciúme e uma flecha preta ferindo a garganta, se adotadas pelo discurso comumente utilizado nas letras de samba, e isso seria perfeitamente possível, a meu ver, se tornariam o mote principal em torno do qual todo o discurso giraria. Nesse sentido, estamos falando de discursos mais densos – “O ciúme” – ou menos densos – “Sem compromisso” e “Nervos de aço” –.

As imagens dos dois sambas, particularmente as de “Nervos de aço”, em que pese serem totalmente compartilháveis, são igualmente fortes e originais. Considero essa letra um clássico de nossa poesia popular.

O tema amoroso nunca chegou a ser particularmente privilegiado pelo tropicalismo, mesmo assim vale a pena examinar duas letras em que é abordado. Começo com “Luzia Luluza’ de Gilberto Gil:

*Passei toda a tarde ensaiando, ensaiando
Essa vontade de ser ator acaba me matando
São quase oito horas da noite
E eu nesse táxi
Que trânsito horrível, meu Deus
E Luzia e Luzia e Luzia
Estou tão cansado mas disse que ia
Luzia Luluza está lá me esperando*

*Mais duas entradas, uma inteira, uma meia
São quase oito horas, a sala está cheia
Essa sessão das oito vai ficar lotada*

Terceira smana em cartaz

*James Bond
Melhor pra Luzia, não fica parada
Quando não vem gente, ela fica abandonada*

*Naquela cabine do cine Avenida
Revistas, bordados, um rádio de pilha
Na cela da morte do cine Avenida
A me esperar*

*No próximo ano nós vamos casar
No próximo filme nós vamos casar*

*Luzia, Luluza, eu vou ficar famoso
Vou fazer um filme de ator principal
No filme eu me caso com você, Luluza
No carnaval
Eu desço do táxi feliz
Mascarado
Você me esperando na bilheteria
Sua fantasia é de papel crepom*

*Eu pego você pelas mãos como um raio
E saio com você descendo a avenida
A avenida é comprida, é
Comprida, é comprida
E termina na areia
Na beira do mar
E a gente se casa
Na areia, Luluza
Na beira do mar
Na beira do mar¹¹⁸⁰*

Trata-se, com se vê, de uma abordagem bastante distanciada e crítica do tema amoroso. Na verdade, as questões do “eu” que fala parecem ser muito mais importantes e ressaltadas do que propriamente a parceria amorosa, o sentimento do amor ou a relação afetiva. Aliás, é difícil compreender que sentimento move o “eu” que fala, se está ou não está apaixonado. Sem dúvida não é um amor do *senso comum*, mas sim um sentimento individual, singular e indiossincrático, pouco acessível ou passível de compartilhamento por parte do ouvinte. Trata-se de uma amor que exige “interpretação”.

Outro exemplo de uma abordagem moderna do amor surge em “Objeto não-identificado”:

Eu vou fazer uma canção pra ela

¹¹⁸⁰ GIL, Gilberto (*Gilberto Gil*, Polygram, 1968).

*Uma canção singela, brasileira
Para lançar depois do carnaval*

*Eu vou fazer um iê iê iê romântico
Um anticomputador sentimental*

*Eu vou fazer uma canção de amor
Para gravar num disco voador
Eu vou fazer uma canção de amor
Para gravar num disco voador
Uma canção dizendo tudo a ela
Que ainda estou sozinho, apaixonado
Para lançar no espaço sideral
Minha paixão há de brilhar na noite
No céu de uma cidade do interior
Como um objeto não-identificado
Como um objeto não-identificado
Que ainda estou sozinho, apaixonado
Como um objeto não-identificado
Para gravar num disco voador
Eu vou fazer uma canção de amor
Como um objeto não-identificado¹¹⁸¹*

Além de recorrer a vários procedimentos próprios do discurso moderno como deslocamentos semânticos e menções “pop” ao universo urbano industrial e burocrático identificados com o mercado de consumo e com a contemporaneidade, tanto a letra de Gilberto Gil como a de Caetano Veloso apontam para uma abordagem crítica, reflexiva, distanciada e impessoal do tema amoroso, em suma, um discurso “sobre” o amor ou “sobre” uma canção de amor, algo especulativo que exige necessariamente “interpretação”, bastante diferente do tratamento popular e tradicional que tende a tocar na relação amorosa situada e acessível ou no sentimento do amor em si e a falar “a partir” daí.

Enquanto o sentimento amoroso em si costuma facilmente gerar identificação, tanto em modernos como em tradicionais ou entre analfabetos e eruditos, a reflexão sobre o amor, não necessariamente.

Concluo dizendo que meu interesse com as comparações foi identificar tendências e preponderâncias gerais e bastante amplas. Claro, mesmo na produção tropicalista, é perfeitamente possível encontrar canções mais identificadas com a abordagem tradicional do

¹¹⁸¹ VELOSO Caetano (*Caetano Veloso*, Phillips, 1969).

tema amoroso. Da mesma época, o clássico “Domingo no parque”¹¹⁸² ou “Pé de roseira”¹¹⁸³, ambos de Gilberto Gil, são exemplos disso.

7.2 O tema da comida

Inúmeras letras de samba mencionam comidas, descrevem situações em que a comida está presente, associam mulheres bonitas a comidas, dão receitas culinárias e, mesmo, tratam do assunto como tema ou motivo principal.

Se pensarmos nas manifestações populares, criadas, pelo menos no Brasil, em geral por gente pobre e excluída socialmente, gente que conhece de perto a dura experiência de “passar fome” e a luta cotidiana para arranjar um pouco de alimento, o interesse pelo assunto “comida” pode ser facilmente esclarecido e justificado.

Em seu estudo sobre o caipira paulista, Antonio Candido ressalta a importância do alimento “como fulcro de sociabilidade – não apenas da que se organiza em torno dele (sistemas de trabalho, distribuição etc.) mas daquelas em que ele aparece como expressão tangível dos atos e das intenções (ágapes, ofertas etc.)”. Para Candido “prolongamos, de certa forma, práticas imemoriais em que a ingestão de alimentos obtidos com esforço e irregularmente trazia uma poderosa carga afetiva, facilmente transformada em manifestações simbólicas. À medida que a civilização assegura a regularidade do abastecimento, esta carga diminui, para manifestar-se quase apenas nas ocasiões importantes da vida”¹¹⁸⁴.

As festas populares rurais representam para Candido, entre outras coisas, uma oportunidade de compartilhar o alimento que é sempre escasso¹¹⁸⁵.

A comilança das festas religiosas ou públicas dá a estas práticas, segundo Candido, “um caráter de verdadeira refeição coletiva. Nela, definem-se, com base no alimento, relações de solidariedade que reforçam os vínculos de vizinhança, fortalecendo não apenas os que prendem moradores do mesmo grupo, mas os de grupos diferentes, acorridos à festa”¹¹⁸⁶.

No contexto popular rural, podem ser muitas as situações de fome. Todas as pessoas, mas particularmente “o mau trabalhador, a viúva, o doente, o inepto (...) mas muito lavrador

¹¹⁸² GIL, Gilberto (*Gilberto Gil*, Phillips, 1968)

¹¹⁸³ Idem, *ibidem*.

¹¹⁸⁴ CANDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo, Duas Cidades, 1971, p.30

¹¹⁸⁵ Idem, *ibidem*, p.144.

¹¹⁸⁶ Idem, *ibidem*, p.145.

disposto, acuado por circunstâncias desfavoráveis” podem passar por momentos de fome e penúria.¹¹⁸⁷

Nota Candido que o caipira “se mostra mais contente quando as digestões são lentas, pois neste caso é sensível a ilusão do estômago cheio”.¹¹⁸⁸

Além disso, muitas vezes a fome é responsável pelo alto consumo de bebidas alcóolicas entre os caipiras.¹¹⁸⁹

Em suma, segundo Candido, o caipira vê-se diante de uma batalha diária “travada, estritamente, para não passar fome”.¹¹⁹⁰

Por este viés, o tema teria desaparecido do discurso da moderna música brasileira – salvo nas canções de denúncia social – pela simples razão de que, em sua maioria, essa música seria criada por compositores oriundos das classes mais abastadas ou para quem, mesmo não sendo ricos, a comida deixou de ser assunto de interesse.

De fato, um estudo como “A máquina e o revólver”, de Alba Zaluar, sobre a favela Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, um contexto de pobreza, aponta fatos interessantes a respeito do tema comida e alimentação no âmbito popular. Diz ela que a “importância fundamental da ‘comida’ (...) fica patente nas afirmações ouvidas constantemente de que ‘o dinheiro tem que dar para a comida’ ou de que ‘a comida não pode faltar’ afirmações essas que se referem tanto ao papel masculino de ‘botar a comida para dentro de casa’ quanto ao papel feminino de controlar o consumo, economizando na compra e não desperdiçando na produção do alimento dentro de casa.”¹¹⁹¹

Cabe, segundo Zaluar, à mulher economizar nas “compras”, de forma a durarem até o próximo pagamento recebido pelo marido. Diz ela: “... encontrei várias mulheres que pagavam as prestações [com dinheiro de seu trabalho] dizendo-me estar ajudando o marido”.¹¹⁹²

Foi nesse sentido que associei o samba “Amélia” ao tema da solidariedade.

¹¹⁸⁷ Idem, *ibidem*, p.157.

¹¹⁸⁸ Idem, *ibidem*, p.157.

¹¹⁸⁹ Cf. idem, *ibidem*, p.158.

¹¹⁹⁰ Idem, *ibidem*, p.158.

¹¹⁹¹ ZALUAR, Alba.*op.cit.*, p. 100.

¹¹⁹² Idem, *ibidem*, p.101.

Zaluar fala, na década de 1980, século XX, do “espectro da fome”, sempre temido por todos, e que “se efetiva quando um caso de doença na família ou a necessidade de ‘andar’ procurando emprego (...) gastando dinheiro em transporte, cria buracos no orçamento”.¹¹⁹³

Na favela Cidade de Deus “comer carne todos os dias marca uma fronteira nítida que separa os pobres dos não pobres, e a carne passa a representar, na sua falta, a própria carência em que vivem. Ela é um símbolo poderoso de prestígio social e riqueza”.¹¹⁹⁴

Zaluar relaciona ainda a “virtualidade de passar fome” a certas escolhas alimentares. Diz ela que “na ideologia dos pobres urbanos do Rio de Janeiro, como de outras áreas do Brasil, a categoria ‘comida’ é fundamental na articulação do seu pensamento sobre alimentação. Existem alimentos que são ‘comida’ e outros que não são. ‘Comida’ é basicamente feijão, arroz e carne. As verduras, os legumes, as frutas, no seu discurso, aparecem sempre como alimento que serve para ‘tapear’ (...) ‘coisinhas que ‘não dá’ que ‘não satisfaz’. (...) os resultados desse tipo de alimentação [que “tapeia”] são vistos como catastróficos: ‘a pessoa emagrece’, ‘fica só no osso’, ‘morre’. O que não é comida pode incluir peixe, canja, galinha, frutas, verduras. E não são comida porque não ‘sustentam’ (...) ‘não são fortes’ ...”.¹¹⁹⁵

Segundo a autora, as escolhas alimentares são culturais. “Um dos momentos em que valorizam positivamente o ser pobre é quando, comparado com o que comem os ricos, [os favelados] afirmam que ‘o pobre come mais’, ‘está sem dinheiro no bolso mas de barriga cheia’ ou ‘o rico não come, vegeta’ ou ‘pobre enche a barriga, rico belisca’.¹¹⁹⁶

Os alimentos escolhidos como o feijão oferecem a sensação do estômago cheio, especialmente quando cozinhados com banha, tocinho ou linguiça. Zaluar fala na preferência de alimentos gordurosos e de digestão difícil que dão a sensação de “barriga cheia”, segundo ela associada à saúde e à negação da morte. Tal predileção “aparece junto à valorização estética da corpulência e gordura, especialmente entre as mulhese” e considerada traço de beleza e de saúde, além de símbolo de poder na família.¹¹⁹⁷

Ciandio notou a mesma predileção entre os caipiras paulistas.

¹¹⁹³ Idem, *ibidem*, p.101.

¹¹⁹⁴ Idem, *ibidem*, p.105.

¹¹⁹⁵ Idem, *ibidem*, p.106.

¹¹⁹⁶ Idem, *ibidem*, p.108.

¹¹⁹⁷ Idem, *ibidem*, p. 110.

Como vimos em outra parte, a estudiosa carioca lembra ainda a situação do comer em família, ou de refeições comunais em reuniões e festas, espaços essenciais para a compreensão do *modelo de consciência* popular.

Vejamos agora algumas letras de samba abordando o tema comida.

Começo com o samba “No pagode do Vavá”, de Paulinho da Viola, que, como já foi citado, coloco só o início:

*Domingo, lá na casa do Vavá
Teve um tremendo pagode
Que você não pode imaginar
Provei do famoso feijão da Vicentina
Só quem é da Portela é que sabe
Que a coisa é divina¹¹⁹⁸*

Vejamos agora “Pode guardar as panelas, também de Paulinho da Viola, que fala da falta de comida

*Você sabe que a maré
Não está moleza não
E quem não fica dormindo de touca
Já sabe da situação
Eu sei que dói no coração
Falar do jeito que eu falei
Dizer que o pior aconteceu
Pode guardar as panelas
Que hoje o dinheiro não deu*

*Dei pinote adoidado
Pedindo emprestado e ninguém emprestou
Fui no seu Malaquias
Querendo fiado mais ele negou
Meu ordenado, apertado, coitado, engraçado
Desapareceu
Fui apelar pro cavalo, joguei na cabeça
Mas ele não deu
Para encher nossa panela, comadre
Eu não sei como vai ser
Já corri pra todo lado
Fiz aquilo que deu pra fazer
Esperar por um milagre
Pra ver se resolve esta situação
Minha fé já balançou
Eu não quero sofrer outra decepção¹¹⁹⁹*

¹¹⁹⁸ PAULINHO DA VIOLA (*Perfil*, Som Livre, São Paulo, 2003, gravado em 1972).

¹¹⁹⁹ PAULINHO DA VIOLA (*Zumbido*, EMI, Rio de Janeiro, 1996, gravado em 1979).

A título de curiosidade, trago a letra do tango de Chiquinha Gonzaga “Baiana dos pastéis” gravado em 1911¹²⁰⁰. O tema abordado será retomado por inúmeros compositores em muitos sambas. A associação entre a baiana e a comida, no sentido de alimento amoroso, é evidente:

*Sou baiana querida dos moços
Na procura não tenho rivais
Quando eu passo por eles eu ouço:
Coração, não me diz para onde vais?
Vou seguindo batendo as chinelas
Que de leve se agregam aos meus pés
Vão então se abrindo as janelas
Vou vendendo sem medo os pastéis*

*Ao comer d'angu saboroso
Com bastante pimenta pra ver
Com bastante pimenta pra ver
Causa nobre, fina, apetitosa
Com a lingüinha de fora a mexer
Com a lingüinha de fora a mexer*

*E a baiana pra ter freguesia
Dorme cedo e bem antes do sol
Não se pode deixá a Bahia
Da pimenta que esquenta o Farol
Nesse mundo só...me orgulho
Tudo isso foi feito pra mim
Eu não bambo, não faço barulho
Faço... meu Senhor do Bonfim*

*Se na massa me dizem que acerto
Isso creia que disso não creio
Pois se alguém...de perto
Deste mundo esqueci o recheio
No trabalho não morro de inveja
Sou feliz e é pra todos...
Se não der na....da Igreja
Que forrei com o meu tabuleiro¹²⁰¹*

Passo agora a examinar sambas em que a comida está presente. Começo com “Cabritada mal sucedida” do grande sambista Geraldo Pereira:

¹²⁰⁰ Trata-se, segundo o encarte do CD, de uma paródia da cançoneta “Iaiá fazendo etc e tal”. A interpretação de 1911 foi feita por Eduardo das Neves e Risoleta. É preciso dizer ainda que o “tango” brasileiro nada tem a ver com o tango argentino e é um gênero musical bastante variável e “intercambiável” com relação ao lundu, a polca-lundu, ao cateretê e ao maxixe. Cf. SANDRONI, Carlos. op.cit, p.31 e p.77.

¹²⁰¹ CHIQUINHA GONZAGA (*A maestrina*, CD 2, Revivendo Músicas Comercio de Discos Ltda., Curitiba, s/data).

*Bento fez anos
E para almoçar me convidou
Me disse que ia matar um cabrito
Onde tem cabrito eu tou
E quando o comes e bebes começou
No melhor da cabritada
A polícia e o dono do bicho chegou*

*Puseram a gente sem culpa
No carro da radiopatrulha levaram
Levaram também o cabrito
E toda a bebida que tinha quebraram
Seu comissário, zangado
Não tava querendo ninguém dispensar
O patrão da Sebastiana
É que foi ao distrito
E mandou me soltar*

*Puseram a gente sem culpa
No carro da radiopatrulha levaram
Levaram também o coitado do cabrito
E toda a bebida que tinha quebraram
Seu comissário, zangado
Não tava querendo ninguém dispensar
O patrão da Sebastiana
É que foi ao distrito
E mandou me soltar¹²⁰²*

Vejamos “Camarão com xuxu” (sic) de Nei Lopes:

*Camarão tá caro pra xuxu
Camarão tá caro pra xuxu
Camarão tá caro pra xuxu
Camarão tá caro pra xuxu*

*Saco cheio de todo domingo comer
Carne assada e macarrão
Resolvi fazer um ensopado
De chuchu com camarão
Peguei a bolsa, forrei a carteira
Me mandei pra praia de Mariambú
Mas fiquei na intenção
Camarão tá caro pra xuxu*

*Deu encrenca ficou no desejo
De comer badejo com pirão
Com pimenta acompanhando com cheiro*

¹²⁰² GERALDO PEREIRA (*Os grandes sambas da história*, vol.1, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1953).

*Do molho do camarão
A maré hoje não tá pra peixe
Não tá pra sardinha
Nem pra baiacu
Quanto mais pra camarão
Camarão tá caro pra xuxu*

*O dinheiro que eu tinha no bolso
Pra fazer almoço, meu irmão
Só deu mesmo pra fazer aquilo de sempre
Mais a cana e o limão
Fui pra casa de barriga cheia
Sonhei com a garrafa velha da Pitu
Onde eu era o camarão
Camarão tá caro pra xuxu¹²⁰³*

Ou “Caviar”, de Luiz Grande, Barbeirinho do Jacarezinho e Mauro Diniz:

*Você sabe o que é caviar?
Nunca vi, nem comi
Eu só ouço falar
Caviar é comida de rico
Curioso fico, só sei que se come
Na mesa de poucos, fartura adoidado
Mas se olhar pro lado, depara com a fome
Sou mais ovo frito, farofa e torresmo
Na minha casa é o que mais se consome
Por isso se alguém vier me perguntar
O que é caviar?
Só conheço de nome
Geralmente quem come esse prato
Tem bala na agulha, não é qualquer um
Quem sou eu pra tirar essa “chinfra”
Se vivo na vala pescando muçum
Mesmo assim não reclamo da vida
Apesar de sofrida, consigo levar
Um dia eu acerto numa loteria
E dessa iguaria até posso provar¹²⁰⁴*

Ou “Faixa amarela”, de Zeca Pagodinho, Jessé Pai, Luis Carlos e Beto Gago:

*Eu quero presentear
A minha linda donzela
Não é prata nem é ouro
É uma coisa bem singela
Vou comprar uma faixa amarela
Bordada com o nome dela
E vou mandar pendurar*

¹²⁰³ JOVELINA PÉROLA NEGRA (*Jovelina Pérola Negra*, Coleção Bambas do Samba, Som Livre, São Paulo, 2000).

¹²⁰⁴ PAGODINHO, Zeca (*Acústico MTV*, Rio de Janeiro, Universal, 2003).

Na entrada da favela

*Vou dar-lhe um gato angorá
Um cão e uma cadela
Uma cortina grená para enfeitar a janela
Sem falar na tal faixa amarela
Bordado com o nome dela
Que eu vou mandar pendurar
Na entrada da favela*

*E para o nosso papá vai ter bife de panela
Salada de petit-pois, jiló, chuchu e “brinjela”
Sem falar na tal faixa amarela
Bordada com o nome dela
Que eu vou mandar pendurada
Na entrada da favela*

*Vou fazer dela rainha do desfile da Portela
Eu vou ser filho do Rei, e ela minha cinderela
Sem falar na tal faixa amarela
Bordada com o nome dela
Que eu vou mandar pendurada
Na entrada da favela*

*E para gente se casar vou construir a capela
Dentro de um lindo jardim com flores, lago e pinguela
Sem falar na tal faixa amarela
Bordada com o nome dela
Que eu vou mandar pendurada
Na entrada da favela*

*Mas se ela vacilar, vou dar um castigo nela
Vou lhe dar uma banda de frente
Quebrar cinco dentes e quatro costelas
Vou pegar a tal faixa amarela
Gravada com o nome dela
E mandar incendiar
Na entrada da favela*

*Vou comprar uma cana bem forte
Para esquentar sua goela
E fazer uma tira-gosto
Com galinha à cabidela
Sem falar na tal faixa amarela
Bordada com o nome dela
Que eu vou mandar pendurada
Na entrada da favela¹²⁰⁵*

¹²⁰⁵ ZECA PAGODINHO (Zeca Pagodinho. Coleção Millennium, São Paulo, Polygram, 1998, gravado em 1997).

Ou “Já mandei botar dendê”, de Zeca Pagodinho, Arlindo Cruz e Mauriçã, em que comida e sexualidade se misturam.

*Bota dendê no meu caruru
Bota dendê no meu vatapá
Eu quero ver o caldeirão ferver
Põe pimenta pra arder
Já mandei botar dendê*

*Já mandei botar dendê
Pra dar gosto no tempero
Já mandei botar dendê
Pro sabor bailar no cheiro
Bota, se não eu não vou comer
Eu não quero me aborrecer
Já mandei botar dendê
Faça o favor de me obedecer
Se não brigo com você
Já mandei botar dendê*

*Sinto saudade da comida de sinhá
Que jamais deixou de usar
Dendê pra dar bom paladar
É na moqueca, é no bobó, é no xinxim
Bota um pouco mais pra mim
Tempero sem dendê, não dá
O tempero é gostoso, vem ver
É gostoso demais, pode crer
Vem comigo sentir o prazer
De provar do dendê¹²⁰⁶*

Ou o partido-alto “Jiló com pimenta” de Arlindo Cruz e Zeca Pagodinho:

*Pimenta pode ser da mais ardida
Pois no meu peito já houve ardência maior
Não tenho preferência por comida
Obrigado nessa vida
Já engoli coisa pior, por isso, ó nega
Ó nega, pode preparar o jiló
Ó nega, pode preparar o jiló*

*Já engoli sapo, já tomei catrapo, ninguém teve dó
Apreendi que nesse mundo não se dá ponto sem nó
Sou vagabundo sofrido, quase reduzido a pó*

¹²⁰⁶ ZECA PAGODINHO (Zeca Pagodinho. Coleção Millennium, São Paulo, Polygram, 1998, gravado em 1995).

*Por isso, ó nega
Ó nega, pode preparar o jiló
Ó nega, pode preparar o jiló*

*Já mandei fechar meu corpo
Me benzi com água benta
Mas ouvi praga mais forte
Dessa gente agourenta
Não há ninguém cem por cento
Poucos são pedra noventa, então nega*

*Ó nega, prepare o jiló com pimenta
Ó nega, prepare o jiló com pimenta*

*Vou querer como bebida
Birita com leite em pó*

*Por isso, ó nega
Ó nega, pode preparar o jiló
Ó nega, pode preparar o jiló*

*Quando um pobre se lamenta
Mais um rico se contenta, então nega
Ó nega, prepare o jiló com pimenta
Ó nega, prepare o jiló com pimenta*

*Vou roendo pedra dura
Sonhando com pão-de-ló, por isso, ó nega*

*Ó nega, pode preparar o jiló
Ó nega, pode preparar o jiló*

*O homem só aprende a vida
Quando nela se aposenta, então nega*

*Ó nega, prepare o jiló com pimenta
Ó nega, prepare o jiló com pimenta*

*Eu tenho que dar um jeito
Qualquer coisa a gente inventa, então nega*

*Ó nega, prepare o jiló com pimenta
Ó nega, prepare o jiló com pimenta
Eu vou batendo com a palma da mão
E com uma lata velha
Que o samba incrementa*

*Então, ó nega, prepare o jiló com pimenta
Ó nega, prepare o jiló com pimenta*

*Você diz que tá com tudo
Porém nada apresenta, então nega*

*Ó nega, prepare o jiló com pimenta
Ó nega, prepare o jiló com pimenta*

*Eu preciso de sossego
Por favor não me atenta, então nega*

*Ó nega, prepare o jiló com pimenta
Ó nega, prepare o jiló com pimenta¹²⁰⁷*

Ou “Moqueca de Idalina”, de Nei Lopes:

*Idalina mandou chamar você, ê, ê
Pra moqueca de fato que ela vai fazer
(só no dendê)*

*Cem quilos de fato
E só de cebola umas quatrocentas.
Duzentos limões, novecentas pimentas
E uma tonelada de amendoim.
E achando isso pouco
Idalina botou o compadre Tinoco
No maior sufoco
Ralando num toco
Duzentos mil cocos
Pra fazer quindim.*

*Só ralando coco, Idalina
Pra fazer quindim*

*Tudo cozinhado
Em cinco galões desses de gasolina
Então é que entram as mãos de Idalina
Temperando tudo tin-tim por tin-tim
E aí o caboclo
Compadre Tinoco
Naquele sufoco
Já tá quase louco
Ralando no soco
Duzentos mil cocos
Pra fazer quindim.¹²⁰⁸*

Ou “Põe dendê e tempero”, de Wilson Moreira:

¹²⁰⁷ ZECA PAGODINHO (*Deixa Clarear*, PolyGram, São Paulo, 1996).

¹²⁰⁸ NEI LOPES (*Celebração: Nei Lopes – 60 anos*, CD 1 *Negro Mesmo*, Carioca Discos, Rob Digital, Rio de Janeiro, 2003).

*Eu quero ver
O surdo bater
Eu vou lhe mostrar
Que a terra vai tremer*

*Põe dendê, põe dendê
Põe dendê na panela
E depois deixa ferver*

*Quem quiser me ver vai lá
Vai lá na cozinha da Dona Zilá
Tem siri, tem moqueca
Mexilhão
Na pimenta, pimenta da boa
Alivia a minha tensão*

*Camarão do graúdo
Na panela de barro
Camarão V.G. no tempero
Pra eu e você¹²⁰⁹*

Ou “Vai pro lado de lá”, de Candeia e Euclenes:

*Vai pro lado de lá
Vai pro lado de lá
Vai pro lado de lá, vai sambar
Me leva pro lado de lá*

*Segunda-feira, terça-feira
Quarta-feira, quinta-feira
Sexta-feira, sábado de aleluia*

*Se eu pegar no cavaco, compadre
No banjo o samba continua*

*Tem caruru, tem quiabo com galinha
Batata com dobradinha, mumuzam e vatapá
Tem água verde, água quente, água fria
Aguardente com farinha e as águas vão rolar*

*Vai o Cartola, vai o Paulinho da Viola
Vai o Martinho da Vila, o Aniceto com o Reni
Vai o Guineto, vai o Zeca Pagodinho
Eu também sou partideiro, eu também tenho que ir¹²¹⁰*

¹²⁰⁹ WILSON MOREIRA (*Entidades II*. Rio de Janeiro, Rádio Mec, s/d).

¹²¹⁰ ARLINDO CRUZ E SOMBRINHA (*Arlindo Cruz e Sombrinha*. Coleção Millennium, Polygram, 1998, gravado em 1996).

“Coco partido”, de Arlindo Cruz, Alcir Marques e Franco, fala de comida e talvez de mais coisas:

*Ioiô, dá o doce de coco que iaiá mandou
Iaiá mandou
Iaiá, já cansei de pedir mas ioiô não quer dar
Não que dar, não quer dar, não quer dar
Fui no terreiro, peguei coco no coqueiro
Quem chegou primeiro teve água pra tomar
Depois de oco, abri o coco, ralei o coco
De bom grado, bem ralado, para o doce de iaiá
E agora ioiô não quer dar*

*Não é quindim que eu quero pra mim
Nem bom-bocado também
Não é pudim nem bolo de aipim
Que vai me fazer bem
Não é cocadinha nem queijadinha
Não é glacê, nem bombom, nem pavê
Eu só quero o doce de coco que eu ajudei a fazer
Mas ioiô está querendo esconder¹²¹¹*

“O quitandeiro”, de Paulo da Portela e Candeia, é um belo samba abordando comida e festa:

*Quitandeiro leva cheiro e tomate
Na casa do Chocolate
Hoje vai ter macarrão
Prepara a barriga, macacada
Que a bóia tá enfezada
E o pagode fica bom
Chega só trinta litros de uca
Para fechar a butuca
Desses nego beberrão
Chocolate, tu avisa a crioula
Que carregue na cebola
E no queijo parmesão*

*É mas não se esqueça
De avisar a nega Estela
Que o pessoal da Portela
Vai cantar partido-alto
Vai ter pagode até o dia amanhecer
E os versos de improviso
Serão em homenagem a você¹²¹²*

¹²¹¹ OS GRANDES SAMBAS DA HISTÓRIA , 40 volumes , São Paulo, BMG Brasil, Ed.Globo1997. v. 37.

¹²¹² OS GRANDES SAMBAS DA HISTÓRIA , 40 volumes , São Paulo, BMG Brasil e Ed.Globo, 1997, v. 32.

Já “Torresmo à milanesa”, de Adoniran Barbosa, volta ao tema da comida e da pobreza:

*O enxadão da obra bateu onze horas
Vamo simbora João, vamo simbora João*

*Que é que você trouxe na marmitta, Dito?
Trusse ovo frito, trusse ovo frito
E você beleza, o que é que você trouxe?
Arroz com feijão e um torresmo à milanesa, da minha Tereza
Vamos almoçar, sentados na calçada
Conversar sobre isso e aquilo
Coisas que nois não entende nada
E depois puxar uma paia
Andar um pouco pra fazer o quê...
É dureza João, é dureza João
É dureza João, é dureza João
É dureza João, é dureza João
É dureza João, é dureza João*

*O mestre falou que hoje não tem vale, não
Ele se esqueceu que lá em casa não sou só eu
Se segura Maria...
O mestre falou que hoje não tem vale, não
Ele se esqueceu que lá em casa não sou só eu
Se segura Maria...¹²¹³*

E por último o clássico e malicioso “Os quindins de yáyá”, do grande Ary Barroso

*Os quindins de yáyá
Cumé, cumé, cumé
Os quindins de yáyá
Cumé, cumé, cumé
Os quindins de yáyá
Cumé, cume que faz chorar*

*Os oinho de yáyá
Cumé, cumé, cumé
Os oinho de yáyá
Cumé, cumé, cumé
Os oinho de yáyá
Cumé, cumé que faz penar*

*O jeitão de yáyá
Me dá, me dá uma dor
Me dá, me dá que eu não sei
Se é, se é
Se é ou não amor*

¹²¹³ CLEMENTINA DE JESUS, ADONIRAN BARBOSA (*Clementina e convidados*, EMI, São Paulo, s/d).

*Só sei que yáyá
Tem umas coisa
Que as outra yáyá não têm*

*Tem tanta coisa de valor
Neste mundo de Nosso Senhor
Tem a flor da meia-noite
Escondida nos canteiros
Tem música e beleza
Na voz dos boiadeiros
A prata da lua cheia
O leque dos coqueiros
O sorriso das crianças
A toada dos barqueiros
Mas juro, por Virgem Maria
Que nada disso pode matar¹²¹⁴*

Naturalmente, selecionei apenas alguns exemplos. O motivo é recorrente e abundante nas letras de samba.

Parece correta, sem dúvida, a associação entre o tema comida e a “virtualidade da fome”, presença ameaçadora infelizmente constante no cardápio e no imaginário popular. Creio porém que é possível ampliar a discussão do assunto.

Além da importância da comida em si, julgo que é preciso destacar dois outros aspectos: 1) a comida como metáfora sexual¹²¹⁵ e 2) a comida vista como refeição comunal.

Ambos os pontos parecem remeter essencialmente à vida concreta e relacional, tanto corporal quanto social, vida entre pessoas de carne e osso, o que pressupõe as relações humanas em si, isentas de distanciamento e análise crítica, relações sempre interessadas, parciais, banais, pragmáticas, situadas e contextualizadas e que, além disso, implicam não a “intransitividade”, que fala distanciada “sobre”, mas sim o princípio da “transitividade direta” que, como propôs Muniz Sodré, impõe a “operacionalidade em relação ao mundo” do “aqui agora” e fala “a partir” da existência, fala “a” existência concreta, situada, atualizada e factual. No dizer de Sodré, “as palavras têm no samba tradicional uma operacionalidade com relação ao mundo, seja na insinuação de uma filosofia prática cotidiana, seja no comentário

¹²¹⁴ EMILINHA BORBA E CÉSAR DE ALMEIDA (*Os grandes sambas da história*, vol.5, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1954).

¹²¹⁵ C.f. SANDRONI, Carlos op.cit. Segundo o autor, a palavra “quindim” além do doce, significa “requebros, graças típicas, peculiares e características de uma menina ou moça.”. O autor cita várias canções associando moquecas de sinhás, mugunzás, canjiquinhas quentes, vatapás etc. aos assuntos do sexo. p. 52.

social, seja na exaltação de fatos imaginários, porém inteligíveis no universo do autor e do ouvinte. (...) A transitividade se afirma na capacidade da canção negra” [a meu ver, mais do que “negra”, “popular”] “de celebrar os sentimentos vividos, as conivções, as emoções, os sofrimentos reais de amplos setores do povo, sem qualquer distancimento intelectualista. Nesse tipo de letra não há categorização nem análise.”¹²¹⁶

A associação entre corporalidade, sexualidade, comida e o discurso popular, como sabemos, foi largamente estudada por Mikhail Bahktin.¹²¹⁷

Concluo esta etapa ressaltando que tanto na vida popular e tradicional como na vida moderna e erudita, tanto as aproximações entre comida e sexo como as associações entre comida e vida social – pagodes e sambas ou festas, reuniões, restaurantes, comemorações, confraternizações etc. – são absolutamente possíveis e cotidianas, entretanto escasseiam no discurso “contemporâneo”. A meu ver, por uma razão bastante simples: o discurso moderno, analítico e crítico, tende a abordar as questões do ponto vista da teoria e da visão geral, mais ampla, sem dúvida, mas que tem dificuldade em abarcar o momento concreto, situado, parcial, efêmero, cotidiano, banal e vivido – nem por isso pouco complexo, afinal, trata-se do patamar das relações humanas – em que o tema comida se encaixa.

7.3 O tema da consciência social

Vimos já que, em tese, o pensamento marcado pela oralidade que tende à contextualização, o qual estou identificando ao *modelo de consciência* popular, busca enxergar os fatos e eventos a partir de situações concretas, situadas, vividas e, ao mesmo tempo lida mal ou evita as premissas generalizantes e abstratas. Isso faz com que os problemas “nacionais” sejam desimportantes ou tenham importância muito menor do que os problemas locais de interesse direto, pragmático e imediato. Faz também com que o dono da venda, o gerente do banco ou o chefe da polícia pareçam ser os grandes culpados e responsáveis, por exemplo, pela inflação, pela carestia ou pela injustiça.

¹²¹⁶ SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Mauad, 1998, p.45

¹²¹⁷ C.f. BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. 2ª de. Trad. Yara Frateschi. São Paulo-Brasília, Hucitec, 1993 e também *Questões de literatura e de estética*. 3ª ed. Trad. Aurora Bernardini e outros. São Paulo, Unesp, 1993.

É preciso reconhecer que, se não o são, fazem parte do processo e também podem ser. Vale lembrar a metáfora de Norbert Elias, distinguindo dois planos de visão: o do avião, com visão geral mas pouco detalhado, e o do chão, detalhado embora sem visão geral.

No caso de um problema de saúde quando, por exemplo, precisamos sofrer uma cirurgia, podemos eventualmente especular sobre o sistema de saúde brasileiro mas, sem dúvida, por uma questão de *senso comum*, cuidaremos de escolher um determinado médico competente, concreto e situado.

Apesar dessa tendência geral de contextualização ser de cara verificável nas letras de samba que invariavelmente costumam tratar de situações concretas e situadas, é possível encontrar, em muitos sambas, uma noção bastante clara da injustiça política e social. Note-se porém que quase sempre tratada do ponto de vista da problemática local e não no plano abstrato e simbólico da “nação”, do “país”, do “Brasil”.

Quero deixar clara a minha posição: não poucas vezes, o plano geral que se refere à “nação” ou ao “Brasil” elabora discursos e sínteses bastante teóricas, especulativas, genéricas e esquemáticas além de, obviamente, ideológicas, no sentido colocado por Berger e Luckmann. Se o “Brasil” existe nitidamente como Estado burocrático, político, jurídico e econômico, isso ocorre *in abstracto*. Falar em “Brasil” no plano concreto das culturas brasileiras e das vidas humanas pessoais, contextualizadas, com seus múltiplos interesses sempre plurifacetados e localizados, principalmente levando-se em conta um país tão pouco homogêneo em termos sociais, corresponde, a meu ver, a um problema bem mais complexo e, a rigor, não passível de síntese.

Selecionei alguns exemplos de sambas que revelam “consciência social”. Na obra de Paulinho da Viola, o tema aparece discretamente como em “Sinal fechado”, uma crítica à vida urbana e moderna, ou em “Pode guardar as penelas”, ambas citadas

Vejamos “Abrolhos da vida”, de Wilson Moreira e Ratinho. O texto aborda a dificuldade de ascensão social mesmo para quem estudou:

*Quem lutou para melhor
Pra bem melhor
Vê com tristeza nos olhos
O avesso do paletó*

*E no caminhar os abrolhos da vida
Folhas de urtiga
Em vez de margarida*

*Fico eu me perguntando se valeu a pena
Passar a mocidade estudando*

*Me formei
Mas não sei quem sou
Meu diploma na parede
Não valeu as honras de doutor*

*Queria ser bacharel a todo custo, tive sorte
Consegui me formar em advocacia
Só que eu desconhecia ser difícil tal mercado
Se eu soubesse não teria estudado tanto assim
E hoje pra não ser desocupado
Sou caixeiro em um botequim¹²¹⁸*

“Aos donos da nação”, de Pedro Butina, Regina Bezerra e Cosme Correia, aborda a injustiça social. “Com todo respeito, aos donos da minha nação” conclui a letra “sou obrigado a elogiar esse ladrão”:

*Eu vi um cruel da pesada chorando
Num lamento tristonho falando
Que assaltou um barraco na favela
E deu a vítima, todos seus pertences
Porque lá não tinha nem um pão pros filhos inocentes*

*Aí, eu cheguei a conclusão
Doeu demais a consciência do ladrão
Aí, eu cheguei a conclusão, a conclusão
Que o gatuno também tem seu lado bom*

*Ele em seu desespero, deu um bote errado
Assaltou um descamisado
Sem futuro e sem razão
Chorou diante daquela situação
De ver tanta criança, morrendo de inanição
Muito mais humano, do que esse político vilão
Que usa os favelados, somente pra ganhar eleição*

*Com todo respeito, aos donos da minha nação, sou obrigado a elogiar esse
ladrão¹²¹⁹*

Em “Candidato caô caô”, Walter Meninão e Pedro Botina, tratam da questão dos políticos demagogos que tentam enganar o povo:

Aí meu irmão, vocês não tomam vergonha,

¹²¹⁸ WILSON MOREIRA (*Okolofé*. Rio de Janeiro, Rob, s/d, gravado em 1989).

¹²¹⁹ BEZERRA DA SILVA (*Bezerra da Silva* Cd duplo, CD2, São Paulo, RCA, 2001).

*Ainda não aprenderam a votar!
Só pára na pose malandro!
(fala para o ouvinte)*

*Ele subiu o morro sem gravata
Dizendo que gostava da raça
Foi lá na vendinha, bebeu cachaça
Até bagulho fumou
Jantou no meu barracão
E lá usou
Lata de goiabada como prato
Eu logo percebi
é mais um candidato para a próxima eleição*

*É, ele fez questão
De beber água da chuva
Foi lá no terreiro pedir ajuda
E bateu cabeça no gongá
Mas ele não se deu bem
Porque o guia que estava incorporado
Disse esse político é safado
Cuidado na hora de votar
Também disse:
Meu irmão
Se liga no que vou lhe dizer
Hoje ele pede seu voto
Amanhã manda a policia lhe bater
Podes crer*

*Meu irmão
Se liga no que vou lhe dizer
Depois que ele for eleito
Dá aquela banana pra você¹²²⁰*

Já “Chico Brito”, de Wilson Batista, descreve um marginal e suas razões. “A culpa é da sociedade que o transformou”, conclui a letra:

*Lá vem o Chico Brito
Descendo o morro na mão do peçanha
É mais um processo
É mais uma façanha*

*Chico Brito fez do baralho o seu melhor esporte
É valente no morro
Dizem que fuma uma erva do Norte*

*Desde menino estive na escola
Era aplicado, tinha religião*

¹²²⁰ BEZERRA DA SILVA (*Violência gera violência*, Rio de Janeiro, BMG Ariola, 1988).

Quando jogava bola era escolhido para capitão

*Mas a vida tem os seus reveses
E sempre o Chico defendendo teses
Se o homem nasceu bom e bom não se conservou
A culpa é da sociedade que o transformou¹²²¹*

“Comunidade carente”, de Barbeirinho do Jacarezinho, Luiz Grande e Marcos Diniz, também aborda a questão do político safado. “Estamos com eles até a garganta, aguarde pra ver a nossa reação”, diz a letra:

*Eu moro numa comunidade carente
Lá ninguém liga pra gente
Nós vivemos muito mal
Mas este ano, nós estamos reunidos
Se algum candidato atrevido
For fazer promessa
Vai levar um pau
Vai levar um pau
Pra deixar de ser caô
E ser mais solidário
Nós somos carentes, não somos otários
Pra ouvir blá blá blá
Em cada eleição
Nós já preparamos vara de marmelo
E arame farpado
Cipó-camarão para dar no safado
Que for pedir voto na jurisdição
É que a galera já não tem mais saco
Pra aturar pilantra
Estamos com eles até a garganta
Aguarde pra ver a nossa reação¹²²²*

“Filho de mãe solteira”, de Sassarico e Bicalho, é outro bom exemplo do tema social.

*Deus, oh Meu Deus!
Não consigo entender
Porque é que na vida
Só tenho causas perdidas sem o direito de vencer*

*Filho de mãe solteira
Pobre cozinheira, não podia me manter
Para a Funabem eu fui levado
Como menor abandonado
Começou o meu sofrer*

¹²²¹ WILSON BATISTA (*Wilson Batista. Acervo Funarte da Música Brasileira*. Rio de Janeiro, Instituto Cultural Itaú, 1985).

¹²²² PAGODINHO, Zeca (*Acústico MTV*. Rio de Janeiro, Universal, 2003).

*Com cinco anos não tive mais carinho
O muro fechou o meu caminho
A razão não sei o porquê
Hoje, depois de homem formado
Continuo encarcerado
Isto assim não é viver¹²²³*

“Povo da colina”, de Valmir da Purificação, Tião Miranda e Roxinho, compara a gente do morro e a gente do asfalto:

*Que mal lhe fez
O meu povo humilde da colina
Que mora lá em cima
Vivendo uma vida de cão
Abandonado
Covardemente injustiçado
E você ainda diz
Que lá só mora ladrão*

*É que você
Mora no asfalto com mordomia
Marajás e com toda regalia
Que aquele dinheiro pode dar
Até a lei
Que foi feita para todos
Quando chega lá no morro
Ai a coisa fica feia
Dá um pau no favelado
E depois mete na cadeia*

*E é safado
E ladrão que usa colarinho branco
Rouba dinheiro do povo
E assalta banco
Isso não tens coragem de dizer
Mas na comunidade das favelas
Você mete o malho só da ira
Dessa elite famigerada
Que também tem espírito de traíra¹²²⁴*

O samba “Seu dono da gente”, de Wilson Moreira e Nei Lopes, pelo título já diz tudo

*Seu dono da gente
Aqui realmente
Não tá mole não
Tá faltando feijão, tá faltando esperança
As minhas crianças não têm segurança nem dentro de casa*

¹²²³ BEZERRA DA SILVA (*Violência gera violência*, Rio de Janeiro, BMG Ariola, 1988).

¹²²⁴ BEZERRA DA SILVA (*Violência gera violência*, Rio de Janeiro, BMG Ariola, 1988).

*Aqui só dá “treisoitão”, estão mandando brasa
Seu dono da gente o Brasil tá querendo
Mais humanidade, menos cartolagem
Mais honestidade e maior proteção ao que é nacional
O trem menos cheio, bem menos receio, trabalho decente
Remédio barato pra quem tá doente
(?), sapato e a caxanga ideal
Seu dono da gente um pouquinho disso já quebrava o galho
Não custava caro, nem dava trabalho
E deixava o país numa quase legal¹²²⁵*

Mais um bom exemplo é “Vida de operário”, de Romildo, Ney Alberto e Edson Show:

*Aí meu irmão
Quando cheguei da obra
Só tinha o lugar do barraco
A chuva levou tudo malandragem*

*Quando o destino me pisa
O barraco desliza, sou quase um defunto
E se escapo e não corro
Me expulsam do morro pra novo conjunto*

*Pego o trem da madrugada
Em cada parada não tem solução
Meu verdadeiro endereço é
Rua do Averso lá na condução*

*O operário brasileiro é mesmo agulha
Que costura e fica nua
Trabalha de janeiro a janeiro
Passa fome e mora na rua
Nem dá pra esquentar a cama
Atleta sem fama, sou bamba sem nome
Eu sou apenas mais um que não tenho nenhum
Meu salário é de fome
O trem me pega em Mesquita
Em cada marmitta a comida é só língua
Já não tenho pro café
Só provo filé quando mastigo a língua
Aí malandragem, já atracaram o rio Sarapuí?
Ou vão esperar chover de novo pra arrumar mais um trocado do lado de lá
Se liga malandro!
Aí, quando derrubar os barracos de novo a gente tira mais um trocado
Não troca nada!
O negócio é você sair do barraco, malandro!
Se ficar lá tu dança, malandro¹²²⁶*

¹²²⁵ JOÃO NOGUEIRA (*João Nogueira*, CD1, coleção Sem Limite, Universal Music, São Paulo, 2001).

¹²²⁶ BEZERRA DA SILVA (*Violência gera violência*, Rio de Janeiro, BMG Ariola, 1988).

O já citado “Opinião”, de Zé Kéti, é um ótimo exemplo do samba de caráter social:

*Podem me prender
Podem me bater
Podem até deixar-me sem comer
Que eu não mudo de opinião
Daqui do morro eu não saio não
Daqui do morro eu não saio não*

*Se não tem água
Eu furo um poço
Se não tem carne
Eu compro um osso
E ponho na sopa
E deixa andar, deixa andar, deixa andar*

*Falem de mim
Quem quiser falar
Aqui eu não pago aluguel
Se eu morrer amanhã, seu doutor
Estou pertinho do céu¹²²⁷*

O bom samba de Noel Rosa, “Onde está a honestidade”, toca no tema social:

*Você tem palacete reluzente
Tem jóias e criados à vontade
Sem ter nenhuma herança
Nem parente
Só anda de automóvel na cidade
E o povo já pergunta com maldade:
Onde está a honestidade?
Onde está a honestidade?*

*O seu dinheiro nasce de repente
E embora não se saiba se é verdade
Você acha nas ruas diariamente
Anéis, dinheiro e até felicidade
E o povo já pergunta com maldade:
Onde está a honestidade?
Onde está a honestidade?
Vassoura dos salões da sociedade*

*Que varre o que encontrar
Em sua frente
Promove festivais de caridade
Em nome de qualquer defunto ausente*

¹²²⁷ ZÉ KETI (*Os grandes sambas da história* 40 vol., São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1970, vol. 30)

*E o povo já pergunta com maldade:
Onde está a honestidade?
Onde está a honestidade?*¹²²⁸

“O pequeno burguês”, de Martinho da Vila, relata a dificuldade da chamada “ascensão social”:

*Felicidade, passei no vestibular
Mas a faculdade é particular
Particular, ela é particular
Particular, ela é particular
Livros tão caros tantas taxas pra pagar
Meu dinheiro muito raro,
Alguém teve que emprestar
O meu dinheiro, alguém teve que emprestar
O meu dinheiro, alguém teve que emprestar
Morei no subúrbio, andei de trem atrasado
Do trabalho ia pra aula, sem
Jantar e bem cansado
Mas lá em casa à meia-noite tinha
Sempre a me esperar
Um punhado de problemas e criança pra criar
Para criar, só criança pra criar
Para criar, só criança pra criar
Mas felizmente eu consegui me formar
Mas da minha formatura, não cheguei participar
Faltou dinheiro pra beca e também pro meu anel
Nem o diretor careca entregou o meu papel
O meu papel, meu canudo de papel
O meu papel, meu canudo de papel
E depois de muitos anos,
Só decepções, desenganos
Dizem que sou um burguês muito privilegiado
Mas burgueses são vocês
Eu não passo de um pobre-coitado
Mas quem quiser ser como eu,
Vai ter é que penar um bocado
Um bom bocado, vai penar um bom bocado*¹²²⁹

“Pai Véio 171”¹²³⁰, de Luiz Moreno e Geraldo Gomes, associa religiosidade e puro estelionato:

Quem tiver grana e quiser falar com Pai Véio, vem agora

¹²²⁸ BETH CARVALHO (*Os grandes sambas da história*, 40 vol, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1975, vol 10).

¹²²⁹ MARTINHO DA VILA. *Canta, canta minha gente*. São Paulo, BMG/RCA, 1989

¹²³⁰ 171: Item da Constituição: estelionatário, enganador do povo etc

*Se tiver duro não adianta, Pai Véio vai cantar pra subir
Quer falar com Pai Véio vem agora
Porque Pai Véio já quer ir simhora*

*E mai meu fio tu tá todo macumbado
As piranhas já estão te devorando
Não tenho um lugar nem pra dormir
E ainda meu fio mora andando
Escute o que o véio vai falar
E num paper vai escrevinhando*

*E me traga oito quilo de feijão
Dez galinhas bem gorda e bem pelada
Dez quilos de arroz e macarrão
E dez lata de doce de marmelada
Dez garrafa de vinho do bonzão
E a tua milonga te curada*

*E mai pega também um dia e meio
Que meu fio vai ganhar grande tesouro
Vai ser o maior fazendeiro
Vai vender muita vaca e muito touro
Se meu fio não tiver dinheiro vivo
Pode ser cheque verde ou cheque ouro*

*E mai meu fio tu vai na paz de Deus
Que agora meu fio tá seguro
Vai ganhar tudo que perdeu
Pai Véio vai te dar grande futuro
E volta com todo povo teu
Por favor não me traga ninguém duro¹²³¹*

Concluo com a letra da marchinha “Pedreiro Waldemar”, grande sucesso de Wilson Batista e Roberto Martins na década de 1940:

*Você conhece o pedreiro Waldemar?
Não conhece?
Mas eu vou lhe apresentar
De madrugada toma o trem da circular
Faz tanta casa e não tem casa pra morar*

*Leva marmita embrulhada no jornal
Se tem almoço nem sempre tem jantar
O Waldemar que é mestre no ofício
Constrói o edifício de depois não pode entrar...¹²³²*

¹²³¹ BEZERRA DA SILVA (Bezerra da Silva Cd duplo, CD1, São Paulo, RCA, 2001).

¹²³² MARTINS, Roberto (A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes. São Paulo, SESC, 1991).

O tema social tem sido visitado regularmente pelo samba e aparece com força impressionante nas letras de *rap* (*Rhythm and Poetry*), estilo importado mas já incorporado pela gente do povo. Entretanto, raramente é abordado de forma analítica e reflexiva tendo em vista obter uma síntese geral, especulativa e explicativa. Nas letras de samba, como parece ser praxe no discurso popular, os problemas sociais são tratados sempre de forma crua, concreta, situada, contextualizada e particularizada.

Apenas como comentário geral, na bossa nova, por exemplo, a crítica social foi muito pouco trabalhada (penso em algumas letras de Vinícius de Moraes ou de Paulo Sérgio Valle). Por outro lado, tanto nas obras ligadas ao CPC como nas do tropicalismo, embora com posturas e expectativas ideológicas muito distintas, a crítica, a análise e a reflexão social, quase sempre em tom assertivo e prescritivo, foram largamente exercidas.

No caso do tropicalismo, a questão social brasileira foi abordada de forma distanciada e ambígua. De certo modo, suas letras pretendem sugerir a existência de uma questão maior e mais complexa, que transcenderia as oposições maniqueístas pobres/ ricos, esquerda/ direita, explorados/ exploradores. Vêm com segurança, de forma totalizada, também algo bastante geral e multifacetado: o “Brasil”.

7.4 O tema da corporalidade

A associação entre comida e sexualidade remete, sem dúvida, para a valorização da corporalidade, da consciência do corpo, da visão do corpo como algo natural e inerente à vida, das relações humanas através do corpo, e não do discurso.

O assunto, profundamente estudado por Mikhail Bakhtin, é amplo e envolve questões culturais, filosóficas, éticas e religiosas que extrapolam os limites deste estudo.

Gostaria apenas de ressaltar que é possível falar em 1) discursos que tendem à teoria, à análise, à reflexão e à objetividade (à impessoalidade) e que buscam teorias, axiomas e explicações gerais ou universais e 2) discursos que tendem à empatia, à visão pragmática e interessada, à subjetividade (à pessoalidade) ao sincretismo e à síntese (contextualizada op. síntese descontextualizada) e que buscam noções e explicações locais, particulares e situacionais. O primeiro tende a remeter à abstração no sentido da descontextualização, e o segundo à concretude no sentido da contextualização.

Sendo isso verdade, é possível afirmar que o segundo pode ser muito mais associado ao corpo e à corporalidade do que o primeiro, afinal, o corpo é sempre algo temporal, concreto, efêmero, mutante, limitado e situado.

Se lembrarmos, por outro lado, que o discurso contextualizado tem como pressuposto a *performance*, ou seja, a apresentação face-a-face e a necessária sobreposição entre o *ato locucionário* (o que foi dito) e a *força ilocucionária* (o que se quis dizer), e que o discurso descontextualizado tem como pressuposto a leitura, ou seja, a recepção autônoma individualizada e a necessária cisão entre o *ato locucionário* e a *força ilocucionária* demandando, portanto, “interpretação”, a associação entre corporalidade e contextualização pode ficar mais nítida.

O certo é que as menções ao corpo ou imagens corporais, índices absolutos de concretude, da vida prática e cotidiana, de senso comum e de obrigatória contextualização, são recorrentes nas letras de samba e, num sentido amplo, podem ser consideradas verdadeiros temas populares.

Selecionei alguns exemplos. Cito apenas os trechos.

As referências à corporalidade são menos frequentes na obra de Paulinho da Viola, como compositor, mas surgem em alguns sambas interpretados por ele. É o caso de “Maria Sambamba” composto por Casquinha:

(...)
Maria Sambamba, todos conhecem
Quando entra no samba a gente padece
Com seu jeito de bambolear
Quando está a sambar
Já me disseram
Que o falso folião metido a bamba
Até um milhão gastaria
*Pra conquistar Sambamba*¹²³³

O tema surge em “Apito no samba”, de Luiz Bandeira e Luiz Antonio

Que bonito é um tamborim a batucar
Que bonito é um corpo de mulher sambar
Suas saias vão correndo pelo chão
Seus pés que dão
O ritmo que nasce, cresce, vibra
*Viva o apito no samba*¹²³⁴

¹²³³ PAULINHO DA VIOLA (*Paulinho da Viola*, EMI, Rio de Janeiro, 1996, gravado em 1968).

¹²³⁴ MARLENE (*Marlene, meu bem*. Paraná, Revivendo, s/d, gravado em 1958).

Passo agora para “Chegou a bonitona”, de Geraldo Pereira e José Batista. A valorização da corporalidade e da sexualidade é traço característico da obra e da vida deste grande sambista que é Geraldo Pereira.¹²³⁵

*Mas olha só pessoal que bonitona
Olha o pedaço que acabou de chegar
Agora sim, ô pessoal
Com a chegada dessa dona
O nosso samba tem de melhorar*

*Temos flauta, cavaquinho, violão
Temos pandeiro para fazer a marcação
Temos espaço no terreiro pra sambar
E uma noite linda de luar
Agora acaba de chegar a bonitona
Requebrando pra lá, se requebrando pra cá
Cadê o moço, cadê o dono dessa dona
Assim não dá, vou me atracar¹²³⁶*

Vejamos “Coisa louca”, de Martinho da Vila, que coloco na íntegra:

*Que coisa louca, que coisa louca
Que coisa louca, que coisa louca
Que lindos cabelos, que olhos bonitos, que queixo!
Mas o gostoso-gostoso eu sinto é na sua boca
Na sua boca, na sua boca
Na sua boca, na sua boca
Tão aconchegante o colo perfeito
E o umbigo bem feito
Mas o brilhante-brilhante eu vejo é lá na sua boca
Na sua boca, na sua boca mulher
Na sua boca mulher, na sua boca
Que cintura curva, que uva, que luva!
Que coxa!
Mas a beleza-beleza só está na sua boca
Mulher, mulher, mulher, ai, ai, ai, mulher*

*Os lindos joelhos
Equilibram o corpo
E os tornozelos
Adoram seus pés
Umas batatinhas gordinhas*

¹²³⁵ C.f. CAMPOS, Alice Duarte de Silva e outros. *Um certo Geraldo Pereira*. Rio de Janeiro, Funarte, 1983.

¹²³⁶ “Chegou a bonitona” de Geraldo Pereira e José Batista (BLECAUTE, *Os grandes sambas da história*, vol.13, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1977).

*Enfeitando as pernas
E as laranjinhas durinhas, nem fala
Nem fala... nem fala
Nem fala
Todinha atraente
Costinha bem quente
Que nuca! Que cuca!
Deixa a cabeça maluca
Deixa a cabeça maluca
Fecho os olhos e vejo a lua redonda
Brilhando
E também uma estrela cadente
Riscando o céu da sua boca
Que coisa louca, que coisa louca
Que coisa louca, a sua boca
A sua boca, mulher, a sua boca, mulher
A sua boca mulher
Igual não tem ou tem pouca
Eu sonhava nadar
Na saliva do mar de sua boca
Mas entendi que me basta
Um sorriso que vem
Que coisa louca!*

*Mulher, mulher, mulher, ai, ai, ai, mulher*¹²³⁷

“Falsa baiana”, clássico samba de Geraldo Pereria, é outro exemplo da valroização da corporalidade

*Baiana que entra na roda
Que fica parada
Não canta, não samba, não bole, nem nada
E não sabe deixar a mocidade louca*

*Baiana é aquela que entra no samba de qualquer maneira
Mexe, remexe, dá nó nas cadeiras
E deixa a moçada com água na boca*

*A falsa baiana quando cai no samba
Ninguém se incomoda, ninguém bate palma
Ninguém abre a roda, ninguém grita
Oba! Salve a Bahia, Senhor!*

*Mas a gente gosta
Quando uma baiana requebra direitinho
De cima embaixo*

¹²³⁷ MARTINHO DA VILA (*O pai da Alegria*, COLUMBIA, 1999).

*Revira os olhinhos
E diz
Eu sou filha de São Salvador¹²³⁸*

“Ginga, ginga moreno”, de João de Deus e Hélio do Nascimento, é outro exemplo:

*O brasileiro só dança uma conga
Ou uma rumba na falta dum samba
Um chorinho é gostoso dançar
Quando é bem gingado
O brasileiro quando cai no samba
Ginga, ginga e faz um desabafo
Faz um passinho dengoso
Deixando quem vê abafado*

*E eu que sempre dancei tudo
Tudo que aparecesse
Mas na vez de um samba, ai
Só se eu não percebesse
Quando toca um choro
E alguém estende a mão
Saio dançando contente e feliz
Gingando pelo chão¹²³⁹*

De Nei Lopes temos, por exemplo, “Lalá morena”:

*Lelelê, Lalá Morena
Lelelê, Lalá Morena*

*Morena da bata rendada
Da pele dourada
Da cor do abará*

*Ai, moreninha
Se eu fosse solteiro
Juntava dinheiro
Pra gente casar!*

*Morena toda espevitada
Mais apimentada
Que acarajé*

*Ai, moreninha,
Seu eu sou da Bahia
Um dia tu ias*

¹²³⁸ “Falsa baiana” de Geraldo Pereira (GERALDO PEREIRA. *Bebel Gilberto e Pedrinho Rodrigues*. Acervo Funarte da Música Brasileira. Rio de Janeiro, Instituto Cultural Itaú, 1983).

¹²³⁹ MARLENE (*Marlene, meu bem*. Paraná, Revivendo, s/d, gravado em 1946).

*Ser minha mulher*¹²⁴⁰

“Luxo só” foi composta por dois dos maiores compositores populares brasileiros: Ary Barroso e Luis Peixoto. De Ary poderiam ser citado vários sambas em que a corporalidade está presente

*Olha esta mulata quando dança
É luxo só
Quando seu corpo todo se embalança
É luxo só
Tem um não sei quê que traz a confusão
O que ela não tem, meu Deus, é compaixão
Êta mulata bamba!
Porém
Seu coração quando se agita e palpita
Mais ligeiro
Nunca vi compasso tão brasileiro
Eta samba, cai pra cá, cai pra lá, cai pra cá, cai pra lá
Eta samba, cai pra cá, cai pra lá, cai pra cá, cai pra lá
Mexe com as cadeiras, mulata
E no requebrado me maltrata, ai, ai
Eta mulata bamba!*¹²⁴¹

Mais um samba sobre o tema é “Mexe mulher”, de Geraldo Pereira e Arnaldo Passos

*Mexe, pelo amor de Deus, mulher
Pro samba não esfriar
Mostra o que tem nas cadeiras
Faz essa raça endoidar
Quando você não puder mais mexer
Quando você não puder mais sambar
Pode cair nos meus braços, mulher
Que eu deixo você descansar
Mexe mulher*¹²⁴²

Outro exemplo é “Mineira”, de João Nogueira e Paulo César Pinheiro:

*(...)
Samba que samba
No bole que bole, ó morena
Do balaio mole
Se embala nos sons dos tantans*

¹²⁴⁰ NEI LOPES (*Celebração: Nei Lopes – 60 anos*, CD 2 *Canto Banto*, Carioca Discos, Rob Digital, Rio de Janeiro, 2003).

¹²⁴¹ JORGE GOULART (*Os grandes sambas da história*, vol.12, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1960).

¹²⁴² JORGE GOULART (*Os grandes sambas da história*, vol.19, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1951).

*Quebra no balacoxi do cavaco
E rebola no balacobaco
Se embola nos balangandãs
Mexe no meio, que eu sambo do lado
Vem naquele bamboleado,
Que eu também sou bambambam¹²⁴³*

“Mulata assanhada”, de Aaulfo Alves é um samba clássico:

*Ô, mulata assanhada
Que passa com graça
Fazendo pirraça
Fingindo inocente
Tirando o sossego da gente
Ai, mulata se eu pudesse
E se o meu dinheiro desse
Eu te dava sem pensar
Esta terra, este céu, este mar
E ela finge que não sabe
Que tem feitiço no olhar¹²⁴⁴*

Outro samba é “Nasci para bailar”, Joel Almeida e Fernando Lobo

*Nasci para bailar
Pra que negar?
O meu corpo quer requebrar
Pra lá e pra cá*

*Quando sambo a noite inteira
Ao invés de me cansar
O meu corpo pede samba
E sai louco pra bailar¹²⁴⁵
(...)*

“Apito no samba”, de Luiz Bandeira e Luiz Antonio fala do corpo que dança:

*(...)
Que bonito é um tamborim a batucar
Que bonito é um corpo de mulher sambar
Suas saias vão correndo pelo chão
Seus pés que dão
O ritmo que nasce, cresce, vibra
Viva o apito no samba¹²⁴⁶*

¹²⁴³ JOÃO NOGUEIRA (*João Nogueira*, CD 2, coleção Sem Limite, Universal Music, São Paulo, 2001).

¹²⁴⁴ ELIZETH CARDOSO, JACOB DO BANDOLIM E CONJUNTO ÉPOCA DE OURO (*Os grandes sambas da história*, vol.2, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1968).

¹²⁴⁵ MARLENE (*Marlene, meu bem*. Paraná, Revivendo, s/d, gravado em 1948).

¹²⁴⁶ “Apito no samba” de Luiz Bandeira e Luiz Antonio (MARLENE. *Marlene, meu bem*. Paraná, Revivendo, s/d, gravado em 1958).

“A vizinha do lado” de Dorival Caymmi é mais uma obra maravilhosa do grande artista baiano:

*A vizinha quando passa
Com seu vestido grená
Todo mundo diz que é boa
Mas como a vizinha não há
Ela mexe com as cadeiras
Pra cá
Ela mexe com as cadeiras
Pra lá
Ela mexe com o juízo
Do homem que vai trabalhar*

*Há um bocado de gente
Na mesma situação
Todo mundo gosta dela
Na mesma doce ilusão*

*A vizinha quando passa
Que não liga pra ninguém
Todo mundo fica louco
E o seu vinho também¹²⁴⁷*

“Casa um da vila”. de Monsueto e Flora Matos, fala de corpo e tentação. Monsueto, a meu ver, é um dos sambistas mais originais do samba:

*Aluguei a casa um da vila
Meu amigo mora em frente
E a mulher desse amigo
Anda arranjando tempo quente*

*Senta a me provocar
Olha a me conquistar
Sorri a me convidar
Até um cego pode notar*

*Eu sinto sede
Eu sinto fome
Mas, mulher de amigo meu
Pra mim é homem¹²⁴⁸*

“Da cor do pecado”, de Bororó, é um clássico samba-choro cheio de corporalidade

Este corpo moderno

¹²⁴⁷ CAYMMI, Dorival (*Eu não tenho onde morar*. Coleção 2 em 1, Rio de Janeiro, EMI, 789014-2, 1993, gravado em 1961).

¹²⁴⁸ MARTINHO DA VILA (*Origens*, BMG/RCA, São Paulo, 1999, gravado em 1973).

*Cheiroso e gostoso que você tem
É um corpo delgado
Da cor do pecado que faz tão bem*

*Este beijo molhado
Escandalizado
Que você me deu
Tem sabor diferente
Que a boca da gente
Jamais esqueceu*

*Quando você me responde
Umás coisas sem graça
A vergonha se esconde
Porque se revela a maldade da raça
Este cheiro de mato
Tem cheiro de fato
Saudade e tristeza
Esta simples beleza
Teu corpo moreno
Morena, enlouquece
Eu não sei bem por quê
Só sinto na vida
O que vem de você¹²⁴⁹*

“Lá vem a baiana”, de Dorival Caymmi é mais um clássico do samba

*Lá vem a baiana
De saia rodada
Sandália bordada
Vem me convidar para sambar
Mas eu não vou*

*Lá vem a baiana
Coberta de contas
Pisando nas pontas
Achando que eu sou seu ioiô
Mas eu não vou*

*Lá vem a baiana
Mostrando os seus encantos
Falando de santos
Dizendo que é filha do Senhor do Bonfim
Pra cima de mim*

*Pode jogar seu quebranto
Que eu não vou
Pode invocar seu santo*

¹²⁴⁹ Sílvio Caldas (*Os grandes sambas da história*, vol. 2, São Paulo, BMG Brasil, 1997).

*Que eu não vou
Pode esperar sentada, baiana
Que eu não vou
Pode esperar sentada, baiana
Que eu não vou*

*Não vou porque não posso
Resistir à tentação
Se ela sambar, eu vou sofrer
Esse diabo sambando
É mais mulher
E se eu deixar
Ela faz o que bem quer
Não vou, não vou,
Não vou nem amarrado
Porque eu sei
Se ela sambar
Tanrantantan tanrantantan...¹²⁵⁰*

Concluo com “Posso até me apaixonar”, de Dudu Nobre:

*Gosto que me enrosco
Dum rabo de saia
Quero carinho, quero cafuné
Esse teu decote me tira o sossego
Vem me dar um chamego, se você quiser
O seu remelexo é um caso sério
Esconde um mistério que eu vou desvendar
Mas você, piteuzinho
Faz logo um charminho pra me maltratar
Não faz assim
Que eu posso até me apaixonar
Faz assim
Que eu posso até me apaixonar
(...)
Pedaço de mau caminho
Esse seu umbiguinho
Me deixa em desalinho
Juro que não ligo
Já é do metiê
Por uma saia de crochê
Ou um belo bustiê
Só pra acabar comigo
Senhor como é que pode
Essa nega no pagode, chega pra abalar
O corpo queimado de praia
Blusa tomara-que-caia*

¹²⁵⁰ DORIVAL CAYMMI (*Os grandes sambas da história*, vol. 35, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1947).

*Noite inteira na gandaia
Ela só quer sambar
Não faz assim¹²⁵¹*

A valorização do corpo, o contato humano através do corpo, a sensualidade, a atração física, os elos entre comida e corpo, a associação clara entre corpo e sexualidade, a menção de partes do corpo e de movimentos corporais são recorrentes nas letras de samba. Quando surgem nas letras da moderna música brasileira – no tropicalismo, por exemplo, há poucos casos – despontam como referências que remetem à visão de mundo popular.

A menção do corpo visto como *topos*, lugar pleno de existência, espaço relacional e dialógico da dança, do prazer, do afeto, da sexualidade, do compartilhamento, da comemoração da vida e da alegria de viver, tende a ser menos presente no discurso moderno, individualista, crítico, analítico, relativista (reflexivo), distanciado e descontextualizador que fala “sobre” e, muitas vezes, tende a normatizar, explicar ou prescrever.

Por outro lado, o tema é recorrente em obras que valorizam o plano da *pessoa*.

O “aqui agora” é freqüentemente citado no discurso moderno – vimos isso por exemplo em “Aqui agora” de Gilberto Gil –, mas surge como noção filosófica, abstrata, universalizante, hipotética, prescritiva e intransitiva. Curiosamente fala-se “sobre”, ou seja, com distanciamento a respeito do “aqui agora”, um evidente contra-senso.

O discurso do samba é construído “no” ou “a partir” da situação presente, face-a-face, concreta, vivida, temporal, única e eminentemente corporal.

7.5 O tema “nós”

Vimos, ao tratar da moral ingênua, a questão da primazia dos interesses do grupo em detrimento dos interesses individuais. A valorização dos interesses coletivos e, mais que isso, o pressuposto de uma profunda identificação interpessoal, o pressuposto da *familiaridade*, a existência de um grande “nós” que parte da premissa de que todas as pessoas são, no fundo, semelhantes, têm os mesmo sentimentos, desejos, interesses, sonhos, medos e concepções caracterizam o *modelo de consciência* popular.

Em suas pesquisas em Cafundó, um quilombo contemporâneo, no interior paulista, com dialeto próprio a “cupópia” ou “falange” – coisas, note-se, que denotam a complexidade

¹²⁵¹ ZECA PAGODINHO, *Acústico MTV Zeca Pagodinho*, Universal Music, 2003.

cultural brasileira – Peter Fry e Carlos Vogt encontraram, vivendo entre os negros, um italiano, casado com uma habitante do lugar, totalmente adaptado, refiro-me aos costumes, religiosidade e idioma, e tratado na comunidade como um igual, ou seja, um negro. Trata-se, a meu ver, da grande capacidade popular de adaptação, síntese e não-diferenciação (tornar homogêneo o heterogêneo)¹²⁵². Ao contrário, a sociedade erudita e moderna costuma falar em “inclusão” mas, como disse Louis Dumont, “professa o universalismo mas curiosamente se coloca como opção única.”¹²⁵³

Num sentido amplo, o “nós” pode ser considerado um verdadeiro tema do samba, um assunto dominante, um lugar para o qual os sambistas sempre remetem ou retornam.

São infindáveis as referências ao “nós” nas letras de samba. Para ilustrá-las selecionei alguns exemplos. Começo com um trecho do já visto “Coração da gente” de Paulinho da Viola:

*Cadê aquela cuíca
Que gemia devagar
Cadê aquele pandeiro
Machucando, batucando sem atravessar
Quando a rapaziada se juntava pra fazer
Um samba diferente
O pagode não parava
Enchendo de alegria o coração da gente*¹²⁵⁴

Passo para um trecho do já visto “Acende o candieiro”, de Adoniran Barbosa:

*Acende o candieiro, ó nega!
Alumeia o terreiro, ó nega!
Vai avisar o pessoal, vai
Que hoje vai ter ensaio geral*¹²⁵⁵

Vejam “A nova aurora raiou”, de Cristovão de Alencar e Paulo Pinheiro:

*Não existe mais a praça Onze
Toda a cidade entristeceu
A voz do cantor lá do morro morreu
Até o tamborim gemeu a chorar
Agora vida nova vamos começar*

¹²⁵² “A morte e a morte em Cafundó” Carlos Vogt e Peter Fry in MARTINS, José de Souza Org. *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo, Hucitec, 1983.

¹²⁵³ C.f. DUMONT, op. cit. p. 207

¹²⁵⁴ PAULINHO DA VIOLA (*Paulinho da Viola*, Série Dois Momentos. Clássicos do samba, WEA, São Paulo, 2000, gravado em 1981).

¹²⁵⁵ ADONIRAN BARBOSA (*Adoniran Barbosa*, Série Reviva, São Paulo, Som Livre, 2002).

*A praça acabou, mas o samba precisa continuar
Alerta tamborim de todas escolas
Pastoras, eu quero ouvir de novo o seu canto
A alegria voltou
A nova aurora raiou
Vamos o samba cantar
Para a saudade nos deixar sossegar¹²⁵⁶*

Outro exemplo é “Bom ambiente”, de Jairo Barbosa e Luiz Carlos do Cavaco:

*É lindo e gostoso o pagode que estamos curtindo
Com a rapaziada chegando sorrindo
Muito à vontade ao fundo de quintal
Venha
Traga a sua alegria pra junto da gente
Faça desse recinto um bom ambiente
O lugar mais tranquilo pra quem quer amar¹²⁵⁷*

“Chegou a Bonitona”, de Geraldo Pereira e José Batista:

*Mas olha só pessoal que bonita
Olha o pedaço que acabou de chegar
Agora sim o pessoal
Com a chegada dessa dona
O nosso samba tem que melhorar¹²⁵⁸*

“Livre, boca rica”, de Arnaldo Passos e Geraldo Pereira, é mais um exemplo. Note-se o “pessoal”, portanto o “nós” e, ao mesmo tempo, o “puxar a brasa para a sua sardinha”, portanto o “eu”. A sobreposição entre o eu e o nós é traço típico da *moral ingênua*.

*Pessoal, vamos beber
Pra dona da casa não se aborrecer
Vamos agradar a Dona Chica
Pra gente não perder essa boca rica
Pessoal...
Comida a noite inteira
Bebida a toda hora
Mulheres de baiana com barriguinhas de fora
O samba só acaba
Depois que rompe a aurora
A gente tem dinheiro e condução pra ir embora¹²⁵⁹*

¹²⁵⁶ ATAULFO ALVES (*Ataulfo Alves*. Music Brasil Limitada, s/d, gravado em 1970).

¹²⁵⁷ ARLINDO CRUZ (*Pagode do Arlindo. Ao vivo*. WEA Music, 2003).

¹²⁵⁸ GERALDO PEREIRA (*Geraldo Pereira*. Bebel Gilberto e Pedrinho Rodrigues. Acervo Funarte da Música Brasileira. Rio de Janeiro, Instituto Cultural Itáú, 1983).

¹²⁵⁹ Idem *Ibidem*

Vejamos “Oba”, de Oswaldo Nunes:

*Olha a rapaziada, oba
Vem dizendo no pé, oba
As cabrochas gingando, oba
E como tem mulher, oba
Vejam todos os presentes, oba
Olha a empolgação, oba
Esse é o bafo da onça
Que eu trago gravado
No meu coração¹²⁶⁰*

Outro exemplo é “Olha aí”, de Mical e Miúdo:

*Olha aí,
Toda minha gente reunida
Parece que está bem definida
E que atingiram o seu ideal
Olha aí,
Veja a euforia como é grande
Note como o pessoal se expande
Num gesto tão humilde e leal
Cante com vontade, minha gente
Porque hoje já é Carnaval¹²⁶¹*

Note-se “o pessoal” no clássico “Rosa Morena”, de Dorival Caymmi:

*Rosa Morena
O samba tá esperando
Esperando pra te ver
Deixa de parte essa coisa de dengosa
Anda, rosa
Vem me ver
Deixa de lado essa pose
Vem pro samba
Vem sambar
Que o pessoal tá cansado de esperar
Ô Rosa,
Que o pessoal tá cansado de esperar¹²⁶²*

“Coisa de partideiro”, de Alcyrr Marques e Sereno, é um samba impregnado pela noção de “nós”:

*É bom cantar numa roda de samba
Onde só gente bamba pode versar
Vem sambar sinhô*

¹²⁶⁰ BETH CARVALHO (*Pérolas do pagode*, Globo Polydor, São Paulo, 1998).

¹²⁶¹ WALTER ALFAIATE (*Pirajá. Esquina Carioca*, Dabliú, São Paulo, 1999).

¹²⁶² ANJOS DO INFERNO (*Os grandes sambas da história*, vol.11, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1942).

*Vem sambar sinhá
Até o dia clarear*

*E quando o samba incendeia
Eu lembro Candeia que ensinou
Que o partido-alto é pra ser cantando em versos de amor
Quem não trás no fundo do peito
Guardado com jeito uma grande paixão
Na hora do samba versado
Que fique de lado e aprenda a lição
Pois é bom cantar...*

*Pra quem não viu o samba com garra
Dona Ivone Lara vive pra contar
Que no Império, lá em Madureira
Silas de Oliveira cansou de mostrar
No enredo, samba de terreiro
Com mestre Fuleiro foi sempre emoção
Na hora do samba versado
Quem ficou de lado aprendeu a lição
Pois é bom cantar...*

*Pra quem se diz partideiro
Mas que na verdade só canta o refrão
Na hora do samba versado
Que fique de lado e aprenda a lição*

*Pra quem dança partido direto
Mestre Aniceto é um campeão
Na hora do samba de versado
Quem ficou de lado aprendeu a lição*

*Quando eu lembro velha Clementina
Tudo se ilumina, vem a inspiração
Na hora do samba versado
Que fique de lado e aprenda a lição*

*Seguindo o mesmo caminho
Zeca Pagodinho é nova geração
Na hora do samba versado
Quem ficou de lado e aprendeu a lição*

*Quem invadiu o Santa Marineira
Numa quarta-feira não marcou na mão
Na hora do samba versado
Que fique de lado e aprenda a lição*

*É pra quem nunca ouviu Pandeirinho
O velho Nelsinho e o Geraldo babão
Na hora do samba versado
Que fique de lado e aprenda a lição*

*É bom cantar!*¹²⁶³

“Convite para o samba”, de Walfrido Filho, é outro bom exemplo:

*Vem ouvir
A nossa melodia
A nossa batucada
Que tem toda cadência,
Não vês que vai
Rompendo a madrugada
Nós ficamos tristes
Com a tua ausência
Certa linda brasileira
Mostra que no mundo
Não há outra mais faceira
Meu pandeiro te convida
Para o samba
Vem cantar comigo
Ó pequena bamba!
Mostra o teu sapateado
Que traz alegria
Porque é bem enfezado
O teu nome
É querido de verdade
Vem cantar comigo
Pra matar saudade*¹²⁶⁴

Concluo com “Hoje”, de Magno de Souza e Maurílio de Oliveira, que fala o tempo todo de “nós”:

*Hoje vamos cantar e beber
E vamos todos ferver
No calor da alegria
Eu, juro nem quero falar
Quero me deliciar
No primor das melodias
Hoje temos a compreensão
Que toda a sofreguidão
Foi pivô das poesias
Se houver tristeza não será em vão
Pois a beleza da inspiração
Se faz num tempo de recomeçar
O meu Santo Amaro, nosso guardião
E São Mateus nos dão proteção
E a resistência pra continuar*

¹²⁶³ GRUPO FUNDO DE QUINTAL (*Grupo Fundo de Quintal. Ao vivo. Coleção Bambas do Samba, São Paulo, Som Livre, 2000*).

¹²⁶⁴ CASTRO BARBOSA (*Os grandes sambas da história, vol.13, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1933*).

*Em uma só sintonia
Sem o medo de viver
Mas se meu pranto roalr
É por tudo que faz esse povo sonhar*¹²⁶⁵

O pressuposto de um “nós” situado, contextualizado e natural, que tem como substrato a noção de *familiaridade* entre as pessoas e é inerente à vida, ou seja, a meu ver, o *discurso-nós*, tende a desaparecer no discurso da chamada moderna música popular sendo substituído pelo *discurso-eu* mais exclusivista e que tem como substrato a diferença entre indivíduos.

Usando uma metáfora popular, trata-se de optar por enxergar o copo pelo lado cheio ou pelo lado vazio.

7.6. O tema enciclopédico

Vimos, ao estudar a oralidade, que Eric Havelock descreveu a cultura oral grega como *uma cultura que impregnava o artista de uma visão coletiva*, e que tornava o cantor, o bardo, o vate, o rapsodo, o aedo, um representante da voz de todos, uma espécie de guardião e transmissor da cultura. Na verdade, uma das teses de Havelock é que a poesia homérica tradicional, construída oralmente através da memória, foi “concebida e destinada para ser uma espécie de enciclopédia social.”¹²⁶⁶

Em outras palavras, sem ter acesso a mecanismos de fixação como a escrita, o poeta da cultura oral teria como função divertir, emocionar e abordar os temas relativos ao *senso comum*, ao *ethos* e às perplexidades coletivas mas também, além disso, e essencialmente, manter vivo um conjunto de informações, conceitos, costumes, valores e crenças culturais.

É possível dizer, portanto, que um dos substratos do discurso oral é seu “caráter enciclopédico”.

Tal traço foi antecipado quando o *senso comum* foi abordado.

O caráter enciclopédico, a função de depósito informativo, surge claramente em muitas letras de samba.

Nas letras de Paulinho da Viola ele surge de maneira fragmentada, através do vocabulário popular, fórmulas e ditados. Em outros sambas, porém, o referido caráter fica evidenciado.

¹²⁶⁵ QUINTETO EM BRANCO E PRETO (*Sentimento popular*, CPC, Umes, 2003).

¹²⁶⁶ HAVELOCK, op. cit, p.47

Note-se o samba “A gíria é cultura do povo”, de Elias Alves e Junior:

*Toda hora tem gíria no asfalto e no morro
Porque ela é a cultura do povo*

*Pisou na bola conversa fiada malandragem
Mala sem alça é o rodo, tá de sacanagem
Tá trincado é aquilo, se toca vacilão
Tá de bom tamanho, otário fanfarrão*

*Tremeu na base coisa ruim não é mole não
Tá boiando de marola, é o terror alemão
Resposta catuca é o bonde, é cerol
Tô na bola corujão vão fechar seu paletó*

Toda hora tem gíria...

*Se liga no papo, maluco, é o terror
Bota fé compadre, tá limpo, demorou
Sai voando, sente firmeza, tá tranqüilo
Parei contigo, contexto, baranga, é aquilo*

*Tá ligado na fita, tá sarado
Deu bode, deu mole qualé, vacilou
Tô na área, tá de bob, tá bolado
Babou a parada, mulher de tromba, sujou*

Toda hora tem gíria...

*Sangue bom tem conceito, malandro
E o cara aí
Vê se me erra boiola, boca de siri
Pagou mico, fala sério, to te filmando
É ruim hem! O bicho tá pegando*

*Não tem caô, papo reto, tá pegado
Tá no rango mané, tá aloprado
Caloteiro, carne de pescoço, “vagabau”
Tô legal de você sete-um, GBO, cara-de-pau¹²⁶⁷*

E os ditados e frases feitas em “As árvores morrem de pé”, samba de Ataulfo Alves:

*Sua vontade
É me ver caído no chão
Mas não caio não
Porque tenho meu guia de fé
Sou uma árvore
Morro, mas morro em pé
Sou uma árvore*

¹²⁶⁷ BEZERRA DA SILVA (A gíria é cultura do povo, Atração Fonográfica, São Paulo, 2002).

Morro, mas morro em pé

*Pra seu governo
Ouve-me bem Januário
Você não pode ensinar
O padre-nosso ao vigário
Bom remador
Rema em qualquer maré
Sou uma árvore
Morro, mas morro em pé
Sou uma árvore
Morro, mas morro em pé¹²⁶⁸*

Ou “Bate barriga”, de Antonio Carlos e Jocaí:

*Ô Inácio, ô Inácio, mulher sabida não come
Ô Inácio, ô Inácio, farinha do mesmo dia
Ô Inácio, ô Inácio, mulher sabida não come
Ô Inácio, ô Inácio, farinha do mesmo dia*

*Eu fui num bate-barriga
Pras bandas da lagoinha
Era um samba de sopapo
De cachaça com farinha*

*Ô Inácio, ô Inácio, mulher sabida não come
Ô Inácio, ô Inácio, farinha do mesmo dia
Ô Inácio, ô Inácio, mulher sabida não come
Ô Inácio, ô Inácio, farinha do mesmo dia*

*Os pais da moça donzela
Não dormiam noite e dia
Moça que tinha segredo
Ia embora e não comia*

*Ô Inácio, ô Inácio, mulher sabida não come
Ô Inácio, ô Inácio, farinha do mesmo dia
Ô Inácio, ô Inácio, se ela come, ela morre
Ô Inácio e o filho não se cria
Ô Inácio, ô Inácio, mulher sabida não come
Ô Inácio, ô Inácio, farinha do mesmo dia*

*Ô Inácio, ô Inácio, mulher sabida não come
Ô Inácio, ô Inácio, farinha do mesmo dia
Ô Inácio, ô Inácio, se ela come, ela morre
Ô Inácio, mulher sabida não come
Ô Inácio, ô Inácio, farinha do mesmo dia*

¹²⁶⁸ ATaulfo Alves (*Saudade da Professorinha... Paraná, Revivendo, RVCD 133, s/d*).

*Ô Inácio, ô Inácio, e o filho não se cria
Ô Inácio, ô Inácio, se ela come, ela morre Inácio
Ô Inácio, se não fosse o homem a mulher não existia*

*Ô Inácio, ô Inácio, mulher sabida não come
Ô Inácio, ô Inácio, farinha do mesmo dia
Ô Inácio, ô Inácio, se ela come, ela morre Inácio
Ô Inácio, se não fosse o homem a mulher não
Ô Inácio, ô Inácio, farinha do mesmo dia
Ô Inácio, ô Inácio, e o bom filho não se cria
Ô Inácio, ô Inácio, se ela come, ela morre Inácio
Ô Inácio, se não fosse o homem a mulher não¹²⁶⁹*

Ou o medicinal “Boteco do Arlindo”, de Maria do Zeca e Nei Lopes:

*Gripe cura com limão
Jurubeba é pra azia
Do jeito que a coisa vai
O Boteco do Arlindo vira drogaria*

*O médico tava com medo
Que o meu figueiredo não andasse bem
Então receitou jurubeba, alcachofra de quebra, carqueja também
Embora fosse homeopatia, a grana que eu tinha era só dois barão
Mas o Arlindo é pai d’égua
Foi passando a régua eu fiquei logo bom*

*Tem vinho pra conjuntivite, licor pra bronquite, cerveja pros rins
Traçados e rabos de galo pra todos os males e todos os fins
O Juca chegou lá no Arlindo se desmilinguindo, querendo apagar
Tomou batida de jambo, recebeu um rango e botou pra quebrar*

*Batida de erva-cidreira se der tremedeira ou palpitação
Pra quem tá doente do peito faz um grande efeito licor de agrião
E toda velhice se acaba se der catuaba prum velho tomar
Meu tio bebeu lá no Arlindo e saiu tinindo pra ir furunfar¹²⁷⁰*

Ou o antigo “Capinheiro”, de Sinhô, cheio de quadras populares:

*Capinheiro marvado
Não capina capim aí
Capinzá é de meu bem
Onde canta a juriti*

*Juvená! Juvená!
Arrebata essa faca Juvená*

¹²⁶⁹ ORIGINAIS DO SAMBA (Os grandes sambas da história, vol. 35, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1972).

¹²⁷⁰ JOÃO NOGUEIRA (O essencial de João Nogueira, Focus, BMG, Barueri, 1999).

*Torna a rebatê
Que isso não é má*

*Há duas coisa no mundo
Que me faiz admirá:
É a abeia fazê mé
E maré enchê vagá*

*Há duas coisa no mundo
Que me faiz admirá:
Trem de ferro andá em terra
Telegrama andá no ar¹²⁷¹*

Ou “Chegou a sua vez”, de Francisco Alves e Rubens Soares:

*Chegou a sua vez de sofrer, ê ê
Chegou a sua vez de penar, á á
Agora estou dando sorte
E você está dando azar
Quando a gente quer a sorte
Não sabe onde encontrar
O azar é diferente ele vem nos procurar
Você devia saber
O que todo mundo sabe
Não há bem que sempre dure
Não há mal que nunca se acabe
Há pouca gente no mundo
Que não conheça o azar
Mesmo a gente não querendo
Encontra sem procurar¹²⁷²*

Ou “Coberto de ouro”, de Waldemar Gomes e Afonso Teixeira:

*Não quero mais saber
De quem me faz sofrer
Nem que venha coberto de ouro
Não há prazer
Quem me fez, me fez
Outra não me faz
Enquanto eu viver
Não te quero mais*

*Gosto até de ouvir
Os teus lamentos
Teus sofrimentos*

¹²⁷¹ SINHÔ (*Alivia estes olhos*, vol. 2, Revivendo Músicas Comercio de Discos Ltda., Curitiba, s/d).

¹²⁷² FRANCISCO ALVES (*O rei da voz canta*, Revivendo Músicas Comercio de Discos Ltda., Curitiba, s/data).

*Ainda deviam ser mais
Pra que jurar
Eu digo e repito
Que não acredito
No teu juramento
Cesteiro que faz um cesto
Faz um cento¹²⁷³*

Ou “Devagar, devagarinho” de Eraldo Divagar:

*É devagar, é devagar
É devagar, é devagar
Devagarinho
Devagarinho
É que a gente chega lá
Se você não acredita
Você pode tropeçar
E tropeçando
O seu dedo se arrebenta
Com certeza não se agüenta
E vai xingar
É devagar, é devagar
É devagar, é devagar
Devagarinho
Eu conheci um cara
Que queria o mundo abarcar
Mas de repente
Deu com a cara no asfalto
Se virou, olhou pro alto
Com vontade de chorar
É devagar, é devagar
É devagar, é devagar
Devagarinho
Sempre me deram a fama
De ser muito devagar
E desse jeito
Vou driblando os espinhos
Vou seguindo o meu caminho
Sei aonde vou chegar¹²⁷⁴*

Ou “Essência de um grande amor”, de Dona Ivone Lara e Sombrinha

*Não, é ruim pra quem não vê
Que cantando se desperta um novo amanhecer
E cantando consegui afugentar a tristeza
Alegrar meu coração com poesia e beleza*

¹²⁷³ ARACY DE ALMEIDA (*Os grandes sambas da história*, vol.11, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1942).

¹²⁷⁴ MARTINHO DA VILA (*Martinho da Vila. Grandes Sucessos*. São Paulo, Columbia, s/d).

*Despetalando uma flor comecei logo a compor
Como musa inspiradora
Essência de um grande amor*

*Em terra de cego quem tem olho é rei
Bengala de cego é madeira de lei
Quem dá luz de cego é o amor que ele vê
Cantando desperta um novo amanhecer¹²⁷⁵*

Ou “É um quê que a gente tem”, de Ataulfo Alves e Torres Homem:

*É um quê que a gente tem
É um quê que a gente tem
E para ter lugar no samba
É preciso um certo jeito
É um quê que a gente tem
Ai, muita gente diz que é bamba
Mas quem é bom já nasce feito
É um quê que a gente tem*

*E o samba verde e amarelo
Já cantei pra todo mundo
E houve muito bate-fundo
Com meus balangandãs
Mas agora volto novamente
A cantar alegremente
Pra vocês amigos fã*

*E quem tem boca vai a Roma
Sentimento não comenta
Pretensão é água benta
Cada um toma a que quer
Ser do samba é um privilégio
E não se aprende no colégio
E nem é pra qualquer um¹²⁷⁶*

Ou “Formiga sabida”, do poucas vezes lembrado sambista gaúcho Rubens Santos:

*Vou avisar, seu Laranjeira
Vê se não dorme no ponto
Vê se não marca bobeira*

*Minhoca que é sabida, não transa no galinheiro
Em zona de raposa, pato dorme no poleiro
Em lagoa que tem sapo, mosquito não dá rasante
Formiga que é sabida não pede carona pro elefante¹²⁷⁷*

¹²⁷⁵ DONA IVONE LARA (*Nasci pra sonhar e cantar*. Rio de Janeiro, Natasha Records, 2001).

¹²⁷⁶ ATAULFO ALVES (*A você*. Vol. 2. Paraná, Revivendo, RVCD 112, s/d).

¹²⁷⁷ SANTOS Rubens (*Mistério* – Porto Alegre, Prefeitura de Porto Alegre, 1993).

Ou as quadras de “Iaiá, Ioiô”, de Josué de Barros:

*Ioiô, Iaiá
Me dá licença pra eu brinca no carnavá
Iaiá, ioiô
Vancês não vai
Mas deixa eu ir que eu vô
Nunca vi festa tão boa, iaiá, ioiô
Carnavá é memo o suco, iaiá, ioiô
São três dias de alegria, iaiá, ioiô
Que inté faz ficá maluco
Você diz que vai se embora, iaiá, ioiô
Não mimporta, não faz má, iaiá, ioiô
Eu só quero que tu vorte, iaiá, ioiô
Só despois do carnavá
Você diz que me despreza, iaiá, ioiô
Eu só tô quereno vê, iaiá, ioiô
Despois não pegue a chorá, iaiá, ioiô
Quando tu te arrendê
Quando nós dois se encontrou, iaiá, ioiô
Nóis peguemo a se gostá, iaiá, ioiô
Tu me disse umas coisinha, iaiá, ioiô
Que eu nem quero me alembra
Deixa eu entra no cordão, minha nega?
Entra meu nego, entra mas não encosta, hein!¹²⁷⁸*

Ou “Judia de mim”, de Wilson Moreira e Zeca Pagodinho:

*Judia de mim, judia
Se eu não sou merecedor desse amor
Se eu choro
Será que você não notou
É a você que eu adoro
Carrego esse meu sentimento sem ressentimento
É, a cana quando é boa
Se conhece pelo nó
Assobio entre os dentes
Uma cantiga dolente
Entre cacos e cavacos
Sobrei eu
Duro nos cascós
Bem curtido pelo cheiro dos sovacos
E quem dança qualquer dança
A bonança não sabe o que é
Desconhece a esperança
No falso amor leva fé
Quem de paz se alimenta*

¹²⁷⁸ CARMEM MIRANDA (Carmen Miranda. Paraná, Revivendo, s/d).

*Se contenta com migalhas
Não se aflige e corrige as próprias falhas*¹²⁷⁹

Ou “Linguajar do morro”, de Noca da Portela e José Cruz:

*Eu nasci no morro
E no morro me criei
Meu diploma de malandro
Lá na colina tirei
O linguajar do morro
Nele todo estou por dentro
Pra você bater papo no morro
É preciso estar atento
Carro se chama carango
Otário é fariseu
Relógio chama-se bobo
Fechou quer dizer que fulano morreu
Mulher é tratada de mina
Dedo duro é suja a boca
Cumprimento é cumé que é
E entendeu quer dizer, morô Zé?*¹²⁸⁰

Outro sobre linguagem, “Linguagem do morro”, de Padeirinho e Ferreira dos Santos:

*Tudo lá no morro é diferente
Daquela gente não se pode duvidar
Começando pelo samba quente
Que até o inocente sabe o que é sambar
Outro fato muito importante
E também interessante
É a linguagem de lá
Baile lá no morro é fandango
Nome de carro é carango
Discussão é bafafá
Briga de uns e outros dizem que é burburim
Velório no morro é burufim
Erro lá no morro chamam de vacilação
(Brucutu?) cachorro
E dinheiro é um cão
Papagaio é radio
Grifa é mulher
Nome de otário é Zé Mané*¹²⁸¹

¹²⁷⁹ ZECA PAGODINHO (*Zeca Pagodinho. 14 grandes sucessos*. São Paulo, Polygram, 1999).

¹²⁸⁰ MAURO DUARTE E NOCA DA PORTELA (*Mauro Duarte e Noca da Portela. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1974).

¹²⁸¹ JOÃO NOGUEIRA (*João Nogueira, CD 2, coleção Sem Limite*, Universal Music, São Paulo, 2001).

“Mastrução e catuaba”, é um malicioso e bem humorado samba de Cláudio Cartier e Aldir Blanc:

*Vejo a comadre bater no portão lá de casa
Pra contar que o meu cumpadre, nem começou já acaba
Esse cara precisa de um chá
De mastrução e catuaba
Disse que faz uns seis meses que o fuque-fuque anda ruço
Esse cara precisa de um chá
De catuaba e mastrução*

*O Miguel chegou da Espanha
Pra abrir um restaurante, boate e boteco
Era louco por vedete
Mas na hora “H” não armava o boneco
Suava perdia os sentidos
Y voltava a si sin saber donde estava
Tai mais um caso prochá
De mastrução e catuaba*

*Um moço tão delicado
Que longe de mim comentar que era paca
Voltou da lua-de-mel
Babando a gravata, esticado na maca
Disse que se constrangera
Que a noiva era mais cabeluda que urso
Esse nem com muito chá
De catuaba e castrução*

*Entrevistaram o cacique
Famoso guerreiro tatutacuntara
Índio que além de peitudo
Também possuía vergonha na cara
Tem bem mais de trinta filhos
É o tacape maior que se viu lá na taba
Graças a Tupã e ao chá
De mastrução e catuaba¹²⁸²*

Ou as quadras de “O vento que venta lá”, de Ataulfo Alves, sambista nascido em Minas Gerais, sabidamente marcado pela tradição rural e pela religiosidade popular:

*O vento que venta lá
É o vento que venta cá*

*Cada santo tem seu dia
Cada remo um remador
Sua cabeça, seu guia*

¹²⁸² WALTER ALFAIATE (*Samba na medida*, CPC-UMES, Rob Digital, Rio de Janeiro, 2002).

O mundo seu professor

*Você quer brigar comigo
Cresça primeiro e apareça
Quando eu tenho um inimigo
sei usar a cabeça*

*Menina, diga a seu pai
que eu dele não tenho medo
Vou comprar uma aliança
e vou botar no seu dedo¹²⁸³*

Outro exemplo é “Pimba na pitomba”, de Luiz Grande

*Eu vou dar uma sacudida
Vou nos mais velhos pra ver se consigo acertar minha vida
Que anda mais enrolada, que nem carretel
Se eu parar pra pensar, vou acabando pinel
Meu deus do céu se for mandinga vou mandar pra cima de quem me
mandou
Quem atura descarga, não sou eu é o transformador*

*Se eu der mole, o bicho me engole, eu não posso ficar
De pomba rolou eu vou bater um papo com o vovô*

*Somente assim eu vou sair dessa maré
Vovô é pimba na pitomba, não cansa e nem tomba eu tenho fé
Ele vai tirar de mim qualquer marola que alguém me jogou
Não adianta, pois ninguém suplanta reza de vovô¹²⁸⁴*

“Provérbios”, de Rolando Boldrin e Adoniran Barbosa, é uma amostra perfeita do caráter enciclopédico:

*Eu vou cantar um samba diferente
Meio caipirado
Qualquer semelhança da melodia com algum pagode
Principalmente do mestre Martinho da Vila
Não é mera coincidência não
É de propósito, mesmo
É que esse samba aí
É meu e do meu compadre Rubinato
Vulgo Adoniran Barbosa
A letra é dele
Chama-se Provérbios
Como só existia letra que tava no baú*

¹²⁸³ ATULFO ALVES (*Saudades da Professorinha*, Revivendo Músicas Comercio de Discos Ltda., Curitiba, s/data).

¹²⁸⁴ JOÃO NOGUEIRA (*O essencial de João Nogueira*, Focus, BMG, Barueri, 1999).

*Logo depois que Rubinato viajou
Fora combinado, falaram pra mim assim:
“oia, bota melodia e tasca no seu disco que vai ser um sucesso”
Então aí vai: Provérbios
A benção, compadre Adoniran Barbosa*

*Muita verdade se esconde
Entre o céu e a terra
Cão que ladra não morde
Bom cabrito não berra
Minha terra tem Corinthians
Onde canta o curió
Não tem nada mais gostoso
Que o pastel da minha avó*

*Pergunte ao velho Colombo
Que também usava franja
Se galinha velha é boa
Ou é melhor sua canja
Muito trabalho ele teve
Você sabe como é
Botar um ovo é fácil
Difícil é botar ele em pé*

*Tire o cavalo da chuva
Que depois o sol esquenta
Para curar o malfeito
Use chá e água benta
Mosca em boca fechada
E rato que rói a roupa
Sexta-feira, dia treze
Panela velha dá sopa*

*O gato escaldado
De água fria tem medo
Ensinar pulo do gato
Nem mais tarde e nem mais cedo
Teimoso como uma mula
É o canguru saltador
Aquilo que não tem cura
Só pode ser mal de amor*

*Não olhe os dentes do bicho
Se for cavalo dado
Falar mal, bater no peito
Isso também é pecado
Pão-de-ló não deve dar
Pra quem dentes não tiver
Não discuta futebol
Nem bata na sua mulher*

*Um macaco no seu galho
É preguiça o dia inteiro
Barata que é esperta
Não cruza um galinheiro
Periquito leva a fama
Papagaio come milho
Urubu não tem galocha
O trem só anda no trilho
A galinha do vizinho
Pois isso, afinal de contas
Bota ovo amarelinho
Linhas quebradas são pontas¹²⁸⁵*

“Sereia Guiomar” de Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho é outro bom exemplo, agora relatando uma lenda:

*A sereia Guiomar mora em alto mar
Ah, como é bonito, meu Deus, o canto desta sereia
O canto desta sereia fascina
O canto desta sereia, meu Deus, domina
Falam na beira do cais
Que Manoel, o pescador
Ouvindo um canto tão lindo
Por ela se apaixonou
Saiu correndo pro mar
Quando em noite de lua
Envolvido no seu manto flutua
A sereia Guiomar mora em alto mar
Ah, como é bonito, meu Deus, o canto desta sereia
Todo mistério do mar
Me causa grande emoção
Encantamento e beleza
Que ferem o meu coração
Estória de pescador
Gela o meu sangue nas veias
Quando ele conta a lenda da bela sereia
A sereia Guiomar mora em alto mar
Ah, como é bonito, meu Deus, o canto desta sereia¹²⁸⁶*

“Sincretismo religioso”, de Martinho da Vila, situa as divindades:

*Saravá, rapaziada! - Saravá!
Axé pra mulherada brasileira! - Axé!
Êta, povo brasileiro! Miscigenado,*

¹²⁸⁵ ROLANDO BOLDRIN (*Os grandes sambas da história*, vol. 30, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1989).

¹²⁸⁶ DONA IVONE LARA (*Nasci pra sonhar e cantar*. Rio de Janeiro, Natasha Records, 2001).

Ecumênico e religiosamente sincretizado
Ave, ó, ecumenismo! Ave!
Então vamos fazer uma saudação ecumênica
Vamos? Vamos!
Aleluia - aleluia!
Shalom - shalom!
Al Salam Alaikum! - Alaikum Al Salam!
Mucuiu nu Zambi - Mucuiu!
Ê, ô, todos os povos são filhos do senhor!
Deus está em todo lugar. Nas mãos que criam, nas bocas que cantam, nos
corpos que dançam, nas relações amorosas, no lazer sadio, no trabalho
honesto.
Onde está Deus? - Em todo lugar!
Olorum, Jeová, Oxalá, Alah, N'Zambi. . . Jesus!
E o Espírito Santo? É Deus!
Salve sincretismo religioso! - Salve!
Quem é Omulu, gente? - São Lázaro!
Iansã? - Santa Bárbara!
Ogum? - São Jorge!
Xangô? - São Jerônimo!
Oxossi? - São Sebastião!
Aioká, Inaê, Kianda - Iemanjá!
Viva a Nossa Senhora Aparecida! - Padroeira do Brasil!
Iemanjá, Iemanjá, Iemanjá, Iemanjá
São Cosme, Damião, Doum, Crispim, Crispiniano, Radiema. . .
É tudo Erê - Ibeijada
Salve as crianças! - Salve!
Axé pra todo mundo, axé
Muito axé, muito axé
Muito axé, pra todo mundo axé
Muito axé, muito axé
Muito axé, pra todo mundo axé
Energia, Saravá, Aleluia, Shalom,
Amandla, caninambo! - Banzai!
Na fé de Zambi - Na paz do senhor, Amém!¹²⁸⁷

Em “Tempo de Don Don”, Nei Lopes fala sobre o vocabulário do passado e a tradição:

Ai no tempo
No tempo que Don Don jogava no Andaraí
Nossa vida era mais simples de viver
Não tinha tanto misere
Nem tinha tanto tititi
Propaganda era reclame
Ambulância era dona assistência
Mancada era um baita vexame
E pornografia era só saliência

¹²⁸⁷ MARTINHO DA VILA (*Coisa de Deus*. São Paulo, Columbia, 1997).

*Sutiã chamava-se porta-seio
Revista pequena gibi*

*Rock se chamava fox
E tiete era moça fanática
O que hoje se diz que é xerox
Chamava-se então de cópia fotostática
Motorista era sempre chofer
Cachaça era parati*

*Vinte e dois era demente
Minha casa era meu bangalô
Patana era socorro urgente
Todo encanador era investigador
Malandro esticava o cabelo
Mulher fazia mis-en-plis*

*Tinha Perilo e Peraci
Teixeira de Campi e rua Bariri¹²⁸⁸*

“Tem validade”, de Wilson Moreira, aborda a medicina tradicional:

*Compre
Remédios em promoção
Veja bem
Olha eu garanto isso tudo
Sem tapeação*

*Pra quem quiser
Existir com longa duração
Tem validade
Olha eu garanto isso tudo
Sem tapeação*

*É só misturar na água
Cura nostalgia
E quem vive febril
Cura até melancolia
Espinhela caída
Só quem nunca viu*

*Quem tá de prisão de ventre
Só fica esperando
Um dia se soltar
Beba a tintura sagrada
E só fica livre*

¹²⁸⁸ NEI LOPES (*Nei Lopes*. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1999).

Da tal xaropada

*Tem remédio afrodisíaco
Bem eficaz
E tanto satisfaz
Bota qualquer um no prumo
Elimina chulé
Bom pra bicho de pé
Pra murrinha de sovaco
Quiquito até chato
Crici péla saco
Tira até pururuca de aranha
Limpa tudo e te deixa na manha
Cura rachado na boca
E daí pra frente
Tudo fica bem
Vai ser coisa louca
Amor também vem
Até beijo na boca
E pra quem já foi mordido
Pela muquirana
Eu tenho a salvação
É cura que não me engana
Um bom escalda-pé¹²⁸⁹
Sara tudo eu dou fé¹²⁸⁹*

“Velhas Companheiras”, de Monarco, lembra e reconta a amizade tradicional entre duas escolas de samba

*Quando o Paulo e o Rufino
Marcelinho e Gradim
Estreitando nossos laços
De amizade fraternal
Por isso que a Portela e a Mangueira
São as grandes pioneiras
Das escolas no carnaval
Em noitadas lindas já presenciei
Os sambistas com emoção
Como já dizia o bom Cartola
Ponto alto da escola
Sala de recepção
Tremulava, juntas nossas bandeiras
Velhas companheiras
Semeando a paz
Por isso que a Portela e Mangueira
Sempre foram as primeiras dos idos carnavais¹²⁹⁰*

¹²⁸⁹ WILSON MOREIRA (*Entidades II*. Rio de Janeiro, Rádio Mec, s/d).

¹²⁹⁰ MANGUEIRA E PORTELA (*Velhas Companheiras*. Rio de Janeiro, Nikita Music/Ouver Records, 1999).

O partido-alto “Velho ditado”, de Dudu Nobre e Luizinho, é outro óbvio exemplo do caráter enciclopédico no samba:

*Eu sou mais meu chinelo de dedo
Do que cromo alemão apertado
Sou daqueles, melhor só do que mal acompanhado
Vou rolando no mundo igual bola
Só porque a gente não nasceu quadrado
Eu fico com um olho no peixe fritando
E fico com outro no gato de lado*

*Olho grande não entra na China
Quem anda com porco só farelo come
Mulher com mulher sempre dá jacaré
E homem com homem vai dar lobisomem
Em terra de cego, caolho é rei
Um dia é da caça, outro do caçador*

*Faça o que eu digo
Não faça o que eu faço
Aluno não sabe mais que professor
Quem canta seus males espanta
Vou seguindo em frente
Pois atrás vem gente
Pimenta no olho do outro é fresco
E cavalo dado não se olha os dentes*

*Relógio que atrasa pra nada adianta
Quem semeia vento colhe tempestade
Deitou com cachorro com pulga levanta
Quem hoje é velhinho já foi mocidade
Laranja madura quer tomar varada
Não quer ser mamãe pra ficar pra titia
Trombada de porco não mata mosquito
Pra mim cada louco com sua mania
Devagar se vai ao longe
Sei com quantos paus de faz uma canoa*

*Eu fico com um olho no peixe fritando
E fico com outro no gato de lado*

Amigos, amigos, negócios a parte

Não ponha a colher aonde não for chamado

Não perca o compasso, acerte seu passo

Aprenda um pouco com o velho ditado

Queda de velho não sobe poeira

*Jibóia não corre mas pega viado*¹²⁹¹

Assim como “Vou botar teu nome na macumba”, de Zeca Pagodinho e Dudu Nobre:

*Eu vou botar teu nome na macumba
Vou procurar uma feitiçeira
Fazer uma quizumba pra te derrubar
Oi, iaiá
Você me jogou um feitiço, quase que eu morri
Só eu sei o que eu sofri
Deus me perdoe, mas eu vou me vingar*

*Eu vou botar teu retrato num prato com pimenta
Quero ver se você güenta
A mandinga que eu vou te jogar
Raspa de chifre de bode
Pedaço de rabo de jumenta
Tu vais botar fogo pela venta
E comigo não vai mais brincar*

*Asa de morcego
Corcova de camelo pra te derrubar
Uma cabeça de burro
Pra quebrar o encanto do seu patuá
Olha, tu podes ser forte
Mas tens que ter sorte
Para te salvar
Toma cuidado, comadre
Com a mandinga que eu vou te jogar*¹²⁹²

“Banho de fé” de Sombrinha, Arlindo Cruz e Sereno é outro exemplo:

*Se você é de rodar ou se é de bater tambor
Faça um favor
Tome um banho de iabô
Tome um banho de iabô
Um banho,
Um banho de cachoeira, um banho de cachoeira
Vai levantar
Acaba qualquer canseira
Banho de mar
É bom pra descarregar*

*Mas por favor
Tome um banho de iabô
Mas por favor*

¹²⁹¹ ZECA PAGODINHO (*Deixa Clarear*. São Paulo, Polygram, 534078-2, 1996).

¹²⁹² ZECA PAGODINHO (*Zeca Pagodinho*. Coleção Millennium, São Paulo, Polygram, 1998, gravado em 1995).

*Tome um banho de iabô
Se você é de rodar ou se é de bater tambor
Faça um favor
Tome um banho de iabô
Tome um banho de iabô*

*Vovó Maria me ensinou
Eu aprendi a preparar
Um banho de rosas brancas
Pra clarear
Vovó Maria me ensinou
Que é muito bom, muito legal
Tomar um banho de ervas
Tomar um banho de sal
Uns tomam banho de lua
Uns tomam banho de sol
Uns tomam banho de chuva
Lá no quintal
Mas pra se ter certeza
Que um banho só traz axé
Seja banho de cheiro, banho de arruda
Banho de guiné*

*É, pois é
O mais importante é a fé
É, pois é
O mais importante é a fé¹²⁹³*

Notem-se os ditados de “Camarão que dorme a onda leva” de Beto sem braço, Zeca Pagodinho e Arlindo Cruz:

*Não pense que meu coração
Não pense que meu coração é de papel
Não brigue com meu interior
Camarão que dorme a onda leva
Hoje é o dia da caça
Amanhã do caçador
E camarão que dorme
Camarão que dorme a onda leva
Hoje é o dia da caça
Amanhã do caçador
Não quero que o nosso amor acabe assim
Um coração quando ama é sempre amigo
Só não faça gato-sapato de mim
Pois aquele que dá pão
Também dá castigo
Só não faça gato-sapato de mim
Pois aquele que dá pão*

¹²⁹³ FUNDO DE QUINTAL (Perolas. São Paulo, Som Livre, 2000).

*Também dá castigo
Não veja meu sentimento com desdém
Enquanto o bem existir o mal tem cura
A pedra é muito forte mas tem um porém, meu bem
A água tanto bate até que fura
A pedra é muito forte mas tem um porém, meu bem
A água tanto bate até que fura¹²⁹⁴*

“Laranja madura”, de Ataulfo Alves é um samba clássico:

*Você diz que me dá casa e comida
Boa vida e dinheiro pra gastar
O que é que há?
Minha gente o que é que há?
Tanta bondade
Que me faz desconfiar*

*Laranja madura
Na beira da estrada
Tá bichada, Zé
Ou tem marimbondo no pé!*

*Santo que vê muito esmola
Na sua sacola, desconfia
E não faz milagres não!
Gosto de Maria Rosa
Quem me dá prosa é Rosa Maria
Vejam só que confusão¹²⁹⁵*

Deixo o samba “Vatapá” de Dorival Caymmi por último. O trabalho deste compositor baiano, sem dúvida um dos maiores e mais extraordinários artistas da nossa música popular, um mestre inimitável, talvez, entre todos, seja o que apresenta mais traços “enciclopédicos”. Suas canções praieiras, por exemplo, são obras de um autêntico rapsodo que canta e reconta a tradição, rememorando a vida, o trabalho, as crenças, o *ethos*, os medos e os costumes do povo. Prefiro não relacionar “Vatapá” ao tema comida pelo seu caráter profundamente documental e de acervo enciclopédico¹²⁹⁶:

*Quem quisé vatapá, ô
Procure fazê
Primeiro o fubá
Depois, depois o dendê*

¹²⁹⁴ OS GRANDES SAMBAS DA HISTÓRIA , 40 volumes , São Paulo, BMG Brasil e Ed.Globo, 1997, vol.37

¹²⁹⁵ “Laranja madura” ATAULFO ALVES (*Saudade da Professorinha...*Paraná, Revivendo, RVCD 133, s/d).

¹²⁹⁶ “Feijoada completa” de Chico Buarque segue os mesmo moldes. C.f. BUARQUE, Chico. *Letra e Música I*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p. 151

*Procure uma negra baiana, ô
Que saiba mexê
Que saiba mexê
Que saiba mexê*

*Bota castanha de caju
Um bocadinho mais
E pimenta-malagueta
Um bocadinho mais
Amendoim, camarão, rala o coco
Na hora de machucar
Sal com gengibre e cebola, iaiá
Na hora de temperar
(refrão)*

*Não parar de mexer, ô
Que é pra não embolar
Panela no fogo
Não deixa queimar
Com qualquer dez mil-réis
E uma nega, ô
Se faz um vatapá
Se faz um vatapá
Se faz um vatapá¹²⁹⁷*

O tropicalismo, por ser enraizado na cultura escrita e na literatura, obviamente pouco tem de caráter enciclopédico – no sentido da preservação de tradições e de valores do *senso comum* –, salvo se pensarmos, talvez, nas citações de personalidades (por ex. Carmen Miranda, Brigitte Bardot, Cláudia Cardinale, João Gilberto e Roberto Carlos) ou de produtos industriais (por ex. Margarina, Superhist e Coca-Cola). “Três Caravelas” de Algueró e Moreau, ou as recuperações de obras como “Coração materno” de Vicente Celestino, hinos religiosos etc, embora de forma fragmentada e involuntária, e apesar do caráter paródico e irônico, talvez pudessem ser considerados como de caráter enciclopédico.

Tal caráter praticamente desaparece da moderna música popular, impregnada pela cultura escrita, ou então ressurge, raramente, de forma crítica e irônica e, ao mesmo tempo, com tom apodíctico, assertivo, explicativo, normativo e prescritivo, como em “Cultura” de Arnaldo Antunes:

*o girino é o peixinho do sapo
o silêncio é o começo do papo*

¹²⁹⁷ ANJOS DO INFERNO (*Os grandes sambas da história*, vol.9, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1942).

*o bigode é a antena do gato
o cavalo é pasto do carrapato*

*o cabrito é o cordeiro da cabra
o pescoço é a barriga da cobra
o leitão é um porquinho mais novo
a galinha é um pouquinho do ovo*

*o desejo é o começo do corpo
engordar é a tarefa do porco
a cegonha é a girafa do ganso
o cachorro é um lobo mais manso
o escuro é a metade da zebra
as raízes são as veias da seiva
o camelo é um cavalo sem sede
tartaruga por dentro é parede*

*o potrinho é o bezerro da égua
a batalha é o começo da trégua
papagaio é um dragão miniatura
bactérias num meio é cultura¹²⁹⁸*

Ou como “Diariamente” de Nando Reis

*Para calar a boca: ricino
Para lavar a roupa: omo
Para viagem longa: jato
Para difíceis contas: calculadora
Para o pneu na lona: jacaré
Para a pantalona : nesga
Para pular a onde: litoral
Para lápis ter ponta: apontador
Para o Pará e o Amazonas: latex
Para parar na Pamplona: Assis
Para trazer à tona: homem rã
Para a melhor azeitona: Ibéria
Para o presente da noiva: marzipã
Para Adidas o Conga nacional
Para o outono a folha: exclusão
Para baixo da sombra: guarda-sol
Para todas as coisas: dicionário
Para que fiquem prontas: paciência
Para dormir a fronha: madrigal
Para brincar na gangorra: dois
Uma toca: bobs
Para beber uma coca: drops
Para ferver uma sopa: graus
Para a luz lá na roça: 220 volts*

¹²⁹⁸ “Cultura” de ARNALDO ANTUNES (Nome. Arnaldo Antunes, BMG, 1993)

Para vigias em ronda: café
Para limpar a lousa: apagador
Para o beijo da moça: paladar
Para uma voz muito rouca: hortelã
Para a cor roxa: ataúde
Para a galocha: verlon
Para ser moda: melancia
Para abrir a rosa: temporada
Para aumentar a vitrola: sábado
Para a cama de mola: hóspede
Para trancar bem a porta: cadeado
Para que serve a calota: volkswagen
Para quem não acorda: balde
Para a letra torta: pauta
Para parecer mais nova: avon
Para os dias de prova: amnésia
Para estourar pipoca: barulho
Para quem se afoga: isopor
Para levar na escola: condução
Para os dias de folga: namorado
Para o automóvel que capota: guincho
Para fechar uma aposta: paraninfo
Para quem se comporta: brinde
Para a mulher que aborta: repouso
Para saber a resposta: vide o verso
Para escolher a compota: jundiaí
Para a menina que engorda: hipofagil
Para a comida das orcas: krill
Para o telefone que toca
Para a água lá na poça
Para a mesa que vai ser posta
*Para voce o que voce gosta: diariamente*¹²⁹⁹

Ou ainda em “O buraco” de Arnaldo Antunes

o buraco ensina a caber
a semente ensina a não caber em si
a terra sabe receber
a caveira ri
o céu ensina a tudo caber
o corpo cabe
a terra sabe receber
o cadáver

corpo enterrado
sobre corpo enterrado
adubando o chão
a morrer

¹²⁹⁹ MONTE, Marisa (*Mais*, EMI, s/d)

*ninguém foi ensinado
e todos morrerão*

*a chuva ensina a chorar
o tempo ensina a para de chover
a terra sabe receber
a chuva
o buraco ensina tudo a acabar
no fundo
a terra sabe receber
o defunto¹³⁰⁰*

Note-se a abordagem impessoal, intransitiva e assertiva das tres letras: “o girino é...”, “para calar a boca...” ou “o buraco ensina a caber”. São excelentes amostras de um discurso que, mesmo com seu caráter poético, cheio de crítica, paródia e ironia, pode ser relacionado ao texto apodíctico, explicativo e prescritivo, seja ele estético, filosófico, científico, publicitário, catequético ou didático, tom muito comum na modernidade – fundada na cultura escrita, na escolarização e no discurso científico – mas não na cultura popular nem no discurso do samba, enraizados na cultura oral.

¹³⁰⁰ ANTUNES, Arnaldo. *O silêncio*, BMG, 1996.

7.7 O tema do envelhecimento

Vimos já com Christopher Lasch, entre outros, a dificuldade em lidar com o envelhecimento ou mesmo sua negação na modernidade, que implica um *modelo de consciência* que tem como paradigmas o “indivíduo”, o “progresso”, o “desenvolvimento” e a “evolução”.

Para Max Weber, a partir de Leon Tolstói, a visão de mundo característica da modernidade, ligada à vida individual, é imersa no progresso e no infinito, pois o progresso representa um processo linear, lógico, abstrato, contínuo e ininterrupto. Nesse sentido, a vida não deveria ter fim, portanto a morte, para o homem civilizado, não pode fazer sentido.

Segundo Weber, “[o] homem civilizado (...) colocado em meio ao caminhar de uma civilização que se enriquece continuamente de pensamentos, de experiências e de problemas, pode sentir-se ‘cansado’ da vida mas não ‘pleno’ dela. Com efeito, ele não pode jamais apossar-se senão de uma parte ínfima do que a vida do espírito incessantemente produz, ele não pode captar senão o provisório e nunca o definitivo. Por esse motivo, a morte” [e o envelhecimento, acrescentaria eu com Christopher Lasch] “é, a seus olhos, um acontecimento que não tem sentido. E porque a morte não tem sentido, a vida do civilizado também não tem, pois a ‘progressividade’ despojada de significação faz da vida um acontecimento igualmente sem significação.”¹³⁰¹

Weber propõe que a racionalização intelectualista, característica da modernidade, implica técnicas de fixação, previsão e controle. Tais características teriam levado, segundo ele, ao “desencantamento do mundo.” Nota porém que “a intelectualização e a racionalização crescentes não equivalem (...) a um conhecimento geral crescente acerca das condições em que vivemos.”¹³⁰² Vimos isso já, claramente com Norbert Elias mas dou mais um exemplo: controle e previsão são procedimentos incompatíveis com, por exemplo, a mortalidade, fenômeno anômico e imprevisível por definição.

¹³⁰¹ WEBER, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. Trad. Leonidas Hegenberg e Octany S. da Mota. São Paulo, Editora Cultrix, 1985, p. 31

¹³⁰² Idem, *ibidem*, p. 30

Utilizando os conceitos de Weber, diz José de Souza Martins, a respeito da mortalidade na roça, que por lá o morto morre “pleno e cheio de vida”, pois cumpriu o que tinha que cumprir, fez o que tinha que fazer.¹³⁰³

Ou seja, considerando sua perspectiva e expectativa do que era a vida, o homem da roça, diante da morte, sente que viveu o que tinha de ter vivido. Isso só pode acontecer, creio, se todas as etapas da vida forem aceitas e tiverem seu lugar e seu sentido no plano da existência concreta.

Não se trata de idealizações. O homem tradicional também sofre, teme, treme e tenta evitar a morte. Haja vista os inúmeros contos populares abordando heróis que tentam enganar a morte¹³⁰⁴. Porém, o homem moderno se acha mergulhado num mar de informações em circulação permanente, fixadas através de textos e imagens, portanto consultáveis e, além disso, atualizadas ininterruptamente, – misturadas, é preciso notar, com simulacros de informação, simulacros de avanços tecnológicos, cópias, cópias da cópia, clonagens etc¹³⁰⁵ – contexto que representa um volume de dados que ultrapassam em muito a qualquer capacidade cognitiva individual. Tal complexo informacional, em constante desenvolvimento e atualização, acaba por gerar a inferência de que existe um processo de “evolução” ou “progresso” “natural, necessário, evidente e constante”, uma “realidade” em que o homem moderno está imerso e com a qual tem de lidar dia após dia.

Note-se, em todo o caso, que parece surgir uma realidade paralela e “virtual”, cheia de temas, imposições, teorias e hipóteses, destacada da realidade natural e concreta da vida corporal, pragmática, situada e cotidiana.

Enquanto isso, o homem tradicional sente-se envolvido num contexto específico, situado e determinado, com um destino pré-estabelecido, – o resto é o “mundão”, o “mundo afora” –, num determinado universo hierárquico e relacional, num acervo de conhecimentos também determinado, pragmático por excelência, e guardado na memória. O restante, o caos, o incompreensível, o fora de controle, o “inomeável”, o “indizível” está “na mão do destino” ou acontece porque “tinha que acontecer” ou porque “Deus quis” ou “mandou”.

¹³⁰³ MARTINS, José de Souza Org. *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo, Hucitec, 1983, p.259

¹³⁰⁴ C.f. AZEVEDO, Ricardo. *Contos de enganar a morte*. São Paulo, Ática, 2003

¹³⁰⁵ Refiro-me às colocações de Jean Baudrillard.

Defendo a idéia de que, mesmo mergulhadas na contemporaneidade repleta de informações e de simulacros de informações, mesmo sendo escolarizadas, muitas pessoas, inclusive artistas, continuam tomando como base de conduta e de visão de mundo um conjunto de valores ligados às concepções tradicionais. Parto do princípio de que não existe um processo “evolutivo” entre tradição e modernidade. Existem, sim, além de grande interação e influência recíproca, pressupostos e valores diferentes que precisam ser melhor compreendidos e dependem de situações contextuais. É possível que um processo tenda a predominar ou mesmo destruir o outro. O fenômeno, natural entre culturas, não implica em “evolução” mas, sim, demanda a compreensão do que permanece, do que se transforma e do que, eventualmente, se perde ou se cria.

Se eu estiver correto, em todo o caso, o compositor mergulhado na modernidade, que pressupõe o indivíduo, autônomo, livre e crítico diante da existência real de uma espécie de caos informacional, lidará com temas como o envelhecimento e a morte, entre muitos outros, de forma diferente à de um compositor marcado pela tradição, que supõe a pessoa, relacional, hierárquica e empática ou intuitiva diante da existência de um contexto, em última análise, governado ou abençoado por Deus.

A influência do meio social, vale lembrar, é pressuposto obrigatório e essencial das criações artísticas, sejam elas mais, ou menos “tradicionais” ou “modernas”. Como disse Ruth Finnegan, poesia, seja ela qual for, “é a criação ao mesmo tempo de uma comunidade particular e de um indivíduo particular”. Em certas poesias, a “comunidade particular” pode ganhar mais voz do que o “indivíduo particular.” Em outras, dá-se o inverso.

O que importa é perceber que numa sociedade individualista, o envelhecimento ganha contornos de algo estranho, um contratempo atípico, não-natural, descabido e ilógico. Se tudo se desenvolve, tudo evolui, tudo progride, tudo se moderniza e se aperfeiçoa, como assimilar organismos individuais que contraditoriamente, a partir de um dado momento, só fazem decair e tender à decrepitude e à extinção num processo entrópico desolador?

Nas comunidades rurais, pelo menos nas mineiras estudadas por Núbia Gomes e Edimilson Pereira, no que diz respeito ao envelhecimento existe “um modelo (...) tradicional que mantém o velho no centro das ações sociais. O idoso é legitimado pela comunidade que o toma como testemunha e divulgador da memória coletiva. Ainda que não esteja

economicamente ativo, a sua atividade de memorialista contribui para a estabilidade do grupo, o que possibilita maior empenho na manutenção da subsistência”.¹³⁰⁶

Os dois pesquisadores comparam as visões tradicionais e modernas. “Desse modo, a velhice do modelo [tradicional] se prende à imagem arquetípica do ancião sábio e conselheiro, ao passo que a do modelo moderno suscita a imagem do velho atleta e sadio, embora distanciado das funções legisladoras do grupo.”¹³⁰⁷

Gomes e Pereira lembram que o modelo popular leva em consideração a noção de tempo circular, o eterno retorno, que implica a religiosidade e a regeneração periódica do mundo. Como vimos com Bakhtin, Eliade e outros, neste âmbito, tudo é fecundado, nasce, cresce, amadurece, apodrece, morre e renasce. “A trama desse tempo [mítico] indica que o sentido dos fatos não se esgota neles mesmos, mas se constrói como possibilidade de desaparecimento e ressurgimento”.¹³⁰⁸

Ao contrário, a visão moderna, ligada ao tempo diacrônico e histórico, percurso linear unidirecional e irreversível “nos leva a considerar os fenômenos da existência – e a própria existência – como inevitável viagem para a decadência.”¹³⁰⁹

Dizem os dois autores que “para os indivíduos situados nos contornos da sociedade tradicional rural, a percepção do tempo mítico ou circular contribui para estreitar sua ligação com os antepassados que se colocam mais próximos do tempo das origens”.

Outro interessante comentário dos dois pesquisadores mineiros remete ao *modelo de consciência* hierárquico. “O aprendizado da experiência dos antepassados é decisivo para os indivíduos nesses grupos sociais, o que explica a hierarquia relacional. Cada indivíduo deve saber reconhecer a sua hora de mandar e de obedecer [como vimos com Dumont e Elias, no modelo hierárquico cada pessoa tem um lugar relativo].”¹³¹⁰ Segundo dona Maria do Rosário da Silva, sexagenária da comunidade mineira dos Arturos “[o]nde já se viu pescoço mandar em cabeça?”¹³¹¹

¹³⁰⁶ PEREIRA, Edmilson de A. e GOMES, Núbia P.M. *Flor do não esquecimento- cultura popular e processos de transformação*. Belo Horizonte, Autêntica, 2002. p.222

¹³⁰⁷ Idem *ibidem*, p.223

¹³⁰⁸ Idem, *ibidem*, p.226

¹³⁰⁹ Idem, *ibidem*, p.226

¹³¹⁰ Idem, *ibidem*, p.227

¹³¹¹ Idem, *ibidem*, p.227

Reverenciar os mais velhos nas comunidades tradicionais, segundo os autores, não é apenas “um ato moral a ser respeitado nas relações interpessoais, mas a aceitação da orientação ideológica proposta pelo grupo a fim de sustentar a si mesmo e aos seus integrantes.”¹³¹²

Pereira e Gomes lembram a importância do conhecimento religioso dos velhos que se destacam como rezadores, curandeiros, capitães, guias de iniciação etc.

Pais e mães-de-santo surgem diversas vezes nas letras de samba, sempre tratados com respeito e fé. Basta lembrar do “mais velho é batata, diz tudo na exata” do samba “Pisei no despacho”, de Geraldo Pereira.

O mesmo pode ser dito a respeito dos sambistas mais velhos, sempre venerados nas letras de sambas, sejam mortos como Paulo Portela, Cartola, Bide, Alvaiade, Carlos Cachaca, Nelson Cavaquinho, Aniceto do Império, Clementina de Jesus, Zé Kéti, Ataulfo Alves, Noel Rosa e Manacéa, ou vivos, os “da antiga” ou da “velha guarda”, como Nelson Sargento, Jair do Cavaquinho, Batatinha, João Curumim, Bombeiro, Martinho da Vila, Monarco, Walter Alfaiate e o próprio Paulinho da Viola, entre tantos outros mestres.

Como diz Pedro Oscar, mestre de Folia de Reis em Jequitibá “o novo pode mas o velho sabe”.¹³¹³

Talvez o fato de o velho ter um lugar natural, lógico, definido e valorizado na comunidade tradicional seja o que explica a recorrência do tema do envelhecimento nas letras de samba.

Destaco que muitos desses sambas foram criados por sambistas que, na época, eram jovens como Paulinho da Viola, Candeia, Wilson Batista, Noel Rosa, Bide, Sílvio Caldas etc.

Vejamos alguns exemplos. Começo com “Minhas madrugadas”, de Paulinho da Viola e Candeia:

*Vou pelas minhas madrugadas a cantar
Esquecer o que passou
Trago a face marcada
Cada ruga no meu rosto
Simboliza um desgosto
Quero encontrar em vão
O que perdi
Só resta a saudade*

¹³¹² Idem, ibidem, p.227

¹³¹³ Idem, ibidem, p.228

*Não tenho paz
E a mocidade que não volta mais*

*Quantos lábios beijei
Quantas mãos afaguei
Só restou saudade no meu coração
Hoje fitando o espelho
Eu vi meus olhos vermelhos
Compreendi que a vida que eu vivi foi ilusão¹³¹⁴*

Passo para o grande samba “Adeus mocidade”, de Roberto Martins e Benedito Lacerda:

*Adeus minha mocidade, adeus
Passado que me deixou saudade
Conservo ainda um amor nos sonhos meus
Por isso eu digo adeus
Mocidade adeus, adeus*

*Adeus minha mocidade, adeus
Passado que me deixou saudade
Conservo ainda um amor nos sonhos meus
Por isso eu digo adeus ô mocidade*

*A sorte sempre me favoreceu
Não, não houve homem mais feliz do que eu
Amei bastante
Fui inconstante
Por isso eu digo
Mocidade, adeus, adeus, adeus*

*Adeus minha mocidade, adeus
Passado que me deixou saudade
Conservo ainda um amor nos sonhos meus
Por isso eu digo adeus ô mocidade
Por isso eu digo adeus ô mocidade
Por isso eu digo adeus ô mocidade¹³¹⁵*

Ou “Cabelos brancos”, de Marino Pinto e Herivelton Martins:

*Não falem dessa mulher perto de mim
Não falem pra não lembrar minha dor
Já fui moço, já gozei a mocidade
Se me lembro dela me dá saudade*

¹³¹⁴ PAULINHO DA VIOLA (*Paulinho da Viola e Elton Medeiros. Samba da Madrugada, Coleção Reviva, Som Livre, 2002*).

¹³¹⁵ MARTINS, Roberto (*Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, Sesc São Paulo, JBC 0709011, s/d, gravado em 1991*).

*Por ela vivo aos trancos e barrancos
Respeitem ao menos os meus cabelos brancos*

*Ninguém viveu a vida que eu vivi
Ninguém sofreu na vida o que sofri
As lágrimas sentidas
Os meus sorrisos francos
Refletem-se hoje em dia
Nos meus cabelos brancos*

*Agora, em homenagem ao meu fim
Não falem dessa mulher perto de mim*¹³¹⁶

Jair do Cavaquinho, Jandy e Ari Araujo também têm um samba com o título “Cabelos brancos”:

*Quando os cabelos brancos em silêncio dizem mais
O corpo já não tem a mesma agilidade
O rosto já marcado se revela no espelho
Você está mais velho
As mulheres já não têm aquele mesmo interesse
Em seus sonhos só saudades
Alguns velhos endereços
Outros tantos esquecidos
É a vida que anoitece
Você está mais velho*¹³¹⁷

“Degraus da vida”, de Nelson Cavaquinho e A.Braga é um grande clássico do samba:

*Sei que estou
No último degrau da vida, meu amor
Já estou envelhecido, acabado
Por isto muito eu tenho chorado
Eu não posso esquecer o meu passado*

*Foram-se meus vinte anos de idade
Já vai muito longe a minha mocidade
Sinto uma lágrima rolar sobre meu rosto
É tão grande o meu desgosto*¹³¹⁸

“Fui louco”, de Noel Rosa e Bide, é outro exemplo:

*Fui louco
Resolvi tomar juízo*

¹³¹⁶ OS GRANDES SAMBAS DA HISTÓRIA, vol. 9, São Paulo, BMG Brasil, 1997.

¹³¹⁷ JAIR DO CAVAQUINHO (*Seu Jair do Cavaquinho*. EMI, Rio de Janeiro, 2002).

¹³¹⁸ NELSON CAVAQUINHO (*Depoimento do Poeta*. LP Continental 1974).

*A idade vem chegando e é preciso
Se eu choro
Meu sentimento é profundo
Ter perdido a mocidade na orgia
Maior desgosto do mundo
Fui louco, fui louco
Nesse mundo ingrato e cruel
Eu já desempenhei o meu papel
E da orgia então já pedi minha demissão¹³¹⁹*

Nei Lopes, Wilson Moreira e Juan Carlos abordaram o assunto em “Gotas de veneno”

*Olha nos meus olhos
Vê quanta tristeza
Vê quantas marcas esse amor deixou
Vê quanta lágrima chorei
Vê quanta dor*

*Olha meus cabelos
Embranqueceram até perder a cor
Não foram gotas de sereno
Foi mesmo o veneno cruel desse amor
Nunca pensei que um lindo frasco tão pequeno
Pudesse comportar, meu Deus, tanto veneno
Foi dose mortal
Fez tão grande mal
Mas eu quero outra vez
Basta um só olhar
Para reparar
Todo o mal que ela me fez¹³²⁰*

Zé Kéti e Nelson Cavaquinho compuseram um dos mais belos sambas sobre o tema do envelhecimento, “O meu pecado”, um clássico de nossa canção popular:

*O meu pecado
Foi querer na minha mocidade amar tantas mulheres
O tempo já passou
Eu sinto saudade*

*O meu pecado
Foi passar noites em serestas e bebendo por aí
Pela cidade*

Nem com dinheiro as mulheres

¹³¹⁹ MESTRE MARÇAL (*Mestre Marçal. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1991).

¹³²⁰ NEI LOPES (*Nei Lopes. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1999).

*Já não me desejam mais
Ah se eu pudesse voltaria
Ao meu tempo de rapaz¹³²¹*

Outro clássico é “Meus vinte anos”, de Wilson Batista e Sílvio Caldas, samba gravado em 1942 época em que ambos os autores estavam na faixa dos trinta anos.

*Nos olhos das mulheres
No espelho do meu quarto
É que eu vejo a minha idade
Um retrato na sala
Faz lembrar com saudade
Da minha mocidade
A vida para mim
Tem sido tão ruim
Só desenganos
Ah eu daria tudo
Para poder voltar
Aos meus vinte anos
Deixaste em minha vida
A sombra colorida
De uma saudade imensa
Deixando-me, ficaste
Mostrando-me, contaste
Matando a minha crença
E hoje desiludido
Muito tenho sofrido
Tenho vivido de enganos
Ah, eu daria tudo
Prá poder volta aos meus vinte anos¹³²²*

“Não deixe o samba morrer”, de Edson e Aloísio, fala no legado do sambista mais velho:

*Quando eu não puder pisar na avenida
Quando as minhas pernas não puderem agüentar
Levar meu corpo
Junto com meu samba
O meu anel de bamba, entrego a quem mereça usar
Eu vou ficar no meio do povo espiando
Minha escola perdendo ou ganhando
Mais um carnaval
Antes de me despedir, deixo ao sambista mais novo
O meu pedido final
Não deixe o samba morrer, não deixe o samba acabar*

¹³²¹ ZÉ KÉTI (*Sucessos de Zé Kéti*. São Paulo, Intecd records, R 31008, 2000 (LP 1982) .

¹³²² SILVA, Roberto (*Roberto Silva. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, JBC 0709025, s/d, gravado em 1990).

*O morro foi feito de samba
De samba pra gente sambar¹³²³*

“O coração não envelhece”, de Ataulfo Alves, é outro exemplo:

*Ai quanto eu sofro
Pelo amor daquela ingrata
As rugas no meu rosto vêm chegando
E os meus cabelos já estão se prateando
Quem é sonhador perde seu amor
Mas a alma não decresce
Sofre, chora lágrimas de dor
Mas o coração não envelhece¹³²⁴*

Vale lembrar o grande samba “Quantas lágrimas”, de Manacéia:

*Ai, quantas lágrimas eu tenho derramado
Só em saber que não posso mais
Reviver o meu passado
Eu vivia cheio de esperança e de alegria
Eu cantava, eu sorria
Mas hoje em dia eu não tenho mais
A alegria dos tempos atrás
A melancolia que os meus olhos trazem
Ai, quanta saudade a lembrança traz
Se houvesse retrocesso na idade
Eu não teria saudade da minha mocidade¹³²⁵*

“Saudade do passado”, de Francisco Alves, David Nasser e Gomes Cardim, é mais um exemplo:

*Eu estou envelhecendo
Que saudade do passado!
Choro ao ver nos espelhos
Meu cabelo prateando
Você que está me acabando!
O que mais me desespera
Não é o medo da saudade
É saber que nos seus braços
Eu perdi a mocidade
Que saudade, que passado!
Que destino foi o meu!
Quanto eu tenho chorado
Depois que o nosso amor morreu¹³²⁶*

¹³²³ NOITE ILUSTRADA (*Eu sou o samba*. São Paulo, OuverRecords/Camerati, s/d).

¹³²⁴ ATAULFO ALVES (*Vida de minha vida*. Vol. 1. Paraná, Revivendo, RVCD 086, s/d).

¹³²⁵ BUARQUE Cristina (*Os grandes sambas da história*, vol 4, São Paulo, BMG Brasil, 1997).

¹³²⁶ FRANCISCO ALVES (*O rei da voz canta*, Revivendo Músicas Comercio de Discos Ltda., Curitiba, s/data).

Outro exemplo: “Deslize da vida”, de Argemiro e Francisco Santana

*A vida
Não é somente doce
Tem que haver amargura
Para se dar o valor*

*Eu tive minha mocidade
Hoje sou um senhor de idade
Conheci sofrimento e dor
Amigos também já tive bastante
Não me largavam um instante
Quando tudo corria bem*

*Sumiram todos
Na minha adversidade
Agora não tenho nenhum
E para ter algum
Tem que ser de verdade*

*O destino traiçoeiro
Que de mim quis se vingar
Eu que era tão feliz
Quando construí meu lar*

*Tive um deslize na vida
Por um motivo qualquer
Além de perder os amigos
Perdi também minha mulher¹³²⁷*

Concluo com “O que é feito de você” de Cartola

*O que é feito de você
Ó minha mocidade
Ó minha força,
A minha vivacidade?
O que é feito dos meus versos
E do meu violão?
Troquei-os sem sentir
Por um simples bastão
E hoje quando eu passo
A gurizada pasma
Horrorizada como quem
Vê um fantasma
E um esqueleto humano assim vai
Cambaleando quase cai, não cai
Pés inchados, passos em falso
O olhar embaçado*

¹³²⁷ PATROCÍNIO, Argemiro (Argemiro Patrocínio Promotor, EMI, s/d).

*Nenhum amigo ao meu lado
Não há por mim compaixão
A tudo vou assistindo
A ingratidão resistindo
Só sinto falta dos meus versos
Da mocidade e do meu violão*¹³²⁸

Como disse, o tema do envelhecimento é recorrente no samba, sempre tratado com uma verdade, uma concretude e uma crueza impressionantes. No *modelo de consciência* popular a velhice faz parte do *senso comum*, tem lugar claro e definido na existência e, por esta razão, pode ser abordada e chorada com naturalidade e sem constrangimentos. Todos, cedo ou tarde, passarão por ela. Faz parte da sabedoria popular e do *senso comum* saber encará-la.

O tema quase não aparece no discurso da moderna música popular, pelo menos desde os tempos da bossa nova. Talvez porque, embora inerente à existência concreta, não exista na modernidade um lugar claro, aceitável e lógico para o envelhecimento. Há, naturalmente, exceções. Uma delas é a bela canção pós-tropicalista “O homem velho” de Caetano Veloso

*O homem velho deixa vida e morte para trás
Cabeça a prumo, segue rumo e nunca, nunca mais
O grande espelho que é o mundo ousaria refletir os seus sinais
O homem velho é o rei dos animais*

*A solidão agora é sólida, uma pedra ao sol
As linhas do destino nas mãos a mão apagou
Ele já tem a alma saturada de poesia, soul e rock'n roll
As coisas migram e ele serve de farol*

*A carne, a arte arde, a tarde cai
No abismo das esquinas
A brisa leve traz o odor fugaz
Do sexo das meninas*

*Luz fria, seus cabelos têm tristeza de néon
Belezas, dores e alegrias passam sem um som
Eu vejo o homem velho rindo numa curva do caminho de Hebron
E ao seu olhar tudo o que é cor muda de tom*

*Os filhos, filmes, ditos, livros como um vendaval
Espalham-no além da ilusão do seu ser pessoal
Mas ele dói e brilha único, indivíduo, maravilha sem igual
Já tem coragem de saber ser imortal*¹³²⁹

¹³²⁸ CARTOLA (*Verde que te quero rosa*. BMG, 2001, gravação de 1977).

¹³²⁹ VELOSO, Caetano. op. cit., p. 241.

Trata-se certamente de um texto que enriquece a música brasileira. No que concerne a este estudo, é preciso notar a visão distanciada, o discurso intransitivo “sobre” a velhice e a morte: alguém distanciada, “o homem velho deixa vida e morte para trás”. Fora isso, temos o caráter reflexivo e crítico que medita, especula e teoriza sobre a vida: “O grande espelho que é o mundo” ou “Mas ele dói e brilha único, indivíduo, maravilha sem igual/ já tem coragem de saber que é imortal” ou “os filhos, filmes, ditos, livros como um vendaval/ Espalham-no além da ilusão do seu ser pessoal”, tudo isso através de um discurso que opta pela descontinuidade, pelas analogias e pela fragmentação. Note-se que “O homem velho” é um discurso ligado à literatura escrita e requer interpretação.

Outra exceção é a interessante canção “Velhos e jovens” de Péricles Cavalcanti e Arnaldo Antunes:

*Antes de mim vieram os velhos
Os jovens vieram depois de mim
E estamos todos aqui*

*No meio do caminho dessa vida
Vinda antes de nós
E estamos todos aqui*

*No meio do caminho dessa vida
E estamos todos no meio
Quem chegou e quem faz tempo que veio
Ninguém no início ou no fim*

*Antes de mim vieram os velhos
Os jovens vieram depois de mim
E estamos todos aqui*¹³³⁰

Seus traços de modernidade parecem claros: embora o discurso utilize linguagem acessível e seja expressão de uma pessoa que se situa numa rede de relações, a voz examina o fato com distanciamento e impessoalidade (não se sabe o que ela sente), visão secularizada e pouco interesse pela tradição (valorização do passado) ou pelo futuro (a crença num amanhã utópico). Note-se ainda o tom objetivo, assertivo e explicativo.

¹³³⁰ “Velhos e jovens” Péricles Cavalcanti e Arnaldo Antunes (CALCANHOTO, Adriana. *Senhas*, Columbia, s/d).

7.8 O tema da esperança

A visão religiosa da existência que costuma crer na justiça final e na vontade de Deus (ou deuses) determinando os rumos e as coisas do mundo, somada à crença no processo de *renovação periódica do mundo*, implica a esperança edênica e no otimismo utópico. Como disse em outra parte, para o *modelo de consciência* popular, há um equilíbrio relativista e natural entre o Bem e o Mal, “não há mal que sempre dure, nem mal que nunca acabe”, “um dia é da caça, o outro do caçador”, “atrás do tempo, tempo vem”, “a vida é ruim mas ninguém quer morrer”, “cada um por si e Deus por todos”, “Deus escreve certo por linhas tortas”, “Deus ajuda a quem trabalha”, “Deus dá o frio conforme o cobertor”, “não há mestre como o mundo”, “o melhor tempero é a fome”, “o sol nasce para todos”, “o velho que se cura, cem anos dura”, “em toda parte há um pedaço de mau caminho”, “dia de pouco, véspera de muito”, “entre o princípio e o fim há sempre um meio”, “quem sofre com paciência não sente o peso da cruz”, “tem paciência que o peixe aí vem” ou, como vimos, “no fim tudo dá certo; se não deu certo é porque não chegou no fim”. É, creio, a partir de pressupostos assim, construídos a partir de uma visão mítica e religiosa, assim como, paradoxalmente, pragmática, que nasce a noção de “final feliz”

Nem todos os ditados são otimistas. Diz o povo, por exemplo, que “homem velho, saco de azares” ou “quando o meu mal for velho, o seu será novo”. Não se trata propriamente de pessimismo mas sim de constatações impostas pelo senso comum. No geral, entretanto, é possível dizer que o otimismo e a esperança imperam no discurso popular.

Por outro lado, num *modelo de consciência* que pressupõe o indivíduo autônomo, o processo histórico, evolutivo e linear, a secularização e o pensamento crítico e distanciado, o ceticismo e o pessimismo parecem ser naturais e fazem todo sentido. Como vimos, num modelo assim, a vida é um constante processo entrópico de declínio rumo à degeneração e à morte única e definitiva. Nesse sentido, tudo necessariamente piora, afinal envelhecemos constantemente e a mocidade e a saúde vão sempre ficando para trás. A partir desta concepção, quando um indivíduo morre, na verdade, absolutamente tudo morre pois ele é o centro e a única razão de ser da vida e do mundo.

Vimos também que Jack Goody relacionou a escrita à visão cética à objetividade, autonomia e impessoalidade, traços da cultura escrita. Para ele, vale repetir, a escrita, a aprendizagem e o uso da escrita alfabética “tornaram possível examinar o discurso de uma

outra maneira, emprestando à comunicação oral uma forma semipermanente. Este exame permitiu dilatar o raio de acção da actividades crítica e, portanto, da racionalidade, do cepticismo e da lógica por forma a ressuscitar a recordação de todas essas dicotomias duvidosas. (...) Simultaneamente, aumentaram as possibilidades de acumular conhecimento, em especial o conhecimento de tipo *abstract*, pois a escrita transformou tanto a natureza da comunicação, fazendo-a ir além dos contactos pessoais, como o sistema de armazenamento de informação.”¹³³¹

De fato, no discurso da moderna música popular a visão cética, crítica, sarcástica e pessimista tende a predominar.

Nas letras de samba ocorre justamente o contrário. O otimismo e a esperança são traços recorrentes no discurso do samba, facilmente encontráveis em quase todas as letras.

Na poética de Paulinho da Viola, a esperança não é tema relevante, talvez por ser ele um artista mediador, situado entre a tradição e a modernidade, muito embora mais comprometido com aquela. Mesmo assim, vejamos a letra de “Pra jogar no oceano”:

*Ê, marujo, ê
Que vive navegando
Te dou meu sofrimento
Pra jogar no oceano
Se der no teu navio
Leva mais um desengano
Leva de vez a saudade
Apaga a lembrança do que se perdeu
Ficando comigo a chama da vida
Eu canto a esperança que nunca morreu
Sei qual a minha sentença
O vento é quem tira a poeira de tudo
A gente lamenta e depois reconhece
Que o amor não se acaba nas dores do mundo
Leva marujo a tristeza
E parte o punhal que a inveja lançou
Ele contém o veneno
Que pode matar meu desejo de amor
Tira as setas do ciúme
Que foram jogadas no meu coração
Pois o meu ideal se resume
Em ter meu destino na palma da mão¹³³²*

¹³³¹ GOODY, op. cit. p.47

¹³³² PAULINHO DA VIOLA (*Musica! O melhor da música de Paulinho da Viola*, WEA, 1996, gravado em 1981).

“A flor e o samba”, de Candeia, aborda a esperança

*Vem sambar, yayá
Vem sambar, yoyô
Yayá, yoyô
Só vive pior
Quem não vai sambar na avenida
O samba é o tesouro maior
Que se deixa vida
O samba é a liberdade
Sem sangue e sem guerra
Quem samba de boa vontade
Tem paz nessa terra¹³³³*

“Alvorada”, de Cartola, é um samba cheio de otimismo:

*Alvorada lá no morro que beleza
Ninguém chora, não há tristeza
Ninguém sente dissabor
E o sol colorido, é tão lindo, é tão lindo
E a natureza sorrindo, tingindo, tingindo*

*Você também me lembra a alvorada
Quando chega iluminando meus caminhos tão sem vida
E o que me resta é bem pouco, quase nada
De seguir assim vagando, numa estrada perdida¹³³⁴*

“Aurora de paz”, de Elton Medeiros e Cacaso, aconselha, mas pressupondo o “nós” e a familiaridade:

*Olha prá frente
E sente essa aurora
Que vai nascer
Segue adiante
Pois em cada instante
Você vai ver
Que o amor que a gente perde
Nasceu para se perder
E se o amor da gente morre
A gente não vai morrer
Se não ficou
Era ilusão
Não seja assim tão infeliz
Que ainda existe um coração
Que vai abrigar outro amor
Diferente da ilusão*

¹³³³ BETH CARVALHO (*Pérolas do pagode*, Globo Polydor, São Paulo, 1998).

¹³³⁴ CARTOLA (*Cartola*. LP Marcus Pereira, 1974).

*Enfrente a vida sorrindo
Nossa manhã já vem vindo
Repare que dia lindo
Pra lhe consolar
Prepare o seu coração
Que essa aurora é de paz
E quem já sofreu uma vez
Dessa vez não sofre mais
Prá nunca mais¹³³⁵*

“Canta canta minha gente”, de Martinho da Vila, comemora a alegria de viver:

*Canta, canta minha gente
Deixa a tristeza pra lá
Canta forte, canta alto
Que a vida vai melhorar
Cantem o samba de roda
O samba-canção e o samba rasgado
Cantem o samba-de-breque
O samba moderno e o samba quadrado
Cantem ciranda e frevo
O coco, maxixe, baião e xaxado
Mas não cantem essa moça bonita
Porque ela está com o marido do lado
Quem canta seus males espanta
Lá em cima do morro ou sambando no asfalto
Eu canto o samba-enredo
Um sambinha lento ou um partido-alto
Há muito tempo não ouço
O tal do samba sincopado
Só não dá pra cantar mesmo
É vendo o sol nascer quadrado¹³³⁶*

O mesmo acontece com “Deixa a vida me levar”, de Serginho Meriti e Eri do Cais:

*Eu já passei por quase tudo nessa vida
Em matéria de guarida não chegou a minha vez
Confesso que sou de origem pobre
Mas meu coração é nobre
Foi assim que Deus me fez
Deixa a vida me levar
(Vida leva eu)
Deixa a vida me levar
Vida leva
(vida leva eu)
Deixa a vida me levar*

¹³³⁵ MEDEIROS Elton (*Aurora da Paz*. Rio de Janeiro, Rob Digital, RD 038, s/d).

¹³³⁶ MARTINHO DA VILA (*Canta, canta minha gente*. São Paulo, BMG/RCA, 1989).

(vida leva eu)
Sou feliz e agradeço
Por tudo o que Deus me deu
Só posso levantar as mãos pro céu
Agradecer e ser fiel ao destino que Deus me deu
Se não tenho tudo o que preciso
Com o pouco que tenho vivo
De mansinho lá vou eu
Se a coisa não sai do jeito que eu quero
Também não me desespero
O negócio é deixar rolar
E aos trancos e barrancos lá vou eu
*E sou feliz e agradeço por tudo o que Deus me deu*¹³³⁷

“Eu e as rosas”, de Jair do Cavaquinho, também canta a esperança

As rosas, muitas rosas
Não saem da minha imaginação
É a rosa da saudade
Rosa da esperança, rosa da compreensão
Uma destas rosas
Que mora dentro do meu coração
Uma destas rosas
Que mora dentro do meu coração
Rosas, rosas, rosas
Que engalanam o meu jardim
Quem zela por essas rosas
É a rosa que zela por mim
Quem zela por essas rosas
*É a rosa que zela por mim*¹³³⁸

Vamos ver o clássico “Juízo final”, de Nelson Cavaquinho e Elcio Soares:

O sol
Há de brilhar mais uma vez
A luz
Há de chegar nos corações
Do mal
Será queimada a semente
O amor
Será eterno novamente

É o juízo final
A história do bem e do mal
Quero ter olhos pra ver
*A maldade desaparecer*¹³³⁹

¹³³⁷ PAGODINHO, Zeca (*Acústico MTV*. Rio de Janeiro, Universal, 2003).

¹³³⁸ JAIR DO CAVAQUINHO (*Seu Jair do Cavaquinho*. EMI, Rio de Janeiro, 2002).

¹³³⁹ NELSON CAVAQUINHO (*Nelson Cavaquinho*, Rio de Janeiro, EMI Odeon, 2003, gravado em 1973).

Agora “Minha festa”, de Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito:

*Graças a Deus minha vida mudou
Quem me viu quem me vê
A tristeza acabou
Contigo aprendi a sorrir
Escondeste o pranto de quem sofreu tanto
Organizaste uma festa em mim
É por isso que eu canto assim
Lá lá laia laia laia...¹³⁴⁰*

Em “O bom sofredor”, de Tieres Canedo, temos mais um exemplo:

*Alô gente, tudo bem, tudo legal
Eu não tenho dinheiro, mas tenho saúde, não vou muito mal*

*O sofrer é da vida
E o bom sofredor não reclama
Quando posso como bem
Quando tá ruim vou de pão com banana*

*Eu sei que às vezes dói
Não ter um chinelo pra calçar
Só com a roupa do corpo
Eu fico pelado esperando secar
Quando tem que lavar
Mas eu não desanimo
Vou vivendo com perseverança
Eu conheço o sofrimento
Desde o tempo de criança¹³⁴¹*

O samba “O sol nascerá”, de Cartola e Elton Medeiros, deu sorte. Fez a vida de Cartola finalmente melhorar graças à gravação de Nara Leão

*A sorrir
Eu pretendo levar a vida
Pois chorando
Eu vi a mocidade perdida*

*Fim da tempestade
O sol nascerá
Finda essa saudade
Hei de ter outro alguém para amar¹³⁴²*

Em “Pandeiro e viola”, de Gracia do Salgueiro temos:

¹³⁴⁰ NELSON CAVAQUINHO (*Nelson Cavaquinho*, Rio de Janeiro, EMI Odeon, 2003, gravado em 1973).

¹³⁴¹ BEZERRA DA SILVA (*Grandes Sucessos de Bezerra da Silva. Vol 2* Rio de Janeiro, Cid, s/d).

¹³⁴² CARTOLA (*Cartola.* , LP Marcus Pereira, 1974).

*Ô pandeiro, ô viola
Cantarolando é que a nossa tristeza vai embora
Pandeiro, ô pandeiro, pandeiro, ô viola
Cantarolando é que a nossa tristeza vai embora*

*Pra curar melancolia
Pra curar melancolia
A tristeza é quem chora
O remédio é um pandeiro
Luar e um terreiro
E viola¹³⁴³*

“Sonhando que sou feliz”, de Arlindo Cruz, Marquinho PQD e Franco fala em sonhar de ser feliz:

*Lalarararaiá, lalarararaiá
Eu sou feliz
Eu sou feliz
Sonhando eu sou feliz
Eu dou um duro danado
Tô todo endividado
Tô que nem desempregado na fila do PIS
Tô sonhando, mas eu sou feliz
Só assim eu sou feliz*

*Andam fazendo de tudo
Querendo tirar meu humor
Greve de paz, greve de amor
Se andam espalhando bomba
Um malandro bom não tomba
Dá uma volta redonda
E acorda o país*

*Tô sonhando, mas sou feliz
Só assim eu sou feliz
Tô sonhando, mas sou feliz
Só assim eu sou feliz*

*Andam fazendo de tudo
Querendo meu pranto rolar
Chega de dor, chega de dar
Se andam cobrando na dura
Um bom malandro pendura
Jura que não paga juros
E salva o país*

¹³⁴³ BETH CARVALHO (*Beth Carvalho, Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1996).

*Tô sonhando, mas sou feliz
Só assim eu sou feliz
Tô sonhando, mas sou feliz
Só assim eu sou feliz
Andam fazendo de tudo
Querendo que eu fique pinel
Gente sem sal
E gente sem mel
Se andam plantando a derrota
Um bom malandro que vota
Faz uma reviravolta e elege o país*

*Tô sonhando, mas sou feliz
Só assim eu sou feliz
Tô sonhando, mas sou feliz
Só assim eu sou feliz¹³⁴⁴*

Vejamos agora “Sempre a sonhar” de Ruy Quaresma e Martinho da Vila:

*Quando o sonho acontecer
E todo o morro descer
Numa tremenda euforia
Eu, vou tentar me segurar
Pra não gritar, nem chorar
E nem cair na orgia
Vou, subir o morro sozinho
Olhar o céu de pertinho
E procurar a estrela
Onde estão a Gilda pretinha
O seu Eurico e o Birica
Primeiro compositor
Vou rezar pro seu China
O velho sonhador
Que criou a tal Vila bonita que me encantou
E quando a estrela sumir
O dia amanhecer
Quero encontrar a Peti
Pra com a Gilda branquinha
Ir bater nas tendinhas
Só então vou cantar
Vou beber vou comemorar
Só então vou cantar
Vou beber vou comemorar¹³⁴⁵*

Vale a pena lembrar um trecho de “Só vendo que beleza” :

¹³⁴⁴ BETH CARVALHO (*Beth Carvalho, Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1996).

¹³⁴⁵ MARTINHO DA VILA (*Martinho da Vila Isabel*, BMG/RCA, São Paulo, 2003, gravado em 1984).

*Eu tenho uma casinha lá na Marambaia
Fica na beira da praia
Só vendo que beleza
Tem uma trepadeira que na primavera
Fica toda enfiada de brincos de princesa
Quando chega o verão
Eu sento na varanda
Pego o violão começo a cantar
Minha morena que está sempre bem disposta
Senta-se a meu lado também a cantar¹³⁴⁶
(...)*

Encerro com o clássico “Volta por cima”, de Paulo Vanzolini :

*Chorei, não procurei esconder
Todos viram, fingiram
Pena de mim, não precisava
Ali onde eu chorei
Qualquer um chorava
Dar a volta por cima que eu dei
Quero ver quem dava

Um homem de moral não fica no chão
Nem quer que mulher
Venha lhe dar a mão
Reconhece a queda e não desanima
Levanta, sacode a poeira
E dá a volta por cima¹³⁴⁷*

7.9 O tema da festa

Em seu estudo sobre a cultura na rua, Carlos Rodrigues Brandão descreve a festa como um certo espírito coletivo que periodicamente deve ser resgatado, algo que ocorre através de um “nós”, dentro de seus participantes, e que, ao mesmo tempo, os identifica e os une. Segundo Brandão, “[a] vida passa, passamos. Tudo muda, e tudo é o mesmo: mudamos, somos agora o que não éramos ainda, mas somos os mesmos, diversos: ao mesmo tempo um *outro* e *eu*. Envelheço, ‘vejo em mim o tempo do mundo passar’ e isso pesa. Mas eis que os símbolos dos sistemas de festas de que sou parte, ou alvo, aos poucos me ensinam a substituir a pura energia do desejo do prazer, ou o temor de seu fim em mim, pela serena vontade de conviver em paz comigo mesmo, entre todos, e possuir a compreensão de tudo. Eis que a festa

¹³⁴⁶ HENRICÃO (*Henricão. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, JBC 0709073, s/d, gravado em 1973)

¹³⁴⁷ NOITE ILUSTRADA (*Sucessos*, Rio de Janeiro, Gravadora, 2003, gravação 1972).

restabelece laços. Sou eu que se festeja, porque eu *sou* daqueles e daquilo que *faz* a festa. Estou sólida e afetivamente ligado a uma comunidade de *eus-outros* que cruzam comigo a viagem do peso da vida e da realíssima fantasia exata das festas que nos fazemos, para não esquecer isto. Juntos, diferencialmente irmanados, pedimos à festa a evidência de que tudo isso, que é a vida, e a vida impositivamente social, é suportável e até bom, porque sendo irrecusável, pode ser até previsível se revivido com afeto e com sentido”.¹³⁴⁸

Brandão vê a festa, algo que poderia ser considerado “banal”, como um costume e um lugar social onde as pessoas se religam a si mesmas através do religamento com o Outro. Um complexo e impalpável processo humano que envolve “afeto” e “sentido”.

Kerényi, apud Johan Huizinga, ensinava que “[e]ntre as realidades psíquicas (...) a festa é uma entidade autônoma, impossível de se assimilar a qualquer outra coisa que exista no mundo”.¹³⁴⁹

O mesmo Huizinga lembrou que tanto a festa como o jogo implicam uma espécie de suspensão, a eliminação da vida cotidiana. “Em ambos predominam a alegria, embora não necessariamente, pois também a festa pode ser séria. Ambos são limitados no tempo e no espaço. Em ambos encontramos uma combinação de regras estritas com a mais autêntica liberdade.”¹³⁵⁰

Note-se que podemos considerar a festa em si como um procedimento invariante. Não faz sentido relacionar, por exemplo, “evolução” e festa. As festas podem mudar conforme as culturas, mas a entidade “festa” sempre prevalece.

A festa parece ser mesmo o símbolo por excelência da vida em sociedade, do viver comunitário e relacional, do compartilhamento que periodicamente se restabelece para reforçar as identidades, as culturas e o sentido da vida.

Dois outros pontos merecem ser ressaltado: a festa é um fenômeno humano absolutamente social em que o “todo” e o “nós” tendem a prevalecer sobre a “parte” e o “eu” e, além disso, por ser relacional, ela tende a se desenvolver de forma assistemática e não-controlável.

¹³⁴⁸ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. 2ª ed. Campinas, Papirus, 2001, p.9

¹³⁴⁹ HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. Trad. João Paulo Monteiro, São Paulo, Perspectiva, 1996, p. 25.

¹³⁵⁰ Idem, *ibidem*. p.25.

Vimos já a importância essencial dos encontros pessoais (op. individuais), familiares, de vizinhança, de camaradagem, momentos comunitários fundamentais no âmbito da cultura popular.

Sem dúvida, a noção de festa, samba, forró, pagode, fuzuê, forrobodó, sarau, mafuá, pavana, arrasta-pé, balancê (baile), maxixe, lundu, roda, folguedo, folia, carnaval, noções eminentemente sociais, são recorrentes nas letras de samba, e mesmo 'quase indissociáveis do samba, sempre sinalizando a vida comunitária, a valorização do "nós", o encontro, o prazer, a alegria e o divertimento compartilhado.

Começo com "No pagode do Vavá" de Paulinho da Viola:

*Domingo, lá na casa do Vavá
Teve um tremendo pagode
Que você não pode imaginar
Provei do famoso feijão da Vicentina
Só que é da Portela é que sabe
Que a coisa é divina
Tinha gente de todo lugar
No pagode do Vavá*

*Nego tirava o sapato, ficava à vontade
Comia com a mão
Uma batida gostosa que tinha o nome
De doce ilusão*

*Vi muita nega bonita
Fazer partideiro ficar esquecido
Mas apesar do ciúme
Nenhuma mulher ficou sem marido*

*Um assovio de bala
Cortou o espaço e ninguém machucou
Muito malandro corria
Quando Elton Medeiros chegou
Minha gente não fique apressada
Que não há motivo pra ter correria
Foi um nego que fez 13 pontos
E ficou maluco de tanta alegria¹³⁵¹*

Vejamos agora a letra de "Alegria", de Assis Valente e Durval Maia

*Alegria pra cantar a batucada
As morenas vão sambar
Quem samba tem alegria
Minha gente era triste, amargurada*

¹³⁵¹ PAULINHO DA VIOLA (*Perfil*, Som Livre, São Paulo, 2003, gravado em 1972).

*Inventou a batucada
Pra deixar de padecer
Salve o prazer, salve o prazer*

*Da tristeza não quero saber
A tristeza me faz padecer
Vou deixar a cruel nostalgia
Vou fazer batucada
De noite e de dia, vou cantar*

*Esperando a felicidade
Para ver se eu vou melhorar
Vou cantando, fingindo alegria
Para a humanidade
Não me ver chorar¹³⁵²*

Em “Alegria do nosso Brasil”, Heitor dos Prazeres canta a festa do carnaval num plano, o “Brasil”, pouco comum nas letras de samba, salvo em situações influenciadas pela política da época, caso desse samba gravado em 1939:

*Carnaval
Alegria do nosso Brasil
Que seduz
Com seus encantos mil
Carnaval
Que tudo faz esquecer
Que faz o trovador sonhar
E nos dá prazer
E os clarins
Anunciam este grande dia
De alegria sem igual
Que todos nós festejamos
Alegres cantamos
Em louvor ao carnaval
O carnaval
É a nossa maior alegria
É o nosso ideal
O carnaval que desfaz
Até nossas tristezas
Neste mundo não há igual¹³⁵³*

“Boca rica”, de Geraldo Pereira e Arnaldo Passos, canta a festa:

*Pessoal, vamos beber
Pra dona da casa não se aborrecer*

¹³⁵² ORLANDO SILVA (*Os grandes sambas da história*, vol.2, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1937).

¹³⁵³ NILTON PAZ COM NAPOLEON E SEUS SOLDADOS MUSICAIS (*Os grandes sambas da história*, vol.20, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1939).

*Vamos agradecer a Dona Chica
Pra gente não perder essa boca rica
Pessoal...*

*Comida a noite inteira
Bebida a toda hora
Mulheres de baiana com barriguinhas de fora
O samba só acaba
Depois que rompe a aurora
A gente tem dinheiro e condução pra ir embora¹³⁵⁴*

Vejamos “Forró do Devagar”, de Martinho da Vila, Heraldo Devagar e Jorginho Pereira:

*Eu sou do samba
Mas também vou forrozar
No forró do Devagar
No forró do Devagar*

*Tem sanfona tocando
Mas o teclado ta lá
E como tem moça bonita
Pra todo mundo ralar
Na dança do rala coco
Até o dia clarear*

*Rala, rala, rala, coco
Quero ver coco ralar
Rala, rala, rala, coco
No forró do Devagar*

*Dando passinhos de samba
E também um rebolado
Quem chegar sozinho
Vai sair acompanhado
Pode-se dançar juntinho
Agarradinho ou separado*

*No forró do Devagar, no forró do Devagar
No forró de Devagar, no forró do Devagar
No forró do Devagar, no forró do Devagar
No forró do Devagar*

Eu quero ver todo mundo sambar¹³⁵⁵

¹³⁵⁴ GERALDO PEREIRA (*Geraldo Pereira*. Bebel Gilberto e Pedrinho Rodrigues. Acervo Funarte da Música Brasileira. Rio de Janeiro, Instituto Cultural Itaú, 1983).

¹³⁵⁵ MARTINHO DA VILA (*O pai da alegria*, COLUMBIA, 1999).

Em “Luz da Light”, Adoniran Barbosa descreve um pagode:

*Lá no morro, quando a luz da Light pifa
A gente apela pra vela que alumeia também
Quando tem, se não tem não faz mar
A gente samba no escuro
Que é muito mais legal*

*Quando isso acontece
Há um grito de alegria
A torcida é grande
Pra luz vortá só no outro dia
O dono da casa, estranhando a demora
E achando impossívi
Desconfia logo
Que arguém passou a mão no fuzil
Do relógio da luz¹³⁵⁶*

Em “Samba de fato”, de Pixinguinha e Baiano, temos a descrição de outro pagode:

*Samba do partido-alto
Só vai cabrocha
Que samba de fato*

*Só vai mulato filho de baiana
E a gente rica de Copacabana
Dotô fromado de anê de oro
Branca cheirosa de cabelo louro, olé*

*Também vai nego que é gente boa
Crioula prosa, gente da coroa
Porque no samba nego tem patente
Tem melodia que maltrata a gente, olé*

*Ronca o pandeiro, chora o violão
Até levanta poeira do chão
Partido-alto é samba de arrelia
Vai na cadência até raiar o dia, olé*

*E quando o samba tá mesmo enfezado
A gente fica com os óio virado
Se por acaso tem desarmonia
Vai todo mundo pra delegacia, olé*

*De madrugada quando acaba o samba
A gente fica com as perna bamba
Corpo moído só pedindo cama
A noite toda só cortando rama, olé*

¹³⁵⁶ DEMÔNIOS DA GAROA (Os grandes sambas da história, vol.16, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1965).

*A boca fica com um gosto mau
De cabo velho de colher de pau
Porque no samba que não tem cachaça
Fico zangado fazendo pirraça, olé¹³⁵⁷*

“Sambei 24 horas”, de Wilson Batista e Haroldo Lobo, fala da alegria contagiante do samba:

*Sambei 24 horas, sambei
Sambei tanto que a sandália furou
Ele me viu de madrugada
Pulando na calçada
Quando cheguei não quis abrir a porta
Por favor, ai, ai, ai amor*

*Não deixe sua pretinha
No sereno que ela vai se resfriar
Ai Pretinho, eu venho de Madureira
Tô cansada, quero descansar¹³⁵⁸*

O tema da festa em si, da confraternização, do encontro comunitário e situado, recorrente no samba, praticamente desaparece no discurso da moderna música popular brasileira. Compare-se, por exemplo, o uso da palavra “alegria”, no discurso popular sempre relacionada a um sentimento coletivo, “nós”, e a “alegria” individualizada, do “eu” livre e autônomo, abordada pela modernidade

*Caminhando contra o vento
Sem lenço e sem documento
No sol de quase dezembro
Eu vou
O sol se reparte em crimes
Espaço naves guerrilhas
Em Cardinales bonitas
Eu vou
Em caras de presidentes
Em grandes beijos de amor
Em dentes pernas bandeiras
Bomba e Brigitte Bardot
O sol nas bancas de revista
Me enche de alegria e preguiça*

¹³⁵⁷ PATRÍCIO TEIXEIRA (*Os grandes sambas da história*, vol.6, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1932).

¹³⁵⁸ WILSON BATISTA (*Wilson Batista. Acervo Funarte da Música Brasileira*. Rio de Janeiro, Instituto Cultural Itaú, 1985).

*Quem lê tanta notícia?
Eu vou
Por entre fotos e nomes
Os olhos cheios de cores
O peito cheio de amores vãos
Eu vou
Por que não? Por que não?
Ela pensa em casamento
E eu nunca mais fui a escola
Sem lenço e sem documento
Eu vou
Eu tomo uma Coca-Cola
Ela pensa em casamento
E uma canção e consola
Eu vou
Por entre fotos e nomes
Sem livros e sem fuzil
Sem fome sem telefone
No coração do Brasil
Ela nem sabe até pensei
Em cantar na televisão
O sol é tão bonito
Eu vou
Sem leço sem documento
Nada no bolso ou nas mãos
Eu quero seguir vivendo amor
Eu vou
Por que não? Por que não? ¹³⁵⁹*

Basta pensar também em versos como “Eu organizo o movimento/ eu oriento o carnaval/eu inauguro o monumento/ no planalto central do país” ou a letra de “Parque industrial” de Tom Zé:

*Retocai o céu de anil
Bandeirolas no cordão
Grande festa em toda a nação
Despertaí com orações
O avanço industrial
Vem trazer nossa redenção*

*Tem garotas propaganda
Aeromoças e ternura no cartaz
Basta olhar na parede
Minha alegria num instante se refaz*

*Pois temos o sorriso engarrafado
Já vem pronto e tabelado*

¹³⁵⁹ “Alegria, alegria” VELOSO, Caetano. *Letra só*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003, p.56.

*É somente requeantar e usar
É somente requeantar e usar
Porque é made made made
Made in Brazil*

*A revista moralista
Traz uma lista dos pecados da vedete
E tem jornal popular
Que nunca se espreme
Porque pode derramar
É um banco de sangue encadernado
Já vem pronto e tabelado
É somente folhear e usar
É somente folhear e usar
Porque é made made made
Made in Brazil¹³⁶⁰*

Trata-se evidentemente de letras criadas e construídas a partir de um determinado *modelo de consciência*, que deve ser associado ao individualismo e à leitura crítica, reflexiva e distanciada da vida e do mundo. Carregam, portanto, bem outras concepções de “alegria” e “festa”.

É interessante observar na letra de Tom Zé o uso da palavra “popular” com o sentido estereotipado e largamente disseminado nas camadas cultas.

Apesar de tudo isso, a modernidade conhece muito bem e usufrui bastante da “festa” no sentido tradicional, alegre, espontâneo e popular. O enfoque, porém, tende a desaparecer de seu discurso.

Um último comentário: a “festa”, tão simples, prosaica, cotidiana e banal, conhecida por qualquer um e em qualquer lugar, é algo difícil de explicar crítica, reflexiva e objetivamente. Trata-se de mais um sinal comprovando a complexidade da vida situada e do *senso comum*.

¹³⁶⁰ FAVARETTO, Celso. *Tropicália, alegoria, alegria*. 3ª ed. Ateliê Editorial, 2000, p.157

7. 10 O tema filosófico

O pensamento oriundo da oralidade, como vimos, tende à visão de mundo empática, situacional, não-diferenciada, subjetiva e contextualizadora e, em tese, não poderia ser associado à abordagem filosófica tradicional, sempre reflexiva, crítica e objetiva construída através da análise e do distanciamento.

Pensemos porém nos pressupostos 1) a valorização da família; 2) o modelo hierárquico como substrato da vida; 3) a valorização do contexto e seu sub-tema; 4) a moral ingênua que implica os seguintes sub-temas: 4.1) a solidariedade, 4.2) a primazia dos interesses do grupo (os interesses “da gente” ou “de pessoal”), 4.3) a primazia dos interesses pessoais, 4.4) o tom agônico, 4.5) a malandragem e 4.6) a justiça feita com as próprias mãos; 5) a religiosidade e 6) a valorização do acervo de conhecimentos representado pelo *senso comum*.

Pensemos ainda neste imenso acervo, um conjunto moral heteroxo representado, por exemplo, pelos ditados populares. “O senhor escute meu coração, pegue no meu pulso. O senhor avista meus cabelos brancos... Viver – não é? – é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo. O sertão me produz, depois me enguliu, depois me cuspiu do quente da boca...O senhor crê minha narração?”¹³⁶¹

“Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo”.

Assim Riobaldo, o complexo personagem roseano, coloca a questão da fragilidade humana diante de forças muito maiores e incompreensíveis, diante da experiência prática e situada de viver a vida concretamente. Sua postura é exatamente a postura popular, enraizada em toda uma concepção de vida, em uma visão de mundo baseada no *senso comum* que “dá tempo ao tempo” e que sabe que a vida está “nas mãos de Deus” por isso é sempre inesperada, imprevisível e incontrolável até porque, de vez em quando, “Deus escreve certo por linhas tortas”.

É a mesma postura que afirma que “entre o princípio e o fim há sempre um meio” ou que “mais vale um hoje do que dois amanhãs” ou “na vida a única coisa permanente é a mudança”, ou “na vida, tirando o motorista e o cobrador, todo o resto é passageiro”.

¹³⁶¹ ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro, José Olympo, 1956, p.572

Trata-se do pensamento contextualizado, pragmático e sempre situado, apontado por Eric Havelock e tantos outros. Assim como o *modelo de consciência* popular e oral implica numa “moral” e não numa “ética”, implica também a ação, “viver”, e não a reflexão distanciada, a idéia, a noção geral, a “vida” ou a “vivência”.

Lembro ainda da sugestão de John Searle a respeito de uma *teoria implícita*. Tal teoria seria contruída num processo de longa duração a partir de noções e princípios do *senso comum*. Sabemos que o que significa um sorriso ou o choro. Sabemos identificar a dor. Sabemos que a água molha, que o fogo pode ser perigoso e queima, que o trabalho cansa e que a união costuma fazer a força. Para Searle o imenso conjunto de conhecimento representado pela “teoria implícita”, ou seja, pelo *senso comum*, é um substrato fundamental do comportamento humano.¹³⁶²

Vejamos o que ele diz.

Segundo Searle, as pessoas reconhecem a existência destes princípios teóricos enraizados no *senso comum* mas caçoam deles alegando que são meramente uma teoria popular e deveriam se suplantados por alguma explicação mais séria, sistemática, objetiva e científica do comportamento humano. Searle desconfia desta pretensão. Nas suas palavras, “Aristóteles e Descartes sentir-se-iam plenamente familiarizados com a maior parte de nossas explicações do comportamento humano, mas não com as nossas explicações dos fenômenos biológicos e físicos. A razão habitualmente aduzida para isso é que Aristóteles e Descartes dispunham de uma teoria primitiva da Biologia e da Física, por um lado, e de uma teoria primitiva do comportamento humano, por outro; e que, enquanto progredimos na Biologia e na Física, não fizemos um avanço comparável na explicação da conduta humana. Quero sugerir uma concepção alternativa. Penso que Aristóteles e Descartes, tal como nós, já possuíam uma teoria sofisticada e complexa da conduta humana. Penso igualmente que muitas explicações, supostamente científicas do comportamento humano, como as de Freud, empregam efectivamente mais do que substituem os princípios da nossa teoria implícita da conduta humana”.¹³⁶³

¹³⁶² SEARLE, John R. *Mente, cérebro e ciência*. Lisboa, Edições 70, 1984, p.73 e 74

¹³⁶³ Op.cit , 1984, p.73 e 74

E esses princípios implícitos e fundamentais relativos à conduta humana, quero ressaltar, foram concebidos e construídos longe de laboratórios, modelos teóricos ou pesquisas e estatísticas científicas mas, sim, de forma empírica, assistemática e intuitiva, à la *bricoleur*, através das relações, das trocas e da acumulação de experiência entre os homens.

Ao tratar da tradição, referi-me, por diversas vezes, a partir de Carlos Rodrigues Brandão e outros, à existência de “padrões de longa duração” próprios das culturas populares e “padrões de curta duração” característicos do desenvolvimento científico e da cultura moderna.

Este acervo de princípios implícitos fundamentais mencionado por Searle, essa “teoria sofisticada e complexa da conduta humana”, um exemplo paradigmático do conhecimento baseado no *senso comum*, foi construído através de um longo processo de amadurecimento e experimentação, ou de “padrões de longa duração”.

Processos vagarosos desenvolvidos de forma tradicional, ou seja, assistemática, empírica e intuitiva, nem de longe são portanto relativos apenas ao “povo”, ao “folclore” ou à “cultura popular”, mas, na verdade, dizem respeito a todos os homens, ao tirocínio humano e seus heterodoxos, espontâneos e criativos expedientes e procedimentos.

Quero reforçar essa posição: tanto o conhecimento prático do *senso comum* – presente nos ditados populares – como temas cotidianos como o amor, os afetos, as emoções, a família, a relação com o Outro, a festa, a corporalidade, a religiosidade, o trabalho e o envelhecimento, entre outros, ao contrário do que parece supor certo pensamento erudito e canônico, referem-se a assuntos extremamente complexos, contraditórios e ambíguos, até porque não podem ser apreendidos, em sua plenitude, pela fixação, pelo distanciamento ou pela visão objetiva. Na verdade, essa apreensão só pode ocorrer na “relação” e, portanto, não são passíveis de enquadramento em teorias, modelos ou sistemas lógicos e fixos. Quando o são, quase sempre dão margem ao conceito popular que costuma dizer, em geral, acertadamente: “Na teoria, a prática é outra”.

A partir de tudo isso, creio, é possível falar de uma “filosofia”. Além dos exemplos citados, relativos aos itens enumerados acima e que remetem para o capítulo sobre o *senso comum*, alguns sambas podem ser considerados filosóficos, no sentido de trazerem a baila intencionalmente uma espécie de especulação sobre a vida (embora não uma especulação reflexiva e sistemática).

Pretendo comentar um samba de Paulinho da Viola mas deixo para fazer isso no final.
Antes, vejamos o samba de Nelson Sargento, “A noite se repete”:

*A noite se repete
Porque se repete o dia
Tristeza só existe
Porque existe alegria
A terra é quem dá
A vida para a flor
Num coração sincero
É que desponta um grande amor
Por existir a vida
É que a morte impera
Por haver gente falsa
É que há gente sincera
Se não houvesse mar
Não haveria embarcação
Se eu não te amasse
Não sofreria ingratidão¹³⁶⁴*

“Escasseia”, de Zé do Maranhão, Beto Sem Braço e Aluisio Mac é outro exemplo:

*O santo que faz milagre também castiga
O chão que dá flores também dá urtiga
A mulher que ama também odeia
E tudo que dá em abundância escasseia*

*Escasseia, escasseia
Tudo que dá em abundância escasseia
Você me dê uma volta
Na reviravolta eu lhe dou volta e meia
A minha grande revolta
Quem sempre recolhe não é quem semeia*

*Escasseia, escasseia
Tudo que dá em abundância escasseia*

*No terreno baldio, eu jogo entulho
E no seu desprezo, eu jogo o meu orgulho
Não se deve subestimar um adversário fraco
Fim do jogo de xadrez, peão e rei vão pro mesmo buraco*

*Escasseia, escasseia
Tudo que dá em abundância escasseia¹³⁶⁵*

¹³⁶⁴ NELSON SARGENTO (*Flores em vida*, Rádio Mec, Rob Digital, s/d).

¹³⁶⁵ BETH CARVALHO (*Beth Carvalho*, Coleção 100 anos de música RCA, CD Duplo, RCA, São Paulo, 2001, gravado em 1977).

“O ouro e a madeira”, de Ederaldo Gentil:

*Não queria ser o mar, me bastava a fonte
Muito menos ser a rosa
Simplesmente o espinho
Não queria ser caminho, porém o atalho
Muito menos ser a chuva, apenas o orvalho
Não queria ser o dia, só a alvorada
Muito menos ser o campo, me bastava o grão
Não queria ser a vida, porém o momento
Muito menos ser concerto, apenas a canção*

*O ouro afunda no mar, mar
Madeira fica por cima, por cima
Ostra nasce do lodo, do lodo
Gerando pérolas finas, finas
O ouro afunda no mar
Madeira fica por cima
Ostra nasce do lodo¹³⁶⁶*

A marcha “Gastei tudo num dia”, de Ataulfo Alves e Jorge Murad, revela toda uma filosofia de vida

*Gastei tudo num dia
Mas fiz tudo aquilo que eu queria
Sambei, sambei à beça
A gente tendo saúde
O resto não interessa*

*Pra que fazer tanta economia
Se a morte quando vem não diz o dia
Eu gasto dinheiro à beça
A gente tendo dinheiro
O resto não interessa¹³⁶⁷*

“Meu mundo é hoje (eu sou assim)”, do grande Wilson Batista e José Batista expõe certa filosofia de vida:

*Eu sou assim
Quem quiser gostar de mim eu sou assim
Eu sou assim
Quem quiser gostar de mim eu sou assim*

Meu mundo é hoje, não existe amanhã pra mim

¹³⁶⁶ EDERALDO GENTIL (*Sambas da Bahia. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1974).

¹³⁶⁷ ALVES, Ataulfo e suas pastoras e MONTEIRO, Ciro (*Grandes Encontros Vol. V*. São Paulo, Intercd records, 7895509210028, 2000).

*Eu sou assim, assim morrerei um dia
Não levarei arrependimentos
Nem o peso da hipocrisia*

*Tenho pena daqueles
Que se agacham até o chão
Enganando a si mesmos
Por dinheiro ou posição
Nunca tomei parte
Nesse enorme batalhão
Pois sei que além de flores
Nada mais vai no caixão¹³⁶⁸*

“Olho por olho”, de Zé do Maranhão e Daniel Santos, postula de certo modo a filosofia do “toma lá dá cá”

*A justiça dos homens
Condena a bigamia
Nem uma mulher pode ter dois Josés
Nem um homem pode ter duas Marias
Dente por dente
Olho por olho
Se tentar me enganar
Bota a barba de molho
Você se diz malandro
Malandro você não é
Porque não existe homem malandro
Pra mulher
Você já fez a primeira
Mas a segunda não faz
A partir de hoje os direitos são iguais¹³⁶⁹*

Pedro Caetano também filosofa em “O que se leva dessa vida”

*O que se leva desta vida
É o que se come
É o que se bebe
É o que se brinca, ai, ai*

*Ai como sofre o usurário
Que tem tanto que nem sabe o que fazer
Como padece o coitadinho que se mata
Sem ganhar nem pra comer
Eu nada tive e o que tenho nesta vida
Só é ruas pra andar
Mas meu consolo é que essa gente*

¹³⁶⁸ PAULINHO DA VIOLA (*Paulinho da Viola*, Coleção Bis, Dois Cds, EMI, Rio de Janeiro, 2000, gravado em 1972).

¹³⁶⁹ BETH CARVALHO (*Pérolas do pagode*, Globo Polydor, São Paulo, 1998).

*Que tem muito
No caixão não vai levar
Porque não pode carregar*¹³⁷⁰

“Lei do cão”, de Nelson Sargento, remete também ao “toma-lá-dá-cá”:

*Agora vai ser tudo diferente
É olho por olho
É dente por dente
Não faço mais opção
Rasguei o meu diploma de bobo
Não sou mais carneiro
Eu agora sou lobo em qualquer situação
Guerra é guerra, pau no (cu)?, a ferro e fogo
Mudei as regras do jogo
Dou cartas na tapeação
É lei do cão, é natureza
Não dou moleza, não tem pra ninguém
Primeiro eu, segundo eu, terceiro e quarto eu também
É lei do cão, é natureza
Não dou moleza, não tem pra ninguém
Assim procedendo eu vou vivendo muito bem*¹³⁷¹

“Conversa fiada”, de Joãozinho da Pecadora, filosofa também:

*Ai Joãozinho
O negócio é amor
O resto é conversa fiada*

*Amanhã a gente morre
Da terra não se leva nada*

*Se você casar comigo
Vai ficar bem arrumada
Tenho três milhões no banco
Trinta casas alugadas
Na fazenda do meu pai
Tem cachoeira avançada
Vai passar fim de semana
Com sombra e água gelada
A mansão tem trinta quartos
Dezessete empregados*¹³⁷²

“Devagar, Devagarinho”, de Eraldo Devagar já foi citada

¹³⁷⁰ CAETANO, Pedro (*A música popular brasileira deste século por seus autores e intérpretes*. SESC, 1973).

¹³⁷¹ NELSON SARGENTO (*Sonho de um sambista*, coleção Memória Eldorado, Gravadora Eldorado, Sony Music, s/d).

¹³⁷² MINHA PORTELA QUERIDA (*Coro dos compositores da Portela*, EMI, 1972).

*É devagar, é devagar
É devagar, é devagar
Devagarinho
Devagarinho
É que a gente chega lá
Se você não acredita
Você pode tropeçar
E tropeçando
O seu dedo se arrebenta
Com certeza não se agüenta
E vai xingar*

*É devagar, é devagar
É devagar, é devagar
Devagarinho*

*Eu conheci um cara
Que queria o mundo abarcar
Mas de repente
Deu com a cara no asfalto
Se virou, olhou pro alto
Com vontade de chorar*

*É devagar, é devagar
É devagar, é devagar
Devagarinho*

*Sempre me deram a fama
De ser muito devagar
E desse jeito
Vou driblando os espinhos
Vou seguindo o meu caminho
Sei aonde vou chegar¹³⁷³*

“Pra que dinheiro”, de Martinho da Vila, acredita que dinheiro não é tudo:

*Dinheiro pra que dinheiro
Se ela não me dá bola
Em casa de batuqueiro
Só quem fala alto é viola
Venha depressa, correndo pro samba
Porque o samba já vai terminar
Afina logo a sua viola
E canta samba até o sol raiar
Mas, dinheiro pra que dinheiro...
Eu era um cara muito solitário
Não tinha mina pra me namorar
Depois que eu comprei uma viola
Arranjo nega de qualquer lugar*

¹³⁷³ MARTINHO DA VILA (*Martinho da Vila. Grandes Sucessos*. São Paulo, Columbia, s/d).

*Dinheiro pra que dinheiro...
Eu tinha grana
Me levaram a grana
Fiquei quietinho
Nem quis reclamar
Mas, se levarem
A minha viola, não me segura
Porque eu vou brigar
Dinheiro pra que dinheiro...
Pára depressa com essa viola
Porque o samba já vai terminar
Eu vou depressa correndo pra casa
Pegar a marmita para ir trabalhar
Dinheiro pra que dinheiro...*¹³⁷⁴

“Filosofia”, de Noel Rosa, fala do viver e das aparências:

*O mundo me condena
E ninguém tem pena
Falando sempre mal do meu nome
Deixando de saber
Se eu vou morrer de sede
Ou se eu vou morrer de fome*

*Mas a filosofia
Hoje me auxilia
A viver indiferente assim
Nesta prontidão sem fim
Vou fingindo que sou rico
Pra ninguém zombar de mim*

*Não me incomodo
Que você me diga
Que a sociedade é minha inimiga
Pois cantando neste mundo
Vivo escravo do meu samba
Muito embora vagabundo*

*Quanto a você
Da aristocracia
Que tem dinheiro
Mas não compra a alegria
Há de viver eternamente
Sendo escrava dessa gente
Que cultiva a hipocrisia*¹³⁷⁵

¹³⁷⁴ MARTINHO DA VILA (*Canta, canta minha gente*. São Paulo, BMG/RCA, 1989).

¹³⁷⁵ MÁRIO REIS (*Os grandes sambas da história*, vol. 10, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravação de 1933).

“Filosofia do samba” de Candeia é outro bom exemplo. Note-se que para cantar samba não é preciso ter “razão”, pois esta está sempre com dois lados:

*Pra cantar samba
Não preciso de razão
Pois a razão está sempre com dois lados
Amor é tema tão falado
Mas ninguém seguiu, nem cumpriu a grande lei
Cada qual, romance próprio
Liberdade igualdade
Onde estão? Não sei*

*Mora na filosofia
Morô Maria, Morô Maria, Morô Maria
Mora na filosofia
Morô Maria, Morô Maria, Morô Maria*

*Pra cantar samba
Vejo o tema na lembrança
Cego é quem vê
Só aonde a vista alcança
Mandei meu dicionário as favas
Mudo é quem só se comunica com palavras
Se um dia nasce, renasce o samba
Se o dia morre, revive o samba*

*Mora na filosofia
Morô Maria, Morô Maria, Morô Maria
Mora na filosofia
Morô Maria, Morô Maria, Morô Maria¹³⁷⁶*

O pensamento que tende à leitura binária do mundo (opostos binários), como apontaram autores díspares como Lévi-Strauss, E. M. Meletinski e J.P. Denny está quase sempre presente nessa filosofia oral e popular.

Sobre essas oposições, diz Meletinski que “[o]s ‘blocos’ primordiais das classificações mitológicas simbólicas não são constituídos pelos motivos, mas pelas relações em forma de oposições semânticas elementares, primeiramente daquelas que correspondem à mais simples orientação espacial e sensorial do homem (alto/ baixo, esquerdo/ direito, próximo/ distante, interno/ externo, grande/ pequeno (...) claro/ escuro (...), que em seguida ‘objetivam-se’ e são completadas por simplíssimas correlações no *continuum* cósmico espaço-temporal (céu/ terra, terra/ mundo subterrâneo,(...) dia/ noite,(...) sol/ lua), no *socium* (seu/outro, masculino/feminino, mais velho/mais moço (...), ou no limite do *socium* e do cosmo, na

¹³⁷⁶ PAULINHO DA VIOLA (*Raízes do samba*, EMI, São Paulo, 1999, gravado em 1971).

natureza e na cultura (água/ fogo, fogo do sol/ fogo do fogão, cru/ cozido, casa/ floresta, povoação/ deserto etc.) até oposições numéricas mais abstratas (par/ ímpar, três/ quatro etc.) e antinomias fundamentais como morte/vida, felicidade/infelicidade etc. bem como na oposição mitológica principal de sagrado/profano”.¹³⁷⁷

Vale a pena acrescentar outras oposições semânticas banais e cotidianas como: pobre/rico, malandro/ trabalhador, prazer/ dor, amor/ ódio, coragem/ medo, força/ fraqueza, sonho/ realidade, paixão/ tédio, originalidade/ repetição, agressividade/ passividade, independência/ submissão, euforia/ depressão, empatia/ antipatia, liberdade/ prisão, alegria/tristeza, indivíduo/ grupo etc.

Ou processos como o envelhecimento (a juventude), a convivência com o desconhecido (o Outro) e o incompreensível (a oposição *sensu comum*/ caos e desconhecimento), o mistério dos diferentes pontos de vista (por ex. o gosto pessoal, o Outro) processos também essencialmente binários.

É bom ressaltar que o sistema binário, muitas vezes colocado como próprio do pensamento “concreto” ou “selvagem”, costuma, como vimos, ser utilizado diariamente por todos nós: as oposições do tipo formas populares e eruditas; os planos do conteúdo e da expressão; o eixo sintagmático e o paradigmático; os planos diacrônico e sincrônico; consciência e inconsciência; imanência e transcendência, diferenciação e não-diferenciação são bons exemplos de uma lista infundável.

Gostaria de comentar o samba “Solução de vida”, de Paulinho da Viola e Ferreira Gullar:

*Acreditei na paixão
E a paixão me mostrou
Que eu não tinha razão*

*Acreditei na razão
E a razão se mostrou
Uma grande ilusão*

*Acreditei no destino
E deixei-me levar
E no fim
Tudo é sonho perdido*

¹³⁷⁷ MELETÍNSKI, E.M. *A poética do mito*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987, p.270.

*Só desatino
Dores demais*

*Hoje com meus desenganos
Me ponho a pensar
Que na vida a paixão e a razão
Ambas têm seu lugar*

*E por isso eu lhe digo
Que não é preciso
Buscar solução para a vida
Ela não é equação
Não tem que ser resolvida*

*A vida, portanto, meu caro
Não tem solução¹³⁷⁸*

Apesar de elaborada a partir do sistema de opostos binários, a bela letra deste samba escrita, note-se, pelo poeta Ferreira Gullar, apresenta um relativismo crítico, um ceticismo irônico e, sem dúvida, o pressuposto da secularização, traços recorrentes da modernidade. Em outras palavras, a vida, no caso desta letra, definitivamente não está nas mãos de Deus, nem de nenhum destino. Tais características, a meu ver, se afastam ou são, em geral, menos recorrentes nas letras de samba.

Se há uma “filosofia” no tropicalismo, para ficar na nossa referência comparativa quase constante, ela está ligada à reflexividade, como vimos, para Giddens “[a] reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter. (...) O que é característico da modernidade não é uma adoção do novo por si só, mas a suposição da reflexividade indiscriminada - que é claro, inclui a reflexão sobre a natureza da própria reflexão.”¹³⁷⁹ Além disso, o tropicalismo compromete-se com as “linhas evolutivas”, portanto com o “evolucionismo”, o “desenvolvimento”, o “progresso” e a “modernidade” e suas já vistas implicações.

¹³⁷⁸ PAULINHO DA VIOLA (*Bebadosamba*. São Paulo, BMG, 7432141789-2, 1996).

¹³⁷⁹ GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo, Editora Unesp, 1991, p.45/46

7.11 O tema da louvação

É importante lembrar de uma forma popular oral muito antiga. Trata-se da ode panegírica, o discurso laudatório e elogioso, que corresponde à evocação de deuses e heróis e à louvação de santos ou de pessoas importantes dentro da coletividade.

Tal forma da poética oral arcaica, mencionada por Ruth Finnegan e Sigismundo Spina, raramente surge no discurso da moderna música popular, mas é recorrente nas letras de samba. Como já vimos, ela se confunde com a valorização das hierarquias e, como veremos, com o tema da tradição.

Vejamos alguns exemplos. Começo com Paulinho da Viola e um trecho do seu “Bebadosamba”:

*Chama que o samba semeia
A luz de sua chama
A paixão vertendo ondas
Velhos mantras de Aruanda
Chama por Cartola, chama
Por Candeia
Chama Paulo da Portela, chama
Ventura, João da Gente e
Claudionor
Chama por mano Heitor, chama
Ismael, Noel e Sinhô
Chama Pixinguinha, chama
Donga e João da Baiana
Chama por Nonô
Chama Ciro Monteiro
Wilson e Geraldo Pereira
Monsueto, Zé com Fome e Pandeirinho
Chama Nelson Cavaquinho
Chama Ataulfo
Chama por Bide e Marçal
Chama, chama, chama
Buci, Raul e Arnô Canegal
Chama por mestre Marçal
Silas, Osório e Aniceto
Chama mano Décio
Chama por meu compadre Mauro Duarte
Jorge Mexeu e Geraldo Babão
Chama Alvaiade, Manacéia
E Chico Santana
E outros irmãos de samba¹³⁸⁰*

¹³⁸⁰ PAULINHO DA VIOLA (*Bebadosamba*, BMG, São Paulo, 1996).

“Corri para ver”, de Chico Santana, Monarco e Casquinha, homenageia a Portela e os sambistas Claudionor e Paulo Portela

*Ouvi cantando assim
Ôô, ôô
A majestade do samba
chegou, chegou
Corri pra ver
Pra ver quem era
Chegando lá
Era a Portela
Era a Portela do seu Natal
Ganhando mais um carnaval
Era a Portela do Claudionor
Portela é meu grande amor
Era rainha de Oswaldo Cruz
Portela muito nos seduz
Foi mestre Paulo seu fundador
Nosso poeta e professor¹³⁸¹*

“De Paulo a Paulinho”, de Chico Santana e Monarco, homenageia vários heróis da Portela: Paulo Portela, Natalino, Rufino, Candeia, Picolino e Paulinho da Viola:

*Antigamente era Paulo da Portela
Agora é Paulinho da Viola*

*Paulo da Portela, nosso professor
Paulinho da Viola, o seu sucessor
Vejam que coisa tão bela
O passado e o presente
Da nossa querida Portela*

*Paulo, com sua voz comovente
Cantava ensinando a gente
Com pureza e prazer
O seu sucessor na mesma trilha
É razão que hoje brilha
Vaidade nele não se vê*

*Oh Deus, conservai esse menino
Que a Portela do seu Natalino
Saúda com amor e paz
Quem manda um abraço é Rufino
Pois Candeia e Picolino lhe desejam muito mais¹³⁸²*

“Dona Zica e Dona Neuma”, de Zé Luiz, Nei Lopes e Carlinhos 7 Cordas homenageia duas damas do samba e da Mangueira:

¹³⁸¹ VELHA GUARDA DA PORTELA (*Tudo Azul*, Phonomotor Record's, s/d).

¹³⁸² MONARCO (*A voz do samba*. Rio de Janeiro, Kuarup Discos, s/d).

*Para resolver qualquer parada
E evitar qualquer celeuma
Duas coroas super da pesada
Dona Zica e Dona Neuma*

*O ibope diz que na verdade
Credibilidade às pesquisas se aplica
Só quem lhe garante mesmo é Dona Neuma e Dona Zica
Repórter policial, se o caso é federal eu vou dar uma dica
Ouve primeiro o Romeu
Mas depois Dona Neuma e depois Dona Zica*

*Houve uma queda na bolsa
E o investidor que quase se trumbica
Foi salvo por uma ação de Dona Neuma e Dona Zica
Foi descoberta a vacina que vence, domina, cura
E fortifica
Dona Neuma em nome da ciência
Fez a experiência e salvou Dona Zica*

*Eleição para a prefeitura
Uma candidatura o povo reivindica
Pra prefeita Dona Neuma e pra vice Dona Zica
Final de Copa do Mundo
Faltando um segundo o Brasil se complica
Mas Dona Neuma bordeja
Entrega de bandeja, é o gol, Dona Zica*

*Com aquela da cronometragem
Nossa malandragem ficou paranóica
Dona Zica então gritou
A saída é a Perestroika
Vamos dar samba em Berlim
Aos nossos tamborins, com vodca as cuícas
Dona Neuma então no jogo duro
Derrubou o muro e abraçou Dona Zica¹³⁸³*

Outro exemplo é a “Homenagem” a Noel Rosa feita por Moreira da Silva:

*Poeta igual a você nunca mais
Não desfazendo dos autores do presente e do futuro
Estou dizendo o que o meu coração sente
Não é mentira e sim verdade, eu juro
Já prestei minha homenagem a Vila Isabel e a você
Meu saudoso Noel
Esteja com Deus e que esse lhe dê o reino da glória
Porque na terra temos você na memória*

¹³⁸³ ALCIONE (*Pagode de mesa da melhora qualidade*. São Paulo, BMG/RCA, 2003, gravado em 1993).

*Enquanto existir o samba
Eu nunca o esquecerei
Enquanto houver gente bamba
De você me lembrarei
Seu nome ficará para sempre na história
Porque na terra você foi uma glória
Enquanto existir Vila Isabel
Ficará para sempre seu nome Noel¹³⁸⁴*

“Paula”, de Dauro do Salgueiro e Nei Lopes, homenageia uma grande passista:

*Há muito tempo não se fala em Paula
A mulata que dá aula
De samba e autenticidade
Sambista que não tem equivalência
É destaque de nascença
Na maior simplicidade
Farinha pouca, meu pirão primeiro
Eu que sou lá do Salgueiro
Não vou deixar pra ninguém
Daí, resolvi homenageá-la
Em nome da minha ala
E da minha escola também*

*Paula é uma das poucas que ainda nos deixa
Com água na boca no bom miudinho
No machucadinho, no denço meu bem
Paula, no bolimolacho, bulindo em cima
Mexendo em baixo, é a mamemolência
É a competência que só ela tem
Mas hoje Paula desfila anonimamente
No meio de damas de alta patente
De autoridade de jovem em flor
De gente que nem se interessa em saber quem é paula
Senhora mucama que sabe dar aula
De samba e de vida prá muito senhor¹³⁸⁵*

“Primeira escola”, de Pereira Mattos e Joel de Almeida, menciona e louva vários sambistas importantes:

*A primeira escola de samba
Surgiu no Estácio de Sá
Eu digo isso e afirmo
E posso provar
Porque existia naquele tempo
Os professores do lugar*

¹³⁸⁴ MOREIRA DA SILVA (*Conversa de Botequim*, Rio de Janeiro, EMI, 2003, gravado em 1970).

¹³⁸⁵ VELHA GUARDA DO SALGUEIRO (*Velha Guarda do Salgueiro*, Sum Records, s/d).

*Mano Milton, Mano Rúbio e Edgar
Ainda há outros que eu não quero falar
Depois surgiu a favela
Mangueira e mais tarde a Portela
Ainda faltam muitas outras
E peço me desculpa por não falar
A não ser Vila Isabel
Em homenagem ao saudoso Noel¹³⁸⁶*

“Saudades da Portela”, de Monarco, é uma louvação à escola de samba Portela e seus heróis:

*Portela, minha querida Portela
Sinto saudades daquelas
Lindas noites de luar*

*Saudades, do saudoso Natalino
Paulo, Alcides, Rufino
Quando vinham ensaiar
As donas, como Dona Bernardina
Liete, Alice, Brulina
E a saudosa Dagmar*

*Sinto um imenso prazer
E me orgulho de ti
No teu reduto foi que um dia eu nasci*

*Muito aprendi com os teus sambistas
Particpei de várias conquistas
Conheço toda a tua história
O teu passado de glória me faz sorrir
E também sinto um orgulho em dizer
Que eu sempre fui Portela
E serei até morrer¹³⁸⁷*

“Uma rosa pro Cartola”, de Wilson Moreira e Nei Lopes, homenageia o grande sambista Cartola:

*Uma rosa
Me falou de um personagem
Que é poeta de linhagem
Mais alta que a dos maiores
Verde e rosa
Do alto do seu reinado
Violão todo estrelado
Faz canções celestiais*

¹³⁸⁶ OS CINCO CRIoulos (Samba no Duro Vol. II. Rio de Janeiro, EMI, 2003, gravado em 1968).

¹³⁸⁷ MONARCO (A voz do samba. Rio de Janeiro, Kuarup Discos, s/d).

*Você sabe
De quem é que estou falando
Menestrel, mestre e malandro
Que no samba fez a sua escola*

*Samba
Hoje é coisa de respeito
Mesmo andando com pandeiro e com viola
Graça entre outros a este menino
Que é divino
E deixou de ser Cartola¹³⁸⁸*

“Velhas companheiras”, de Monarco, também fala nos sambistas pioneiros:

*Quando o Paulo e o Rufino
Marcelinho e Gradim
Estreitando nossos laços
De amizade fraternal
Por isso que a Portela e a Mangueira
São as grandes pioneiras
Das escolas no carnaval
Em noitadas lindas já presenciei
Os sambistas com emoção
Como já dizia o bom Cartola
Ponto alto da escola
Sala de recepção
Tremulavam juntas nossas bandeiras
Velhas companheiras
Semeando a paz
Por isso que a Portela e a Mangueira
Sempre foram as primeiras dos idos carnavais¹³⁸⁹*

“Aniceto, o partido mais alto”, de Sombrinha, Arlindo Cruz e Luis Carlos da Vila, é uma homenagem ao grande partideiro:

*Aniceto vara noites à vera
Todo mundo se admira, ele vira
Vira a noite não vê hora, devora
Pra versar com ele é preciso estrutura, bravura*

*É um patrimônio a ser preservado
Em prol da cultura de nosso país
Faz um pandemônio no samba versado
Aniceto é pura raiz
Filho da macumba, padrinho do jongo*

¹³⁸⁸ DONA IVONE LARA (*Alegria minha gente (serra dos meus sonhos dourados)*. São Paulo, WEA Music, 2001, gravado em 1982).

¹³⁸⁹ MANGUEIRA E PORTELA (*Velhas Companheiras*. Rio de Janeiro, Nikita Music/Ouver Records, 1999).

*Da chula, marido
O seu nome é Aniceto
Seu sobrenome é partido
Aniceto faz o quê?*

*Monumento vivo, a arte do canto
Dos bambas que mais sabem improvisar
Jamais foi esquivo ainda que tantos viessem lhe desafiar
E em cada tirada uma coisa é certa
Lá vem obra-prima
Salve o mestre Aniceto
Partido mais alto da rima¹³⁹⁰*

“Cartola”, de Babaú, louva um mestre do samba:

*Cartola, Catola
Poeta Angenor de Oliveira
Receba estas rosas
Quem lhe oferece
É a Mangueira
As rosas não falam
Exalam o perfume colossal
Bem semelhante
Ao perfume
Do teu samba
Que você fez original
Cartola é bamba é samba
É paz e amor
Suas obras produzidas
Em Mangueira
São todas de real valor¹³⁹¹*

“Clube do samba”, de João Nogueira, é repleto de homenagens e louvações:

*Melhor é viver cantando
As coisas do coração
É por isso que eu vivo no clube do samba
Nessa gente bamba
Eu me amarro de montão
É por isso que eu vivo no clube do samba
Nessa gente bamba
Eu me amarro de montão
Tem gente de Madureira
De Vila Isabel
E do Méier também*

¹³⁹⁰ ALCIONE (*Os grandes sambas da história*, 40 volumes, São Paulo, BMG Brasil e Ed.Globo, 1997, vol.34).

¹³⁹¹ SILVA, Marília Barboza da e FILHO OLIVEIRA, Arthur. *Cartola Os tempos idos*. Rio de Janeiro, Gryphus, 1998, p.15

*O pessoal da Mangueira
Leblon, Ipanema
E da Vila Vintém
Uma morena bacana
De Copacabana
Me disse: João
Eu passo toda semana
Com o clube do samba no meu coração
A Dona Ivone de Lara
Me disse que a Clara
Está muito bem
E que o novo trabalho
Da Beth Carvalho
Não dá pra ninguém
Vejam vocês, Alcione
Roberto Ribeiro
Enfrentam uma fila
Foram comprar um ingresso
Para assistir o show
Do Martinho da Vila
Olha a tia Clementina
Parece menina
Sempre a debutar
Vive cantando pagode
Saracoreando pra lá e pra cá
Chico Buarque de Holanda
Tá tirando onda
Não quer trabalhar
Vive batendo uma bola
E tocando viola de papo pro ar¹³⁹²*

“Coisa de partideiro”, de Alcyr Marques e Sereno, é outra louvação:

*É bom cantar numa roda de samba
Onde só gente bamba pode versar
Vem sambar sinhô
Vem sambar sinhá
Até o dia clarear*

*E quando o samba incendeia
Eu lembro Candeia que ensinou
Que o partido-alto é pra ser cantado em versos de amor
Quem não traz no fundo do peito
Guardado com jeito uma grande paixão
Na hora do samba versado
Que fique de lado e aprenda a lição
Pois é bom cantar...*

¹³⁹² JOÃO NOGUEIRA (*Os grandes sambas da história*, 40 volumes , São Paulo, BMG Brasil e Ed.Globo, 1997, vol 34).

*Pra quem não viu o samba com garra
 Dona Ivone Lara vive pra contar
 Que no Império, lá em Madureira
 Silas de Oliveira cansou de mostrar
 No enredo, samba de terreiro
 Com mestre Fuleiro foi sempre emoção
 Na hora do samba versado
 Quem ficou de lado aprendeu a lição
 Pois é bom cantar...
 Pra quem se diz partideiro
 Mas que na verdade só canta o refrão
 Na hora do samba versado
 Que fique de lado e aprenda a lição
 Pra quem dança partido direto
 Mestre Aniceto é um campeão
 Na hora do samba de versado
 Quem ficou de lado aprendeu a lição
 Quando eu lembro velha Clementina
 Tudo se ilumina, vem a inspiração
 Na hora do samba versado
 Que fique de lado e aprenda a lição
 Seguindo o mesmo caminho
 Zeca Pagodinho é nova geração
 Na hora do samba versado
 Quem ficou de lado e aprendeu a lição
 Quem invadiu o Santa Marineira
 Numa quarta-feira não marcou na mão
 Na hora do samba versado
 Que fique de lado e aprenda a lição
 É pra quem nunca ouviu Pandeirinho
 O velho Nelsinho e o Geraldo babão
 Na hora do samba versado
 Que fique de lado e aprenda a lição
 É bom cantar!¹³⁹³*

“Natalino”, de Zé Kéti, louva o líder comunitário:

*Dia de festa
 De terno branco
 Lá vai ele de tamanco
 Arrastando, arrastando
 Seu tamanco
 Arrastando seu tamanco
 Arrastando seu tamanco
 Coração grande
 Sorriso franco
 Lá vai ele de tamanco*

¹³⁹³ GRUPO FUNDO DE QUINTAL (*Grupo Fundo de Quintal. Ao vivo. Coleção Bambas do Samba, São Paulo, Som Livre, 2000*).

*Arrastando
Arrastando
O seu tamanco
Arrastando seu tamanco
Arrastando seu tamanco
Já elegeu
Em Osvaldo Cruz
Um deputado
No samba ele é considerado
Muito respeitado no ambiente
Tanta caridade fez pra tanta gente
Comprando remédio
Internando doente
É o namorado da nossa favela
E chora saudade se está longe dela
Na passarela
Dá vontade de sorrir e de chorar
Quando ela vem chegando
Com Natalino comandando
Arrastando seu tamanco devagar
Pisando em flores que o povo atirou
Esperando ela passar
E a gente canta, canta, canta
Na alegria de viver
Pra ela, juntinho
Morrendo de amores por ela
Cantamos a vitória da Portela
E a gente canta, canta, canta
Na alegria de viver
Pra ela juntinho
Morrendo de amores por ela
Cantamos a vitória da Portela¹³⁹⁴*

Concluo com o samba “Zé da Zilda”, de Ataulfo Alves, sobre a morte do grande sambista

*Cuicas, tamborins e pandeiros
Todos reunidos no terreiro

Atenção para o dia
Vá chamar as pastorinhas
Toda escola entristeceu
Foi mais um companheiro que morreu

Ai, ai meu Deus
Perde o samba o maioral
Lá se foi o Zé da Zilda
Campeão do carnaval*

¹³⁹⁴ ZÉ KETI (Zé Ketí: A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, SESC, São Paulo, s/d).

*Lá em Mangueira
Todos choram de saudade
Foi ali que ele viveu
Sua grande mocidade
Por isso mesmo
Todo morro entristeceu
Foi mais um companheiro que morreu*

*Cuicas, tamborins e pandeiros
Todos reunidos no terreiro¹³⁹⁵*

As letras tropicalistas louvam e revelam admiração por algumas figuras, particularmente João Gilberto. Creio porém que dentro de um espírito bem diferente, bastante objetivo, impessoal e programático: ao citar João Gilberto (e de certo modo Carmem Miranda), o intuito do discurso parece ser muito mais o de indicar uma posição teórica e um partido adotado, e menos o da admiração pessoal. Elogia-se o indivíduo e não a pessoa. Trata-se do elogio a uma representação. Explicitam-se linhas de trabalho e posturas estéticas, assumem-se critérios epistemológicos e valoriza-se um especialista inventivo e pioneiro.

No geral, o tema da louvação humana, pessoal e concreta desaparece do panorama da moderna música popular. Optei por falar da bela toada “Paratodos” de Chico Buarque mais adiante, quando tratar do tema “tradição.”

A louvação popular, não é preciso dizer, tem como substrato as relações concretas entre pessoas situadas.

7.12 O tema da mortalidade

Como vimos, para Max Weber, a partir de Leon Tolstói, a visão de mundo característica da modernidade, ligada a vida individual e racional, vê-se imersa no progresso incessante e cercada de mecanismos de previsão e controle. Nesse sentido, a morte, essencialmente anômica e imprevisível, não faz sentido ou representa uma contradição para o homem civilizado. Segundo Weber, repito, “[e] porque a morte não tem sentido, a vida do

¹³⁹⁵ ATAULFO ALVES E SUAS PASTORAS e CIRO MONTEIRO (*Grandes Encontros* Vol. V. São Paulo, Intercd records, , 2000).

civilizado também não tem, pois a ‘progressividade’ despojada de significação faz da vida um acontecimento igualmente sem significação”.¹³⁹⁶

Se pensarmos em termos da cultura narcísica e solipsista proposta por Cristopher Lasch, tal visão de mundo só pode se adensar.

A mortalidade, dizem Berger e Luckmann, “estabelece (...) a mais aterrorizadora ameaça às realidades asseguradas” [simbólicas, como explicou Sahlins, e construídas socialmente] “da vida cotidiana.”¹³⁹⁷ Segundo os dois sociólogos, ela representa a mais importante situação reconhecida como capaz de implicar o risco de colapso da realidade.¹³⁹⁸

Vimos com José de Souza Martins, por outro lado, a respeito da mortalidade na roça, que, ao contrário, por lá o morto morre “pleno e cheio de vida” pois cumpriu seu destino, cumpriu o que estava escrito, fez o que tinha que fazer.¹³⁹⁹ Ou seja, o homem do povo sente, diante da morte, que viveu o que tinha de ter vivido. Tal sentimento só pode ocorrer se todas as etapas da vida forem aceitas e tiverem seu lugar e seu sentido no plano da existência concreta. Além disso, tal sentimento é resultante de uma visão hierárquica e religiosa da vida. Deus dá e Deus tira a vida quando bem entender, acredita o povo. Independentemente de crenças em divindades, a morte facilmente associável ao caos, tende a ser algo muito distante de qualquer noção de previsão e controle, exceptuando-se a opção pelo suicídio.

Segundo Souza Martins, no âmbito popular, pelo menos no mundo caipira, todos já nascem com um dia certo, pré-determinado, para morrer.¹⁴⁰⁰

Na verdade, segundo o autor, os ritos relativos à morte na roça, são “ritos de tempo”, pois pretendem determinar que a morte seja no tempo certo, nem antes, nem depois do tempo.¹⁴⁰¹

Martins fala no “bem morrer”: “Morrer serenamente, como Deus e a natureza querem, na hora certa, com o dever cumprido”.¹⁴⁰²

Fica claro, portanto, que o *modelo de consciência* moderno, centrado no indivíduo, na autonomia, no pensamento analítico, na objetividade e na secularização, parece não dispor de

¹³⁹⁶ WEBER, Max. op.cit, p.31

¹³⁹⁷ BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. op cit., p. 138

¹³⁹⁸ Ibidem, p. 207

¹³⁹⁹ MARTINS, José de Souza org. op.cit., p.259

¹⁴⁰⁰ C.f. Ibidem, p. 258

¹⁴⁰¹ C.f. Idem, ibidem, p. 259

¹⁴⁰² Idem, ibidem, p.261

mecanismos, nem críticos, nem afetivos ou psicológicos (Lasch), para lidar “racionalmente” ou “objetivamente” com o envelhecimento e com a morte. “Para que desenvolver projetos e sonhos se sei que vou morrer?” seria uma pergunta, em tese, sem resposta – a não ser teórica – se levarmos em conta rigidamente tais concepções que colocam o “eu” como princípio central.

Ao contrário, o *modelo de consciência* popular, essencialmente hierárquico, coletivista e religioso, parece ter a questão da morte de alguma forma assimilada. Segundo suas concepções, nascemos, envelhecemos e morremos conforme a vontade de Deus. No fim de tudo, sem dúvida, haverá um reencontro com os mortos no céu, no paraíso ou em algum lugar sagrado. Diante da pergunta “para que desenvolver projetos e sonhos se sei que vou morrer?” a resposta, baseada na primazia do “nós”, parece ser simples: “Prá todo mundo poder continuar, ué!” e também “porque Deus quer!”.

Talvez por essas razões, o tema da morte seja tão corriqueiro nas letras de samba. O assunto é tocado, levado em consideração e tratado com absoluta naturalidade, às vezes até com alegria e em tom de desafio. Outra característica: fala-se da morte como possibilidade concreta de morte, fala-se da morte mesmo, que se aproxima do ponto de vista da experiência pessoal, e raramente de forma distanciada “sobre” a morte ou sobre a “mortalidade”.

Na obra de Paulinho da Viola o tema quase não existe.

Nelson Cavaquinho, porém, visitou o tema não poucas vezes. Vejamos seu samba “Eu e as flores”:

*Quando eu passo
Perto das flores
Quase elas dizem assim:
Vai que amanhã enfeitaremos seu fim*

*A nossa vida é tão curta
Estamos neste mundo de passagem
Ó meu grande Deus
Nosso criador
A minha vida pertence ao Senhor, ao Senhor¹⁴⁰³*

Noel Rosa, morto aos 26 anos de idade, cantou e brincou com a vida e com a morte. Vejamos o samba “Fita amarela”:

Quando eu morrer

¹⁴⁰³ NELSON CAVAQUINHO (*Série Documento*, gravado de LP, s/d).

*Não quero choro nem vela
Quero uma fita amarela
Gravada com o nome dela*

*Se existe alma
Se há outra encarnação
Eu queria que a mulata
Sapateasse no meu caixão*

*Não quero flores
Nem coroa com espinho
Só quero choro de flauta
Violão e cavaquinho
Meus inimigos
Que hoje falam mal de mim
Vão dizer que nunca viram
Uma pessoa tão boa assim*

*Não tenho herdeiros
Não possuo um só vintem
Eu vivi devendo a todos
Mas não paguei a ninguém*

*Quero que o sol
Não invada o meu caixão
Para a minha pobre alma
Não morrer de insolação¹⁴⁰⁴*

Luiz Gonzaga também fez seus sambas. “Meu pandeiro”, criado em parceria com Ary Monteiro, fala da morte em tom de desafio:

*Quando eu morrer
Quero um braço de fora
Pra tocar o meu pandeiro, oh, oh
O meu pandeiro
Cravejado de marfim
Quando eu morrer
Quero um braço de fora
Pra tocar o meu pandeiro, oh, oh
Em homenagem
Às morenas que gostam de mim
Ao chegar lá no céu
Serei bem recebido
Sempre fui bom sujeito
Nesse ponto e no outro*

¹⁴⁰⁴ ALVES, Francisco e REIS, Mario (*Álbum da Saudade. e Os duetos de Francisco Alves e Mário Reis*. Coleção 10 polegadas, Rio de Janeiro, Odeon/EMI, 2002). As duas últimas quadras foram improvisadas pelo autor. Cf. CARVALHO, Castelar de e ARAUJO, Antonio Martins de. Noel Rosa – Língua e estilo. Rio de Janeiro, Thex Editora, 1999 pp. 147 e 140.

*Serei bem acolhido
Falarei com São Pedro
Que é meu santo de fé
Vou fazer serenata
Com o velho Noel e o Nazareth
Quando eu morrer¹⁴⁰⁵*

“Minha Fama”, de Nelson Cavaquinho e Magno de Oliveira, é outro exemplo:

*Quando eu morrer deixarei minha fama
Deixarei no mundo quem me ama
As lágrimas rolam em meu rosto
Não sabem dizer qual é o meu desgosto
Meu coração é uma casa de sofrimentos
Às vezes choro para me desabafar
Mas não digo a ninguém a causa do meu penar
Quando eu morrer, deixarei minha fama
Deixarei no mundo quem me ama
As lágrimas que rolam em meu rosto
Não sabem dizer qual é o meu desgosto¹⁴⁰⁶*

Em “Mundo de zinco”, de Wilson Batista e Antonio Nássara, associam samba e morte:

*Aquele mundo de zinco que é Mangueira
Desperta com o apito do trem
Uma cabrocha, uma esteira
Um barracão de madeira
Qualquer malandro em Mangueira tem*

*Mangueira fica pertinho do céu
Mangueira vai assistir o meu fim
Mas deixo o nome na história
O samba foi minha glória
E sei que muita cabrocha vai chorar por mim¹⁴⁰⁷*

Agora o clássico de Ataulfo Alves, “Na cadência do samba”:

*Sei que vou morrer não sei o dia
Levarei saudades da Maria
Sei que vou morrer
Não sei a hora
Levarei saudades da Aurora*

Quero morrer

¹⁴⁰⁵ MONTEIRO, Ciro (*Ciro Monteiro. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, JBC 0709005, s/d, gravado em 1972).

¹⁴⁰⁶ NELSON CAVAQUINHO (*Nelson Cavaquinho. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1973).

¹⁴⁰⁷ WILSON BATISTA (*Wilson Batista. Acervo Funarte da Música Brasileira*. Rio de Janeiro, Instituto Cultural Itaú, 1985).

*Numa batucada de bamba
Na cadência bonita do samba*

*Mas o meu nome ninguém vai jogar na lama
Diz o dito popular: morre o homem, fica a fama¹⁴⁰⁸*

Outro samba clássico sobre a morte é “Quando eu me chamar saudade”, de Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito:

*Sei que amanhã quando eu morrer
Os meus amigos vão dizer
Que eu tinha bom coração*

*Alguns até hão de chorar
E querer me homenagear
Fazendo de ouro, um violão*

*Mas depois que o tempo passar
Sei que ninguém vai se lembrar
Que eu fui embora*

*Por isso é que eu penso assim
Se alguém quiser fazer por mim
Que faça agora*

*Me dê as flores em vida
O carinho, a mão amiga
Para aliviar meus ais*

*Depois que eu me chamar saudade
Não preciso de vaidades
Quero preces e nada mais¹⁴⁰⁹*

Em “Sambista de consultório”, Rene Bittencourt e Moreira da Silva passam brincando pelo tema:

*Doutor Feliciano
Veja a minha pressão
Meu coração agora deu pra disparar
Acho que estou com trinta por dezoito
Fazer biscoito agora vai ser de amargar*

*“Doutor, mete aí estetoscópio aqui em cima do meu coração. Doutor dá um jeito, eu não posso fechar no momento, eu ainda tenho muito o que fazer”
(falado)*

¹⁴⁰⁸ ALVES, Ataulfo (*A você*. Vol. 2. Paraná, Revivendo, RVCD 112, s/d).

¹⁴⁰⁹ NELSON CAVAQUINHO (*Série Documento*, gravado de LP, s/d)

*Toda mulher que eu vejo não tem jeito
Sinto no peito um troço me apertar
Fiz hemograma, eletrocardiograma
Radiografia, não deu nada pra espantar
Mas o doutor disse que só transplante
Ou num instante eu fecho o paletó
Vamos mudar a cara de fuleiro
No corpo inteiro e num transplante só
Você menino está cheio de copo
E lhe dou copo, é mato no seu peito
Essa dorzinha no seu omoplata
É de mulata, não tem mais jeito*

*“Perai doutor, assim o senhor vai me complicar, não doutor não faça isso,
o que é que a dona Mariazinha vai dizer. Eu já atingi o corpo com o sol, né.
O senhor fica dizendo que é de mulata, que não tem mais jeito, aí fica
complicado, não faça isso doutor Morengueira”
(falado)¹⁴¹⁰*

Vejamos “Sambista no céu”, de Zé Violão e Jorge Veiga:

*No dia em que eu morrer irei bem conformado
Em sonhos já fui ao céu e fiquei encantado
A São Pedro pedi permissão
E aos planetas fiz uma excursão
Cantei e toquei meu violão
Fui aplaudido pela multidão
Agradaram, então me perguntaram
De onde vens com esse ritmo febril
Eu cantando respondia
Que no céu eu represento o Brasil*

*Se lá no céu é tão bom
Tal qual eu vi a sonhar
No dia em que eu morrer
Satisfeito irei pra lá
Não quero que ninguém chore
No dia da minha partida
A gente morre nesta terra
Mas no céu se ganha outra vida¹⁴¹¹*

“Se eu morrer agora”, de Mauro Duarte e Noca da Portela, é outro ótimo exemplo:

*Se eu morrer agora, pra onde vou não sei
Se vão ficar chorando
Também se vão ficar sorrindo, eu não sei
Pois é, se eu morrer agora, pra onde vou não sei*

¹⁴¹⁰ MOREIRA DA SILVA (*Moreira da Silva, 50 anos de samba de breque*. Rio de Janeiro, Cid, 1991).

¹⁴¹¹ JORGE VEIGA (*A caricatura do samba*. Rio de Janeiro, Copacabana, 1995).

*Se vão ficar chorando
Também se vão ficar sorrindo, eu não sei*

*Será que vão levar na minha cama, aquela flor
Por formalidade ou por amor, não sei
Não quero que guardem ódio nem rancor
Daquele que em vida tudo perdoou
Não quero que guardem ódio nem rancor
Daquele que em vida tudo perdoou¹⁴¹²*

“Assim não, Zambi”, de Martinho da Vila, aborda a morte e é uma prece:

*Quando eu morrer
Vou bater lá na porta do céu
E vou falar pra São Pedro
Que ninguém quer essa vida cruel*

*Eu não quero essa vida assim não, Zambi
Ninguém quer essa vida assim não, Zambi
Eu não quero essa vida assim não, Zambi
Ninguém quer essa vida assim não, Zambi*

*“O Zambi, vê se manda parar com aquelas bliz lá no morro. Quando os
home chega, chutando a porta e revirando tudo, todo mundo fica assustado
e a criançada com aqueles olhos arregalados, o coração saindo pela boca.
Ai meu Deus! A tal de lei de invasão de domicílio lá no morro não vale
nada”(falado)*

*Eu não quero essa vida assim não, Zambi
Ninguém quer essa vida assim não, Zambi
Eu não quero essa vida assim não, Zambi
Ninguém quer essa vida assim não, Zambi*

*“Ah Zambi, lembrei-me de outra coisa: vê se clareia a cabeça de minha
gente lá no morro, para eles pararem de tanta cachaçada, maconha e briga.
Devagar, tá legal? Mas quando os nêgo tão doido dão tiro à toa, à toa. E
quando eles inventam de brincar de bandido? É o de baixo atacando de
cima, o da direita atacando o da esquerda, é o pior: é que ninguém é da
direita ou da esquerda, é todo mundo do mesmo morro. É a miséria
brigando com o misere”(falado)*

*Eu não quero essa vida assim não, Zambi
Ninguém quer essa vida assim não, Zambi
Eu não quero essa vida assim não, Zambi
Ninguém quer essa vida assim não, Zambi*

Eu não quero as criança roubando

¹⁴¹² MAURO DUARTE E NOCA DA PORTELA (*Mauro Duarte e Noca da Portela*. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1974).

*E as velhinhas implorando uma xepa na feira
Eu não quero este medo espantado
Na cara dos negros sem eira e sem beira*

*Eu não quero essa vida assim não, Zambi
Ninguém quer essa vida assim não, Zambi
Eu não quero essa vida assim não, Zambi
Ninguém quer essa vida assim não, Zambi*

*Abre a cadeia pros inocentes
Dá liberdade pros homens de opinião
Quando nego tá muito de fora
Um outro não tem o que comer
Quando o nego tá no pau de arara
Tem outro pensando num outro sofrer*

*Eu não quero essa vida assim não, Zambi
Ninguém quer essa vida assim não, Zambi
Eu não quero essa vida assim não, Zambi
Ninguém quer essa vida assim não, Zambi*

*Deus é pai, deus é filho do Espírito Santo, é Zambi
Deus é pai, deus é filho do Espírito Santo, é Zambi¹⁴¹³*

“Acender as velas”, de Zé Ketí, é um grande samba que associa pobreza e morte:

*Acender as velas
Já é profissão
Quando não tem samba
Tem desilusão
É mais um coração
Que deixa de bater
Um anjo vai pro céu
Deus me perdoe
Mas vou dizer
Deus me perdoe
Mas vou dizer
O doutor chegou tarde demais
Porque no morro
Não tem automóvel pra subir
Não tem telefone pra chamar
E não tem beleza pra se ver
E a gente morre sem querer morrer¹⁴¹⁴*

“Testamento de sambista”, de Raul Marques e Alberto Maia, fala por si:

Qualquer dia vocês vão ao meu enterro

¹⁴¹³ CLEMENTINA DE JESUS E MARTINHO DA VILA (*Clementina e Convidados*, EMI, São Paulo, s/d).

¹⁴¹⁴ KETI, Zé (*A música brasileira deste século por seus intérpretes e autores*. São Paulo, SESC, 1973).

*Tô decidido a me acabar de uma vez
A vida está muito dura
Vou baixar à sepultura para descansar
Vou me acabar
Não quero choro nem vela
Peço por obséquio pra ninguém chorar
Quero um regional de flauta e cavaquinho
Pra me acompanhar*

*Pois não aceito pedido
E estou resolvido a me acabar de vez
Não há nada nesse mundo
Que consiga apagar
O que o destino me fez
E no testamento que eu vou deixar
Ela vai herdar um barracão
Deixo uns trocados na Caixa
E a cautela do meu violão
Também tenho que deixar
Alguma coisa pro garoto meu
Deixo o meu anel de sambista
Meu diploma de artista
Que a Escola me deu¹⁴¹⁵*

Por último, lembro “Velório no morro”, de R. Marques e T. Silva:

*Lá no morro quando morre um sambista
É um dia de festa
E ninguém protesta
As águas rolam a noite inteira
Pois sem brincadeira o velório não presta
Tem também um gurufim
Que no fim acaba sempre em sururu
Mas é gozado pra chuchu*

*Tudo uma homenagem ao espírito do sambista
Que parte alegremente pro Caju
Jogado dentro de um baú*

*O pessoal do morro não gosta de tristeza
Vive de moleza dentro da filosofia
Como fez José Messias*

*Já encomendaram um ao Gabriel
Um novo céu pra dar abrigo
Que morre assim constantemente de repente
Cheio de anjinhos crioulinhos
Em vez de harpa, com pandeiro e cavaquinhos*

¹⁴¹⁵ JORGE VEIGA (*Testamento dos sambistas*. Moreira da Silva, Jorge Veiga e Caco Velho. Revivendo, Paraná, s/d, gravado em 1948).

*O pessoal do morro leva a vida como quer
Em cada barracão é uma Arca de Noé
O morro tem seu cabaré e quem manobra é a mulher¹⁴¹⁶*

Na visão popular, sempre pragmática, é importante lembrar, a morte é certa, “só se morre uma vez” e “tirando o peru, ninguém morre na véspera”.

O tema da morte praticamente desaparece do discurso da moderna música popular e, se surgir, tenderá, creio, a ser tratado apodítica e explicativamente, com distanciamento crítico e reflexão, um discurso intransitivo “sobre” a noção de “morte”.

7.13 O tema da pobreza

O assunto pobreza é recorrente no samba, como não poderia deixar de ser, e, a meu ver, pode ser associado ao tema da consciência social. Não se trata, claro, de uma “consciência” crítica, distanciada, reflexiva e generalizante, mas sim de uma leitura emotiva, intuitiva, empática e pragmática, ligada à descrição da vida cotidiana, situada, contextualizada e concreta. Começo com o já visto “Pode guardar as panelas”, de Paulinho da Viola:

*Você sabe que a maré
Não está moleza não
E quem não fica dormindo de touca
Já sabe da situação
Eu sei que dói no coração
Falar do jeito que eu falei
Dizer que o pior aconteceu
Pode guardar as panelas
Que hoje o dinheiro não deu etc.¹⁴¹⁷*

“Acender as velas” de Zé Ketí, também já visto, é um duro retrato da pobreza:

*O doutor chegou tarde demais
Porque no morro
Não tem automóvel prá subir
Não tem telefone prá chamar
E não tem beleza prá se ver
E a gente morre sem querer morrer¹⁴¹⁸*

¹⁴¹⁶ JORGE VEIGA (*Jorge Veiga. O caricaturista do samba*. São Paulo, BMG/RCA, 2001, gravado em 1971).

¹⁴¹⁷ PAULINHO DA VIOLA (*Zumbido*, EMI, Rio de Janeiro, 1996, gravado em 1979).

¹⁴¹⁸ KETI, Zé (*A música brasileira deste século por seus intérpretes e autores*. São Paulo, SESC, 1973).

“Agüenta a mão João”, de Hervé Cordovil, é sobre a pobreza e o espírito solidário:

*Não reclama contra o temporal
Que derrubou teu barracão
Não reclama, güenta a mão João
Com o Eucibides aconteceu coisa pior
Não reclama, pois a chuva só levou a tua cama
Não reclama, güenta a mão João
Que amanhã tu levanta um barracão muito melhor
O Eucibides foi tarde, não te contei
Tinha muita coisa a mais no barracão
A enxurrada levou seus tamanco e o lampião
E o par de meia que era de muita estimação
O Eucibides tá que tá dando dó na gente
Tá por aí com uma mão na atrás outra na frente¹⁴¹⁹*

“Barraco”, de Ederaldo Gentil, descreve a vida de um pobre:

*Eu moro em um barraco
Lá no morro de Campinas
E quando chove muda de lugar
É todo feito de madeira e zinco
E a claridade só em noites de luar*

*Tem um tonel que eu faço tanque e trinco
Água tem quando São Pedro resolve mandar
Mas mesmo assim sou bem feliz
Vivo cantando, pois no morro eu encontrei
O céu aberto pra morar*

*Pois para mim o meu barraco é uma beleza
Se chega a tristeza
Eu canto um samba e ela se vai
O meu barraco desconhece o que é riqueza
Falta cama, falta mesa
Mas de sobra existe paz¹⁴²⁰*

“Cabide de mulambo”, de João da Baiana, é samba malandro sobre a pobreza:

*Meus Deus, eu ando com sapato furado
Tenho mania de andar engravatado
A minha cama é um pedaço de esteira
E uma lata velha que me serve de cadeira*

*Minha camisa foi encontrada na praia
A gravata foi achada na ilha da Sapucaia*

¹⁴¹⁹ ADONIRAN BARBOSA (*Adoniran Barbosa*, Série Reviva, São Paulo, Som Livre, 2002).

¹⁴²⁰ EDERALDO GENTIL (*Sambas da Bahia*. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1974)

*Meu terno branco parece casca de alho
Foi a deixa de um cadáver dum acidente no trabalho*

*O meu chapéu foi de um pobre surdo e mudo
As botina foi de um velho da revorta de Canudos
Quando eu saio a passeio, as damas ficam falando
“Trabalhei tanto na vida, o malandro tá gozando”*

*A refeição é que é interessante
Na tendinha do Tinoco no pedir eu sou constante
O português, meu amigo sem orgulho
Me sacode um caldo grosso carregado no entulho¹⁴²¹*

“Cachorro de madame”, de Wilson Pires e Moreira da Silva, descreve a pobreza com humor e ironia:

*Há cachorro que tem
Vida melhor que a minha
Enquanto eu como carne de baleia
É seu Zé
O seu menu é galinha
Há cachorro que tem
Para dormir um macio colchão
Enquanto meu trabalho no duro sem futuro
E a noite vou dormir no chão*

*Há dias eu não tenho no bolso
5 cruzeiros para tomar um bonde
E ao passo que um cachorro tem automóvel
Para passear não sei aonde
É por isso que eu quero ser cachorro
Agora quero ter o meu patrão
Pra quando chegar às cinco horas
Eu vou lhe esperar
E vou latir lá no portão
Eu quero ter o meu reclame
Vou ser cachorro de madame¹⁴²²*

Assim como “Falta um zero no meu ordenado”, dos grandes Ary Barroso e Benedito Lacerda:

*Trabalho como um louco
Mas ganho muito pouco
Por isso eu vivo sempre atrapalhado*

¹⁴²¹ JOÃO DA BAIANA (*Os grandes sambas da história*, vol.19, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1968).

¹⁴²² MOREIRA DA SILVA (*Morengueira*, Rio de Janeiro, EMI, 2003, gravado em 1968)

*Fazendo faxina, comendo no china
Tá faltando um zero no meu ordenado*

*Tá faltando um zero no meu ordenado
Tá faltando sola no meu sapato
Somente o retrato da rainha do meu samba
É que me consola nessa corda bamba¹⁴²³*

“Lata d’água”, de Luis Antonio e Jota Junior, descreve Maria, uma mulher pobre:

*Lata d’água na cabeça
Lá vai Maria
Lá vai Maria
Sobe o morro e não se cansa
Pela mão leva a criança
Lá vai Maria
Maria lava a roupa lá no alto
Lutando pelo pão de cada dia
Sonhando com a vida do asfalto
Que acaba onde o morro principia¹⁴²⁴*

O amor fica mais difícil na pobreza. Veja-se em “Madureira, não”, de E. Celestino, D. Tavares e Waldemar José:

*Ela me convidou pra ir morar em Madureira
E me disse que lá no debô
Todo dia tem lá feira
Madureira é muito longe
Por isso não me convém, não
Não viajo de bonde cheio
Nem apertado no trem, não*

*Você sabe lá o que é?
O quê?
Viajar no trem da Central
Anda sempre cheio*

*Constantemente atrasado
Eu juro, no duro
Perder seu carinho me dói
Ela fica em Madureira
E eu fico mesmo em Niterói¹⁴²⁵*

¹⁴²³ CARVALHO, Herminio Bello de (org). (*O samba é minha nobreza*, Biscoito Fino, s/d).

¹⁴²⁴ MARLENE (*Os grandes sambas da história*, vol.15, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1952).

¹⁴²⁵ DILERMANDO PINHEIRO (*Batuque na Palhinha*. Rio de Janeiro, Odeon/EMI, 2003, produzido em 1977).

“Meu dinheiro não dá”, de Candeia e Catoni, canta a falta constante de dinheiro:

*Meu dinheiro não dá
Meu dinheiro não dá*

*Eu trabalho como um louco
Mas eu ganho muito pouco*

*Meu dinheiro não dá
Meu dinheiro não dá*

*De tanto pedir aumento
Já estou ficando louco*

*Meu dinheiro não dá
Meu dinheiro não dá*

*O menino foi à escola
O diretor mandou voltar
Porque*

*Meu dinheiro não dá
Meu dinheiro não dá*

*Tinha o sapato furado
E tinha taxas a pagar*

*Meu dinheiro não dá
Meu dinheiro não dá*

*Eu já fiz tanta promessa
Segui procissão
Rezei oração
Acendi uma vela
A São Jorge guerreiro
Mas não consegui esse tal
De dinheiro
Eu trabalho como um louco
Mas eu ganho muito pouco*

*Meu dinheiro não dá
Meu dinheiro não dá*

*De tanto pedir aumento
Já estou ficando louco*

*Meu dinheiro não dá
Meu dinheiro não dá*

*O seu Manoel da venda
O feijão não quer fiar*

Porque

*Meu dinheiro não dá
Meu dinheiro não dá*

*Minissaia está na moda
E a nega não vai usar¹⁴²⁶*

“Meu sapato já furou”, de Mauro Duarte, Elton Medeiros, Bolacha e Joacyr Sant’anna, fala da pobreza com alegria e esperança:

*Meu sapato já furou, minha roupa já rasgou
Eu não tenho onde morar, onde morar
Meu dinheiro acabou
Eu nem sei pra onde vou
Como é que eu vou ficar
Eu não sei nem mais sorrir
Meu amor me abandonou
Sem motivo e sem razão
E pra melhorar minha situação
Eu fiz promessa para São Luis Durão*

*Quem me ver assim
Deve até pensar que eu cheguei ao fim
Mas quando a minha vida melhorar
Eu vou zombar de quem sorriu de mim
Meu sapato já furou...¹⁴²⁷*

“Pega eu”, de Crioulo Doido, conta a história de um ladrão que assaltou a casa de um pobre:

*Vagabundo é mal, mas dessa vez ele não se deu bem
Foi assaltar casa de pobre e vê só o que aconteceu*

*O ladrão foi lá em casa
Quase morreu do coração
Já pensou se o gatuno tem um infarto, malandro
E morre no meu barracão
Eu não tenho nada de luxo
Que possa agradar o ladrão
É só uma cadeira quebrada
Um jornal que é meu colchão
Eu tenho uma panela de barro
E dois tijolos como fogão*

¹⁴²⁶ CORO DE COMPOSITORES DA PORTELA (*Minha Portela querida. Sambas de Terreiro/1972*. Rio de Janeiro, Odeon/EMI, 2003, gravado em 1972).

¹⁴²⁷ MAURO DUARTE E NOCA DA PORTELA (*Mauro Duarte e Noca da Portela. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1974).

*O ladrão ficou maluco
De ver tanta miséria em cima de um cristão
E saiu gritando pela rua
Pega eu que eu sou ladrão
pega eu
Pega eu, pega eu que eu sou ladrão (2x) (refrão)
É não assalto mais um pobre
Nem arrumo um barracão
Por favor, pega eu
Lelé da cuca, ele está no pinel
Falando sozinho de bobiação
Dando soco nas paredes
E gritando esse refrão
Pega eu
Não assalto mais um pobre
Nem arrumo um barracão¹⁴²⁸*

Outro samba sobre a pobreza e a esperança é “Saudosa maloca”, de Adoniran Barbosa

*Saudosa maloca,
Maloca querida,
Onde nos passemos
Os dias feliz da nossa vida*

*Se o sinhô não tá lembrado
Dá licença de cantá
Que aqui onde agora está
Esse edificio arto, era uma casa véia
Um palacete assobradado, foi aqui seu moço
Que eu, Mato Grosso e o Joca
Construimo nossa maloca
Mais um dia, nem quero me lembrar
Chegou os homes com as ferramentas
O dono mandô derruba
Peguemo todas nossas coisas
E fomos pro meio da rua, espiá a demolição
Que tristeza que eu sentia
Cada tábua que caía, duia no coração
Mato Grosso quis gritar, mas em cima eu falei
O homem está com razão
Nóis arranja outro lugar
Só se conformemos quando o Joca falou
Deus dá o frio conforme o cobertor
E hoje nois pega a paia nas gramas do jardim
E pra esquecer nois cantemos assim*

*Saudosa maloca,
Maloca querida,
Onde nos passemos*

¹⁴²⁸ BEZERRA DA SILVA (*Grandes Sucessos de Bezerra da Silva*. Vol 1, Rio de Janeiro, Cid, s/d).

*Os dias feliz da nossa vida*¹⁴²⁹

Vou terminar com o clássico e delicioso “Acertei no milhar”, samba antológico de Wilson Batista e Geraldo Pereira:

*Etelvina, acertei no milhar
Ganhei 500 contos
Não vou mais trabalhar
Você dê toda a roupa velha aos pobres
E a mobília podemos quebrar
Isso é pra já!*

*Etelvina
Vai ter outra lua-de-mel
Você vai ser madame
Vai morar num Grande Hotel
Eu vou comprar um nome não sei onde
Vou ser Barão Rodrigues de Visconde
Um professor de francês “mon amour”
Eu vou mudar seu nome
Pra Madame Pompadour*

*Até que enfim agora sou feliz
Vou percorrer a Europa toda até Paris
E os nossos filhos
- Oh, que inferno!
Eu vou pô-los num colégio interno*

*Me telefone pro Mané do armazém
Porque não quero
Ficar devendo nada a ninguém
Eu vou comprar um avião azul
Para percorrer a América do Sul*

*Mas de repente, mas de repente
Etelvina me chamou
“Está na hora do batente”*

*Mas de repente, mas de repentemente
Etelvina me acordou
“Acorda Neguinho”
Foi um sonho, minha gente*¹⁴³⁰

¹⁴²⁹ ADONIRAN BARBOSA (*Adoniran Barbosa*, Série Reviva, São Paulo, Som Livre, 2002).

¹⁴³⁰ GERALDO PEREIRA (*Geraldo Pereira*. Bebel Gilberto e Pedrinho Rodrigues. Acervo Funarte da Música Brasileira. Rio de Janeiro, Instituto Cultural Itaú, 1983).

O pressuposto da pobreza social é claramente um traço característico das letras de samba, assim como de todo o discurso popular. Todas as letras, já vistas, que abordam o tema da “consciência social” têm como pano de fundo a pobreza.

O que é menos claro é a postura de sempre cantar a vida situada, o contexto e vida contextualizada e concreta através de um discurso transitivo, o que torna a pobreza um assunto popular óbvio. Tento ressaltar que o discurso moderno raramente adota o mesmo princípio. Não se fala em situações concretas, mas sim em idéias e representações.

Outro ponto importante é o valor ou caráter metafórico: para além dos aspectos simplesmente materiais, a pobreza pode ser considerada uma instância existencial conhecida por todos os seres humanos, independentemente de classe social. Podemos ser indigentes afetivos ou emocionais; podemos imaginar e temer a situação de penúria; podemos nos sentir mínimos, precários, frágeis, humilhados e pobres diante da vida e do mundo, mesmo se com situação financeira estável. Além disso, podemos, claro, nos sentir pobres relativamente a outros mais ricos. Justamente por ser capaz de gerar identificação em todas as pessoas, independentemente de classes sociais e culturais – o que não é nada fácil – a pobreza aparece como tema popular.

O discurso da moderna música popular, como tenho demonstrado, tende, muitas vezes, a falar no plano teórico, reflexivo, crítico, impessoal e distanciado. Fala “sobre” os assuntos. Nesse sentido, ou fala da pobreza do “país”, um contexto muito amplo, o “sociopolítico”, ou parte para a denúncia social, como fez o CPC, patamares, em certo sentido, “descontextualizados”, pois implicam discursos analíticos e objetivos, ou prescritivos e apodíticos, que se afastam da vida concreta, situada e pessoal (embora tendo, obviamente, influência sobre ela), ou simplesmente não toca no assunto, seja da pobreza ou mesmo da riqueza.

Trata-se de um fenômeno curioso, principalmente se levarmos em conta a sociedade moderna e de consumo na qual o “ ter dinheiro” e o ter “status” são valores preponderantes, daqueles que dão “sentido” à vida.

7.14 Tema do fazer poético

É comum pensar-se que um tema metalingüístico como o “fazer poético” não seja verificável no universo da cultura popular. Como o povo, para muitos, como vimos, não

parece ter “autoconsciência”, não teria capacidade nem instrumentos para refletir sobre seu próprio trabalho.

Muitas letras de samba, entretanto, pensam e especulam a respeito do “fazer samba”, tanto sobre o samba em si quanto sobre o “ser poeta”. Naturalmente o fazem a partir de um *modelo de consciência* não-axiomático e não-teórico que pressupõe o *ethos* e o *pathos* coletivo, as hierarquias, a valorização do “nós”, a pessoa, o acervo do *senso comum* e a religiosidade.

Em “Quando bate uma saudade” Paulinho da Viola fala de onde o samba vem:

*Vem
Quando bate uma saudade
Triste
Carregado de emoção
Ou aflito quando um beijo já não arde
No reverso inevitável da paixão
Quase sempre um coração amargurado
Pelo desprezo de alguém
É tocado pelas cordas de uma viola
É assim que um samba vem*

*Quando um poeta se encontra
Sozinho num canto qualquer do seu mundo
Vibram acordes, surgem imagens
Soam palavras, formam-se frases
Mágoas
Tudo passa com o tempo
Lágrimas
São as perdas preciosas da ilusão
Quando surge a luz da criação no pensamento
Ele trata com ternura o sofrimento
E afasta a solidão¹⁴³¹*

“Abandona o preconceito”, de Márcio de Azevedo e Francisco Matoso, de certo modo fala sobre o que o samba é:

*Abandona o preconceito
Vem comigo à batucada
Vem ouvir como é bonito
Um samba chorado
Ao romper da madrugada
Um samba chorado
Cheio de harmonia
Cantado com alma*

¹⁴³¹ PAULINHO DA VIOLA (*Eu canto samba*, RCA, São Paulo, 1988).

*Na roda vadia
Que apesar de ser triste
Nos traz alegria
Quando o samba é cantado
Ao romper do dia*

*Morena bonita
Aceita a proposta
E entra no samba
Sei que você gosta
Quem não gosta do samba
Não tem sentimento
E o seu preconceito
É só fingimento¹⁴³²*

Em “Vida de minha vida”, o grande Ataulfo Alves fala sobre a criação do samba:

*Minha musa inspiradora
Minha noite de luar
Agradeço ao Criador
Que me fez um sonhador
Pra melhor te exaltar
Rima rica do meu verso
Minha canção preferida
Melodia do meu samba
Vida da minha própria vida
Estrela que brilha mais
Que uma constelação
Nestas noites de verão
Ilumina os dias meus
Minha querida
Vida da minha própria vida¹⁴³³*

“Dádivas do céu”, de Jorge Cardoso, fala sobre a inspiração:

*A minha inspiração está surgindo
As dádivas vêm caindo lá do céu
Cabocla traz depressa a caneta
Uma borracha e um pedaço de papel*

*Vou lhe pedir que me faça um favor
Dê um pulinho na vendinha do Nonô
Diz a ele pra mandar
Um cigarro a varejo
Uma cerveja e um copo de carqueja
Aproveita e vê no poste
O que deu na corujinha*

¹⁴³² O BANDO DA LUA (*Os grandes sambas da história*, vol. 17, São Paulo, BMG Brasil, 1997).

¹⁴³³ ALVES, Ataulfo (*Talento não tem idade*. Paraná, Revivendo, RVCD 198, s/d).

E não esqueça que a cerva é geladinha¹⁴³⁴

“Espetáculo deslumbrante”, de Jair Costa, Zózimo e Mundinho aborda o tema:

*Quem quiser apreciar um espetáculo deslumbrante
Olhe a vida destes astros como é interessante*

*Um artista verdadeiro, um sambista brasileiro
Nunca se impressionou
Com a adversidade da vida
Vive sempre a cantar
Igualzinho um sabiá
A vida dele é um constante carnaval
Não existe tempo mau
Para suas previsões
Se a situação é tenebrosa
Ele transforma em mar de rosa
Versifica na escola e vai cantar
Lá laiá laiá laiá laiá laiá laiá laiá laiá
E assim passa a existência devagar¹⁴³⁵*

Para Noel Rosa, o samba é um tipo de oração. Vejamos o clássico “Feitio de Oração”, dele e de Vadico, onde também se diz de onde o samba vem:

*Quem acha
Vive se perdendo
Por isso agora eu vou
Me defendendo
Da dor tão cruel
De uma saudade
Que por infelicidade
Meu pobre peito invade*

*Batuque é um privilégio
Ninguém aprende samba
No colégio
Sambar é chorar de alegria
É sorrir de nostalgia
Dentro da melodia*

*Por isso agora
Lá pra Penha vou mandar
Minha morena
Pra cantar com satisfação
E com harmonia
Essa triste melodia*

¹⁴³⁴ VELHA GUARDA DO SALGUEIRO (*Velha Guarda do Salgueiro*, Sum Records, s/d).

¹⁴³⁵ JAIR DO CAVAQUINHO (*Seu Jair do Cavaquinho*. EMI, Rio de Janeiro, 2002).

*Que é o meu samba
Em feitio de oração*

*O samba, na realidade
Não vem do morro nem lá da cidade
E quem suportar uma paixão
Sentirá que o samba então
Nasce no coração¹⁴³⁶*

“Letra de samba”, de Hervê Cordovil e Oswaldo Molles, brinca com a questão da oralidade

*Me diga uma coisa, Charutinho
Qual é a receita pra fazê uma letra de samba?
Bom, pra escrevê uma boa letra de samba
A gente tem que tê uma condição principal
É sabê fazê as rima, é?
Não, pra escrevê uma boa letra de samba
Sentida, humana
A gente tem que sê, em primeiro lugar
Narfabeto
Só se for narfabeto escreve bem*

*Quem vai pra escola de samba se matricula
Não precisa sabê lê, escrevê ou mutiplicá
Letra de samba não tem caligrafia
Letra de samba não tem datilografia
O que o samba tem que ter
Vou lhe dizer pra você
É cabrocha gingando, sacolejando
Derretendo o gelo
Provocando muita dor-de-cotovelo*

*Quem vai pra escola de samba pra ser bacharê
Não precisa de latim
Não precisa de papé
Letra de samba não quer papé nenhum
Nem quer caneta parque 51¹⁴³⁷*

“Mais um samba popular”, de Ataulfo Alves, fala sobre eventuais razões do samba:

*Ai, ai, ai, a morena foi embora
A saudade vai voltar
Ai, ai, ai, tenho que fazer pra ela
Mais um samba popular*

¹⁴³⁶ MARIA BETHÂNIA (*Os grandes sambas da história*, vol.1, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1965).

¹⁴³⁷ ADONIRAN BARBOSA, ESTERZINHA DE SOUZA E ORQUESTRA DE CIRO PEREIRA (*Os grandes sambas da história*, vol.16, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1962).

*Haja o que houver
Custe o que custar
Mas essa mulher tem que me pagar
Ai, ai¹⁴³⁸*

Em “Meu lamento”, Ataulfo Alves e Jacob Bittencourt, voltam ao tema:

*Juro, confesso
Não faço verso
Para a minha vaidade
Meu samba é meu lamento
Meu castigo, meu tormento
Minha dor, minha saudade
Por amar
Quase fracassei na vida
Por acreditar, sincero
Em pessoa tão fingida¹⁴³⁹*

Ataulfo fez vários sambas sobre o fazer samba. “Meu pranto ninguém vê”, em parceria com Zé da Zilda, é mais um deles

*Canto pra fingir alegria
Canto para esquecer nostalgia
Aquele ingrata é culpada
Do meu sofrer não ter mais fim
E a malvada ainda acha
Que tem o direito de zombar de mim*

*Faço do verso uma arma
Pra me defender
Tenho meu pinho
Que ajuda a enganar-me o sofrer
Pra ninguém zombar
Pra ninguém sorrir
É só no coração
Que eu sei chorar
O meu pranto ninguém vê cair¹⁴⁴⁰*

“Minha missão”, de João Nogueira e Paulo César Pinheiro, fala de forma emocionada sobre o assunto:

Quando eu canto

¹⁴³⁸ ATAULFO ALVES E SUAS PASTORAS (*Ataulfo Alves e suas Pastoras*. Music Brasil Ltda, s/d, gravado em 1969).

¹⁴³⁹ ATAULFO ALVES (*Saudade da Professorinha...Paraná, Revivendo*, RVCD 133, s/d).

¹⁴⁴⁰ ORLANDO SILVA (*Os grandes sambas da história*, vol.5, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1938).

*É para aliviar meu pranto
E o pranto de quem já tanto sofreu
Quando eu canto
Estou sentindo a luz de um santo
Estou ajoelhando aos pés de Deus
Canto para anunciar o dia
Canto para amenizar a noite
Canto pra denunciar o açoite
Canto também contra a tirania
Canto porque numa melodia
Acendo no coração do povo
A esperança de um mundo novo
E a luta para se viver em paz*

*Do poder da criação
Sou continuação
E quero agradecer
Foi ouvida a minha súplica
Mensageiro sou da música
O meu canto é uma missão
Tem força de oração
E eu cumpro o meu dever
Aos que vivem a chorar
Eu vivo pra cantar
E canto pra viver*

*Quando eu canto, a morte me percorre
E eu solto um canto da garganta
Que a cigarra quando canta morre
E a madeira quando morre canta¹⁴⁴¹*

Vejamos como em “Nas asas da canção”, Dona Ivone Lara e Nelson Sargento, abordam o tema:

*Vou viajar, vou viajar
Nas asas da canção
Até encontrar inspiração
Pra compor um sublime poema de amor
Quero reunir as mais lindas notas musicais
Pra fazer feliz meu coração
Que já sofreu demais*

*Ó musa, me ajude como outrora
Não me abandone agora
No acaso da vida
Sei que minha mente está cansada
Foram tantas madrugadas
Quantas ilusões perdidas*

¹⁴⁴¹ JOÃO NOGUEIRA (Pirajá. Esquina Carioca, Dabliú, São Paulo, 1999).

*Quero versos com muito lirismo
Para tirar do abismo meu pobre coração
Lindas melodias emoldurando fantasias
Da minha imaginação¹⁴⁴²*

Candeia fala sobre a criação em “Nova escola”

*Da manhã quero os raios do sol
Quero a luz que ilumina e conduz
A magia e a fascinação
Voa o poeta nas asas da imaginação
A arte é livre e aberta
A imagem do ser criador
O samba é verdade do povo
Ninguém vai deturpar seu valor
Canto de novo
Canto, com os pés no chão
Com os pés no chão
Com o coração, com coração
Canta meu povo
Meu samba é bem melhor assim
Ao som deste pandeiro e do meu tamborim
Meu samba*

*Meu samba é bem melhor assim
Ao som deste pandeiro e do meu tamborim*

*As cores da nossa bandeira
Traz o branco inspirado na simplicidade da paz
Sintetiza o mundo de amor
E nada mais simbolizado
No dourado e no lilás*

*Meu samba é bem melhor assim
Ao som deste pandeiro e do meu tamborim¹⁴⁴³*

Em “Olha a rima”, Dicró e Dias, brincam com o texto:

*Olha a rima o negócio é rimar
Olha a rima que dá, olha a rima
O negócio é rimar
Perigosa é a rima que dá
Menina namoradeira
Gosta de beijo e abraço
Depois fica reclamando
Que perdeu...*

¹⁴⁴² DONA IVONE LARA (*Nasci pra sonhar e cantar*. Rio de Janeiro, Natasha Records, 2001).

¹⁴⁴³ CANDEIA (*Candeia*. 2Cds, E-collection, São Paulo, WEA Music, 2001).

*Doença que eu não conheço
Eu chamo de drungunhanha
Mulher que namora demais
Todos dizem que é...*

*A galinha quando bebe água
Olha para o céu azul
Pedindo que chova milho
Porque tá cansada...*

*Rapaz que fala macio
E anda muito delicado
Eu fico de olho nele
Porque pode ser...*

*Já cantei o meu pagode
Todo mundo já ouviu
Aquele que não bater palma..¹⁴⁴⁴.*

“O poder da criação”, de João Nogueira e Paulo César Pinheiro, aborda a criação do samba:

*Não, ninguém faz samba só porque prefere
Força nenhuma no mundo interfere
Sobre o poder da criação
Não, não precisa se estar nem feliz nem aflito
Nem se refugiar em lugar mais bonito
Em busca da inspiração*

*Não, ela é uma luz que chega de repente
Com a rapidez de uma estrela cadente
E acende a mente e o coração
É, faz pensar
Que existe uma força maior que nos guia
Que está no ar
Vem no meio da noite ou no claro do dia
Chega a nos angustiar
E o poeta se deixa levar por essa magia
E um verso vem vindo e vem vindo uma melodia
E o povo começa a cantar¹⁴⁴⁵*

“O poeta operário”, de Romildo e Ney Alberto, faz o tema ressurgir pelo ponto de vista do poeta:

¹⁴⁴⁴ DICRÓ (*Os grandes sambas da história*, vol. 22, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1979).

¹⁴⁴⁵ JOÃO NOGUEIRA (*Pirajá. Esquina Carioca*, Dabliú, São Paulo, 1999).

*Poeta operário e compositor
Repórter cronista do seu dia-a-dia
Que canta a tristeza e fala a verdade
Compondo o progresso e também poesia
Pinta o sofrimento maior que o salário
E nem com talento vê compensação
Isso é que é um povo bom
Mesmo passando fome, ao invés da revolta
Faz brotar no momento a mais nova canção
E o poeta é quem vai levando a cruz
Ganha mais quem nada faz
Menos ganha quem produz*

*Alegando a multidão
Que se embala em euforia
Vai cantando e no refrão
Bom humor, filosofia
Só sucesso não consola
Pois só ganha mixaria
E o grosso que vai para o bolso
Do ECAD em parceria*

*E o poeta é quem vai levando a cruz
Ganha mais quem nada faz
Menos ganha quem produz
E na carreira final pra ver a música editada
O compositor fica mal, mesmo sendo a mais tocada
Pois com o direito autoral
Não vai ter vida folgada
Os cartolas mamam tudo
E o compositor fica sem nada¹⁴⁴⁶*

“Peregrino”, de Noca da Portela, fala do samba:

*Virá num riso de criança
Ou numa lágrima de dor
Virá talvez de uma esperança
Ou de um sonho que passou
Inesperado peregrino
Sagrada é a sua missão
De abençoar a nossa voz
Iluminar nosso destino
Com a chama da inspiração*

*Ele virá
Quem nasceu para sempre
Pra sempre virá
É uma eterna semente solta pelo ar*

¹⁴⁴⁶ BEZERRA DA SILVA (*Eu não sou santo*, BMG Brasil Ltda., Barueri, 2000).

*Fecundando de felicidade por onde for
E assim será
Ninguém vive feliz se não puder falar
E a palavra mais linda é a que faz cantar
Todo samba, no fundo, é um canto de amor¹⁴⁴⁷*

Outro samba falando sobre o próprio samba é “Sabor do samba”, de Kid Pepe e Germano Augusto:

*Não há
Quem não goste da harmonia
E também da melodia
Que ao samba dá sabor ô ô
Desde subúrbio à cidade
O samba é novidade
Quem canta samba é doutor*

*O samba é feito
De bossa e no momento
Cantando sua amizade
Ele inspira o pensamento
Sempre foi feito
Com poesia e amor
Cantando com melodia
Para ter o seu valor*

*Peço licença para dizer
Que hoje em dia
O samba lá no morro
Também tem sua valia
Eu fui a um samba
Na alta sociedade
Vendo sambista de smoking
Eu me senti à vontade¹⁴⁴⁸*

“Vai meu samba”, de Martinho da Vila e Analimar, fala sobre samba e festa:

*Vai meu samba
Vai meu samba vai, meu samba vai
Vai meu samba
Vai meu samba vai, meu samba vai*

*Sabemos sempre que há
Algo pra se festejar
Onde houver alegria*

¹⁴⁴⁷ PAULINHO DA VIOLA (*Bebadosamba*, BMG, São Paulo, 1996).

¹⁴⁴⁸ PATRÍCIO TEIXEIRA (*Os grandes sambas da história*, vol.13, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1934).

*Meu samba penetra pra comemorar
Pode ser um casamento
Nascimento ou batizado
Nas festas de fim de ano
Ou comemorando o que foi conquistado*

*Vai meu samba
Vai meu samba vai, meu samba vai
Vai meu samba
Vai meu samba vai, meu samba vai*

*Vamos pular no salão
Fazer nosso carnaval
Salve! Estácio, Pílares
União da Ilha e Padre Miguel
Imperatriz, Beija-Flor
Cabuçu e Lins Imperial
Império, Salgueiro e Mangueira
Portela e Unidos de Vila Isabel¹⁴⁴⁹*

“És partideiro”, de Aniceto do Império, especula sobre o fazer samba:

*Se você é partideiro
Saberá me informar
Do partido para a chula
A diferença que há*

*Me responde bem direitinho
Não pise na bola, não vá vacilar
Se de fato és partideiro
Por que tanto imaginar?*

*Versos decorados não aceito
Quero ver é você improvisar
Dentro do contexto
Não rima tamá com Maricá*

*Chula raiada é cantada
É preciso estribilhar
A fim de que, o que que conhece
O partido-alto em qualquer lugar*

*Eu quero deixar um substituto
Para me apresentar
Recordando as minhas memórias
Quando Jesus me levar¹⁴⁵⁰*

¹⁴⁴⁹ MARTINHO DA VILA (*Martinho da Vila. Grandes Sucessos*. São Paulo, Columbia, s/d).

¹⁴⁵⁰ OS GRANDES SAMBAS DA HISTÓRIA 40 volumes, São Paulo, BMG Brasil e Ed.Globo, 1997, vol. 32

Concluo com “Luz da inspiração”, de Candeia, que associa o samba e a voz da pessoa:

*Sinto-me em delírio
Luz da inspiração
Acordes musicais
Invadiram o meu ser sem querer
Me elevam ao infinito da paz
Sinto-me vazio no ar a flutuar
Eu já nem sei quem sou
A mente se une à alma
A calma reflete amor
A mente se une à alma
A calma reflete amor*

*Nos braços da inspiração
A vida transformei de escravo para rei
E o samba que criei tão divino ficou
Agora sei quem sou
E o samba que criei tão divino ficou
Agora sei quem sou¹⁴⁵¹*

O fazer poético, principalmente no patamar da metalinguagem, da construção formal e da “função poética” da linguagem, é tema bastante utilizado no discurso da moderna música brasileira, quase sempre ligado ao *discurso-eu*. Na visão popular dos sambistas, o assunto deve ser relacionado à “inspiração”, assim como à expressão de emoções, ao cantar do *ethos* coletivo, à festa, à religiosidade, ao temário compartilhado e à esperança. Ou seja, trata-se de uma abordagem construída tendo em vista o *discurso-nós* e o *senso comum*.

7.15 O tema do riso

O lado cômico da vida, o riso alegre e jocoso, o tom de galhofa, escárnio, gozação e brincadeira, assim como inúmeras palavras e expressões tais como bagunça, esculacho, escracho, confa, casa de maria-joana, casa da sogra, baderna, zona, mafuá, fuzuê, banzé e bafafá, entre muitas outras, podem ser associadas com naturalidade ao discurso popular. A abordagem jocosa e não-séria e o popular, andam muitas vezes lado a lado.

Um *modelo de consciência* que pressuponha a valorização do indivíduo único, autônomo e livre, o pensamento teórico, reflexivo e crítico, a análise diferenciadora, a abstração (descontextualização) e a objetividade (a busca da observação impessoal), modelo

¹⁴⁵¹ OS GRANDES SAMBAS DA HISTÓRIA, 40 volumes, São Paulo, BMG Brasil e Ed.Globo, 1997, vol.37

oriundo de procedimentos sistemáticos e planejados, análogos, como vimos, aos do “engenheiro”, e dependente de instrumentos da fixação como a escrita, que por sua vez permitem revisão, previsão e controle, tal modelo tende a se afastar dos aspectos cômicos da vida.

Vejamos, por exemplo, como o filósofo René Descartes, recorrendo ao pensamento racional e analítico, explicou o riso e suas causas. Segundo ele, “[o] `riso consiste em que o sangue que procede da cavidade direita do coração pela veia arteriosa, inflando de súbito e repetidas vezes os pulmões, faz com que o ar neles contido seja obrigado a sair daí com impetuosidade pelo gasnete, onde forma uma voz inarticulada e estrepitosa; e tanto os pulmões ao se inflarem, quanto esse ar, ao sair, impelem todos os músculos do diafragma, do peito e da garganta, mediante o que movem os do rosto que têm com eles alguma conexão (...) E só posso notar duas causas que façam assim subitamente inflar o pulmão. A primeira é a surpresa da admiração, a qual, estando unida à alegria, pode abrir tão prontamente os orifícios do coração que grande abundância de sangue, entrando de repente em seu lado direito pela veia cava, aí se rarefaz e, passando daí à veia arteriosa, infla os pulmões. A outra é a mistura de algum líquido que aumenta a rarefação do sangue...”¹⁴⁵²

Realmente pode haver grande incompatibilidade entre o discurso analítico e a espontaneidade pragmática, solta e situacional do riso.

Pelo contrário, o *modelo de consciência* que pressuponha a valorização da pessoa relacional, a vida familiar, hierárquica e coletiva, o pensamento empático, sintético e intuitivo, os mecanismos de *não-diferenciação* e de contextualização, modelo construído a partir dos procedimentos espontâneos, análogos aos do *bricoleur*, e da oralidade, portanto caracterizados pela relação face-a-face, pela mutabilidade, pelo improvisado e pela *labilidade*, tal modelo pode ser aproximado dos aspectos cômicos e jocosos da vida.

Em seu ensaio sobre o significado do cômico, o filósofo Henri Bergson associa o riso ao coletivo. Diz ele que “se nos sentíssemos isolados, seríamos privados do cômico. Dir-se ia que o riso tem necessidade dum eco”¹⁴⁵³ e este eco, convenhamos, surge na relação com os Outros. Diz ainda Bergson que “há, pois, uma lógica da imaginação que não é a lógica da

¹⁴⁵² apud ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999. p.114

¹⁴⁵³ BERGSON, Henri. *O riso – Ensaio sobre o significado do cômico*. Trad. Guilherme de Castilho Lisboa, Guimarães Editores, 1993, p.19

razão e que até a ela às vezes se opõe e com a qual é preciso que a filosofia conte, não somente para o estudo do cômico mas ainda para outras reflexões da mesma ordem. É qualquer coisa como a lógica do sonho, mas dum sonho que não fosse abandonado aos caprichos da fantasia individual, um sonho sonhado pela sociedade inteira”.¹⁴⁵⁴

Bergson menciona ainda o caráter de reversibilidade do cômico, ou seja, segundo ele, a reversibilidade¹⁴⁵⁵ não pode ser considerada “séria” se comparada à irreversibilidade dos axiomas e das leis fixadas pela escrita.

Nada mais próximo do popular, como se vê, se pensarmos na cultura oral, sua inerente mutabilidade e labilidade.

Para Bergson, o humor pode muitas vezes ser associado a um valor compartilhado que é quebrado e causa riso¹⁴⁵⁶. O riso trabalha com o *senso comum*: “A comédia pinta caracteres que já encontramos e que encontraremos ainda no caminho”.¹⁴⁵⁷

E contribui para a sociabilidade. “Ora, o riso tem justamente por função reprimir as tendências separatistas. O seu papel consiste em fazer mudar a rigidez em flexibilidade, de readaptar cada um a todos, enfim: de arredondar ângulos”.¹⁴⁵⁸

As idéias de Henri Bergson sobre o riso são indiscutivelmente importantes e esclarecedoras. Em grandes linhas, entretanto, o filósofo situa o riso como reflexo de certo estado humano primitivo. Numa sociedade ideal, madura, sábia, consciente e equilibrada o riso, em sua opinião, não teria mais lugar nem faria sentido. Espero que ele esteja errado. O que impede associar o sublime e o riso prazeroso e relacional a não ser teorias abstratas, “sérias” e idealizadas sobre o homem?

Prefiro retomar Mikhail Bakhtin e a noção de *cosmovisão carnavalesca*, característica do *modelo de consciência* popular que supõe a *familiaridade* entre as pessoas, a inversões inerentes à vida, a relatividade e efemeridade de tudo o que existe e uma justiça natural e final. Em suma, é alegre e utópica por princípio.

Vejamos os depoimentos recolhidos recentemente por Hermano Vianna e Ernesto Baldan. Com certeza, são amostras de alegria popular:

¹⁴⁵⁴ Idem, ibidem p. 40

¹⁴⁵⁵ Idem, ibidem, p.66

¹⁴⁵⁶ Idem, ibidem, p.99

¹⁴⁵⁷ Idem, ibidem p. 115

¹⁴⁵⁸ Idem, ibidem, p.122

Minha alegria vem propriamente de mim. Comigo não tem tristeza, meu amor. Eu gosto de brincar. Eu brinco totalmente à vontade; é vontade. É vontade mesmo. Quando eu tô com vontade, eu mesmo mando bater, eu mesmo canto, eu mesmo danço. Aí mando encerrar, e tudo bem: eu me divirto. Eu me alegro. Tristeza não paga dívida. A alegria leva tudo. (Dona Elza do Carço)

A barreira da frente é a gente. Porque se não tiver a nação de palhaço, a brincadeira fica parada. Se não for com as nossas figuras, ninguém fica animado. Todo mundo vê a gente com a cara pintada. O povo sempre gosta demais. Eu não sei explicar direito, sabe por quê? Se eu soubesse ler, eu saberia explicar melhor. Mas nós somos a alegria. Por isso a brincadeira tem toda essa repartição de animação. (Palhaço do Auto dos Guerreiros – Alagoas)

Amor é verbo, paixão é teoria. Amor é uma dádiva de Deus, uma coisa que existe na realidade. Paixão é teoria, uma coisa que a pessoa inventa, uma coisa que a pessoa carrega pra cima de si, que maltrata, adoce, mata. (...) Não se pode amar só gente. Eu amo minha casa, eu amo meu quintal, eu amo minha profissão, eu amo o bumba-meu-boi. (Humberto Maracanã - Maranhão)

Todo mundo me respeita sim. Porque eu sou Rei do Congo. Mas aí na brincadeira. Fora da brincadeira é diferente, né? (Joaquim “Carolino” Monteiro – Pará).

Que gostoso é o candomblé! Mesmo se você não tem nada a ver com a religião, quando escuta os tambores não tem jeito; começa a balançar os ombros, a cabeça. Daqui a pouco você já está balançando o corpo todo, a alma toda. (Filha de Santo do Ilê Iya Omi Axé Iyamassê)

A minha vivência é metida no meio dos meus companheiros e brincando toda vida, toda vida. Nunca senti tristeza na minha vida. Não adianta o fregues ficar triste. Por que se ele ficar triste ele morrer, se não ficar triste ele morre também. (Seu Antônio – Rio Grande do Sul)¹⁴⁵⁹

*A vida da gente é que nem um jogo. Perdê a gente perde às vêz. Mas ganha também. A morte – meu pai é que falava assim – é o jogo derradeiro. Na hora que ela leva nós, parece que ela ganhô. Mas quando a alma ganha o céu, o inferno é que perde.*¹⁴⁶⁰

Segundo Hermano Vianna: “Brincadeira: esse é o nome usado pela maioria dos brasileiros para se referir aos folguedos, folias, autos e festas. Há muita brincadeira no Brasil.

¹⁴⁵⁹ VIANNA, Hermano e BALDAN, Ernesto. *Música do Brasil*. São Paulo, Abril, 2000. O livro não tem numeração de página

¹⁴⁶⁰ GOMES, Núbia P.M. & PEREIRA, Edimilson P. *Mundo encaixado – Significação da cultura popular*. Belo Horizonte, Mazza Edições, 1992, p.93

Pode-se falar até num ‘espaço da brincadeira brasileira’ paralelo à vida real. Quem festeja encontra uma maneira de penetrar nesse espaço virtual. Dentro dele, tudo é possível”.¹⁴⁶¹

Bakhtin compara o riso popular e carnavalesco e o riso erudito e moderno. Segundo ele, o primeiro “é em primeiro lugar patrimônio *do povo* (...); todos riem, o riso é “geral”; em segundo lugar é *universal*, atinge a todas as coisas e pessoas (...), o mundo inteiro parece cômico e é percebido e considerado no seu aspecto jocoso, no seu alegre relativismo; por último, esse riso é *ambivalente*: alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente”.¹⁴⁶² . O autor russo chama este riso de *festivo, liberador e regenerador*, ligado ao folclore primitivo e ao processo circular da fecundação, da fertilidade, do nascimento de uma nova vida, do crescimento, do apodrecimento (daí o grotesco) e da morte, “um riso que engloba verdadeiramente o mundo inteiro, que brinca com todas as coisas, pequenas ou grandes, distantes ou próximas.”¹⁴⁶³

Já o riso erudito e moderno, chamado por Bakhtin de riso *irônico*, afastado dos laços folclóricos e populares e ligado ao racionalismo e à crítica “objetiva” e até funcionalista da realidade, é baseado num humor particular relativo à vida interior (individual) e negativo, transforma-se num riso satírico, de condenação moral, amargo, exato, cético e sarcástico, por vezes niilista e destrutivo. Ele deixa de ser utópico e “destrói a integridade do aspecto cômico do mundo”.¹⁴⁶⁴

Trata-se portanto, paradoxalmente, de um “riso sério”.

Bakhtin ressalta o tom sério *retórico, trágico, rigoroso e científico*¹⁴⁶⁵. Segundo ele, “[o] tom sério afirmou-se como a única forma que permitia expressar a verdade, o bem, e de maneira geral tudo que era importante, considerável”.¹⁴⁶⁶

“Por esta razão”, continua o teórico russo, “todos os defensores da antiga verdade e do antigo poder são tão casmurros e graves, não sabem nem querem rir (...); seus discursos são imponentes, tratam seus inimigos pessoais como inimigos da verdade eterna, ameaçando-os,

¹⁴⁶¹ VIANNA, Hermano e BALDAN, Ernesto, op.cit

¹⁴⁶² BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. 2ª ed. Trad. Yara Frateschi. São Paulo-Brasília, Hucitec, 1993, p.10

¹⁴⁶³ BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. 3ª ed. Trad. Aurora Bernardini e outros. São Paulo, Unesp, 1993, p.343.

¹⁴⁶⁴ BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. 2ª ed. Trad. Yara Frateschi. São Paulo-Brasília, Hucitec, 1993, p. 11

¹⁴⁶⁵ C.f. *ibidem* p.104

¹⁴⁶⁶ *Ibidem*, p. 185

portanto, com uma morte eterna. (...) Os representantes do velho poder e da velha verdade cumprem o seu papel, com o rosto sério e em tons graves, enquanto que os espectadores, há muito tempo, estão rindo”.¹⁴⁶⁷

Segundo Bakhtin, na Idade Média os representantes do conhecimento oficial, clérigos, magistrados, sábios, professores etc., eram chamados de *agelastos*, aqueles que não sabiam nem queriam rir.

Entretanto, no âmbito popular e oral, “a desconfiança diante do sério e a fé na verdade do riso eram espontâneas. Compreendia-se que o riso não dissimulava jamais a violência, que ele não levantava nenhuma fogueira, que a hipocrisia e o engano não riam nunca, mas pelo contrário revestiam a máscara da seriedade, que o riso não forjava dogmas e não podia ser autoritário, que ele era sinal não de medo, mas de consciência da força, que estava ligado ao ato de maior, ao nascimento, à renovação, à fecundidade, à abundância, ao comer e ao beber, à imortalidade terrestre do povo, enfim que ele estava ligado ao futuro, ao novo, ao qual ele abria o caminho. É por essa razão que, espontaneamente, se desconfiava da seriedade e se punha fé no riso festivo.”¹⁴⁶⁸

Um discurso construído a partir do indivíduo autônomo e único, portanto solitário por princípio, e a partir do pensamento crítico, analítico e objetivo, mesmo que procure a alegria e o humor, fatalmente tenderá à seriedade. Criticar, analisar e refletir solitariamente sobre o que quer que seja implica procedimentos incompatíveis com o riso, a espontaneidade e a alegria.

O riso, ao que tudo indica, parece ter muito mais identificação com a pessoa relacional, com a vida em grupo e com os assuntos compartilháveis, de interesse geral e do senso comum, assim como com procedimentos intuitivos, improvisados e espontâneos, ou seja, *não-diferenciados*. Além disso, e por tudo isso, o riso humano é assunto dificilmente sujeito a teorias e análises gerais. Como conclui Verena Alberti, após estudar inúmeras teorias do riso, “[o] mistério do riso propositadamente se mantém: o riso não é efeito de uma paixão, não tem um princípio físico ou moral e deve continuar incógnito. Os pensamentos modernos sobre o riso, aqueles que o ‘significam’, falam, pois, da necessidade de concordância entre o

¹⁴⁶⁸ Idem, *ibidem*, p. 82.

homem e o *impensado*” [o “inomeável” visto tantas vezes durante este estudo] “e não mais do riso com como fenômeno que precisa de explicação”.¹⁴⁶⁹

Talvez por tudo isso, nas letras da moderna música popular brasileira, fruto de um *modelo de consciência* impregnado pela modernidade, que aqui poderia ser representada por noções como “análise”, “técnica”, “objetividade”, “controle”, “exatidão”, “explicação” e “interpretação”, o riso e o cômico sejam tão raros.

Por outro lado, pelas mesmas razões, o tema surge com força extraordinária nas letras de samba.

De um modo geral, poder-se-ia dizer que a maioria das letras de samba, mesmo as que abordam as desilusões amorosas, as desgraças, a pobreza, o envelhecimento e a morte, tem como pressuposto, pelo menos, um certo humor.

Algumas trazem o riso e os aspectos cômicos e grotescos de forma escancarada, despidorada e divertida. Passo a dar alguns exemplos.

A obra de Paulinho da Viola não se caracteriza exatamente pelo humor, que, em geral, aparece de forma discreta e sutil. Mesmo assim um samba como o já visto “Dona Santina e Seu Antenor”, não só pela letra mas pela forma como foi interpretado e pelo excelente e divertido arranjo, é capaz de provocar o riso e o divertimento:

*Dona Santina deu
Anteontem uma feijoada
E me convidou em homenagem
À volta do Seu Antenor
Que aos vinte anos de casado escapuliu
Quando viu os olhos da Sandrinha se amarrou
Ela nos seus vinte e dois
Ele com cinqüenta e três
Imagem só vocês
A notícia o que causou, no local
Hoje, ele volta arrependido
Depois de ouvir da Santina
Um discurso especial¹⁴⁷⁰*

O clássico “Acertei no milhar” assim como muitos outros sambas já abordados neste estudo, foi criado a partir da graça, do chiste, da alegria e do humor.

“Até hoje não voltou”, de J. Portela e Geraldo Pereira, é uma letra de amor e humor

¹⁴⁶⁹ ALBERTI, Verena. Op.cit., p. 206.

¹⁴⁷⁰ PAULINHO DA VIOLA (*Paulinho da Viola*, Coleção Bis, Dois Cds, EMI, Rio de Janeiro, 2000, gravado em 1971).

*Eu fui buscar uma mulher na roça
Que não gostasse de samba e nem gostasse de troça
Uma semana depois que aqui chegou
Mandou esticar os cabelos
E as unhas dos pés pintou
Foi dançar na gafieira
E até hoje não voltou
Ela não tinha um vestido
Um sapato que se apresentasse
Eu comprei
Chegou toda errada, falar não sabia
Fui eu que ensinei
Perdi tanto tempo
Gastei meu dinheiro
Fui tão longe à toa
Mas já vi que sou muito infeliz
É melhor eu viver sem patroa¹⁴⁷¹*

“Cabelo no pão careca”, de Barberinho do Jacarezinho e Rody do Jacarezinho, apela para o humor grotesco:

*Bolo na padaria, Maria pulava igual perereca
Pães doces e broas viravam petecas,
Pegaram o padeiro e quebram a munheca
Porque encontraram cabelo no pão careca
Porque encontraram cabelo no pão careca*

*Sonho virou pesadelo, brigadeiro perdeu a patente
Confeitaram o confeitiro para massa de pão para cachorro-quente
Deixaram o gerente, um tal de Clemente
Sem uns cinco dentes e só de cueca
Porque encontraram cabelo no pão careca
Porque encontraram cabelo no pão careca*

*Bolo na padaria, Maria pulava igual perereca
Pão doces e broas viravam petecas,
Pegaram o padeiro e quebram a munheca
Porque encontraram cabelo no pão careca
Porque encontraram cabelo no pão careca*

*E o pastel que passava, quis se interar no assunto
Escorregou na manteiga e tropeçou no presunto
Saiu com a cara cheia de torrada
Iogurte, coalhada e ganhou o sapeca
Porque encontraram cabelo no pão careca
Porque encontraram cabelo no pão careca*

¹⁴⁷¹ GERALDO PEREIRA (*Geraldo Pereira*. Bebel Gilberto e Pedrinho Rodrigues. Acervo Funarte da Música Brasileira. Rio de Janeiro, Instituto Cultural Itaú, 1983).

*Bolo na padaria, Maria pulava igual perereca
Pães doces e broas viravam petecas,
Pegaram o padeiro e quebram a munheca
Porque encontraram cabelo no pão careca
Porque encontraram cabelo no pão careca*

*Um camburão foi chamado, para acabar com a racha
O soldado soltou o patamo, distribuindo bolacha
Jogaram farinha de trigo no Teco que foi pro boteco pra comer panqueca
Porque encontraram cabelo no pão careca
Porque encontraram cabelo no pão careca¹⁴⁷²*

“Cara de boi”, de Dicró e Bezerra da Silva, se diverte com o motivo do marido traído, cantado na primeira pessoa:

*Me chamaram de boi, você viu quem foi
Eu não, eu não
Mas será que eu tenho cara de boi
Tem sim, tem sim
Você viu quem foi que me chamou de bc.
Eu não, eu não
Mas será que eu tenho cara de boi...*

*Eu quando era solteiro
Confesso eu não tinha apelido
Depois que eu me casei
Passei a ser perseguido
Vou saber da minha nega
Onde é que ela foi
Porque a rapaziada
Só diz que eu tenho cara de boi*

*Olha o boi, olha boi, lá vai o boi
Olha o boi, olha boi
Olha que eles estão me chamando de boi*

*Eu já estou invocado
Não demora eu começo a brigar
Homem é homem, boi é boi
Cada um no seu lugar
Eu chamei a cretina na resposta
E pedi explicação
Ela olhou pra minha cara
E riu até cair no chão*

¹⁴⁷² ZECA PAGODINHO (*Pagode de mesa da melhora qualidade*. São Paulo, BMG/RCA, 2003, gravado em 1993).

*Olha o boi, olha o boi, lá vai o boi
Olha o boi, olha o boi
Olha que eles estão me chamando de boi*

*Me chamaram de boi, você viu quem foi
Eu não, eu não
Mas será que eu tenho cara de boi
Tem sim, tem sim
Mas quem tá cantando tudo é boi
Eu não, eu não
Então quer dizer que somente eu que sou boi¹⁴⁷³*

“Confusão na horta”, de Adilson Bispo, Zé Roberto e Simões PQD, é uma amostra de humor ingênuo:

*Dona Maria Inês, nem morta
Vai ser difícil cultivar na sua horta
Dona Maria Inês, nem morta
Vai ser difícil cultivar na sua horta*

*É guento que não perde tempo
De repente contou uma história
Iludiu completamente o coração da chicória
Que morria de amor por um agrião muito paquerador
Noivo da mertalha, porém foi casar com a couve-flor
Noivo da mertalha, porém foi casar com a couve-flor*

*Dona Maria Inês, nem morta
Vai ser difícil cultivar na sua horta
Dona Maria Inês, nem morta
Vai ser difícil cultivar na sua horta*

*A mertalha ficou invocada, pra se vingar da traição
Disse não fico sozinha, o pepino é a minha solução
A alface muito fofoqueira fez essa salada, zombou e sorriu
Entrou na pancada quando toda horta descobriu
Entrou na pancada quando toda horta descobriu*

*Dona Maria Inês, nem morta
Vai ser difícil cultivar na sua horta
Dona Maria Inês, nem morta
Vai ser difícil cultivar na sua horta¹⁴⁷⁴*

“Couro do falecido”, de Jorge de Castro e Monsueto Menezes, fala do falecimento de um cabrito – provavelmente roubado – uma espécie de mártir do samba:

*Um minuto de silêncio
Para o cabrito que morreu*

¹⁴⁷³ BEZERRA DA SILVA (*Grandes Sucessos de Bezerra da Silva*. Vol 1, Rio de Janeiro, Cid, s/d).

¹⁴⁷⁴ JOVELINA PÉROLA NEGRA (*Pérolas*, Som Livre, São Paulo, 2000).

*Se hoje a gente samba
É que o couro ele nos deu*

*Castiga o couro do falecido
Bate o bumbo com vontade
Que a moçada quer sambar
Castiga o couro do falecido
Morre uns para o bem de outros
A verdade é essa não se pode negar¹⁴⁷⁵*

O delicioso “E o mundo não se acabou”, de Assis Valente, é sem dúvida um grande clássico do samba:

*Anunciaram e garantiram que o mundo ia se acabar
Por causa disso a minha gente lá de casa começou a rezar
E até disseram que o sol ia nascer antes da madrugada
Por causa disso nessa noite lá no morro não se fez batucada*

*Acreditei nessa conversa mole
Pensei que o mundo ia se acabar
E fui tratando de me despedir
E sem demora
Fui tratando de aproveitar
Beije na boca de quem não devia
Peguei na mão de quem não conhecia
Dancei um samba em traje de maiô
E o tal do mundo não se acabou*

*Chamei um gajo com quem não me dava
E perdoei a sua ingratidão
E festejando o acontecimento
Gastei com ele mais de quinhentão
Agora eu soube que o gajo anda
Dizendo coisa que não se passou
Vai ter barulho e vai ter confusão
Porque o mundo não se acabou¹⁴⁷⁶*

“Fenômeno”, de Milton Moreira e Joaquim Domingues, apela para o humor grotesco

*Doutor desde que eu nasci que vivo adoentado
Tenho o nariz um tanto avantajado
A minha cara é feia pra chuchu
Mas o meu queixo até parece uma castanha de caju
Nerussa de I love you
Mas é que a minha boca é rasgada demais*

¹⁴⁷⁵ MONSUETO (*Monsueto*, Coleção Raízes do Samba, EMI, Rio de Janeiro, 2000, gravado em 1962).

¹⁴⁷⁶ VALENTE, Assis (*Assis Valente*. Acervo Funarte Música Brasileira. São Paulo, Instituto Itaú Cultural/Atração Fonográfica, ATR 32009, 1986).

*E sendo assim eu sou muito infeliz
Doutor veja por quanto faz
Uma intervenção no meu nariz
Mas o Doutor olhou pra mim
Deu um sorriso e disse assim
Você precisa é tomar juízo, vai por mim
Você é forte e tem boa saúde
Até parece um astro lá de Hollywood
Acreditei no lerô deste cientista de valor
Meti os peito e fui fazer uma conquista de amor
Logo a primeira que eu chamei de flor
Me deu um peteleco e um contravapor
Ai, ai meu Deus, mas que horror
Eu vi anunciado um tal de seu Macário
Que tem duas filhas em estado precário
Meti os pengueitos e rumei pra lá
Fui conhecer Maricota, Mariquinha e Maricá
Que tem a grana pra gastar
Mas é que o seu Macário usou-me de franqueza
As minhas filhas não querem beleza
Mas você com essa cara que me traz
Eu tenho visto gente feia
Mas assim já é demais¹⁴⁷⁷*

“Filosofia de bar”, de Everaldo da Viola, fala de humor e bebida:

*Buscando bebida ele entrou num botequim
E numa plaqueta estava escrito assim
“Se você bebe pra esquecer, por favor pague antes de beber”
“Se você bebe pra esquecer, por favor pague antes de beber”*

*Porque fiado, só no amigo do lado
Bebeu, caiu, levantou, pagou, saiu, viu
Bebeu, caiu, levantou, pagou, saiu, viu*

*Tem um galo de barro
Foi olhar pra comprovar
Estava escrito
“Fiado só se esse galo cantar
Moço educado, respeita o salão
Não pede fiado, nem diz palavrão”
Até parece que o homem adivinhava a sua intenção¹⁴⁷⁸*

“Jajá de Gamboa”, de Batatinha e José Bispo, é outro samba grotesco

*Mas a cabrocha é boa, apesar de ser coroa
Mas o Jajá de Gamboa é o dono da situação
Ela me dá boa vida, não é feito Margarida
Que foi a bomba caída*

¹⁴⁷⁷ JORGE VEIGA (*A caricatura do samba*. Rio de Janeiro, Copacabana, 1995).

¹⁴⁷⁸ JOVELINA PÉROLA NEGRA (*Pérolas*, Som Livre, São Paulo, 2000).

*Que só veio estourar em minha mão
Mas o Jajá é um desses tipos alucinados
Precisando certo dia
De uma nota pra apostar no selecionado
Não tendo mais o que arrancar da criatura
Então lhe pediu a dentadura
Dizendo que o prego ia lhe safar
Foi desta vez que a coroa não pôde
Concordar com o Jajá¹⁴⁷⁹*

“O pinel”, de H. Sampaio, ri da loucura:

*Esse cara é pinel
Vinte e dois e malucão
Bagaço de cana pra ele é arroz
Água com areia ele diz que é pirão*

*Ele vive aéreo por aí
Perdeu o contato com a hora
Quando vê o velório ele ri
E quando vê casamento até chora
E quando chega o carnaval
Ele se apresenta de Papai Noel
Porém quando chega o Natal
Ele vai de baiana pra Vila Isabel
Ele é mesmo pinel...¹⁴⁸⁰*

“Resignação”, de Geraldo Pereira e Arno Provenzano, fala do ciúme com humor:

*Quem é que lava roupa pra você dançar?
Quem é que não marca hora pra você chegar?
Quem é que sofre com resignação
Quando você traz a gola do terno suja de batom?
Mas ontem você faltou com o respeito para mim
Trazendo o lenço manchado de carmim*

*Não vai dizer que a dama dançou em seu bolso
Pois não é possível
Nem tampouco o rosto você limpou
É preciso mudar de pesado
Que a minha paciência pode se esgotar¹⁴⁸¹*

¹⁴⁷⁹ BATATINHA (*Sambas da Bahia*. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1974).

¹⁴⁸⁰ BEZERRA DA SILVA (*Grandes Sucessos de Bezerra da Silva*. Vol 1, Rio de Janeiro, Cid, s/d).

¹⁴⁸¹ GERALDO PEREIRA (*Geraldo Pereira*. Bebel Gilberto e Pedrinho Rodrigues. Acervo Funarte da Música Brasileira. Rio de Janeiro, Instituto Cultural Itau, 1983).

“Sua cabeça não passa na porta”, de Barberinho do Jacarezinho, brinca com o marido traído:

*Aí cara de boi, se liga nesse pagode mané,
É tudo contigo!*

*Oh meu amigo a turma está fazendo festa, tá sim
Oh meu amigo a turma está fazendo festa
Olha aí esse negócio que nasceu na sua testa*

*Seu amigo que é gavião
Está sempre contente e feliz
Todo dia ele dá um presente
À sua criança e você nada diz
E a sua mulher muito honesta
Jura e diz que nem morta
Mas qualquer dia a sua cabeça não passa na porta*

*Vê se toma um chá de semanco!l
Pra sua moral ela não bagunçar
Quando você passa na esquina
a rapaziada começa a cantar
Lá vai o mané
Por incrível que pareça
O chapéu do sem vergonha está a três palmos da cabeça¹⁴⁸²*

Agora dois sambas de Adoniran Barbosa, “Tiro ao Álvaro”, composto com Oswaldo Molles, cheio de humor, imagens e brincadeiras com as palavras:

*De tanto levar
Frechada do teu olhar
Meu peito até
Parece sabe o quê?
Táubua de tiro ao “alvaro”
Não tem mais onde furar*

*Teu olhar mata mais
Do que bala de carabina
Que veneno estriquinina
Que peixeira de baiano
Teu olhar mata mais
Que atropelamento de automover
Mata mais
Que bala de revolver¹⁴⁸³*

¹⁴⁸² BEZERRA DA SILVA (*Acervo Especial*. Rio de Janeiro, BMG Ariola e RCA Victor, 1994).

¹⁴⁸³ ADONIRAN BARBOSA (*Adoniran Barbosa*, Série Reviva, São Paulo, Som Livre, 2002).

e “Um samba no Bexiga”, a descrição bem-humorada de uma festa popular

*Um domingo nós fumo
Num samba no Bexiga
Na rua Major
Na casa do Nicola
A mezza notte o'clock
Saiu uma baita de uma briga
Era só pizza que voava
Junto com as brachola*

*Nóis era estranho no lugar
E não quisemo se meter
Não fum lá pra brigá
Nóis fuma lá pra comê
Na hora H se enfiemo
Debaixo da mesa
Fiquemo ali de beleza
Vendo o Nicola brigá
Dali a pouco
Escuitemo a patrulha chegá
E o sargento Oliveira falá:
“Não tem importância
Vou chamar a ambulança”*

*Carma pessoá
A situação aqui tá muito cínica
Os mais pior
Vai pras Crínica!¹⁴⁸⁴*

“Gago apaixonado”, de Noel Rosa, é um samba um pouco cruel:

*Mu...mu...lher
Em mim fi...fizeste um estrago
Eu de nervoso
Estou...tou...fi...ficando gago
Não po...posso
Com a cru...crueldade
Da saudade
Que...que mal...maldade
Vi...vivo sem afago*

*Tem...tem...pe...pena
Deste mo...mo...moribundo
Que...que já virou
Va...va...ga...gabundo
Só...só...só...só...
Por ter so...so...fri...frido*

¹⁴⁸⁴ BARBOSA, Adoniran (*Adoniran Barbosa. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, JBC 0709001, s/d, gravado em 1972).

*Tu...tu...tu...tu...tu...
Tu tens um co... coração fingido*

*Teu...teu co... coração
Me entregaste
De...de...po...pois
De mim ti to...toma...maste
Tu...tua falsi...si...sidade
É profu...funda
Tu...tu...tu...tu...tu
Tu vais fi...fi...ficar corcunda!¹⁴⁸⁵*

“Plantação”, de Edson Show e Adelsonilton, fala de certa horta:

*Quem avisa amigo é, não é
É, pois é
Tem nego de olho na horta do Zé
Pode levar fé
Veio até cientista
Lá das plantas do Japão
Pra desvendar o mistério
Que tem nessa plantação
Até um burro faminto
Entrou na horta do Zé
Só comeu algumas folhas
E saiu trocando pé*

*Maria da Souza Lima
Pos a folha na salada
Começou a fazer rima
Esqueceu que era casada
Pôs açúcar no feijão
Botou sal na limonada
E quebrou o violão
Na cabeça da empregada*

*Chamaram até pistoleiro
Comprou pastor alemão
Diz que põe no formigueiro
Quem tocar na sua plantação*

*Vem gente de todo o canto
Até parece romaria
Já apelidaram a horta
De ilha da fantasia¹⁴⁸⁶*

¹⁴⁸⁵ ROSA, Noel (*Songbook Noel*, Lumiar Discos, 1991).

¹⁴⁸⁶ OS GRANDES SABAS DA HISTÓRIA, 40 volumes, São Paulo, BMG Brasil e Ed.Globo, 1997, v. 32

“Faustina (Encrenca em família)”, de Gadé, samba já citado, é puro humor negro:

*Faustina, corre aqui depressa
Olha quem está no portão
É minha sogra com as malas
Ela vem resolvida a morar no porão
Vai ser o diabo
Vamos ter sururu com o vizinho
Não estou pra isto
Eu vou dar o fora
Decididamente eu vou morar sozinho
É minha sogra, mas tenha paciência
Não há quem possa com essa jararaca
Meu sogro foi de maca pra assistência
Com o corpo todo retalhado a faca*

*Mas comigo é diferente
Não tenho medo dessa cara feia
Pego a pistola e desperdiço um pente
Ela descansa e eu vou pra cadeia¹⁴⁸⁷*

“Seqüestraram a minha sogra”, de Rodi do Jacarezinho, Sarabanda e Barberinho do Jacarezinho, vai agora na íntegra:

*Seqüestraram a minha sogra
Bem feito pro seqüestrador
Ao invés de pagar o resgate
Foi ele quem me pagou*

*Ele pagou o preço da mala que ele carregou
Ele pagou a paga da praga que ele seqüestrou
E ele pagou a mala sem alça que ele carregou, ele pagou
Ele pagou a paga da praga que ele seqüestrou*

*O telefone tocou
Uma voz cavernosa pediu um milhão
Pra libertar minha sogra
Que não vale nenhum tostão
Ela zoou meu cativo
Mordeu a mordaca e a algema quebrou
E até a bala do meu revólver
A capeta da sua sogra chupou
Ele pagou...*

*Olha aí novamente toca o telefone
Invertendo a situação*

¹⁴⁸⁷ MOREIRA DA SILVA (*Conversa de Botequim*, Rio de Janeiro, EMI, 2003, gravado em 1970).

*Se eu recebesse a megera de volta
Ele me dava o dobro da grana na mão
Já paguei por todos os meus pecados
Me disse chorando o seqüestrador
Vou me entregar à polícia
E quando sair serei mais um pastor
Ele pagou...¹⁴⁸⁸*

Concluo com “Eu brinco”, de Pedro Caetano e Claudionor Cruz

*Com pandeiro ou sem pandeiro
Eh, eh, eh, ei, eu brinco
Com dinheiro ou sem dinheiro
Eh, eh, eh, ei, eu brinco
No céu a lua caminha
Tão triste sózinha
Pra não ser triste também
Com pandeiro ou sem pandeiro
Meu amor, eu brinco¹⁴⁸⁹*

O riso alegre, brincante, regenerador e festivo quase sempre supõe o compartilhamento, a comunhão entre pessoas, a *familiaridade*, o compreender juntamente com outros a mesma piada ou situação engraçada, a sentimento espontâneo, o trocar olhares e rir. O riso religa a coletividade, é dialógico e interacional e costuma ser alimentado pela alegria do outro. Embora ocorra, o riso solitário tende a ser mais raro, mais sério, mais contido e menos durador. Não é a mesma coisa rir sozinho e rir em companhia de outras pessoas.

O tema do riso, em todo o caso, desaparece no discurso da moderna música popular brasileira ou surge na forma do “riso sério” e crítico. Por outro lado, o riso franco e espontâneo é traço essencial do discurso popular e, portanto, do *discurso-nós*.

Concluo com a pergunta de Horácio, apud Mikhail Bakhtin: “O que impede que aquele que ri diga a verdade?”¹⁴⁹⁰

¹⁴⁸⁸ BEZERRA DA SILVA (*Bezerra da Silva* Cd duplo, CD2, São Paulo, RCA, 2001).

¹⁴⁸⁹ CAETANO, Pedro (*A música popular brasileira deste século por seus autores e intérpretes*. SESC, 1973).

¹⁴⁹⁰ BAKHTIN, *A cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, p. 86.

7.15 O tema do samba

Não é comum, nas letras da moderna música popular, que o próprio gênero musical seja ele mesmo o tema ou assunto a ser cantado. Vimos isso algumas poucas vezes nas letras de bossa nova (“isso é bossa nova, isso é muito natural”) e também no tropicalismo (“a manhã tropical se inicia”) mas em ambos os casos jamais o assunto surgiu como tema principal.

Na paisagem pós-tropicalista, os gêneros em si, como tema, simplesmente deixaram de existir. O hibridismo, no caso, a possibilidade de utilizar indiscriminadamente todo e qualquer gênero existente, seja ele tradicional, moderno, erudito ou “contemporâneo”, passou a ser uma tendência incorporada ao discurso da moderna música popular. Aliás, tal processo foi introduzido pelo próprio tropicalismo que, como vimos, lançou mão da estética do apropriar, misturar e fundir – tanto nas letras como nas músicas – diferentes concepções, estilos e gêneros – da moda de viola e do baião ao rock, do bolero e do tango ao frevo, do samba e da marcha-rancho ao fado, do produto de massa ao produto erudito (“clássico”, “música de vanguarda”, “música contemporânea”), apresentados indiscriminadamente, ou seja, a partir de uma “atitude estética que se caracteriza por incorporar peças do repertório cultural – nacional e estrangeiro – de maneira eclética e menos comprometida com linhas únicas e definidas”¹⁴⁹¹ Em termos gerais, tratava-se de um gênero que se assumia como um não-gênero, um híbrido musical intencionalmente relativista, acima de ideologias, aberto a todas as possibilidades.

Para alguns tal postura representou uma “virada na música popular brasileira”, uma “desarticulação das ideologias” e um deslocamento do conflito social, “fazendo incidir as contradições da sociedade nos seus procedimentos”¹⁴⁹² para, assim, nas palavras de Caetano Veloso, tentar “superar o nosso subdesenvolvimento”.¹⁴⁹³

A meu ver, o tropicalismo, fruto do *modelo de consciência* moderno e hegemônico, sem dúvida ideológico, alterou o panorama da música popular brasileira principalmente por introduzir determinadas posturas e concepções poéticas e um conjunto de novos

¹⁴⁹¹ NAVES, Santuza Cambraia. *O violão azul – Modernismo e música popular*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 33.

¹⁴⁹² FAVARETTO, Celso. *Tropicália, alegoria, alegria*. 3ª ed. Ateliê Editorial, 2000, p.25

¹⁴⁹³ Op.cit. p.28

procedimentos com a palavra. For a isso, é apresentação do *ethos* e do *pathos* de classes minoritárias mas poderosas.

Nas letras de samba, em todo o caso, o próprio samba muitas vezes ocupa o lugar de tema e assunto principal. Foi possível enxergar isso quando abordei os temas da “escola de samba” e do “fazer poético”. Para além deles, seja como tipo de música, seja como lugar para onde pessoas vão para se encontrar, dançar e cantar, seja como um recurso para recuperar a alegria e a esperança, o samba em si tem sido um motivo recorrente nas letras dele próprio.

Na obra de Paulinho da Viola o tema é freqüente. Vejamos a letra do já clássico “Eu canto samba”:

*Eu canto samba
Porque só assim eu me sinto contente
Eu vou ao samba
Porque longe dele eu não posso ficar
Com ele eu tenho de fato uma velha intimidade
Se eu fico sozinho
Ele vem me socorrer
Há muito tempo eu escuto esse papo furado
Dizendo que o samba acabou
Só se foi quando dia clareou*

*O samba é alegria
Falando coisas da gente
Se você vive tristonho
No samba fica contente
Segura o choro criança
Vou te fazer um carinho
Levando um samba de leve
Nas cordas do meu cavaquinho¹⁴⁹⁴*

“Adeus batucada”, de Synval Silva, aborda o samba que só acaba quando o dia clareou:

*Adeus, adeus
Meu pandeiro do samba
Tamborim de bamba
Já é de madrugada
Vou me embora chorando
Com meu coração sorrindo
E vou deixar todo mundo
Valorizando a batucada
Em criança,
Com samba vivia sonhando*

¹⁴⁹⁴ PAULINHO DA VIOLA (*Eu canto samba*, RCA, São Paulo, 1988).

*Acordava
Estava tristonho chorando
Jóia que se perde no mar
Só se encontra no fundo
Sambai, mocidade
Sambando se goza neste mundo*

*E do meu grande amor
Sempre me despedi sambando
Mas da batucada
Agora me despeço chorando
Guardo no lenço
Esta lágrima sentida
Adeus, batucada
Adeus, batucada querida¹⁴⁹⁵*

Luiz Grande canta “A força do samba”:

*O tempo vai passando
E o samba vai seguindo
O povo está feliz
Cantando, sambando, sorrindo
E assim vamos nós
Tirando esse som que de dentro do peito nos sai
O samba balança, porém não cai*

*Vem de alguns anos atrás essa grande estrutura
O samba poder suportar qualquer temperatura
Vem onda, sai onda e o samba está sempre aí
Sempre aí, firme forte, com força para resistir¹⁴⁹⁶*

“Agoniza mas não morre”, de Nelson Sargento, fala na resistência do samba e da tradição:

*Samba
Agoniza mas não morre
Alguém sempre te socorre
Antes do suspiro derradeiro
Samba
Negro forte destemido
Foi duramente perseguido
Na esquina, no botequim, no terreiro*

Samba

¹⁴⁹⁵ SYNVAL SILVA (*Os grandes sambas da história*, vol.3, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1973).

¹⁴⁹⁶ JOÃO NOGUEIRA (*João Nogueira: 20 músicas do século XX*, Millennium, Universal Music, 1999).

*Inocente, pé no chão
A fidalguia do salão
Te abraçou, te envolveu
Mudaram toda tua estrutura
Te impuseram outra cultura
E você nem percebeu
Mudaram toda tua estrutura
Te impuseram outra cultura
E você nem percebeu¹⁴⁹⁷*

”A hora e a vez do samba”, de Gemeu, Paulinho e Aílton, é outro samba falando do samba:

*O samba é a felicidade
Arranca do peito a canção
A canção leva a saudade
E faz da saudade, paixão
Da vida assusta a tristeza
Que o triste resiste a cantar
É fortuna que a pobreza
Passa na vida a esbanjar
Por isso eu canto agora
Comigo cantam vocês
Meu samba chegou a hora
Meu samba chegou sua vez*

*O samba embala a criança
Que adormece a cantar
Sonhando com paz e esperança
Desperta feliz pra lutar
Lutar nas trincheiras do mundo
Armado de voz e coragem
Se tomba cansado ou ferido
Seu povo lhe vem em miragem*

*Levanta e vence a batalha
É um novo herói que se fez
Se fez ao chegar a sua hora
Se fez ao chegar a sua vez
Por isso eu canto agora
Comigo cantam vocês
Meu samba chegou a hora
Meu samba chegou sua vez¹⁴⁹⁸*

¹⁴⁹⁷ BETH CARVALHO (*Os grandes sambas da história*, vol.7, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1978).

¹⁴⁹⁸ MARTINHO DA VILA (*Origens*, BMG/RCA, São Paulo, 1999, gravado em 1973).

Assim como o bem-humorado “Ai meu calo” , de Monsueto Meneses e J. Batista:

*Ai meu calo
Ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai que calo
Quem tem calo
Unha encravada
Não pode sambar
Só vai ao samba
Ao samba atrapalhar
Diz nega!*

*Ai meu calo
Ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai que calo*

*Estava de sapato de verniz
Fazia um tremendo calor
O samba estava animado
Mas a nega me pisou
Ai, ai, ai nega¹⁴⁹⁹*

“Apoteose ao samba”, de Silas de Oliveira e Mano Décio, fala sobre certas características do samba:

*Samba, quando vens aos meus ouvidos
Embriagas meus sentidos
Trazes inspiração
A dolência que possuiis na estrutura
É uma sedução
Vai alegrar o coração daquela criatura
Que, com certeza, está sofrendo de paixão*

*Samba, soprando por muitos ares
Atravessaste os sete mares
Com evolução
O teu ritmo que te torna ainda mais ardente
Quando vem a alma de nossa gente*

*Eu quero que sejas sempre meu amigo leal
Não me abandones, não
Vejo em ti um lenitivo ideal
Em todos os momentos de aflição
És meu companheiro inseparável de tradição
Devo-lhe toda a gratidão
Samba, eu confesso és a minha alegria
Eu canto para esquecer a nostalgia¹⁵⁰⁰*

¹⁴⁹⁹JORGE VEIGA (*Jorge Veiga. O caricaturista do samba*. São Paulo, BMG/RCA, 2001, gravado em 1971).

¹⁵⁰⁰JAMELÃO (*Os grandes sambas da história*, vol.13, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1975).

“Bom crioulo”, de Ataulfo Alves, fala do samba e do sambista:

*Bate crioulo, bate
Bate no seu tambor
Bate crioulo, bate
Bate no seu tambor*

*Dizem que o bom crioulo
No samba é professor
Bate crioulo, bate
Bate no seu tambor*

*Nunca fez uma arruaça
Não sabe ser valentão
Mas não nega a sua raça
Quando pega o violão
Tira um verso pra mulata
Que foi pra roda sambar
E a mulata quando samba
Depois eu vou te contar
Chega pra lá*

*Bate crioulo, bate
Bate no seu tambor
Bate crioulo, bate
Bate no seu tambor*

*Dizem que o bom crioulo
No samba é professor
Bate crioulo, bate
Bate no seu tambor*

*Bom crioulo na escola
Carteia e joga de mão
Tem o samba na cachola
E a mulher no coração
Dizem que Mariazinha
É o xodó que ele tem
Mas nunca perdeu a linha
Na escola pra ninguém
Não lhe convém¹⁵⁰¹*

Para Martinho da Vila o samba é “Coisa de Deus”:

*É sensual mas é coisa de Deus o samba
É sensual mas é coisa de Deus o samba
Samba menina, samba*

¹⁵⁰¹ ATAULFO ALVES E SUAS PASTORAS (*Ataulfo Alves e suas Pastoras*. Music Brasil Ltda, s/d gravado em 1969).

*Que a ginga é a arte popular
Não liga se a gente olha
Rebola pra gente olhar
É sensual mas é coisa de Deus o samba
É sensual mas é coisa de Deus o samba
Quando eu vejo um negro sambando
Eu visualizo um meu ancestral
Batucando no seu jongo
E fazendo macumba no bambuzal
Namorando a sinhazinha
No meio do cafezal
É sensual mas é coisa de Deus o samba
É sensual mas é coisa de Deus o samba
Quando vejo uma negra sambado
A minha cabeça sai viajando
Vagalume vira estrela
Arco-íris se inflama
O ambiente se aquece
Porque a dança é uma chama¹⁵⁰²*

“É batucada”, de Caninha e Visconde de Pycohyba, associa samba e batuque:

*Samba de morro
Não é samba, é batucada
É batucada, é batucada, oi*

*Lá na cidade
A escola é diferente
Só tira samba
Malandro que tem patente*

*Nossas morenas
Vão pro samba bonitinhas
Vão de sandálias
E saiote de preguinhas¹⁵⁰³*

“Eu e o samba”, de Jair do Cavaquinho é outro bom exemplo:

*Canta, canta, canta, canta
Sem sair do tom
Vamos em frente, que atrás vem gente
Mostrar a essa gente que o samba é bom*

*Eu sou do samba, quero sambar
É neste samba que eu vou me acabar*

¹⁵⁰² MARTINHO DA VILA (*Coisas de Deus*. São Paulo, Columbia, 1997).

¹⁵⁰³ MOREIRA DA SILVA (*Os grandes sambas da história*, vol.6, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1933).

*Se o baile é bom, sambar é melhor
Baile é um tal de me pega, no terreiro eu sambo só¹⁵⁰⁴*

“Eu quero um samba”, da importante dupla Haroldo Barbosa e Janet Almeida, fala do samba e de quando ele acaba:

*Eu quero um samba feito só pra mim
Eu quero a melodia feita assim
Quero sambar porque no samba eu sei que vou
A noite inteira até o sol raiar*

*Ai, quando o samba acaba
E eu fico triste então
Vai melancolia que eu quero alegria
Dentro do meu coração¹⁵⁰⁵*

“Falso batuqueiro”, de Raul Marques e Carlos de Souza, fala do sambista de verdade e e tem “Falsa baiana” de Geraldo Pereira como intertexto

*O falso batuqueiro
Quando entra numa roda de batucada
Não resolve nada, não faz uma letra
E nem diz “salve a rapaziada!”
(É cheio de papagaiada)
Não canta samba, não sabe dar banda
É uma estrela apagada
Não tem golpe de vista
Imediatamente ele é obrigado
A fazer a pista
(E não tem sangue de artista)*

*A turma fica maluca
Quando o batuqueiro faz um floreado
Na ponta do pé
E diz um verso de improviso
Resolvendo o que a gente quer
(Não é? Não é?)
O batuqueiro tem diploma de sambista
E é considerado na roda do samba
E anda sempre alinhado
Com uma baiana ao seu lado¹⁵⁰⁶*

“Meu canto alto”, de Wilson Moreira, fala do samba cem por cento:

¹⁵⁰⁴ OS CINCO CRIoulos (Samba no Duro Vol. II. Rio de Janeiro, EMI, 2003, gravado em 1968).

¹⁵⁰⁵ MILTINHO (Os grandes sambas da história, vol.13, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1971).

¹⁵⁰⁶ JORGE VEIGA (Testamento dos sambistas. Moreira da Silva, Jorge Veiga e Caco Velho. Revivendo, Paraná, s/d, gravado em 1945).

*Samba
100% brasileiro
Lá do morro e de terreiro
Vim mostrar especialmente a essa gente
É no asfalto que eu canto bem alto
Fazendo sentir que você é mais samba
Pra quem sabe ouvir*

*Espero a hora para o povo entender
Meu canto alto de um samba bem brasileiro
Ao som do surdo, cavaquinho e pandeiro
Samba, sempre o primeiro¹⁵⁰⁷*

“Na batida do samba”, de Bucy Moreira, João da Silva e Manoel Francisco, imagina um certo micróbio de samba:

*Eu venho de muito longe
Na batida do samba
Eu quero sambar
Eu quero sambar
Eu quero sambar*

*É o micróbio do samba
Que não me deixa sossegar
Pega firme, moçada
Agora é que o samba não pode parar¹⁵⁰⁸*

“Não fujo da raia”, de Neném Chama, fala do samba e do sambar:

*Quem mandou me chamar
Agora segura o partido
Hoje eu quero é cantar
E ouvir a galera comigo
Vai ter samba a noite inteira
Por isso não saio daqui
Eu não sou brincadeira
Eu faço a poeira subir
Eu não fujo da raia
Aceito qualquer desafio
Samba é minha praia
Não tem tempo quente nem frio
Vai ter samba a noite inteira
Por isso não saio daqui
Eu não sou brincadeira
Eu faço a poeira subir*

¹⁵⁰⁷ WILSON MOREIRA (*Okolofé*. Rio de Janeiro, Rob, s/d, gravado em 1989).

¹⁵⁰⁸ DIRCINHA BATISTA (*Os grandes sambas da história*, vol.14, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1957).

*Segura a batucada
Que o pagode tá lindo
No pagode do Arlindo
Firma nessa levada
Que o povo tá pedindo
Mais um samba de roda
Pra alegrar o terreiro
Lá vem samba de roda
Mete a mão no pandeiro¹⁵⁰⁹*

“O pai da alegria”, de Agrião e Martinho da Vila, é o próprio samba:

*Se é pra sambar, entra na roda
Vem requebrar que a roda gira
Quer me ganhar e olha de banda
Mas também tá minha mira
Samba, menina que eu quero ver
Você mexer a anatomia
Samba mãezinha (mãinha), papai quer ver
Você trazer só alegria
Mas vou me perder
No seu rebolar
E por querer posso até bambear
É o seu sorrir
Que me faz sonhar
Com o gosto do beijo que eu quero provar
Menina que pra sambar não tem hora
Se casa com a noite e também namora o dia
Mas sou amante da minha escola
E quero levá-la pra outra orgia
No pagode você deita e rola
E vai pra gandaia com a tal Lua vadia
As minguantes, cheias, crescentes ou novas
São testemunhas que o samba
É o pai da alegria¹⁵¹⁰*

“A voz do morro”, de Zé Ketí, é um famoso exemplo:

*Eu sou o samba
A voz do morro
Sou eu mesmo sim senhor
Quero mostrar ao mundo
Que tenho valor
Eu sou o rei dos terreiros*

*Eu sou o samba
Sou natural daqui do Rio de Janeiro*

¹⁵⁰⁹ ARLINDO CRUZ (*Pagode do Arlindo. Ao vivo*. WEA Music, 2003).

¹⁵¹⁰ MARTINHO DA VILA (*O pai da Alegria*, COLUMBIA, 1999).

*Sou eu quem leva alegria
Para milhões de corações brasileiros*

*Mais um samba
Queremos samba
Quem está pedindo
É a voz do povo do país
Viva o samba
Vamos cantando
Essa melodia pro Brasil feliz¹⁵¹¹*

“A voz do povo”, de João do Valle e Luiz Vieira, mostra outra faceta do samba:

*Meu samba é a voz do povo
Se alguém gostou
Eu posso cantar de novo*

*Eu fui pedir aumento ao patrão
Fui piorar a minha situação
O meu nome foi pra lista na mesma hora
Dos que iam ser mandado embora
Meu samba é a voz do povo
Se alguém gostou
Eu posso cantar de novo
Eu sou a flor que o vento jogou no chão
Mas ficou o galho pra outra flor plantar
As minhas folhas o vento pode levar
Mas o meu perfume fica boiando no ar
Meu samba é a voz do povo
Se alguém gostou
Eu posso cantar de novo¹⁵¹²*

“Esperanças perdidas”, Davi Moreira e Nelson Custódio, é um belo samba que canta a ligação umbilical entre samba e sambista

*Quantas belezas deixadas nos cantos da vida
Que ninguém quer e nem mesmo procura encontrar
E quantos sonhos se tornam esperanças perdidas
Que alguém deixou morrer sem nem mesmo tentar
Minha beleza encontro no samba que faço
Minha tristeza se torna um alegre cantar
É que carrego o samba bem dentro do peito
Sem a cadência do samba não posso ficar
Não posso ficar
Eu juro que não
Não posso ficar*

¹⁵¹¹ ZÉ KETI (*Os grandes sambas da história*, vol.3, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1973).

¹⁵¹² PAULINHO DA VIOLA (*O essencial de Paulinho da Viola*, Coleção Focus, BMG, São Paulo, 1999, gravado em 1995).

*Eu tenho razão
Já fui batizado na roda de samba
O samba é a roda e eu sou a caçamba*

*Quantas noites de tristeza ele me consola
Tenho como testemunha a minha viola
Ai se me faltar o samba não sei o que será
Sem a cadência do samba não posso ficar
Não posso ficar
Eu juro que não
Não posso ficar
Eu tenho razão
Já fui batizado na roda de samba
O samba é a roda e eu sou a caçamba¹⁵¹³*

“O samba não pode parar”, de Fabrício do Império e Paulo George, fala em “força do povo”:

*A chuva tá caindo
Mas o samba não pode parar
Não! Não!
Não pode parar, não, não
Não pode parar*

*Esta chuva miúda
Para sambista é uma coisa à toa
Chuva miúda no samba, malandro, é garoa*

*Esta chuva é sereno
Que não molha mais ninguém
Cada pinga que cai
É mais um sambista que vem
Mas o samba não pode parar
Não, não, não pode parar*

*O samba é a força do povo
Até parece temporal
É o sol nascendo de novo
Na manhã de Carnaval
Mas o samba não pode parar
Não, não, não pode parar¹⁵¹⁴*

“O samba nunca foi arruaça”, de Monarco e Ratinho, defende o samba contra certos preconceitos:

*O samba nunca foi de arruaça
Quem sabe é Carlos Cachaca*

¹⁵¹³ OS GRANDES SAMBAS DA HISTÓRIA, 40 volumes, São Paulo, BMG Brasil e Ed.Globo, 1997, v..37

¹⁵¹⁴ DONA IVONE LARA (Alegria minha gente (serra dos meus sonhos dourados). São Paulo, WEA Music, 2001, gravado em 1982).

*Testemunha ocular
Ele viu nos tempos de menino
Com Cartola e Marcelino
Coisas de fazer chorar
Existia um certo preconceito
Que nos tirava o direito de sambar com liberdade
Mas apesar do preconceito
O sucesso era perfeito
Quando o samba ia pra cidade*

*Certos sambistas de agora
Não sabem que outrora o samba sofreu
O samba sofreu
Desconhecem o passado, que lhe deu o apogeu
Dizem que pagode é moda
O samba de roda, o partido alto
Mas isso já vem da antiga
A onda de briga é coisa do asfalto¹⁵¹⁵*

“Samba é a nossa cara”, de Luisinho SP, é puro *discurso nós*

*Sem sambar a vida é triste
Olha eu sou semente
Eu também sou elo da corrente, eu também sou
Olha estou contente em ver alegria em você
Salve o nosso samba
Muito tempo ele existe
E agora o povo sabe
Sem sambar a vida é triste*

*Olha eu sou dolente
Eu também sou, sou partido-alto
Eu também sou
Olha eu sou aquilo que o povo mais gosta de ouvir
Batida de cavaco
E tantã ninguém resiste
E agora o povo sabe
Sem samba a vida é triste*

*Porque no samba a vida é mais bonita
Coração logo palpita
É o dia-a-dia da gente
Samba que a cabeça cria
A boca que canta e a alma que sente*

*É no samba que a gente fica assim, sorrindo
É no samba que a gente fica resistindo*

¹⁵¹⁵ ZECA PAGODINHO (Zeca Pagodinho. Coleção Millennium, São Paulo, Polygram, 1998, gravado em 1995).

*No samba se faz amigos
No samba também se namora
Fica de lado a tristeza
Se esquece o tormento da vida lá fora
É o samba que a gente já nasceu amando
É no samba que a gente vai morrer cantando
O samba é isso e muito mais
Paixão de tantos carnavais
O samba é nossa cara
É a cara do povo, é a cara da paz¹⁵¹⁶*

“A alegria continua” de Mauro Duarte e Noca da Portela é pura alegria e esperança:

*O samba tem feitiço
O samba tem magia
Não há quem possa resistir, resistir
Ao som de uma bateria
É lindo a gente ver
O samba amanhecer
Cheio de poesia
É lindo a gente ver
É lindo a gente ver
O samba amanhecer
Cheio de poesia

Com o sol aparecendo
E a lua indo embora
E a lida tão sofrida vem pra rua
Mas enquanto houver samba
A alegria continua
A alegria continua
A alegria continua¹⁵¹⁷*

Os exemplos são infindáveis. Creio não ter encontrado um único CD ou disco de samba que não tivesse pelo menos uma música falando e cantando o próprio samba. Concluo com um dos maiores clássicos do samba brasileiro: “O samba da minha terra” de grande artista popular Dorival Caymmi:

*O samba da minha terra
Deixa gente mole
Quando se dança todo mundo bole*

¹⁵¹⁶ ARLINDO CRUZ E SOMBRINHA (*Arlindo Cruz e Sombrinha*. Coleção Millennium, Polygram, 1998, gravado em 1997).

¹⁵¹⁷ MAURO DUARTE E NOCA DA PORTELA, *Mauro Duarte e Noca da Portela*. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1974

*Quem não gosta de samba
Bom sujeito não é
Ou é ruim da cabeça
Ou doente do pé*

*Eu nasci com o samba
Com o samba me criei
E do danado do samba
Nunca me separei*

*Quem não samba também bole
Quem não mexe também bole
Quem não ginga também bole
Quem é moço também bole
Quem é velho também bole
E quem não sabe também bole¹⁵¹⁸*

Note-se que a “minha terra” aqui é a Bahia da cidade de São Salvador e não o “Brasil”.

Naturalmente o *modelo de consciência* que valorize a expressão individual, o discurso singular, original e inovador e a criação de temas e enfoques desconhecidos não poderia mesmo cantar ou louvar determinado gênero. Isso significaria remeter ao lugar comum, ao óbvio e ao *dejá vu*.

Vejamos a letra do belo samba pós-tropicalista “Desde que o samba é samba”, de Caetano Veloso criado, a meu ver, a partir de outro *modelo de consciência*:

*A tristeza é senhora
Desde que o samba é samba é assim
A lágrima clara sobre a pele escura
À noite a chuva que cai lá fora
Solidão apavora
Tudo demorando em ser tão ruim
Mas alguma coisa acontece
No quando agora em mim
Cantando eu mando a tristeza embora*

*O samba ainda vai nascer
O samba ainda não chegou
O samba não vai morrer
Veja, o dia ainda não chegou
O samba é pai do prazer
O samba é filho da dor*

¹⁵¹⁸ CAYMMI, Dorival (*Eu vou p’ra Maracangalha*. Coleção 10 polegadas, Rio de Janeiro, ODEN/EMI, 2002, gravado em 1954/1956).

*O grande poder transformador*¹⁵¹⁹

Note-se o tom apodíctico, assertivo, explicativo e impessoal. A voz que fala ensina, determina, prescreve e propõe noções e idéias: “A tristeza é senhora/ desde que o samba é samba é assim”.

Só quando aparece a pessoa situada “Mas alguma coisa acontece/ no quando agora em mim/ cantando eu mando a tristeza embora” o discurso tende a se aproximar de um “nós” e da situação de *familiarização* e compartilhamento.

Aliás, note-se a falta do “nós” tão recorrente nas letras do samba popular. E ainda o tom reflexivo e teórico: o samba seria “O grande poder transformador”. Transformador de exatamente o quê? O samba seria pai do prazer e filho da dor. Como situar isso na vida concreta sem um exemplo prático? As letras de samba costumam vincular pouco samba e dor. Ao contrário, em geral associam o samba à festa, ao riso, à esperança, ao compartilhamento entre pessoas e ao prazer. Ou à uma “coisa de Deus.”

A letra de “Desde que o samba é samba” implica, portanto, um discurso construído tendo em vista a “interpretação”.

Ao adotar o samba como um de seus temas mais recorrentes, o discurso do samba parece partir do pressuposto de que existem temas pré-existentes conhecidos de todos e estes talvez sejam de fato os mais importantes. Talvez eles reapareçam sempre justamente por serem significativos e por permitirem o compartilhamento.

7.16 O tema do trabalho

Antropólogos e estudiosos da religião, como Ad. Jensen¹⁵²⁰ e Mircea Eliade, ressaltaram a recorrência de antiquíssimos enredos míticos, que, em processo análogo ao fenômeno das “descobertas simultâneas”, foram tecidos em diferentes culturas e épocas a partir das mesmas e significativas perguntas, a saber, como e por que “o homem tornou-se no que ele é hoje – mortal, sexualizado e condenado ao trabalho”.¹⁵²¹

¹⁵¹⁹ VELOSO, Caetano. *Letra só*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003, p. 85.

¹⁵²⁰ C.f. JENSEN, Ad. E. *Mito y culto entre pueblos primitivos*. 3ª ed. Trad. Carlos Gerhart. México, Fondo de Cultura Económica, 1986.

¹⁵²¹ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. Lisboa, Edição Livros do Brasil, s/d, p.133.

As respostas, naturalmente, variam muito de cultura para cultura, mas as questões, essencialmente práticas, permanecem as mesmas.

Note-se que indagar sobre a mortalidade parece, na verdade, uma tentativa de compreender as razões da existência. Se os homens fossem imortais, tal questionamento – compreender a razão da vida – não teria sentido. Temas como “a busca do auto-conhecimento” ou da “identidade” podem portanto ser associados à condição de mortalidade. Porque morremos, diante da efemeridade humana, precisamos nos conhecer para poder construir um sentido para a existência.

Perguntar sobre a sexualidade, por outro lado, parece remeter ao velho e recorrente tema da busca do parceiro amoroso, presença constante nas manifestações humanas.

Nesta etapa pretendo abordar a terceira pergunta: a condenação do homem ao trabalho.

A associação entre povo e trabalho parece ser evidente e indiscutível. A vida das “populações rurais, as camadas empobrecidas das periferias urbanas e os grupos de indivíduos que, embora materialmente próximos das camadas privilegiadas, manifestam uma visão de mundo semelhante àquela da cultura popular”¹⁵²², a vida do “... conjunto das classes subalternas e instrumentais de toda forma de sociedade até agora existente”¹⁵²³ ou da “classe operária de baixo poder aquisitivo; os pobres dos grandes centros e o homem do campo”¹⁵²⁴ é simplesmente inseparável do trabalho. Vida e trabalho, no caso do povo, são, em princípio, quase sinônimos.

Todos os estudos sobre cultura popular brasileira apontam a influência cotidiana do trabalho marcando a vida e o tempo na vida das pessoas.

Fala-se também na preguiça ou mesmo na ojeriza ao trabalho.

Carlos Rodrigues Brandão, em seu estudo sobre o caipira paulista, nota, por outro lado, numa verdadeira moral do trabalho. Nos grupos domésticos, diz ele, “... todos os integrantes realizam algum tipo de trabalho, desde que estejam em idade e com condições de fazê-lo”.¹⁵²⁵

¹⁵²² GOMES, Núbia P.M. & PEREIRA, Edimilson P. *Mundo encaixado – Significação da cultura popular*, p.25.

¹⁵²³ GRAMSCI, Antonio. *Literatura e vida nacional.*, p. 184.

¹⁵²⁴ GOMES, Núbia P.M. & PEREIRA, Edimilson P. *op.cit.*, p. 196

¹⁵²⁵ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O trabalho de saber – Cultura camponesa e escola rural*, p.43.

Nessas comunidades, o trabalho é “uma questão de família, uma necessidade diretamente ligada às condições da reprodução familiar. Mesmo que não aprendam um ofício com seu trabalho, filhos e filhas têm que ajudar com ele na manutenção e reprodução da unidade doméstica efetiva e produtiva da ordem camponesa. Ele é (...) um direito dos pais. Na linguagem do lugar, o trabalho é uma obrigação dos filhos. Por meio dele, os filhos, enquanto não são plenamente produtivos, retribuem o que recebem como fruto do trabalho dos outros membros da família”.¹⁵²⁶

Vimos em outra parte, com Candido, Brandão, Xidieh e outros, o costume popular do mutirão, sistema coletivo e solidário de ajuda mútua através do trabalho.

Na verdade, o trabalho é um tema popular essencial. Segundo Brandão, “[a]s crianças e os adolescentes convivem com os pais e outras pessoas mais velhas do grupo doméstico o dia quase inteiro. O teor de tal convivência é o *trabalho*: ele é a atividade e o assunto”.¹⁵²⁷

A mesma relação íntima do povo com o trabalho surge nos estudos de Alba Zaluar realizados na favela Cidade de Deus.

Zaluar nota a associação entre a noção de “família” e a de “trabalhador”. Diz que “sempre que (...) o contexto é a família como unidade de renda ou, mais raramente, a produção, a identidade acionada é a do trabalhador. Quando quem fala é adulto, homem ou mulher, o termo trabalhador é sempre dito com orgulho, se a fala é auto-referida, ou uma ponta de respeito, se a fala se refere a outrem. Enquanto se opõe a ‘vagabundos’, ‘bêbados’, ‘malandros’ ou ‘bandidos’, a categoria é usada para indicar o valor moral superior da pessoa assim referida. ‘Ele é trabalhador’ é uma afirmação sempre feita com respeito...”¹⁵²⁸

Ressalta também a socióloga a presença do conflito ético que opõe o “trabalhador” ao “otário”. É possível portanto associar aspectos do favelado ao caipira vadio assinalado por Candido. “O trabalhador respeitável”, diz Zaluar, “não fornece a única visão do trabalho e, portanto, a única forma de construir a imagem do trabalhador. Existe uma outra, oposta, que cria uma área de ambigüidades, expressa principalmente na fala dos jovens que vivem o dilema da escolha entre ser trabalhador ou não, ainda uma construção paradigmática mas impossível de ser realizada. É a que vê o trabalho nos seus aspectos negativos, uma

¹⁵²⁶ Idem, *ibidem*, p.66

¹⁵²⁷ BRANDÃO, Carlos Rodrigues *A cultura na rua*, p.95

¹⁵²⁸ ZALUAR, Alba. *op.cit.*, p.88

escravidão, e o trabalhador um ‘otário’”.¹⁵²⁹ Surge o “dilema da escolha entre a vida ‘criminosa’ e o trabalho incessante...”.

É preciso destacar dois pontos aparentemente marcantes no âmbito popular: 1) o trabalho visto como uma realidade natural e inescapável; 2) o conflito ético – que surgiu claramente, como vimos, na abordagem da *moral ingênua* – que sugere três possibilidades de vida: ser trabalhador, ser malandro ou ser bandido.

O caráter quase utópico do ser malandro, ser preguiçoso, viver no bem-bom, de papo pro ar e levar a vida “numa boa” vadiando, é sem dúvida traço fortemente arraigado ao imaginário da tradição popular.

O “País da Cocanha”, cantado em verso e prosa no período medieval, com certeza também em Portugal, pressupunha, numa época de grande pobreza popular, a existência de um lugar utópico – análogo aos lugares sagrados como o Éden, a Terra Prometida, o Sid da tradição céltica, o Eldorado, o Campo das Caças Eternas, o Céu (em oposição ao Inferno) – mas dessacralizado onde não existiria trabalho e viver significava divertir-se, comer muito, passar bem e vadiar.

A crença na existência de sociedades ideais e justas, sem conflitos, de abundância onde a felicidade era total, análoga aos heróis salvadores do povo como D. Sebastião, o Desejado, ou Frederico II, o Novo Messias, rei imortal da Sicília, era corrente no período em questão¹⁵³⁰.

Voltando ao “País da Cocanha”, lugar utópico fortemente arraigado à mentalidade popular medieval, pode ser vinculado às concepções, citadas por Bakhtin, que imaginam o destronamento (a alternância do poder, a subida de quem está em baixo e a queda de quem está em cima, a morte que vira semente da vida, a vitória do novo contra o velho etc.); a vida vista por um ângulo inusitado; a fantasia como instrumento de experimentação da verdade; o mundo às avessas; o riso carnavalesco, enraizadas nos valores e temas do mundo

¹⁵²⁹ Idem, *ibidem*, p.90

¹⁵³⁰ Ao partir em sua célebre viagem, Vasco da Gama tinha ordens não só de descobrir o caminho marítimo para as Índias, mas também de tentar localizar o misterioso Império de Preste João, lugar utópico riquíssimo, conhecido por uma famosa carta apócrifa que circulou na Europa medieval. A região mágica teria sido visitada por vários viajantes, inclusive portugueses, e, segundo constava, lá existiriam tesouros incalculáveis, o Paraíso terrestre, os exércitos de Gog e Magog que ali estariam esperando o Apocalipse, centauros, rios de leite, castelos suntuosos, exércitos imbatíveis e a fonte da juventude, entre outras maravilhas. O bom rei D. Manuel sonhava em aliar-se ao poderoso Preste João, que, corria a lenda, teria recebido seu império diretamente das mãos de Deus, e assim, atacar e destruir definitivamente os maometanos.

concreto: a luta pela sobrevivência, a valorização do prazer e da liberdade sexual, o enfrentamento da morte etc. Essas concepções supõem o confronto, descrito por Bakhtin, entre os valores abstratos e idealizados do mundo oficial, Igreja e Estado, e o “espírito” popular, sempre ligado às questões concretas como a busca da estabilidade econômica, os prazeres da vida, a fartura, a comida, a luta para adiar a morte, a alegria esperançosa diante da existência, numa palavra: a busca da felicidade pessoal. Estamos, mais uma vez, em pleno território da *moral ingênua*.

Eis trechos do texto:

*Escute agora quem está aqui.
(...)
Não tenho muita idade, mas
Nem por isso sou menos sábio.
Uma coisa vocês devem saber:
Barba grande não significa saber;
Se os barbados fossem sábios
Bodes e cabras também o seriam.
(...)
Agora ouçam como são
Os habitantes daquele país.
Creio que Deus e todos os seus santos
Abençoaram-na e sagraram-na mais
Que qualquer outra região.
(...)
Lá quem mais dorme mais ganha;
Quem dorme até meio-dia
Ganha cinco soldos e meio.
De barbos, salmãos e sáveis
São os muros de todas as casas;
Os caibros lá são esturjões,
Os telhados de toicinho,
As cercas são de salsichas.
Existe muito mais naquela terra de delicias.
Pois de carne assada e presunto
São cercados os campos de trigo;
Pelas ruas vão se assando
Gordos gansos que giram
Sozinhos regados
Com molho branco de alho;
Digo ainda a vocês que por toda parte,
Pelos caminhos e pelas ruas,
Encontram-se mesas postas
Com toalhas brancas,
Onde se pode beber e comer
Tudo o que se quiser sem problemas;
Sem oposição e sem proibição
(...)*

*As pessoas lá não são vis,
São pelo contrário virtuosas e corteses.
Seis semanas tem lá o mes,
Quatro Páscoas tem o ano,
E quatro festas de São João.
Há no ano quatro vindimas,
Feriado e domingo todo dia,
Quatro Todos os Santos, quatro Natais,
Quatro Candelárias anuais,
Quatro Carnavais,
E Quaresma, uma a cada vinte anos.
(...)
O país é tão rico
Que bolsas cheias de moeda
Estão jogadas no chão;
(...)
As mulheres dali, tão belas
Maduras e jovens,
Cada qual pega a que lhe convém,
Sem descontentar ninguém.
Cada um satisfaz seu prazer
Como quer e por lazer;
Elas não serão por isso censuradas,
Serão mesmo muito mais honradas.
(...)
Há ainda outra maravilha,
Vocês jamais ouviram coisa semelhante:
A Fonte da Juventude
Que rejuvenesce as pessoas,
E traz outros benefícios.
Lá não haverá, bem o sei,
Homem tão velho ou tão encanecido,
Nem mulher tão velha que,
Tendo cãs ou cabelos grisalhos,
Não volte a ter trinta anos de idade,
Se à fonte puder vir;
Lá se pode rejuvenescer
Aqueles que moram no país.
Certamente é muito louco e ingênuo
Quem pôde entrar naquela terra,
E de lá saiu.
Eu mesmo o sei,
Posso entender isso muito bem.
Pois fui louco
Quando de lá saí... ”¹⁵³¹
(...)*

¹⁵³¹ FRANCO JR., Hilário. *Cocanha*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 28

O tema do lugar utópico reaparece na literatura de cordel nordestina em, por exemplo, *Viagem a São Saruê*, de Manuel Camilo dos Santos:

*Avistei uma cidade
Como nunca vi igual
Toda coberta de ouro
E formada de cristal
Ali não existe pobre
É tudo rico em geral
(...)
O povo em São Saruê
Tudo tem felicidade
Passa bem anda decente
Não há contrariedade
Não precisa trabalhar
E tem dinheiro à vontade
(...)
Lá eu vi rios de leite
Barreiras de carne assada
Lagoas de mel de abelha
Atoleiros de coalhada
Açudes de vinho do porto
Montes de carne guisada
(...)
Tudo lá é bom e fácil
Não precisa se comprar
Não há fome nem doença
O povo vive a gozar
Tem tudo e não falta nada
Sem precisar trabalhar
(...)
Lá quando nasce um menino
Não dá trabalho a criar
Já é falando e já sabe
Ler, escrever e contar
Salta, corre, canta e faz
Tudo quanto se mandar
(...)

Lá não se vê mulher feia
E toda moça é formosa
Bem educada e decente
Bem trajada e amistosa
É qual um jardim de fadas
Repleto de cravo e rosa¹⁵³²
(...)*

¹⁵³² BATISTA, Sebastião Nunes. *Antologia da Literatura de Cordel*. Natal, Fundação José Augusto, 1977

Este espírito alegre, edênico, representativo, com todas as letras, da cosmovisão carnavalesca esteve presente em inúmeros outros textos populares medievais. Eis alguns exemplos, selecionados por Peter Burke.:

*Domigo bebo vinho/ segunda não faço nada/ terça é bom para descansar/ quarta para levantar/ quinta para recuperar/ sexta para fazer as contas/ Ei! Sábado para perguntar/ o que temos para trabalhar?*¹⁵³³

*Pai Nosso que estais em Bruxelas/ maldito seja vosso nome/ Não seja feita a vossa vontade/ nem aqui na terra nem lá no céu.*¹⁵³⁴

*Por dormir uma hora/ De sono profundo,/ Sem despertar,/ Ganha-se seis francos/ E o mesmo para comer;/ E para bastante beber/ Ganha-se um dobrão de outro;/ Esse país é engraçado,/ Ganha-se por dia/ Dez francos para amor fazer.*¹⁵³⁵

Como veremos, o espírito carnavalesco da Cocanha reaparece claramente em muitas letras de samba.

Falei no trabalho visto como uma realidade inescapável ou como gerador de um conflito ético. Vale a pena sublinhar um terceiro ponto: a imagem do trabalhador, muito comum nas camadas populares rurais e urbanas, como alguém que pode até ter eventualmente uma profissão definida mas, na verdade, sabe ou se dispõe a fazer qualquer “serviço”, ou seja, ser “pau-para-toda-obra” ou apenas um “trabalhador”.

Na favela Cidade de Deus, e eu acrescentaria nas camadas populares, como diz Zaluar, o trabalho tem seu valor moral vinculado ao “ganha-pão”, qualquer que ele seja, e não a uma atividade definida, uma “profissão”¹⁵³⁶.

O tema do trabalho, abordado de forma direta ou indireta, do ponto de vista tanto do trabalhador como do malandro e, às vezes, até do bandido, é absolutamente recorrente nas letras de samba.

Na obra de Paulinho da Viola, como compositor, o assunto não tem sido tão freqüente. O belo samba “Quatorze anos”, já visto, porém, é um exemplo:

*Tinha eu 14 anos de idade
Quando meu pai me chamou
Perguntou-me se eu queria*

¹⁵³³ BURKE, Peter. *Cultura Popular na Idade Moderna*. 2ª ed. Trad. Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 67.

¹⁵³⁴ Idem. *ibidem*. p. 157.

¹⁵³⁵ Idem, *ibidem*. p.214.

¹⁵³⁶ ZALUAR, op.cit. p.121

*Estudar Filosofia
Medicina ou Engenharia
Tinha eu que ser doutor
Mas a minha aspiração
Era ter um violão
Para me tornar sambista
Ele então me aconselhou
Sambista não tem valor
Nesta terra de doutor
E seu doutor
O meu pai tinha razão
Vejo um samba ser vendido
E o sambista esquecido
E seu verdadeiro autor
Eu estou necessitado
Mas meu samba encabulado
Eu não vendo não senhor¹⁵³⁷*

Como intérprete, o tema surge em “Que trabalho é esse?”, de Zorba Devagar e Mical

*Que trabalho é esse
Que mandaram me chamar
Se for pra carregar pedra
Não adianta, eu não vou lá
Quando chego no trabalho
O patrão vem com aquela história
Que o serviço não está rendendo
Eu peço as minhas contas e vou me embora
Quando falo no aumento
Ele sempre diz que não é hora
Quando falo no aumento
Ele sempre diz que não é hora
Veja só meu companheiro
A vida de um trabalhador
Trabalhar por tão pouco dinheiro
Não é mole, não senhor
Pra viver dessa maneira
Eu prefiro ficar como estou
Todo dia tudo aumenta
Ninguém pode viver de ilusão
Assim eu não posso ficar, meu compadre
Esperando o meu patrão
E a família lá em casa
Sem arroz e sem feijão
(Como é que fica?)¹⁵³⁸*

¹⁵³⁷ PAULINHO DA VIOLA (*Paulinho da Viola e Elton Medeiros. Samba da Madrugada, Coleção Reviva, Som Livre, 2002*).

¹⁵³⁸ PAULINHO DA VIOLA (*Musica! O melhor da música de Paulinho da Viola, WEA, 1996, gravado em 1982*).

Em “A feira”, de Murilão e Martinho da Vila, fala-se de um vendedor de laranja:

*Sou um laranjeiro, com meu tabuleiro
Vou vendendo, laranja pêra
Laranja lima, laranja seleta
E tangerina
Quem quiser
Comprar em mim
Eu vou vendendo
Quem quiser
Comprar em mim
Quem quiser
Comprar em mim
Eu vou vendendo
A madame chegou lá na feira
Caçando caqui
Pechinchou lá e acolá
Mas acabou comprando aqui
Quem quiser
Comprar em mim
Quem quiser
Comprar em mim
Quem quiser
Comprar em mim
Eu vou vendendo
A madame correndo na feira
Procurando fruta
A madame é bonita, a filha é bacana
Mas a empregada mais enxuta
Quem quiser
Comprar em mim
Quem quiser
Comprar em mim
Quem quiser
Comprar em mim
Eu vou vendendo
A madame lá na feira livre
Com bolsa pesada e levando criança
Entregou a bolsa pro João Carreteiro
Que era menino de confiança
Quem quiser
Comprar em mim
Quem quiser
Comprar em mim
Quem quiser
Comprar em mim
Eu vou vendendo¹⁵³⁹*

¹⁵³⁹ MARTINHO DA VILA (*Origens*, BMG/RCA, São Paulo, 1999, gravado em 1973).

Jorge Zagaia canta “A vida do trabalhador”:

*O morro é um paraíso aberto
Quem não acredita venha ver de perto
Quando vai caindo a tarde
Vem subindo a ladeira
Cheio de felicidade
O pobre trabalhador que durante o dia trabalhou
Trabalhou, trabalhou, trabalhou
O morro é a vida do trabalhador
Ele chega em casa cheio de alegria
Vem logo abraçando a sua família
Quando chega a noite cai no samba e vai sambar
E de manhã cedo desce pra ir trabalhar¹⁵⁴⁰*

“Bonde da Piedade”, de Ary Monteiro e Geraldo Pereira, foi criado em 1945 durante o governo Getúlio Vargas:

*De manhã eu deixo o barracão
Vou pro ponto de sessão
Cheio de alegria
Pego o Bonde Piedade
Desembarco na cidade
Em busca do pão de cada dia
A princípio meu ordenado era pouco
E muito trabalho
Agüentei o galho
E o tempo passou
Agora fui aumentado
Passei a encarregado
A minha situação melhorou¹⁵⁴¹*

É o caso do clássico “Bonde São Januário”, de Ataulfo Alves e Wilson Batista:

*Quem trabalha é quem tem razão
Eu digo e não tenho medo de errar
Quem trabalha é quem tem razão
Eu digo e não tenho medo de errar
O bonde São Januário
Leva mais um operário
Sou eu que vou trabalhar*

*Antigamente eu não tinha juízo
Mas resolvi garantir meu futuro
Veja você*

¹⁵⁴⁰VELHA GUARDA DA MANGUEIRA (*Mangueira Chegou*. Rio de Janeiro, Nikita Music/Ouver Records, 2000).

¹⁵⁴¹GERALDO PEREIRA (*Geraldo Pereira*. Bebel Gilberto e Pedrinho Rodrigues. Acervo Funarte da Música Brasileira. Rio de Janeiro, Instituto Cultural Itaú, 1983).

*Sou feliz, vivo muito bem
A boemia não dá camisa a ninguém¹⁵⁴²*

Ao contrário, em “Conselho de mulher” de Adoniran Barbosa, Osvaldo Moles e J. Berlarmino dos Santos, de 1956, a letra fala malandramente do trabalho:

*Pogressio, pogressio
Nóis sempre escuitou falá
Se o pogressio vem com o trabalho
Então amanhã cedo
Nóis vai trabalhar
Se Deus quisé*

*Quanto tempo
Nóis perdeu na boemia
Sambando noite e dia
Cortando uma rama sem parar
Agora escuitando o conselho das mulhé
Amanhã nós vai trabalhá
Se Deus quiser
Mas Deus não qué¹⁵⁴³*

Em “Inventor do trabalho”, o sambista Batatinha (Oscar da Penha, 1924-1997), fala do trabalho como sina:

*O tal que inventou o trabalho
Só pode ter uma cabeça oca
Pra conceber tal idéia
Que coisa louca
O trabalho dá trabalho demais
E sem ele não se pode viver
Mas há tanta gente no mundo
Que trabalha sem nada obter
Somente pra comer*

*Contradigo o meu protesto
Com referência ao inventor
A ele cabe menos culpa
Do seu invento causar pavor
Dona Necessidade que é senhora absoluta
Da minha situação de trabalhar
E batalhar por uma nota curta¹⁵⁴⁴*

¹⁵⁴² ALVES, Ataulfo (*Ataulfo Alves e suas pastoras* 1969 e *Ataulfo Alves* 1970 2 em 1 EMI, 2003).

¹⁵⁴³ DEMÔNIOS DA GAROA (*Mais demônios do que nunca*. São Paulo, Trama, T 500/125-2, 2000).

¹⁵⁴⁴ BATATINHA (*Sambas da Bahia*. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1974).

“Inimigo do batente”, de Wilson Batista e Germânio Augusto, descreve o trabalho do ponto de vista da mulher do malandro e sambista. Wilson Batista é um dos maiores compositores do samba malandro:

*Eu não posso mais
A minha vida não é brincadeira
Eu vou me desmilinguindo igual sabão
Na mão da lavadeira
Se ele chegasse em casa
Ouvia a vizinhança toda falando
Só por me ver lá no tanque
Lesco-lesco, lesco-lesco, me acabando*

*Se eu lhe arranjo trabalho
Ele sai de manhã, de tarde pede a conta
Já estou cansada de dar murro em faca de ponta
Ele disse pra mim que tá esperando ser presidente
Tirar patente do sindicato
Dos inimigos do batente, ai, ai*

*Ele é um moreno forte
Ele é mesmo forte
Ele é um atleta
Mas tem um grande defeito
Ele diz que é poeta
Ele disse pra mim
Que está compondo um samba e quer abafar
Ai, é de amargar
Eu não posso mais
Eu vou me embora
Eu vou me desguiar
Ai, ai¹⁵⁴⁵*

“Izaura”, de Herivelto Martins e Roberto Roberti, é um samba clássico sobre o amor e o trabalho

*Ai, ai, ai, Izaura
Hoje eu não posso ficar
Se eu cair em seus braços
Não há despertador
Que me faça acordar
Eu vou trabalhar*

*O trabalho é um dever
Todos devem respeitar
Oh! Izaura me desculpe
No domingo eu vou voltar*

¹⁵⁴⁵ MARLENE (Os grandes sambas da história, vol.30, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1970).

*Seu carinho é muito bom
Ninguém pode contestar
Se você quiser eu fico
Mas vai me prejudicar
Eu vou trabalhar¹⁵⁴⁶*

“Jogo Proibido”, de Carlinhos e Lino Roberto, fala da opção pelo trabalho

*Um tal jogo do baralho
Dá o maior galho que nem gosto de lembrar
Se a polícia estoura o jogo
Sempre fica mais um bobo que não soube se mandar*

*É pilhado em flagrante
E naquele mesmo instante é metido no xadrez
Por querer bancar o sabido
Nesse jogo proibido vaga pelas 36*

*Então prefiro
Ser um simples operário
Ser fiel ao meu trabalho
Eu vejo a felicidade
Falando sério
O que eu quero é liberdade
Pra viver em paz comigo e com a sociedade¹⁵⁴⁷*

“Lava-pés”, é um samba malandro de Geraldo Filme e Pirula:

*Quem me vê de manhã
Pensa que eu vou trabalhar
Quem me vê de manhã
Pensa que eu vou trabalhar
Eu vou para casa descansar
Pois eu passo a noite inteira na orgia
Pois eu passo a noite inteira na orgia¹⁵⁴⁸*

“Madalena”, dos grandes Bide e Marçal, fala do trabalho quase como um pano de fundo:

*Madalena, você foi ao samba
Sem me avisar
Parece incrível, mulher
Você não tem pensar*

¹⁵⁴⁶ DEMÔNIOS DA GAROA (*Os grandes sambas da história*, vol.17, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1965).

¹⁵⁴⁷ BEZERRA DA SILVA (*Grandes Sucessos de Bezerra da Silva*. Vol 1, Rio de Janeiro, Cid, s/d).

¹⁵⁴⁸ GERALDO FILME (*Geraldo Filme*. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1992).

*Veja só se isso é hora
O sol já está de fora
Vou para o trabalho
E você no samba até agora*

*Madalena, ô Madalena
Não convém se desculpar
Estou em cima da hora
Tenho que ir trabalhar
Mas já vou lhe prevenindo
Acho bom não esquecer
Logo mais quando eu chegar
É que eu vou conversar com você
Você sabe por quê¹⁵⁴⁹*

“Malandro em sinuca”, de Moreira da Silva, outro sambista da malandragem, fala de malandros e otários:

*Estou cansado dessa vida de otário
Afim o meu salário já não chega para mim
Fui à sinuca para de alguém tomar
A granolina sem suar
Nessa vida eu sou assim
Um certo tipo alinhado e grãfino
Tinha até cara de menino
Uma partida apreciava
Aproximei-me resoluto e com coragem
E na minha malandragem perguntei se ele jogava
Apostando já se vê*

*“O garoto, vem cá, vamos jogar uma partida de sinuca pra brincar?”
“Posso, posso jogar mas o senhor tem que me dar uma partidinha”
“Perai, você não conhece o meu jogo, que papo é esse, já vem pedindo
partida?”
“É você é muito manjado por ai”
“Veja você em todo caso, ora aqui vamos fazer o seguinte, vamos jogar
valendo 10, e se realmente você jogar pouco, na segunda eu te dou uma
partidinha, tá?”
“Tá, tá bom, vamos lá” (falado)*

*A primeira valendo dez começou
Ele saiu e levou a sete ele arcou
Ele jogava sem ter medo e sem temor
Muito embora a diferença cada vez fosse maior
A segunda valendo vinte eu sai
Dessa vez nada meti*

¹⁵⁴⁹ ANJOS DO INFERNO (Os grandes sambas da história, vol.17, São Paulo, BMG Brasil, 1997, gravado em 1942).

*Deixei mesmo ele ganhar
Mas a terceira, valendo 100 e a despesa
Ele saiu e limpou a mesa
E me deixou sem respirar
E fui roubado, vou gritar¹⁵⁵⁰*

“Mary Lu”, de Barbeirinho do Jacarezinho, Luiz Grande e Marcos Diniz, aborda a mulher que se dá bem no trabalho:

*Benza Deus
A comadre Mary Lu
Que já fez muita faxina
Pra gente grãfina
Lá da zona sul
Lá da zona sul
Ganhou cacareco pra chuchu
Hoje ela é empresária
Tem brechó na área de Nova Iguaçu*

*Mary Lu tem de tudo em seu antiquário
Sumiê, cristaleira, fogareiro e armário
Peça de vestuário
Pra quem não tem grana
Ela é muito bacana
Até faz crediário
Ela facilita qualquer transação
Mas se leva uma volta
A nega vira um cão
Ainda está pra nascer
Outra preta com tanta disposição*

*Em cadeira velha ela passou verniz
Em gravura da antiga tirou cicatriz
Deu um duro danado
Sofreu um bocado
Mas hoje ela tem filial e matriz
E aquele cafifa que lhe gavionava
Ela mandou às favas porque não venceu
Hoje está estribada
Muito bem amada
E quem sabe, sou eu¹⁵⁵¹*

“O trem atrasou”, de Arthur Villarinho, Estalislau Silve e Paquito, é um samba clássico abordando o trabalho:

¹⁵⁵⁰ MOREIRA DA SILVA (*Morengueira*, Rio de Janeiro, EMI, 2003, gravado em 1968).

¹⁵⁵¹ ZECA PAGODINHO (*Ao mestre Heitor dos Prazeres*. São Paulo, Polygram, 538229-2, 1998).

*Patrão, o trem atrasou
Por isso estou chegando agora
Trago aqui um memorando da Central
O trem atrasou meia hora
O senhor não tem razão
Para me mandar embora*

*O senhor tem paciência
É preciso compreender
Sempre fui obediente
Reconheço o meu dever
Um atraso é muito justo
Quando há explicação
Sou um chefe de família
Preciso ganhar o pão
E eu tenho razão¹⁵⁵²*

O samba “Não há”¹⁵⁵³ é um delicioso e menos conhecido samba do grande Ismael Silva:

*Trabalho igual ao meu
Todo mundo quer
Mas nem todos podem arranjar
Pego às onze horas
Largo ao meio-dia
E tenho uma hora prá almoçar*

*Não há coisa melhor
Fico às vezes até sem comer
Só pra não mastigar
Não há coisa melhor
Do que não fazer nada
Pra depois descansar¹⁵⁵⁴*

Retomo o “Samba do Trabalhador” de Darcy da Mangueira por sua ligação ao tema tradicional e utópico da Cocanha

*Na segunda-feira eu não vou trabalhar
É, é, é a
Na terça-feira não vou pra poder descansar
É, é, é a
Na quarta preciso me recuperar
É, é, é a
Na quinta eu acordo meio-dia, não dá*

¹⁵⁵² PAIVA, Roberto (*Roberto Paiva. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, JBC 0709012, s/d, gravado em 1974).

¹⁵⁵³ Este samba, gravado no CD do Sesc está com o título errado. Na verdade o samba “Não há” de Ismael Silva, Nilton bastos e Franscisco Alves é outro.

¹⁵⁵⁴ SILVA, Ismael (*Ismael Silva. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes*, Sesc São Paulo, JBC 0709028, s/d, gravado em 1973).

É, é, é a
Na sexta viajo pra veranear
É, é, é a
No sábado vou pra Mangueira sambar
É, é, é a
Domingo é descanso e eu não vou mesmo lá
É, é, é a
Mas todo fim de mês chego devagar
É, é, é a
Porque é pagamento eu não posso faltar
É, é, é a
E quando chega o fim do ano
Vou minhas férias buscar
E quero o décimo-terceiro
Pro Natal incrementar
Na segunda-feira não vou trabalhar
É, é, é a, é, é, é a
Eu não sei por que tenho que trabalhar
Se tem gente ganhando de papo pro ar
Eu não vou, eu não vou
Eu não vou trabalhar
Eu só vou, eu só vou
Se o salário aumentar
É, é, é a, é, é, é a
A minha formação não é de marajá
Minha mãe me ensinou foi colher e plantar
Eu não vou, eu não vou
Eu não vou trabalhar
Eu só vou, eu só vou
Se o salário aumentar
É, é, é a, é, é, é a
Tô cansado...¹⁵⁵⁵

“E o juiz apitou” de Antonio Almeida e Wilson Batista fala de futebol e trabalho.

*Eu tiro o domingo para descansar
Mas não descansei
Que tolo fui eu
Regressei do futebol
Todo queimado de sol
O Flamengo perdeu
Pro Botafogo
Amanhã vou trabalhar
Meu patrão é vascaíno
E de mim vai zombar*

Foram noventa minutos

¹⁵⁵⁵ MARTINHO DA VILA (Martinho da Vila. *Grandes Sucessos*. São Paulo, Columbia, s/d).

*Que torci como louco
Até ficar rouco
Nandinho para Zizinho
Zizinho serve a Pirilo
Que preparou pra chutar
Aí o juiz apitou
O tempo regulamentar
Que azar!¹⁵⁵⁶*

São quase infindáveis as menções ao trabalho nas letras de samba. Concluo, como convém, com o “Pagode da saideira”, de Gracia do Salgueiro e Duque do Surdo:

*Eu não vou tomar mais saideira
Segunda-feira
Tenho que ir trabalhar
Estou nessa a semana inteira
Se eu tomar mais um copo
Só mesmo de maca vão me retirar
Agora, você mandou sair
Mais de uma rodada
É derrubada, eu já senti
Essa já é a décima-primeira
Que vem como saideira
E nada da gente sair
Enquanto houver garçom e geladeira
Vem sempre uma saideira
Que não deixa a gente dormir
Mas eu não vou tomar...¹⁵⁵⁷*

O tema do trabalho ou mesmo qualquer menção à necessidade de trabalho, a emprego, a salário, horário e a patrão, praticamente inexistente nas letras da moderna música popular brasileira. Entretanto, é curioso, na sociedade moderna todas as pessoas, independentemente de classes sociais, costumam ter emprego, salário e patrão e, em geral, trabalham muito.

Em seu interessante estudo “Cautelosa aproximación a otros códigos”¹⁵⁵⁸ Umberto Eco, partindo de sete histórias em quadrinhos produzidas na China de Mao Tsé-Tung, demonstra como é fácil, para qualquer leitor ocidental, identificar nelas, de imediato, um sem-número de índices reforçando e refletindo a ideologia maoísta.

¹⁵⁵⁶ VASSOURINHA. *Vassourinha*. WEA Music, 5050466077523, 2002, gravado em 1941

¹⁵⁵⁷ MARTINHO DA VILA (*Canta, canta minha gente*. São Paulo, BMG/RCA, 1989).

¹⁵⁵⁸ in NEBIOLO G., CHESNEAUX, J. e ECO U. *Los comics de Mao*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1971, p. 273-286

Eco comprova também, por outro lado, como para nós é bem mais difícil perceber traços ideológicos análogos em histórias em quadrinhos ocidentais. Sobre os heróis ocidentais, como Flash Gordon, Fantasma, Mandrake, Dick Tracy e outros, diz ele que “*en el mundo existen múltiples problemas, pero siempre quedan resueltos individualmente por un héroe carismático, cuya entrega a la comunidad es el fruto de una selección excepcional, compensada por la gloria y apoyada en una buena dosis de narcisismo; este héroe trabaja siempre solo y no representa a nadie, ni cumple órdenes de sus iguales (hasta el punto, que le basta su propia identidad para subrayar su singular esencia frente a la comunidad), el objeto principal de sus esfuerzos es la defensa de la propiedad y el orden establecido; los enemigos de la sociedad son los ladrones; el que vence a los ladrones y salva la propiedad de su dueño, es un héroe; si, en algún caso, alguien no posee nada, es misión del héroe el darle una limosna; por lo tanto, la riqueza o se posee o se adquiere, de pocas proporciones y temporalmente, por decisión espontánea de un benefactor; sólo es héroe, naturalmente, quien lleva a cabo empresas inauditas; los demás son ciudadanos comunes y, por ello, carecen de personalidad y destino.*”¹⁵⁵⁹

Naturalmente tais heróis não trabalham ou apenas têm empregos de fachada, que servem para encobrir sua verdadeira, singular e extraordinária identidade.

Como se vê, o desprezo pelo povo, pela cultura popular e pelo *senso comum* parece ser uma constante na cultura ocidental e tem caráter evidentemente ideológico.

7.18 O tema da tradição

O elogio da tradição, no sentido da predominância do todo sobre as partes, da valorização do passado e dos antepassados, da experiência dos mais velhos, da família, das hierarquias, da noção de pessoa relacional, da religiosidade e dos preceitos ligados ao *senso comum*, parece ser, como vimos, um traço básico da cultura popular.

Segundo Núbia Gomes e Edimilson Pereira, “[o] homem rural é um homem arcaico, ligado ao tempo das origens, mantendo seus costumes e resistindo às inovações. Na dialética entre permanecer e mudar, ele vê a chegada do novo e tenta reinterpretá-lo (ou excluí-lo à luz do modelo exemplar, aquele que os antepassados ensinaram)”.¹⁵⁶⁰

¹⁵⁵⁹ Idem, *ibidem*, p.281

¹⁵⁶⁰ GOMES, Núbia P.M. & PEREIRA, Edimilson P. *Mundo encaixado – Significação da cultura popular*. Belo Horizonte, Mazza Edições, 1992, p.79

Segundo um entrevistado

*[o] tempo dos antigo era o tempo de perto do começo do mundo. Por isso é que o povo mais velho sabe os mistério do mundo, das criação. Com a pressa, os novos nem chega a aprendê e já vai esquecendo. Eles qué corrê demais, acompanhá as máquina, pulá o tempo de aprendê. As fruta têm que madurá no pé, pra hora de colhê. Igual os antigo que madurava na árvore da vida.*¹⁵⁶¹

Para Gomes e Pereira “[a]s classes populares assimilam da novidade apenas o que convêm ao grupo, recusando o resto”.¹⁵⁶²

Note-se porém que “... o conservadorismo não implica alheamento do homem do interior em relação às inovações. Estas são muitas vezes reinterpretadas e incorporadas à experiência quotidiana, somando-se ao repertório das tradições”.¹⁵⁶³

No âmbito da cultura popular, como vimos, existe inovação e mudança, porém elas se dão num ritmo mais lento.

Como dizem Gomes e Pereira, o povo sabe que é preciso mudar, “ainda que esse saber, visto superficialmente, possa parecer uma forma de alienação, no sentido de falta de consciência dos problemas políticos e sociais. O povo sabe a dificuldade, porque a vivencia; conhece a separação de classes e o peso da subordinação; ainda não pôde mudar esse estado de coisas, talvez porque outros valores, aprendidos secularmente, lhe tenham ensinado uma espera, para muitos incompreensível, obstinada, absurda”.¹⁵⁶⁴

Como disse um mineiro de São Francisco

*[m]judá é difícil demais. Nós é pequeno e pouco pro resto dos grande. Mas se pisá demais na gente, tem que dá o troco. No meu quintal eu canto de galo. Lá fora...tem hora que tem é que calá. Senão eles acaba com a gente. Caititu fora da manada é papa de onça.*¹⁵⁶⁵

Em todo o caso, como vimos por diversas vezes, se há um traço característico do discurso popular, este é a esperança, a utopia e esta sempre implica, em suma, o “desejo de construir um mundo melhor.”¹⁵⁶⁶

Fato é que a tradição é cantada recorrentemente nas letras de samba.

¹⁵⁶¹ Idem, ibidem, p.80

¹⁵⁶² Idem, ibidem, p.80

¹⁵⁶³ Idem, iidem, p.154

¹⁵⁶⁴ Idem, ibidem,, p. 75

¹⁵⁶⁵ Idem, ibidem, p.193

¹⁵⁶⁶ PEREIRA, Edmilson de A. e GOMES, Núbia P.M. *Flor do não esquecimento- cultura popular e processos de transformação*. Belo Horizonte, Autêntica, 2002, p. 131

Paulinho da Viola compôs muitos sambas falando da tradição. Um deles é “Bebadosamba”, que agora vai na íntegra:

*Um mestre do verso, de olhar destemido
Disse uma vez com certa ironia:
“Se lágrima fosse de pedra eu choraria”
E eu, boca, como sempre perdido
Bêbado de sambas e outros sonhos
Choro a lágrima comum
Que todos choram
Embora não tenha, nessas horas
Saudades do passado, remorso
Ou mágoas menores
Meu choro, boca, meu choro
Dolente por questão de estilo
É chula quase raiada
Solo espontâneo e rude
De um samba nunca terminado
Um rio de murmúrios da memória
De meus olhos, e quando aflora
Serve, antes de tudo
Para aliviar o peso das palavras
Que ninguém é de pedra*

*Bebadosamba, bebadosamba
Bebadosamba, bebadosamba
Meu bem
Bebadosamba, bebadosamba
Bebadosamba, bebadosamba
Também*

*Boca negra e rosa
Debochada e torta
Riso de cabrocha
Generosa
Beijo de paixão*

*Coração partido
Verso de improviso
Bêbado de martírio
Desta vida
Pelo coração*

BEBADACHAMA

*Chama que o samba semeia
A luz de sua chama
A paixão vertendo ondas
Velhos mantras de Aruanda
Chama por Cartola, chama
Por Candeia*

*Chama Paulo da Portela, chama
Ventura, João da Gente e
Claudionor
Chama por mano Heitor, chama
Ismael, Noel e Sinhô
Chama Pixinguinha, chama
Donga e João da Baiana
Chama por Nonô
Chama Ciro Monteiro
Wilson e Geraldo Pereira
Monsueto, Zé com Fome e Pandeirinho
Chama Nelson Cavaquinho
Chama Ataulfo
Chama por Bidê e Marçal
Chama, chama, chama
Buci, Raul e Arnô Canegal
Chama por mestre Marçal
Silas, Osório e Aniceto
Chama mano Décio
Chama por meu compadre Mauro Duarte
Jorge Mexeu e Geraldo Babão
Chama Alvaíade, Manacéa
E Chico Santana
E outros irmãos de samba
Chama, chama, chama*

*Bebadosamba, bebadosamba
Bebadosamba, bebadosamba
Meu bem
Bebadosamba, bebadosamba
Bebadosamba, bebadosamba
Também¹⁵⁶⁷*

Outro belo samba de Paulinho da Viola abordando a tradição e a renovação, ou os “padrões de longa duração” é “Argumento”:

*Tá legal
Tá legal, eu aceito o argumento
Mas não me altere o samba tanto assim
Olha que a rapaziada está sentindo a falta
De um cavaco, de um pandeiro ou de um tamborim*

*Sem preconceito ou mania de passado
Sem querer ficar do lado de quem não quer navegar
Faça como um velho marinheiro
Que durante um nevoeiro
Leva o barco devagar¹⁵⁶⁸*

“Água de poço” da grande sambista Jovelina Pérola Negra, é um exemplo de amor à tradição:

*Eu caio, levanto, cambaleando
Por esse mundo afora
Que saudades que eu tenho
Dos tempos de Nova Aurora*

*Daquela vacaria, do carro de boi
Do Zé do Carçoço
E do fogão de lenha
Pra mó de esquentar nossa água de poço*

*Minha mãe,
A mãe ia colher batata-doce e aipim
Papai chegava com feixo de lenha no dorso
Pra esquentar nossa água de poço
Pra esquentar nossa água de poço
Pra esquentar nossa água de poço
Pra esquentar nossa água de poço¹⁵⁶⁹*

O título de “Antigamente”, de Heitor Catumby e Moreira da Silva, já diz tudo:

*Antigamente quando havia baile
Havia gosto na rapaziada
Que sabia que lá encontrava um porco com farofa
Uma feijoada*

Aquilo que era tempo, era uma fartura sobre mole. você chegava e Dona Ca: pode entrar, a casa é sua, eu só comia de prato fundo, feijoada completa, feijão a quatro, 5mil reis o kilo, feijão com tudo rapaz, tripa, toicinho, era uma beleza e até metia os cafans para apanhar os toicinhos, ele diz que bóia, mas eu vou apanhar lá no fundo. E depois então pra fazer digestão, eu saía e me encontrava com uns bons crioulos lá no campo Santana e eles conversando era uma beleza, eles diziam um pro outro: “Há meu tempo, marunumba mais vois mi ce tão bom... não pode mais comprar feijão, eh eh (falado)

*Mas hoje com a desculpa da crise
Baile de rádio é o que se vê
E há quem tenha o descaramento
De deixar os convidados sem comer e sem beber*

¹⁵⁶⁷ PAULINHO DA VIOLA (*Bebadosamba*, BMG, São Paulo, 1996).

¹⁵⁶⁸ PAULINHO DA VIOLA (*O essencial de Paulinho da Viola*. Coleção Focus, São Paulo, BMG, 7432169052-2, 1999, gravado em 1989).

¹⁵⁶⁹ JOVELINA PÉROLA NEGRA (*Jovelina Pérola Negra*, Coleção Bambas do Samba, Som Livre, São Paulo, 2000).

*Fui a uma festa na Buda da Tijuca
Levei gente de rádio e um bom regional
No fim das contas foi maior minha sinuca
Pois não havia nem água para dar ao meu pessoal
Além de tudo o dono desta festa
Um tal de seu Jacinto da Silva Camarão
Fez um rateio entre os convidados
Dizendo que era defesa da gordura pro feijão
Hoje se alguém me convida pra casa de alguém
Que eu nunca tenha ido
Eu digo logo: queira me desculpar, mas não vou
Pra hoje tenho meu tempo todo tomado
Que importa que falem de mim
E digam que com isso eu só faço feio
O que eu não posso é deixar meu conforto
Para ir passar fome na casa de um alheio¹⁵⁷⁰*

O samba “Candeeiro da vovó”, de Dona Ivone Lara e Delcio Carvalho, é outro ótimo exemplo:

*Vige, minha Nossa Senhora
Cadê o candeeiro da vovó
Seu troféu lá de Angola
Cadê o candeeiro da vovó
Era lindo e iluminava
Os caminhos da vovó
Sua luz sempre firmava
Os pontos de vovó
Quando veio de Angola
Era livre na Bahia
Escondia o candeeiro dia e noite, noite e dia
Mas num golpe traiçoeiro
Do destino a envolveu
Até hoje ninguém sabe
Como o candeeiro desapareceu
Vovó chorou de cortar o coração
Não tem mais o candeeiro pra enfrentar a escuridão
Vovó chorou, chorou
Como há tempos não se via
Com saudades de Angola
E sua mocidade na Bahia¹⁵⁷¹*

Mário Sérgio, Carica e Luizinho SP fizeram o samba “Canto pra Velha Guarda”, em homenagem aos velhos sambistas:

Velha, porém muitos anos de glória

¹⁵⁷⁰ MOREIRA DA SILVA (*Morengueira*, Rio de Janeiro, EMI, 2003, gravado em 1968).

¹⁵⁷¹ DONA IVONE LARA (*Pirajá. Esquina Carioca*, Dabliú, São Paulo, 1999).

*A raiz do samba tem muita história pra contar
 O samba fez seu nome
 Tem nos anais muitos carnavais
 Foi o canto desses maiorais
 Canto de nossos ancestrais
 Foi e ainda é
 Deixem que essa raiz venha nos ensinar
 Unindo o canto que faz embalar
 Principalmente a alma
 E então caindo nas graças do morro
 Um samba velho é sempre novo
 A Velha Guarda que guarda a nossa bandeira
 Quando o presente nas rodas de samba é lenha na fogueira
 É queima sem cessar um só instante
 É tão marcante, é brasileira
 A mocidade é que sabe o valor da mesma
 Traz no orgulho a verdade de bambas
 E ser Velha ela almeja
 Almeja ser mais um na galeria dos imortais
 Por enquanto escuta o samba do velho rapaz¹⁵⁷²*

“Goiabada-cascão” de Moreira e Nei Lopes, valoriza o tempo passado:

*Goiabada cascão, em caixa
 É coisa fina sinhá, que ninguém mais acha
 Goiabada cascão, em caixa
 É coisa fina sinhá, que ninguém mais acha
 Rango de fogão de lenha
 Na festa da Penha, comido com a mão
 Já não tem na praça
 Mas como era bom
 Hoje só tem misto-quente
 Só tem milk shake, só tapeação
 Já não tem mais caixa de goiabada-cascão
 Samba de partido-alto
 Com a faca no prato e batido na mão
 Já não tem na praça
 Mas como era bom
 Hoje só tem discotec
 Só tem sound black, só imitação
 Já não tem mais caixa de goiabada-cascão
 Vida na casa de vila
 Correndo tranqüila sem perturbação
 Já não tem na praça
 Mas como era bom
 Hoje só tem conjugado
 Que é mais apertado do que barracão
 Já não tem mais caixa de goiabada-cascão
 Goiabada-cascão, em caixa*

¹⁵⁷² GRUPO FUNDO DE QUINTAL (É aí que quebra a rocha. Coleção Bambas do Samba, São Paulo, Som Livre, gravado em 1991).

*É coisa fina sinhá que ninguém mais acha
Goiabada-cascão, em caixa
É coisa fina sinhá que ninguém mais acha*¹⁵⁷³

“Preparado da vovó”, de Zecão, Jovelina Pérola Negra e Tatão, fala num certo preparado antigo

*Eu tomei um preparado
Do tempo da minha
Vovó que veio de longe
Vovó do Gericinó
O meu cabelo arrepiou
Senti um calafrio na sola do pé
Eu babei que nem boi bravo
Na quebrada da maré
Continha suporta coco
Carquejo e Macaé
Tinha um tal de pinhão roxo
Pau pereira e capilé
Que amargou,
Que amargou meu paladar
Que amargou,
Que amargou meu paladar
No fogão de barro
No fogão de barro, panela de ferro
Fumaça subia
No gogó vovó Maria lembrava
Ô, mais lembrava do tempo do cativoiro
Já fazia o preparado
Um feitiço no terreiro
Que amargou,
Que amargou meu paladar
Que amargou,
Que amargou meu paladar*¹⁵⁷⁴

“Saco de feijão”, de Francisco Santana, fala no tempo do mil-réis e do tostão:

*Meu Deus, mas para que tanto dinheiro?
Dinheiro só pra gastar
Que saudade tenho do tempo de outrora
Que vida que eu levo agora
Já me sinto esgotado e cansado de penar
Sem haver uma solução
De que me serve um saco cheio de dinheiro
Pra comprar um quilo de feijão
De que me serve um saco cheio de dinheiro
Pra comprar um quilo de feijão
No tempo do mil-réis e do vintém*

¹⁵⁷³ BETH CARVALHO (*Beth Carvalho*, Coleção 100 anos de música RCA, CD Duplo, RCA, São Paulo, 2001, gravado em 1978).

¹⁵⁷⁴ JOVELINA PÉROLA NEGRA (*Jovelina Pérola Negra*, Coleção Bambas do Samba, Som Livre, São Paulo, 2000).

*Se vivia muito bem, sem haver reclamação
Eu ia no armazém do seu Manoel
Com um tostão trazia um quilo de feijão
Depois que inventaram o tal cruzeiro
Eu trago um embrulhinho na mão
E deixo um saco de dinheiro
Eu trago um embrulhinho na mão
E deixo um saco de dinheiro¹⁵⁷⁵*

“Baile no Elite”, de João Nogueira e Nei Lopes, relembra o passado:

*Fui a um baile no Elite
Atendendo a um convite do Manuel garçom
Meu Deus do céu, que baile bom
Que coisa bacana já do campo de Santana
Vou ouvir um velho e bom som: trombone, sax, pistom
O traje era esporte, que o calor estava forte
Mas eu fui de jaquetão, para causar boa impressão
Naquele tempo era o requinte, o linho S 120
Eu não gostava de blusão, é um questão de opinião
Passei pela portaria, subi a velha escadaria
E penetrei no salão, quase morri do coração
Quando dei de cara com a orquestra Tabajara
E o popular Jamelão, cantando só samba-canção
Norato e Norega, Macaxeira e Zé Bodega
Nas palhetas e metais e tinha muitos outros mais
No clarinete o Severino, solava um choro tão divino
Desses que já não tem mais
E ele ainda era bem rapaz
Refeito dessa surpresa, me aboletei na mesa
Que eu já tinha reservado, até paguei adiantado
Manoel que é dos nossos, trouxe um pires cheio de tremoços
Uma cerveja, um traçado, pra eu não pegar um resfriado
Tomei minha Brahma, levantei, tirei a dama
Iniciei meu bailado, no puladinho e no cruzado
Até Trajano e Mario Jorge
Que são caras que caras não fogem
Foram simhora, humilhados, eu estava mesmo endiabrado
Quando o astro-rei já raiava
E a Tabajara caprichava
Seus acordes finais, para a tristeza dos casais
Toquei a pequena, feito artista de cinema
Em cenas sentimentais, à luz do abajur lilás
Num quarto sem forro, perto do pronto-socorro
Uma sirene me acordou, em estado despertador
Me levantei, lavei o rosto, quase morro de desgosto
Pois foi um sonho e se acabou
O papo é pop*

¹⁵⁷⁵ BETH CARVALHO (Beth Carvalho, Coleção 100 anos de música RCA, CD Duplo, RCA, São Paulo, 2001).

*O hip hop já chegou e dominou
A Tabajara é muito cara
E o velho tempo já passou¹⁵⁷⁶*

“Brado de alerta”, de Ataulfo Alves, dá um conselho:

*Senhores compositores
Da nossa canção popular
Façam poemas bonitos
E deixem o povo cantar*

*Ai que saudade que eu tenho
Daquele tempo famoso
Lamartine, Mario Reis, Chico Alves
Ismael, Almirante, Ari Barroso*

*Hoje é tudo no dinheiro
Não se sabe se o sucesso
É de fato verdadeiro*

*Antigamente a vitória
Era motivo de prosa
Todo mundo entendia e sentia
Toda a filosofia de um Noel Rosa¹⁵⁷⁷*

“Pega no pilão”, de Wilson Moreira e Nei Lopes, lembra a tradição negra

*Quer paçoca,
Tem que pegar no pilão
Meu avô fez ouro nascer no chão
Semeou cana e café
Plantou uma nação.
Hoje eu vendo caro a minha produção:
Quem quiser comer paçoca
Tem que pegar no pilão*

*Minha avó, por medo ou por compaixão
Deu de comer e embalou
Os sonhos do patrão.
Hoje a igualdade é mera obrigação:
Quem quiser comer paçoca
Tem que pegar no pilão*

*Foi-se o tempo de mãe-preta e pai-João
Tempo de docilidade
E resignação.
Hoje eu finco pé na minha condição:*

¹⁵⁷⁶ NEI LOPES (*Nei Lopes*. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1999).

¹⁵⁷⁷ *Samba da melhor qualidade* (vários intérpretes, gravações da década de 1940 a 60, creio) Inter records, 2000.

*Quem quiser comer paçoca
Tem que pegar no pilão¹⁵⁷⁸*

“Primeira escola”, de Pereira Mattos e Joel de Almeida , tenta contar a história do samba:

*A primeira escola de samba
Surgiu no Estácio de Sá
Eu digo isso e afirmo
E posso provar
Porque existia naquele tempo
Os professores do lugar
Mano Milton, Mano Rúbio e Edgar
Ainda há outros que eu não quero falar*

*Depois surgiu a favela
Mangueira e mais tarde a Portela
Ainda faltam muitas outras
E peço me desculpa por não falar
A não ser Vila Isabel
Em homenagem ao saudoso Noel¹⁵⁷⁹*

“Samba no chão”, de Otacílio da Mangueira e Ary do Cavaco, tenta manter viva a história e o espírito do samba:

*O samba era no chão
Briga era na mão
E com malandro não tinha vacilação, me lembro*

*Me lembro do tempo gostoso lá do tabuleiro
Que sempre chegava os mestres batuqueiros
Logo deixavam as pretas malucas*

*Me lembro do tempo gostoso lá da Praça Onze
Que sempre chegavam de trem ou de bonde
Portela, Mangueira, Salgueiro e Tijuca*

*Me lembro do baile gostoso do Elite
Que eu sempre dançava com a nega Judite
Com meu terno branco, chapéu de palhinha*

*Me lembro do samba gostoso da Tia Ciata
Que sempre cantava e tocava a nata*

¹⁵⁷⁸ NEI LOPES (*Celebração: Nei Lopes – 60 anos*, CD 2 *Canto Banto*, Carioca Discos, Rob Digital, Rio de Janeiro, 2003).

¹⁵⁷⁹ OS CINCO CRIoulos (*Samba no Duro Vol. II*. Rio de Janeiro, EMI, 2003, gravado em 1968).

João da Baiana, Donga e Pixinguinha

*Vi Ismael do Estácio
Com Bide, Baiaco, Brancura e Sinhô
Com o Paulo da Portela sempre estava o Claudionor
Com Cartola da Mangueira
Sempre vinha Zé com Fome
Mano Décio e Fuleiro
Que lá na Serrinha também tinha nome
O samba lá no Catete
Na Penha e na Glória descia o cacete
Vi malandro respeitado por mulher
Ser derrubado
Vi muito sambista que hoje tem fama
Se mandando da polícia
Para não entrar em cana¹⁵⁸⁰*

“Tempo de Don Don”, de Nei Lopes, relembra os velhos tempos comparando-os com os de hoje:

*Ai no tempo
No tempo que Don Don jogava no Andaraí
Nossa vida era mais simples de viver
Não tinha tanto misere
Nem tinha tanto tititi
Propaganda era reclame
Ambulância era dona assistência
Mancada era um baita vexame
E pornografia era só saliência
Sutiã chamava-se porta-seio
Revista pequena gibi
Rock se chamava fox
E tiete era moça fanática
O que hoje se diz que é xerox
Chamava-se então de cópia fotostática
Motorista era sempre chofer
Cachaça era parati
Vinte e dois era demente
Minha casa era meu bangalô
Patana era socorro urgente
Todo encanador era investigador
Malandro esticava o cabelo
Mulher fazia mis-en-plis
Tinha Perilo e Peraci
Teixeira de Campi e rua Bariri¹⁵⁸¹*

¹⁵⁸⁰ ZECA PAGODINHO (*Pixote*. São Paulo, BMG/RCA, 74321646592, 1991).

¹⁵⁸¹ NEI LOPES (*Nei Lopes*. Coleção A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes, Sesc São Paulo, s/d, gravado em 1999).

A valorização da tradição é um tema praticamente inexistente no âmbito da moderna música popular, apesar de ela, naturalmente, também ter suas raízes, referências e influências anteriores. No tropicalismo essa valorização – refiro-me, por exemplo, à retomada da canção de Vicente Celestino, menções à Carmen Miranda ou o “Hino do Senhor do Bomfim” – foi feita de forma ambígua, crítica, programática e paródica.

É de se destacar a bela toada de Chico Buarque:

*O meu pai era paulista
Meu avô, pernambucano
O meu bisavô, mineiro
Meu tataravô, baiano
Meu maestro soberano
Foi Antônio Brasileiro*

*Foi Antônio Brasileiro
Quem soprou esta toada
Que cobri de redondilhas
Pra seguir minha jornada
E com a vista enevoada
Ver o inferno e maravilhas*

*Nessas tortuosas trilhas
A viola me redime
Creia, ilustre cavalheiro
Contra fel, moléstia, crime
Use Dorival Caymmi
Vá de Jackson do Pandeiro*

*Vi cidades, vi dinheiro
Bandoleiros, vi hospícios
Moças feito passarinho
Avoando de edifícios
Fume Ari, cheire Vinícius
Beba Nelson Cavaquinho*

*Para um coração mesquinho
Contra a solidão agreste
Luiz Gonzaga é tiro certo
Pixinguinha é inconteste
Tome Noel, Cartola, Orestes
Caetano e João Gilberto*

*Viva Erasmo, Ben, Roberto
Gil e Hermeto, palmas para
Todos os instrumentistas
Salve Edu, Bituca, Nara
Gal, Bethania, Rita, Clara*

Evoé, jovens a vista

*O meu pai era paulista
Meu avô pernambucano
O meu bisavô, mineiro
Meu tataravô baiano
Vou na estrada há muitos anos
Sou um artista brasileiro¹⁵⁸²*

A canção de Chico Buarque mistura traços tradicionais e modernos. A linguagem acessível, a valorização do modelo hierárquico, a apreciação da tradição, a voz pessoal (não distanciada) e, ainda, a louvação e a saudação de vários e importantes artistas populares, o que pressupõe a inserção numa certa coletividade, interesses comuns, um “nós” (note-se o título da toada) e uma certa familiaridade, convivem, na letra de “Paratodos”, com a análise e a crítica social (“Vi cidades vi dinheiro/ bandoleiros, vi hospícios/ moças feito passarinho/avoando de edifícios”) ou (“fume Ary, cheire Vinicius, beba Nelson Cavaquinho”), com o pressuposto da secularização e, principalmente, a voz didática e assertiva que explica, ensina, prescreve e recomenda.

Para concluir, é preciso lembrar que na sociedade moderna, as inovações e transformações se dão aparentemente num processo acelerado, dentro dos chamados “padrões de curta duração”. É possível que em alguns casos isso seja um fato, mas é imprescindível distinguir, mesmo que isso não seja fácil, a verdadeira inovação dos simulacros de inovação. Estes, com certeza, abundam na sociedade industrial, que se alimenta do consumo mas, além de gerar lucros, sua influência significativa é quase nenhuma. Mesmo na modernidade, as mudanças consistentes, renovadoras e relevantes, sobretudo no âmbito das ciências humanas e da arte, também tendem, como acontece com a cultura tradicional, a ocorrer de forma lenta num processo que pressupõe sólidas e valiosas tradições anteriores.

Como ensina a tradição popular, não se consegue voar puxando pelos próprios cabelos.

¹⁵⁸² BUARQUE, Chico (*Paratodos*, BMG Ariola, 1993)